

DM
ALBA.1

INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA
MESTRADO EM PSICOPATOLOGIA E PSICOLOGIA CLÍNICA

TESE DE MESTRADO

O Método Rorschach: Do Adolescente ao Risco, Do Risco ao Adolescente.

A Expressão dos Processos Psicológicos do Adolescente e do Risco
no Método Rorschach – Contributos Para Uma Grelha de Análise.

Carla Alexandra Mourão Albano

N.º 11332

ORIENTADOR: Profª. Doutora Maria Emília Marques
Instituto Superior de Psicologia Aplicada

2005



C1

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

16846

Data: 26/9/06

Tel: 21 881 17 50 • info@ispa.pt

Antes de dar início a esta dissertação de Mestrado, impõe-se um momento peculiar, de agradecimento àqueles que, de uma forma muito particular, contribuíram para a efectiva concretização deste trabalho.

À Professora Maria Emília Marques, obrigado por ter aceite a orientação desta Tese de Mestrado, pelo tempo dedicado, pelo exemplo de rigor e, sobretudo, obrigado pelo conhecimento potenciado. Muito aprendi consigo.

Ao Professor Eduardo Sá, obrigado pela presença, pelo acolhimento, pela inspiração e pela sabedoria compartilhada.

À Filipa, obrigado pela reciprocidade vivida, pelos *sentires* partilhados, pelas experiências enriquecedoras, pelas descobertas incentivadas, pelos saberes multiplicados, pela perseverança transmitida e pela Amizade crescente.

À Elsa, obrigado pelo suporte oferecido e pela coragem inculcada.

À Paula Dias, obrigado pela partilha de conhecimentos e de afectos.

À minha irmã, obrigado pela entrega, pela motivação e pela ajuda prestada.

À minha avó, obrigado pelo carinho e pelas meiguices *que só os avós sabem dar!*

Aos meus pais, obrigado pela oportunidade oferecida, pela compreensão, pela serenidade e pela disponibilidade permanentes.

Ao Carlos, um obrigado muito especial, pelo *Estar*, pelo *Sentir* e pelo *Ser* - Uma presença crucial e singular ao longo deste percurso, pela firmeza, pelo incentivo, pela tolerância e pelo afecto, inigualáveis. Muito obrigado.

A todos, um Obrigado Sincero.

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO	1
2. SOBRE A ADOLESCÊNCIA	6
2.1. O PROCESSO ADOLESCENTE – OS OLHARES DOS OUTROS E O NOSSO OLHAR.....	7
2.2. O RISCO NO ADOLESCENTE – QUE PARÂMETROS DE RISCO?	47
2.2.1. O Risco de Olhar o Risco no Adolescente	47
2.2.2. Que Parâmetros de Risco?	54
3. O MÉTODO	63
3.1. O(S) OBJECTIVO(S).....	64
3.2. O INSTRUMENTO: O MÉTODO RORSCHACH.....	66
3.2.1. Origem e Integração Histórica do Rorschach.....	66
3.2.2. O Material Rorschach.....	69
3.2.2.1. A Dimensão Perceptiva do Material Rorschach.....	71
3.2.2.2. A Dimensão Simbólica Do Material Rorschach	72
3.2.3. Dois Paradigmas, Duas Visões: Mas que Rorschach?	75
3.2.4. O Rorschach: Percepção ou Apercepção? Em que Situação?	76
3.2.5. O Rorschach aos Olhos do Paradigma Psicanalítico.....	79
3.3. A PSICOLOGIA CLÍNICA E O RORSCHACH, O RORSCHACH E A PSICOLOGIA CLÍNICA.....	82
3.4. UM NOVO OLHAR, UM NOVO PARADIGMA: O MÉTODO RORSCHACH ⇔ O MODELO DAS TRANSFORMAÇÕES.....	88
3.5. O(S) SUJEITO(S).....	93
3.6. O MÉTODO RORSCHACH COMO LUPA DO ADOLESCENTE E DO RISCO.....	95
3.6.1. O Processo de Desenvolvimento Adolescente e o Risco aos Olhos do Método Rorschach: A Teoria e a Técnica	96

3.6.2. Os Procedimentos de Análise dos Protocolos Rorschach de Adolescentes.....	97
3.6.3. Os Procedimentos de Análise dos Parâmetros de Risco nos Protocolos Rorschach de Adolescentes.....	103

4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

DOS PROTOCOLOS RORSCHACH DE ADOLESCENTES _____ 106

4.1. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE 2 PROTOCOLOS RORSCHACH DE ADOLESCENTES	107
4.2. PROTOCOLO RORSCHACH DE SOFIA, O CAPUCHINHO VERMELHO	109
4.2.1. Análise Resposta-a-Resposta.....	109
4.2.2. Análise Cartão-a-Cartão.....	129
4.2.3. Análise Dos Elementos De Cotação - O Psicograma.....	138
4.2.4. Análise Dinâmica: os Princípios Universais e os Princípios Propostos.....	146
4.2.5. Análise dos Parâmetros de Risco: Onde Se Situa O Adolescente?.....	153
4.2.6. Síntese: Os Processos Psicológicos e o Risco do Adolescente	157
4.3. PROTOCOLO RORSCHACH DE NUNO, O HOMEM ARANHA.....	159
4.3.1. Análise Resposta-a-Resposta.....	159
4.3.2. Análise Cartão-a-Cartão.....	172
4.3.3. Análise Dos Elementos De Cotação - O Psicograma.....	181
4.3.4. Análise Dinâmica: os Princípios Universais e os Princípios Propostos.....	192
4.3.5. Análise dos Parâmetros de Risco: Onde Se Situa O Adolescente?.....	199
4.3.6. Síntese: Os Processos Psicológicos e o Risco do Adolescente	202
4.4. ANÁLISE COMPARATIVA DOS PROTOCOLOS RORSCHACH DOS ADOLESCENTES: QUE SEMELHANÇAS E QUE DIFERENÇAS?.....	204

5. SÍNTESES E CONCLUSÕES	213
5.1. SÍNTESES INTEGRATIVAS	214
5.2. REFLEXÕES CONCLUSIVAS.....	226
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	229
7. ANEXOS	234
7.1. Os PROTOCOLOS RORSCHACH DOS ADOLESCENTES	235
7.1.1. O Protocolo Rorschach de Sofia (14 anos / 9º ano).....	236
7.1.2. O Protocolo Rorschach de Nuno (15 anos / 9º ano)	242

LISTA DE QUADROS

- QUADRO 1:** COMPARAÇÃO ENTRE A CONCEPÇÃO DE LAUFER E A CONCEPÇÃO DE CAHN _____ 29
- QUADRO 2:** AS TRÍPLICES BASILARES DO FUNCIONAMENTO PSICOLÓGICO DO SUJEITO _____ 33
- QUADRO 3:** O NOSSO OLHAR SOBRE O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO ADOLESCENTE _____ 43
- QUADRO 4:** A DIMENSÃO ESTRUTURAL E A DIMENSÃO SENSORIAL DO MATERIAL RORSCHACH _____ 72
- QUADRO 5:** A TONALIDADE EMOCIONAL E O VALOR SIMBÓLICO DO MATERIAL RORSCHACH _____ 73
- QUADRO 6:** A PERCEPÇÃO E A INTERPRETAÇÃO AOS OLHOS DE H. RORSCHACH _____ 77
- QUADRO 7:** A SITUAÇÃO PROJECTIVA _____ 77
- QUADRO 8:** RESUMO DO OLHAR DE CATHERINE CHABERT _____ 80
- QUADRO 9:** O PROCESSO PARA O DIAGNOSTICO DIFERENCIAL _____ 81
- QUADRO 10:** RESUMO DO OLHAR DE NINA RAUSCH DE TRAUBENBERG _____ 82
- QUADRO 11:** RESUMO DO OLHAR DE SCHAFFER E DE VICA SHENTOUB _____ 87

QUADRO 12: A SITUAÇÃO PROJECTIVA EM DIRECÇÃO À RESPOSTA RORSCHACH _____ **90**

QUADRO 13: O PRODUTO FINAL DA RESPOSTA RORSCHACH _____ **90**

QUADRO 14: OS MODOS DE APREENSÃO DO SISTEMA DE COTAÇÃO DAS RESPOSTAS RORSCHACH _____ **99**

QUADRO 15: OS MODOS DE EXPRESSÃO DO SISTEMA DE COTAÇÃO DAS RESPOSTAS RORSCHACH _____ **100**

QUADRO 16: OS CONTEÚDOS DO SISTEMA DE COTAÇÃO DAS RESPOSTAS RORSCHACH _____ **100**

QUADRO 17: OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS PARÂMETROS DE RISCO NO ADOLESCENTE _____ **105**

QUADRO 18: A ADOLESCENTE SITUADA NOS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS – A SOFIA _____ **150**

QUADRO 19: A ADOLESCENTE SITUADA NOS PRINCÍPIOS PROPOSTOS – A SOFIA _____ **153**

QUADRO 20: A ADOLESCENTE SITUADA NOS PARÂMETROS DE RISCO – A SOFIA _____ **156**

QUADRO 21: O ADOLESCENTE SITUADO NOS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS – O NUNO _____ **196**

QUADRO 22: O ADOLESCENTE SITUADO NOS PRINCÍPIOS PROPOSTOS – O NUNO _____ **199**

**QUADRO 23: O ADOLESCENTE SITUADO NOS PARÂMETROS DE RISCO –
O NUNO** _____ **202**

QUADRO 24: AS DIFERENÇAS ENTRE SOFIA E NUNO _____ **208**

QUADRO 25: AS SEMELHANÇAS ENTRE SOFIA E NUNO _____ **211**

**QUADRO 26: GRELHA DE ANÁLISE FINAL DOS PARÂMETROS DE RISCO
EXPRESSOS** _____ **224**

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: CARTÃO I DO RORSCHACH _____	69
FIGURA 2: CARTÃO II DO RORSCHACH _____	69
FIGURA 3: CARTÃO III DO RORSCHACH _____	69
FIGURA 4: CARTÃO IV DO RORSCHACH _____	69
FIGURA 5: CARTÃO V DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 6: CARTÃO VI DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 7: CARTÃO VII DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 8: CARTÃO VIII DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 9: CARTÃO IX DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 10: CARTÃO X DO RORSCHACH _____	70
FIGURA 11: O UNIVERSO DISPERSIVO INTRA E INTER PSÍQUICO DE SOFIA _____	158
FIGURA 12: O ECLIPSE INTRA E INTER PSÍQUICO DE NUNO _____	203

RESUMO

Este trabalho de investigação dedicou-se especialmente ao apuramento dos **processos psicológicos** que insinuam o funcionamento intra- e inter- psíquico do **sujeito adolescente** por meio do **Método Rorschach (objectivo geral)**, em função de um **objectivo específico**: a compreensão dos processos psicológicos implicados nas expressões do **Risco** no processo de desenvolvimento **adolescente**, nos protocolos Rorschach, tendo-se exigido, para o efeito, a reunião de um conjunto de **procedimentos** dotados de especificidade conceptual e metodológica. Motivo pelo qual se definiu o **sujeito psicológico** enquanto **objecto de estudo**, dada a sintonização com as **lógicas** relativas à **Psicologia Clínica**.

Neste sentido, constituiu-se: **1.** um **Referencial Teórico**, resenha conceptual de autores, centrados no **Processo de Desenvolvimento Adolescente**, salientando-se aqueles que maior solidez exprimiram, abrindo caminho à sua reunião, numa composição unificada e dinâmica, que congregou um **Olhar significado** sobre o **processo de desenvolvimento adolescente**, processo de criatividade, transformação e consolidação, no e para o crescimento e o desenvolvimento do sujeito; **2.** um alargado **Conceito de Risco**, que foi explorado teórica e conceptualmente, desmistificando e correlacionando o risco com o processo de desenvolvimento adolescente, atestando a participação do risco na totalidade do *Ser* e do *Fazer* psicológico do adolescente; **3.** um conjunto de nove **Parâmetros de Risco**, fundamentados nos organizadores do processo de desenvolvimento adolescente, previamente examinado, em complementaridade com o Risco, também antecedentemente estudado; **4.** um **Método** dominante, o **Método Rorschach**, subjugado ao **Modelo de Transformações** (Bion) e a uma **lógica de (re)ligação, (re)criação e (re)simbolização**, que convergiram a **teoria** e a **técnica**, a par de procedimentos de análise e de significação específicos, utilizados no estudo dos processos psicológicos do adolescente e dos parâmetros de risco inerentes ao mesmo, expressos no protocolo Rorschach. Momento em que se procedeu à **análise, discussão e síntese** dos resultados obtidos nos **dois protocolos Rorschach de adolescentes** (um feminino – a Sofia, e outro masculino – o Nuno, candidatos à licença de condução de motociclos), os quais integraram esta tese.

No final, apresentou-se um **Olhar definido e normativo** deste **Processo de Processos Adolescente** e uma **Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes**, especializada na expressão dos **Parâmetros de Risco** inerentes ao **funcionamento intra- e inter- psíquico do adolescente**.

1. INTRODUÇÃO

Desde a existência Humana, desde a existência Temporal e desde a existência Espacial que se têm vindo a realizar diversos estudos no âmbito do conhecimento do Homem e da sua evolução, enquadrados num tempo e num espaço específicos. De entre essas muitas áreas de estudo surge, inevitavelmente, a Psicologia Clínica como aquela que melhor poderá compreender o sujeito em relação e transformação permanentes.

Muito se tem investigado, escrito e interrogado acerca do processo de desenvolvimento humano, o qual exige uma evolução e um crescimento físico, social e psicológico, preconizados sob a sucessão de três grandes patamares: infância, adolescência e adultícia.

Com o passar dos anos, um número infindável de autores tem-se dedicado ao estudo não só da infância e da psicopatologia infantil, como também do adulto e da sua psicopatologia, distinguindo sempre os aspectos saudáveis de uns e dos outros. Já a adolescência não tem tido a mesma sorte! Quantos não foram aqueles que olhavam a adolescência de lado, como se fosse algo menos próprio ou motivo de embaraço, considerando-a apenas como um acentuado desvio daquela linha *“absolutamente perfeita”*, que permitia a passagem, diga-se, abrupta, do *“ser criança”* ao *“ser adulto”*.

Estava oculta a adolescência enquanto processo de desenvolvimento essencial à evolução de um qualquer indivíduo e, público, apenas um olhar temeroso e condenativo face a uma pavorosa e assustadora perturbação psicopatológica que se vinha (e vem, para alguns!) a verificar cada vez mais frequente.

Por isso, importa, desde já, referir que aos nossos olhos a Adolescência é, antes de mais, um processo de desenvolvimento específico, porque de transição, marcado por incisivas contradições que arrastam profundas transformações internas e externas, objectais e relacionais.

A par, importa salientar a vulnerabilidade e o risco que acompanham o adolescente e que, assim, o impelem a duvidar de si e das suas capacidades, colocando-o face a face com o que vê e não vê, com o que é e não é, com o que tem e não tem, com o que sente e não sente, com o que quer e não quer, com... Tudo o que

delimita o que é seu e o que é do Outro e, ainda, tudo quanto o próprio quer que seja seu, quer seja igual ou diferente do Outro.

O que está em causa? O crescimento e a aprendizagem potenciados pela experiência, pelo limite e pela relação, que permitem a transformação, a (re)construção e a (re)criação dos objectos internos e externos do sujeito.

Daí que jamais se possa ignorar o tempo e o espaço psíquicos que a adolescência exige para que possa ocorrer a mudança e, então, seguir em direcção à maturação psíquica (inter e intra psíquica), psicosexual e bio-psico-social, esperada na idade adulta.

Mas...

Observando a actualidade que nos rodeia e cruzando esses tais “*adolescentes*” de quem tanto se fala, com os adultos que tanto falam deles (como nós!)... Nem mais!

Contra-senso dos contra-sensos: o adolescente sobressai como o pior pesadelo do adulto (aquele que tanto se anseia ser, porque muito equilibrado e detentor de certezas!), visto “avivar-lhe” tudo o que fora, tudo o que não fora e tudo o que gostava de ter sido. Por isso mesmo, não há melhor filme de terror para um “*muito maduro*” adulto a preto-e-branco, do que o observar a colorida irreverência do adolescente.

De ressaltar, mais do que o adulto singular, é a própria sociedade de hoje que, deveras saturada e tipicamente formatada, teme o adolescente, daí que facilmente lhe confira o estatuto de “*conflituoso*”, “*delinquente*” ou “*perturbado*”. O que a sociedade não sabe é que, no fundo, inveja profundamente a vitalidade, o brilhantismo, o narcisismo e a sexualidade que o adolescente airoosamente maneja e, ao qual, jamais pode voltar!

Ora, é precisamente neste contexto, de inquietação multifacetada em torno do Adolescente, que se fundamenta o interesse em desmestificar a sua existência e a sua afirmação evolutiva, conferindo-lhe uma nova e íntegra conceptualização, alargada a lógicas específicas e propulsoras de um *Olhar* que faça convergir os *Olhares*, numa actuação que garanta o aplauso a um *Processo de Processos Transformacionais e de Crescimento*, de natureza muito particular e fundamentalmente dinâmica, aludindo de uma forma peculiar ao *risco* inscrito nesses processos de desenvolvimento.

E referimo-nos ao risco, dada a sua inevitável e, inclusivamente, desejada, marcação cerrada do processo mutacional e camaliónico que é a adolescência, risco desconhecido pela influência obliquada e pelo carácter de importância decisiva, mas

reconhecido, maioritariamente, pelas condutas que promove e pela sua isolada participação na existência dos, assim, “*infortunados*” que o manifestem.

Neste ensejo, pretende-se desenvolver, nesta ocasião, um trabalho de difusão das implicações internas e externas do risco, contextualizando-o, significando-o e integrando-o num plano alargado do processo de desenvolvimento adolescente, assumindo-se o transgredir e o experimentar o risco como elemento nuclear e responsável pelo universo de polaridades agitadoras de relevantes escolhas a efectuar, num encadeamento catastrófico – a verdadeira completude do veículo permissor do encontro, da (re)descoberta, da (re)construção e da (re)inovação do sujeito psicológico em singular construção de um *Ser face ao Outro*.

Motivo pelo qual se concebe o risco como um processo único e fundamental, inerente à dinâmica relacional, transformacional, de crescimento e de (re)criação do processo de desenvolvimento adolescente, processo de continuidades e de descontinuidades, processo de ligação-desligação-religação no interior e no exterior do adolescente que, no cume, *olha* o que perdeu, o que alcançou, e o que guardará eternamente.

Nestas circunstâncias, gera-se o **objectivo geral** desta tese, que aspira ao destacamento dos processos psicológicos que insinuam o funcionamento intra- e intersíquico do sujeito adolescente, por meio de um método preciso e abrangente, a saber-se, o Método Rorschach, entrelaçando-se com o **objectivo específico** de condensação e de compreensão dos processos psicológicos implicados nas expressões do Risco no processo de desenvolvimento adolescente (patentes nos protocolos Rorschach), exigindo-se, para o efeito, a reunião de um conjunto de procedimentos de investigação, dotados de especificidade e convergência conceptual e metodológica. Motivo pelo qual se clarifica que o nosso objecto de estudo é o sujeito psicológico, dimensão específica da Psicologia Clínica.

Em razão do que se torna essencial proceder à elaboração de um conjunto de capítulos que melhor explicitem todos os aspectos conceptuais e metodológicos implicados nesta investigação de ordem clínica:

Um primeiro capítulo, “**Sobre a Adolescência**”, destinado, por um lado, a uma reflexão acerca de alguns dos mais relevantes modelos explicativos do processo de

desenvolvimento adolescente, retendo as conceptualizações que vão de encontro ao nosso principal objectivo de afirmar a Adolescência como um período específico e importantíssimo, de criatividade, transformação e consolidação, no e para o crescimento e o desenvolvimento do sujeito, em detrimento das concepções que abordam a adolescência em correlação directa com as perturbações do comportamento ou com um processo específico de ordem psicopatológica ou sociopatológica.

Para o efeito, e em sequência de um momento de exploração teórica e generalizada de autores, seleccionaram-se deliberadamente dois autores principais, que serão abordados num prisma representacional de pilares diferenciados do processo de desenvolvimento adolescente: Laufer e Cahn. De onde resulta o esculpir de uma lápide de composição unificada e dinâmica, espelho do *nosso olhar individual*, significado sobre o processo de desenvolvimento adolescente normativo, fundado na concentração das lógicas *cahnianas* em cruzamento com os sábios modelos *bionianos*.

Por outro lado, o primeiro capítulo destina-se, ainda, ao descortínio e ao alargamento do conceito de **Risco** inerente ao processo de desenvolvimento adolescente, aqui devidamente teorizado ao longo de um horizonte diferenciado, de concepções e de *olhares* especulativos, prestando-se a uma desmistificação e a uma correlação do mesmo, com o processo de desenvolvimento adolescente, assumindo-se a inevitável e preponderante participação do risco na totalidade do *Ser*, do *Fazer* e do *Saber* do adolescente.

A despeito, propõe-se uma conjunção dos organizadores do processo de desenvolvimento adolescente, previamente examinado, em complementaridade com o Risco, igualmente estudado, agrupados sob a designação de **Parâmetros de Risco**, com vistas à sua expressão e análise nos protocolos Rorschach de adolescentes, para posterior integração numa grelha de análise dos mesmos.

Então, considerando o processo adolescente com um *“período marcado por várias conflitualidades”* que *“expressa-se de uma forma exemplar num espaço como o Rorschach”* (Marques, 1991, p. 209), o objecto de estudo desta investigação, o Adolescente, será estudado mediante um espaço e um tempo, criados e recriados numa situação específica composta por dois parceiros – situação esta designada como

projectiva e parceiros esses implicados subjectivamente numa interacção dotada de intersubjectividade – a situação Rorschach (Marques, 1994, 1999).

O que dará corpo ao segundo capítulo deste trabalho, centrado na explicitação do **Método Rorschach**, enquanto via de acesso ao aclarar “*a natureza e as características da forma como cada sujeito*”, neste caso cada adolescente, “*vive e se vive, em termos de investimento e de representação, na relação consigo e com os outros, mas também a forma como cada sujeito constrói e se constrói, liga e se religa, transforma e se transforma através da acção, reacção e inter-acção entre mundo interno e mundo externo*” (Marques, 1994, 475).

Pelo que se assume uma lógica de compreensão e de atribuição de sentido(s), interno e externo, sem que se deixe corromper pelo impacto externo que, muitas vezes, as condutas do adolescente instigam nos outros.

Importa que as lógicas, inerentes ao adolescente, que conduzem a processos de colisão, transgressão e desrealização, não se confundam com lógicas patológicas, mas que antes se procurem os sentidos que as mesmas supõe e encerram, de modo a significá-las (Marques, 2005).

Acima de tudo, é nosso objectivo contribuir para a construção de uma **Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes**, com o intuito de detectar e compreender a capacidade adaptativa dos mesmos face à experiência com as manchas Rorschach e face aos conteúdos latentes nelas implícitos. Mais especificamente, e aqui considerando-se a situação Rorschach como uma situação de risco para o Adolescente (porque impulsionadora de uma situação caótica e de catástrofe eminentes), pretende-se perceber, através do processo de resposta Rorschach, até que ponto o Adolescente consegue (ou não!) resolver, reconstruir e transformar a situação de risco em que se encontra, de modo a averiguar a presença ou ausência do risco no seu funcionamento intra-psíquico e dos processos psicológicos aí implicados.

2. SOBRE A ADOLESCÊNCIA

2.1. O Processo Adolescente – Os Olhares Dos Outros E O Nosso Olhar

A literatura existente em torno da *Adolescência* é vastíssima, percorrendo diferentes décadas, sociedades, políticas, culturas, modas e climas relacionais que, constituindo distintos passados, actualidades e futuros, caracterizam os indivíduos que dessas épocas fazem parte e das quais sobressaem, então, tendências, também elas psicológicas.

O conceito de Adolescência é definido *in* Doron e Parot (2001, p. 32) como “uma fase de reestruturação afectiva e intelectual da personalidade, um processo de individuação e de metabolização das transformações fisiológicas ligadas à integração do corpo sexuado” portador de sucessivas “mudanças”.

Para Amaral Dias (1988, p. 168) “*adolescere*” significa simplesmente crescer bio-psico-socialmente, facto que postula um período transitivo transformacional, promotor desse mesmo crescimento interno e externo.

E se nos centramos exactamente nesse *período*, de imediato nos prestamos a identificar duas previsíveis tendências de caracterização da Adolescência: de um lado, a exclusiva consideração do processo adolescente como uma situação de *crise*, na qual a externalização sintomática é que é a linha de ponderação, não se atribuindo qualquer relevo à dimensão interna e à sua influência sobre essa valorizada dimensão externa; e de outro lado, e contrariamente à primeira, a centração do foco de atenção nos *processos intra e interpsíquicos* subjacentes à ruptura psíquica ocorrida na adolescência, relativamente à coerência psíquica que existia na infância e que, agora, é posta em causa.

No entanto, e em qualquer um dos casos, falta considerar um aspecto importantíssimo apontado por Marques (1999, p. 263): “*o espaço e o tempo reais em que vive e como se vive o adolescente, nos diferentes períodos/processos que atravessa*”.

Trata-se de realçar os inúmeros caminhos e atalhos, cruzamentos e rotundas, travessas e ruelas, curvas e contracurvas, avenidas e auto-estradas, descidas e subidas que o adolescente tem de percorrer e re-percorrer, acompanhadas por marchas-atrás e inversões de sentido, com avanços e recuos, à velocidade que quiser testar, até definir claramente o local – *o adulto* – preciso a alcançar, o mapa que o deve guiar e a forma através da qual irá tentar lá chegar.

Tudo isto exige ao adolescente um tempo e um espaço únicos e essenciais, porque inerentes ao próprio que é singular e inigualável, e também reais e imaginários, porque senão incolores e despídos da essência que origina o Ser, o Estar e o Sentir de cada um, neste caso, em processo de transformação e (re)construção, em direcção à maturação.

Portanto, o Adolescente não pode ser restringido a um único processo de mudança, a uma imagem isolada, mas deve antes ser determinado por um *Processo de Processos*. Processo esse que envolve, sem sombra de dúvidas, um profundo conjunto de rupturas, indagações, alterações, angustias, euforias, reflexões, negociações, relações e ralações, todos eles internalizados e externalizados, sempre entre o Eu e o Outro, no tempo e no espaço necessários à organização que urge em cada um desses processos vários que conduzem à maturação física, cognitiva, psicológica, relacional e social.

Referimo-nos aos processos de mutação corporal, sexual, objectal e relacional, nos seus diferentes patamares: do próprio com o próprio, do próprio com o Outro, do próprio com as figuras parentais, do próprio com os grupos sociais e de pares, do próprio com o objecto de amor sexuado, do próprio com o masculino e/ou feminino.

Tais processos, para além de reactivarem problemáticas intra e intersíquicas, comportam contradições tamanhas, carroceis de opostos, polaridades contrastantes, onde a clivagem é tão evidente quanto o permanente balancear entre um lado e o outro, até se encontrar o ponto de equilíbrio pretendido.

Na realidade, este conjunto de processos de mudança somatopsíquica adolescentil veicula expressões internas e externas incontornavelmente ruidosas, porque exercendo forças transformacionais do e no sujeito, corrompem inevitavelmente a sua continuidade anterior. Perante o que se percebe a importância do aprofundamento dos *olhares* que observam e detectam os ruídos emitidos pela descontinuidade vivenciada pelo adolescente, patente nessas mesmas expressões internas e externas.

Assim, é chegado o momento de debruçarmos o *nosso olhar* sobre os diferentes *Olhares* que se esgueiram para o Processo Adolescente. Neste percurso, tentar-se-á explorar, principalmente, as concepções teóricas que têm vindo a adquirir um maior alcance e visibilidade no seio das conjecturas psicológicas contemporâneas e, portanto, se têm afirmado, ainda que, na generalidade, pouco consensuais entre si,

como aquelas de maior acento na compreensão da especificidade deste processo de conquista e de triunfo da genitalidade, por forma a que, no término deste capítulo, se consiga encontrar um *olhar* reflectido, coerente e enriquecedor do adolescente, merecedor de um estatuto de exclusividade.

Para se iniciar uma meticolosa *abordagem binocular* do Processo Adolescente, torna-se crucial uma referência ao principal autor que encetou a sua investigação: Sigmund Freud.

Freud (1905/1968), no Terceiro Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, descreve sabiamente o cerne da adolescência, começando por referir as transformações ocorridas aquando do surgimento da essência da puberdade: o crescimento dos órgãos genitais externos. Percursor da Teoria Pulsional, o autor explicita que é neste período do desenvolvimento que a *pulsão sexual* (até à data auto-erótica) encontra, finalmente, um *objecto sexual*, relativamente ao qual o adolescente irá produzir a "*líbido objectal*" (resultante do reservatório da *líbido do Ego ou narcísica*), o que activa a capacidade de reprodução.

Nesta mesma fase, a problemática edipiana é reactivada, visto ser exigido ao adolescente a separação das figuras parentais. Por conseguinte, o Objecto adormecido, é agora acordado e, obrigatoriamente, considerado antigo, pelo que induz à busca de novos objectos de vinculação. Deste modo, inicia-se um processo de luto que obriga o Ego a renunciar o Objecto, entretanto dado como morto, mantendo-se apenas vivo o Ego, o qual vence o Objecto, colocando-se num patamar superior (Freud, 1917/1968).

Suportada na teoria da sexualidade de Freud, destaca-se *um Olhar*, uma conceptualização recente no tempo e defensora do que frequentemente se apelida de **Modelo assente no Processo de Luto**, encabeçada por **Moses Laufer**, célebre investigador e psicanalista especializado na intervenção junto de adolescentes em risco, simultaneamente director do *Brent Adolescent Centre (Centre for Research into Adolescent Breakdown*, onde trabalha com vários colaboradores na área).

Laufer (2000/1995, p. 19) define a adolescência como um "*período de desenvolvimento físico, social e psicológico (...), para a idade adulta (...), entre os 14 e os 21 anos (...) crucial para o futuro da saúde ou não-saúde mental e social da pessoa.*" Defende que, no período da adolescência, são reactivados, por um lado, o

conflito edipiano, por outro lado, a separação/individuação do parental e, ainda, vários *processos de luto* (porque muitas perdas associadas) e de autonomização, atribuindo grande relevância à dimensão corporal.

Mais, para Laufer (1984/1986; 2000/1995) o desenvolvimento e o comportamento do adolescente assentam sobre princípios de grande peso na sua vida: a consciência, os ideais, a vergonha, a culpa, o respeito por si e as expectativas do próprio, todos eles consubstanciados nas mudanças corporais operadas (imagem do corpo, activação dos órgãos genitais, diferenciação masculino/feminino), nos conflitos internos acerca da masturbação (activos ou inactivos), no interesse e no significado da escola e do trabalho, no valor dos pares, na influencia da família e na sua formação, na integração na sociedade, nas expectativas e no planeamento do futuro – princípios estes muito questionados na adolescência e, portanto, causadores de gradientes de elevada tensão junto do adolescente.

Conferindo primazia à dimensão corporal invocada pela puberdade, ilustra-a no adolescente à sombra das vivências de perda (do corpo infantil não diferenciado) e de luto (das imagos parentais da infância), sombra essa que encobrirá o adolescente num período ilustrado por angústias, sofrimentos, fantasmas e tensões, atormentadores e, portanto, desorganizadores do adolescente (Laufer, 2000/1995).

Já Freud (1905/1968) referira, também, o *sentimento de tensão*, mas como fruto da excitação sexual característica no adolescente, facto que, por si só, implicaria necessariamente o sentimento de desprazer, mas que curiosamente se associa ao sentimento de prazer, depreendendo-se que: quanto mais prazer, maior o desprazer, porque exige um prazer cada vez mais elevado.

Ora, é precisamente acerca dessa mesma tensão ou tensões (que o adolescente, inevitavelmente, sentirá) que Laufer (2000/1995) concentra primeiramente a sua atenção, sobretudo com o objectivo de perceber o modo como o adolescente se coloca perante as tensões que lhe surgem – em situação (ou não) de perigo/alarme.

Perante isto, percebe-se que, na realidade, Laufer tem-se dedicado especialmente à dimensão do *risco* na adolescência, aproximando-a do espectro psicopatológico, tanto que, e de acordo com o autor, o adolescente incorre em grande risco psicopatológico (sobretudo de descompensação Psicótica), quando se verifica uma paragem ou impasse no desenvolvimento motivada pela rejeição inconsciente do

corpo sexuado em mudança. Este é o momento de ruptura que Laufer denomina como **Breakdown**, visto desencadear um alargado conjunto de comportamentos desviantes, carregados de patologia (passível irreversibilidade), de ataque contra o próprio corpo (que é odiado), muitas vezes, com o intuito de uma massiça auto-destruição (Laufer & Laufer, 1984; Laufer, 1984/1986; 2000/1995).

Porque na adolescência ocorre “*um colapso dos modos anteriores de lidar com diferentes situações de tensão*” (Laufer, 2000/1995, p. 22), a avaliação do processo adolescente é fulcral, para se detectarem os principais **sinais de risco psicopatológico**, não só para que melhor se possa, em seguida, intervir, como também para que melhor se consiga conhecer o processo adolescente de modo a prevenir a sua patologização.

Já em 1984, no *Symposium international de psychiatrie de l'adolescence*, Laufer (1984/1986) apresentou **três grandes categorias** sobre as quais a **avaliação diagnóstica do adolescente** deve repousar:

- 1) o funcionamento defensivo dominante;
- 2) o impasse do desenvolvimento (ruptura ao nível do equilíbrio económico, fonte de angustia ao nível do funcionamento mental);
- 3) o final antecipado do desenvolvimento (significa que o processo de desenvolvimento terminou antes do tempo, conferindo ao adolescente uma errada imagem corporal, assim, deformada e mal integrada).

Posteriormente, pela vasta experiência obtida no *Brent Adolescent Centre*, Laufer (2000/1995, p. 28) constituiu um guia da avaliação do comportamento do adolescente (para delimitar a normalidade ou a patologia presente no mesmo), o qual é constituído por **oito critérios de análise interrogatória**, que se passam a enunciar:

- ① “O recuar para formas de comportamento infantil é tão forte que há perigo de o adolescente desistir do esforço ou do desejo de avançar para um comportamento mais adulto?”
- ② O comportamento adolescente é tão rígido que não permite abrandar temporariamente as exigências que faz a si próprio?
- ③ As relações sociais ajudam a perpetuar as relações da infância, ou estas relações ajudam o adolescente no seu desejo de avançar para a idade adulta?
- ④ Os amigos/pares assumem maior importância na vida do adolescente do que os pais?

⑤ O adolescente tem capacidade de expressar ou experimentar sentimentos adequados, ou existe uma discrepância bem vincada entre um «acontecimento» e o modo como o adolescente lhe reage?

⑥ Há alguma interferência na capacidade de o adolescente julgar e comparar reacções do mundo exterior e as «criações» da sua própria mente?

⑦ Qual é a atitude do adolescente para com o futuro? Vê-o como algo que ambiciona ou como algo terrível?

⑧ Há certos tipos de fantasias que prejudicam gravemente a capacidade do adolescente para funcionar, ou o adolescente é capaz de lidar com diversas fantasias assustadoras sem desistir do desejo de se tornar um adulto?"

Na óptica do autor, obtendo respostas a todas estas questões, consegue-se proceder a uma avaliação fidedigna do adolescente enquanto "pessoa total mais do que como uma parte do comportamento" (Laufer, 2000/1995, p. 33) para além de deixar esclarecido o que é a adolescência e saber da presença e da origem dos sinais de perigo que a podem rodear (ou seja, saber do risco psicopatológico envolvente), para posteriormente lhe prestar a ajuda necessária.

O título da sua obra "O Adolescente Suicida" (2000/1995) de imediato nos clarifica o risco que mais tem impressionado Laufer nas suas experiências profissionais. Para o autor, o adolescente realmente em risco é aquele que perde o sentido da realidade da morte e ao qual se associa a morte dos seus objectos internos, pelo que produz ataques ao próprio corpo, a dada altura odiado e repugnado (porque culpado), podendo incorrer numa tentativa de suicídio ou mesmo no suicídio – colapso total!

Nesta conceptualização de Laufer (2000/1995), o conceito de risco no adolescente é correlacionado com uma outra noção deveras importante a propósito do processo adolescente: a *vulnerabilidade* – para o autor um equivalente de fragilidade interna e externa resultante de fracassos relativos ao desenvolvimento infantil que, por sua vez, incapacitam o adolescente para enfrentar e processar as questões levantadas pelo surgimento do desenvolvimento pubertário, podendo conduzi-lo até uma situação de culpabilidade e de desespero de tal modo intensa, que origine a adopção de preocupantes comportamentos auto-destrutivos e, no seu extremo, até o suicídio / tentativa de suicídio – isto quando já se integram num estado psicótico dissociativo ou

transitório, em que se processa a negação/recusa da realidade – momento de inexistência pacífica.

Assim sendo, depreende-se que: *quanto mais vulnerável for o adolescente, maior é o risco de ruptura.*

A este propósito, um dos colaboradores da obra de Laufer (2000/1995), Eglé Laufer, através do estudo aprofundado de sete adolescentes expostos a tratamento analítico prolongado, procedeu a uma importante diferenciação no seio da avaliação do *risco* na adolescência:

1. *Factores predisponentes* (apenas associados a pensamentos de suicídio, ou seja, apenas indicadores de vulnerabilidade) – relativos ao adolescente vulnerável, em risco de tentar o suicídio:

- *Sentir-se sexualmente anormal* (medo do fracasso sexual);
- *Medo da submersão* (medo da separação / dependência da mãe, medo do abandono e sentimentos de rejeição e/ou inutilidade);
- *Intolerância a afectos dolorosos.*

2. *Factores precipitadores* (associados à real tentativa de suicídio) – relativos ao adolescente em risco imediato de concretizar o suicídio:

- *A mudança*, enquanto movimento impulsionador de um funcionamento autónomo das figuras parentais e de um sentimento de morte dos objectos internos;
- *A Perda de controlo* sobre os seus sentimentos de ódio de si mesmo, de vergonha e de auto-desprezo.

Mas Laufer (2000/1995) também caracterizou o desenvolvimento do “*adolescente normal*”, o qual acarreta acentuadas mudanças na vida mental, corporal, social e relacional, que facilmente o vulnerabilizam. Por sua vez, o adolescente terá de enfrentar essas mesmas mudanças, essas tensões e desesperos, esperados neste período de amadurecimento, mantendo activas a:

- a) Capacidade de valorização pessoal, sem depender da opinião de outrém;

- b) Capacidade de estabelecer relacionamentos de índole diversa, independentemente dos seus sentimentos intrínsecos de culpabilidade e/ou vergonha, relacionados com o corpo;
- c) Capacidade de superar os seus pensamentos de desvalorização e/ou vergonha do próprio, sem se esmagar;
- d) Capacidade de se respeitar e de se consciencializar dos seus actos, à margem de todo o sentimento de inutilidade que o possa evadir;
- e) Capacidade de se amar internamente, ao mesmo tempo que se autonomiza dos pais que também o amaram na infância e investiram nele o suficiente para que agora ele consiga investir em si mesmo, de modo a enfrentar o futuro dotado de toda a liberdade interna necessária para elaborar todos os conflitos internos que tenha (ou não) por resolver.

Todavia, o autor alerta para o facto de que nem todo o Adolescente revela este conjunto de capacidades intrínsecas, motivo pelo qual a adolescência é frequentemente sentida como um período de tormento e sofrimento, onde o corpo é o principal motor de culpabilidade, inutilidade (por vezes até anormalidade) e desespero, visto cozinhar uma multiplicidade de fantasias íntimas (de ordem sexual) (Laufer, 1984/1986; 2000/1995).

Em resumo, para Laufer a Adolescência culmina, por um lado, num **corpo sexuado diferenciado**, dotado de **identidade** e de **identificações específicas** e, por outro lado, na **reafirmação do Ideal do Eu**, pelo que carrega um peso acrescido visto ser *“este o período durante o qual um quadro mental do próprio, com um identidade sexual fixa e específica será estabelecido”* (Laufer, 1984/1986; 2000/1995, p. 72).

Agora colocados perante as linhas que demarcam o primordial dos círculos conflituais que compõem o processo adolescente e que, desde sempre, se têm vindo a discutir entre muitos autores, o **processo de Identidade** e o **processo de Identificação**, considerados os *“processos dos processos”* inerentes ao Processo de Desenvolvimento Adolescente, arroga-se essencial o seu debate.

Freud (1905/1968) havia distinguido nesta linha, duas construções identificativas específicas: a *identificação primária*, identificação maciva ao objecto ou com o objecto, não selectiva, pelo que caracterizada pela simbiose; e a *identificação secundária*, identificação madura e selectiva, após elaboração da perda e do sexual – que se observa no processo de desenvolvimento adolescente.

Termos análogos às terminologias Kleinianas de identificação projectiva (em correlação com a identificação primária) e de identificação introjectiva (em correlação com a identificação secundária) (Grinberg & Grinberg, 1976/1998; Segal, 1973/1975).

Para Coimbra de Matos (2002, p. 134), existem duas formas de construção da identidade: ou através de um processo auto-assimilativo resultante de uma autognose, isto é, resultante do *“conhecimento de si mesmo através da informação interna que o indivíduo colhe de si próprio”*; ou através de um processo alo-assimilativo resultante da assimilação da identidade do outro, ou seja, resultante dos processos de identificação.

No mesmo sentido, o autor afirmara que no processo adolescente ocorre, especificamente, uma remodelação da Identidade, ou seja, *“uma dissolução das camadas de identidade de origem imagoico-imagética* (introjecção da imagem transmitida pelo outro) *e alotriomórfica* (por identificação a um modelo) – *processo de desidentificação (...) o que permite o reforço da identificação idiomórfica”*, propulsora de uma identidade própria e sexualizada, resultante da aprendizagem com a experiência, permitindo ao adolescente expandir-se identitariamente e (re)construir a sua identidade, à luz dos seus próprios desejos e gostos (Coimbra de Matos, 1996).

Por um lado, e focalizando-nos no **processo de Identidade**, somos impelidos a recorrer a León e Rebeca Grinberg (1976/1998), que de inscrição psicanalítica e vasta experiência neste domínio, identificaram uma expressão que facilmente clarifica o cerne da identidade: *«Eu sou Eu»*, mediante a qual propuseram o *sentimento de identidade* enquanto conhecimento de si mesmo, sujeito distinto dos outros, com conteúdos internos e externos que sendo seus por direito (inato ou adquirido), auferem-lhe unicidade, pela sua permanência ao longo do tempo, ainda que renovada de forma continuada face às experiências emocionais e aos períodos de vida experimentados.

O sentimento de identidade *“implica a noção de um Self que se apoia essencialmente na continuidade e na semelhança das fantasias inconscientes relativas às sensações corporais, às angústias e emoções experimentadas pelo Eu, aos*

impulsos e afectos em relação ao mundo interno e ao externo, ao Supereu, ao funcionamento específico dos mecanismos de defesa e ao tipo particular de identificações assimiladas resultantes dos processos de introjecção e projecção” (Grinberg & Grinberg, 1976/1998, p. 21), assumindo, em simultâneo, a responsabilidade de assegurar a semelhança do sujeito consigo mesmo e de contribuir para a reafirmação de caracteres diferenciados que concedem e mantêm no sujeito a sua individualidade e a sua unicidade intactas.

Neste ponto, importa abrir um parêntesis e esclarecer a noção de *Self*, que aqui se entende como a totalidade do indivíduo, incluindo assim o Eu e o não Eu, o corpo e a psiqué, os vínculos com os objectos internos e com os objectos externos e o sujeito enquanto diferente dos objectos externos e do mundo exterior – estes últimos constituindo, então, o *não Self* (Grinberg & Grinberg, 1976/1998).

Mas concluindo o sentimento de identidade como produto de um processo de interacção contínua, de acordo com León e Rebeca Grinberg (1976/1998), essa dinamização realiza-se entre três vínculos integrativos:

1. O Vínculo de Integração Espacial – inter-relacionamento entre as diferentes partes do *Self*, incluindo o *Self corporal* e perseguindo a diferenciação entre *Self* e *não Self*, por forma a culminar no sentimento de individuação;
2. O Vínculo de Integração Temporal – ligação entre as variadas representações do *Self* ao longo do tempo, estabelecendo conexões permanentes entre elas de modo a garantir o sentimento de unicidade;
3. O Vínculo de Integração Social – focalizado no sujeito de determinada conotação grupal e social, através do relacionamento entre os aspectos do *Self* e os aspectos do *não Self*, mediante os mecanismos de identificação projectiva e de identificação introjectiva, de maneira a instalar o sentimento de pertença.

Por outro lado, e para que agora se proceda à devida clarificação do **processo de Identificação**, recorreremos especialmente a León Grinberg, que recentemente

procedeu a estudos neste domínio, afirmando que o termo *identificação* refere-se, em geral, à definição e à representação do “*processo activo e estruturante, que tem lugar dentro do Eu e pelo qual este metabolizam certos componentes internalizados, dando lugar a uma matriz identificatória (...)*”, pelo que também se encontra subjacente ao processo de identidade e, ainda mais especificamente, reúne um “*conjunto de operações que determinam o processo de estruturação que ocorre dentro do Self tendo por base a selecção, inclusão e eliminação de elementos provenientes dos objectos externos, dos objectos internos e de partes do Self*”, constituindo-se assim enquanto resultado de “*uma série de processos que abarcam fenómenos compreendidos em duas categorias: internalização e externalização*” (León Grinberg, 1976/2001, p. 19).

Enquanto que a *internalização* comporta todos os mecanismos de ordem mental (e as fantasias a eles correspondentes) que implementam o processo de transformação de uma experiência externa numa experiência interna, ou seja, que desejam transformar os objectos externos (parte integrante do mundo externo) em objectos internos (parte integrante do mundo interno) por meio da sua transposição do seu espaço externo para o espaço interno do sujeito, a *externalização* dá-nos conta de um processo específico a partir do qual o sujeito coloca no mundo externo os seus impulsos, as suas ideias/ideais, os seus conflitos internos e externos, as suas emoções e todos os aspectos de índole relativa ao *Self* ou aos respectivos objectos internos (León Grinberg, 1976/2001).

Considera-se pertinente referir que, e segundo o citado autor, o processo de internalização dos objectos depende de duas qualidades primordiais, às quais se subjugam:

① o Vínculo de Amor (cooperação) – dominante nas situações em que ocorre um processo de internalização de um objecto interno bom, “*que constitui um dos fundamentos essenciais de um Eu integrado e estável, que se sente rico e capaz de projectar e reintrojectar amor no mundo externo e no mundo interno*” (León Grinberg, 1976/2001, p. 49);

② o Vínculo de Ódio (sadismo) – dominante nas situações em que, ao contrário, ocorre um processo de internalização de um objecto interno mau, que “*é vivido como*

persecutório e converte-se no protótipo de todos os maus objectos internos” (León Grinberg, 1976/2001, p. 49).

Evidenciados no processo de desenvolvimento adolescente, de uma forma flutuante e confusa, os processos de identidade e de identificação abrem alas a uma grande diversidade de mecanismos e de processos, internos e externos, carregados de intensidade angustiante, visto oscilarem permanentemente entre uns e outros, em busca de uma consolidada identidade pautada por definidas identificações.

Contiguamente, em nossa exposição literária procurar-se-ão integrar os processos de identidade e de identificação, neste ponto discriminados, no seio da teorias por nós contempladas a propósito do processo de desenvolvimento adolescente, pelo que permanecerá em aberto a sua discussão.

Em mira de que tal objectivo se cumpra, exige-se uma mudança de direcção do *nosso olhar*, para o *Olhar de Raymond Cahn*, anteriormente Presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris e Director Médico do Hospital de Dia para Adolescentes do *Parc-Montsouris*, com uma vasta experiência clínica acerca da Adolescência e que se tem vindo a assumir com um dos principais percussores ao nível do desenvolvimento de renovadas conceptualizações psicanalíticas contemporâneas acerca do processo adolescente, manifestando grande interesse pelo estudo aprofundado das problemáticas inerentes a este período etário.

É indubitável que a adolescência constitui, antes de mais, um tempo e um espaço de mudança. Por conseguinte, e considerando o sujeito adolescente, Cahn (1983/1985; 1991) claramente distingue **três espaços essenciais** ao seu processo de mudança:

1. O *Espaço Interno*, relativo ao equilíbrio e ao desequilíbrio, à continuidade e à descontinuidade, ao quantitativo e ao qualitativo, entre o narcisismo e as relações objectais do sujeito.
2. O *Espaço Externo*, referente à totalidade do mundo exterior.
3. O *Espaço Intermediário*, o qual se destaca como uma zona intermediária, de pensamento e de passagem, dirigida à descoberta do outro, congregando uma

dimensão transicional que abrange, tanto um jogo, permanentemente activo, entre a realidade interna e a realidade externa, como uma dimensão temporal, num mesmo registo de transição do estado infantil para o estado adulto.

Já Winnicott (1971/1975, p. 15) salientara esta Área Intermediária de experimentação como *“uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, excepto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas”* e ilustradas por uma ligação entre a subjectividade e a objectividade, pelo que se percebe o fenómeno ilusório nela contido.

In Doron, R. & Parot, F. (1991/2001, p. 755), aponta-se para o facto de que *“esta zona intermediária da experiência, que o objecto transitivo ocupa, permanece marcada pelo paradoxo de não pertencer nem à realidade interior nem à exterior”,* constituindo antes uma *“zona de «ilusão», que serve de base à apreensão da realidade exterior e que prefigura a vida imaginária e criativa”.*

De certo modo, o processo de mudança adolescente envolve um conjunto alargado de problemáticas inerentes a estes espaços e a estas realidades, os quais Raymond Cahn tem vindo a ilustrar ao longo dos seus trabalhos científicos e que constitui nosso objectivo aqui expô-los e abordá-los sucintamente, para que deles se eleve o que de mais importante se encontre.

Tal como muitos outros autores a propósito da adolescência, Cahn (1991) também salienta a reactivação do conflito edipiano através do corpo novo e genital. Segundo este autor, as relações do sujeito com o seu corpo e as relações do seu corpo com o corpo de outros são a chave do mistério do desenvolvimento adolescente rumo ao tesouro das suas escolhas e identificações sexuais (masculino ou feminino) e de amor (relação de amor), adultas e maduras, ou, contrariamente, rumo a retiradas extremadas por regressões irreversíveis, superficiais ou profundas.

Não obstante, e sem com isso querer retirar mérito ao pensamento psicanalítico fundado por Freud, para Cahn (1991), o conflito edipiano integrado no processo adolescente resume-se a uma etapa necessária, mas apenas provisória e incompleta, visto privilegiar unicamente o pulsional, o biológico e o desenvolvimento, em detrimento do meio ambiente circundante, da história do sujeito, da irreducibilidade do conflito, da

sua sobrevivência, originária, entre o interior e o exterior e do aleatório de toda a sua organização e neo-organização.

Cahn (1991) salienta que, na Adolescência, analogamente ao extenso conjunto de transformações ocorridas externamente, ao nível do Corpo (desencadeadas pelo surgimento da puberdade), sobreveem um fenómeno amplamente interdito, porque circunscrito num processo interno invulgarmente misterioso, porque inesperado, porque desconhecido, porque, talvez, até não desejado, porque... do *Interno* se trata.

Quantos não são aqueles que, curiosamente não adolescentes (pensa-se), vivem colados ao *externamente* e fogem a toda a velocidade do *internamente*, fazendo-se passar por guerreiros mas... (sim, porque há sempre um Mas) mascarados, porque coloridos de exterior de modo a disfarçar, ocultar ou mesmo anular o interior.

O referido autor preocupou-se em apontar na Adolescência ora a indissociável união, ora a esplendorosa confrontação, ora a possível confusão entre: exterior – interior, realidade externa – realidade interna.

Diante tal verdade, o adolescente é obrigado a optar: ou alegremente a reconhece, deixando-se evadir pela ambivalência de sentimentos contraditórios que a caracterizam; ou falsamente age e sente como se nada de especial se passasse.

Aparentemente, seria uma escolha de fácil ponderação, visto existirem apenas duas hipóteses alternativas, mas em profundidade, a dúvida é maior, até porque muitos dos fenómenos que veiculam tais diferentes realidades nem sempre se podem recusar, pelo contrário, com frequência instalam-se dentro e fora do adolescente, sem pedirem licença.

Perante o que se adivinha o risco no qual pode cair o adolescente, pois “a realidade incontornável da puberdade obriga o sujeito a tomar uma decisão”, mesmo que ele assim não o quisesse fazer (Cahn, 1991, p. 12).

De facto, a puberdade é de tal forma incendiária, que faz explodir imprevisivelmente a Adolescência espelhada num *tempo de fogo*, promotor de um *segundo nascimento*: o nascimento do *Eu Outro* (denominação proposta por Cahn, 1991). Este, envolve o sujeito, que acabou de assistir ao seu nascimento, numa miscelânea de sentires e forças opostas de igual densidade e intensidade, face às recolocações, às delimitações e às diferenciações do eu e do outro, do sujeito e do objecto, do dentro e do fora.

A objectivação das mudanças físicas, imposta por esta *inesperada* puberdade e veiculada pelas forças pulsionais acarretadas, impõe-se ao corpo do adolescente adubando um disparar incontrolável de transformações mais ou menos discretas e massivas na sua essência e, principalmente, a extravasam de desejos absolutamente novos e incompreensíveis, nomeadamente sexuais, face aos quais não se sabe como responder. No entanto, ainda que sem resposta imediata, eleva-se-lhe a dimensão excitante implícita na adolescência, dimensão essa deveras bem recebida porque para além de não imputar nenhum entrave ao adolescente, confere-lhe a soberba liberdade de recriar o mundo ao sabor do seu desejo (Cahn, 1991).

É neste contexto que Cahn (1991) sugere a noção de *Corpo Estrangeiro* pois, na adolescência, o corpo e as suas reacções tomam-se tão estimulantes, irreconhecíveis e demoníacas aos olhos do próprio, porque indutoras de registos exaltantes, obscuros, assustadores e dolorosos, que o adolescente sente-se totalmente deixado ao acaso num país longínquo, sem saber porquê nem por quem; onde não conhece a língua, pelo que não consegue comunicar; não conhece ninguém, nem mesmo ele próprio, não conhece o clima, pelo que não sabe como se sentir; não conhece a comida, pelo que não sabe como se saciar... Desorientado, perdido, entregue ao mundo da pulsão, onde tem de assumir em simultâneo os papéis de criança e de adulto, só sabe que anseia buscar algo indefinido e, pisando o imprevisível, o adolescente aproxima-se lentamente do código de entrada para o *Risco de entrar em Risco* – uma viagem necessária e imprescindível para a construção da sua maturidade.

Essa viagem no tempo e no espaço, reflecte inequivocamente ambiguidade e, como tal, faz operar os afectos e as representações do passado infantil (pulsional) outrora recalçado, agora reactivado no sujeito e, ao mesmo tempo, influenciado pelas representações e emoções da fascinante e, ainda, desconhecida actualidade, a qual também espelha uma dimensão contraditória, duplamente radical e angustiante, nunca conhecida e jamais vivida pelo mesmo. Nesta viagem, o adolescente procurará reconhecer e reencontrar os seus interesses, a sua verdade, o seu universo pessoal e a sua sexualidade genital, masculina ou feminina.

Uma viagem com destino à Maturidade, que levanta voo no limite da Infância, sobrevoa atribuladamente todo o Processo Adolescente e aterriza, espera-se que em segurança, na plenitude da Maturidade. Diga-se que esta é, sem dúvida, uma viagem sem regresso, com bilhete exclusivamente de partida...

Segundo Cahn (1991) a Psicanálise demonstra claramente este processo evolutivo de ordem pulsional: enquanto que na infância, verificara-se um impasse cristalizado ao nível da sexualidade, visível no interdito do incesto e na ameaça corporal e simbólica oposta ao desejo, o que obriga à identificação ao rival, ao recalçamento do desejo e à sua substituição pelo investimento num domínio suficientemente distante do sexual (distância essa variável em função da relação promovida consciente e/ou inconscientemente pelos pais), na adolescência, a puberdade, corporaliza a sexualidade da infância, os seus desejos, as suas angústias, os seus conflitos e as suas confusões entre a realidade interna e a realidade externa, entre o masculino e o feminino, atribuindo-se à genitalidade o poder da invasão inesperada da adolescência através da telescopagem dos desejos heterossexuais e incestuosos anteriores, sendo assim considerada como um forte motivo de inquietude.

Por outro lado, e à semelhança do que se verifica pulsionalmente, também a instância do interdito e do ideal parental, repleta de tabus morais – o *Super-Eu* – sofrerá uma acentuada transformação e um desvio para outras modalidades de rivalidade edipiana. Um dos propósitos da adolescência passa exactamente pelo desembaraçar-se progressivamente da moral sobrecarregada de ódio e de culpabilidade relativamente ao rival heterossexual, e situá-la num registo que ultrapasse o anterior e se integre no seio do grupo e num universo pessoal definido. Ao que se acrescenta a necessária discriminação entre o permitido e o interdito, por intermédio do que se percebe que o desejo não é apenas limitado pelas contrariedades do pulsional e do corporal, mas também pelas contrariedades da moral (Cahn, 1991).

Assim sendo, à beira de uma continuidade e/ou descontinuidade, interna e externa, ocorre um ruptura com o real, facto que infiltra o reconhecimento das exigências internas e das exigências externas que, em conjunto, impulsionam a mudança e induzem a uma variedade de ajustamentos internos e externos no sujeito.

O que faz com que Cahn (1991) considere o Super-Eu como o factor de maior relevo e influencia sobre o apuramento da realidade do sujeito, reconhecendo-lhe o risco de influir numa confusão entre o mais pessoal, o mais irracional do ser e o mais comumente partilhado por todos, aos *nossos olhos*, o *socialmente correcto*.

Porém, o adolescente lança-se frequentemente num jogo de posições extremadas, que obriga à efectuação de escolhas, determinadas por um elevado grau de risco para si: “*ou eu ou o outro*”, “*ou eu ou ninguém*”, “*ou tudo ou nada*”, de onde se

eduz uma destrutividade veiculada pelo sujeito, tanto na sua dimensão centrífuga (afastamento) como na sua dimensão centrípeta (aproximação).

Com início na vivência radical e subjectiva da chegada inopinada da puberdade, carregada de intensidade, de abundantes novidades pulsionais, de desejos e de conflitos intrapsíquicos, o sujeito entra numa outra dimensão, esta cultural e social, *"(...) de um sujeito que se encontra em vias de abandonar a infância e a família para se transformar a ele próprio num adulto no mundo dos adultos, igualmente investido pelos outros e por ele mesmo"* (Cahn, 1991, p. 18).

Nesta viagem, detentora de fortes tensões, entre continuar e descontinuar, o sujeito vivencia um conjunto muito alargado de diferentes e novas experiências particularmente dramáticas, visto implicarem movimentos e conflitos no epicentro deste processo de desenvolvimento, e dependerem da epigénese dos factores internos e dos factores externos, o que se concretiza no abandono das posições anteriores, substituindo-as por outras mais atraentes e renovadas. Neste contexto, a tensão entre o passado e o futuro negocea-se mediante um triplo sistema interactivo, composto por três frentes distintas: a sociedade, a família e o próprio adolescente (Cahn, 1991).

Adolescente esse que vive e se vive numa neo-realidade delirante em busca da edificação de uma nova representação e significação de si próprio que, enquanto em fase de balanceamento entre o que era passado e o que será futuro, num espaço e num tempo de mudança, localiza-se no núcleo central de um conflito fatal e insolúvel, entre a permanência e a mudança, mais especificamente, entre a manutenção de uma clausula de fidelidade ao Eu parental e o estilhaçar dessa mesma clausula em busca de um registo pessoal e único, o seu próprio Eu (Cahn, 1991).

Daí o surgimento de uma catástrofe psíquica, ilustrada por inúmeros e incontornáveis dilemas conflituais de ordem interna e externa, que o empurram para zonas fronteiriças perigosas.

No desenrolar desse processo adolescente, o sujeito, carregado de angústia, instintivamente questiona-se: *"Quem sou eu?"* e *"De quem sou eu?"* (Cahn, 1991, p. 23). Indagações que nos revelam, respectivamente, a interferência das dimensões narcísica e objectal, as quais espelham determinadas problemáticas deveras importantes no desenvolvimento deste conturbado processo, tais como a origem do sujeito, o seu lugar na teia geracional familiar, a imagem de si próprio e, especialmente, tudo o que se refere à sua identidade sexual, ao masculino e ao

feminino, ao surgimento do desejo genital e à sua necessária distância do conflito edipiano, por forma a demarcar-se claramente do casal parental.

Assim, desencadeia-se uma divergência (ou uma convergência) entre os sistemas de referência do adolescente: ou um sistema construído pelo próprio a partir do que ele observa, sente e retira dele mesmo, dos outros e do mundo (auto-conhecimento); ou um sistema resultante da rede de explicações e causalidades proposta pelos adultos (pluri-conhecimento); ou um *mix* de ambos, caso se verifique uma convergência.

Sejam quais forem as vicissitudes pulsionais e as modalidades da sua distribuição, entre o pólo narcísico e o pólo objectal, exige-se imperiosamente à psique um trabalho árduo de contenção, de organização e de dar sentido e significado às múltiplas transformações que abalam o sujeito no enredo do processo adolescente, como se de um *Tsunami* existêncial, narcísico e objectal se tratasse.

Na vivência duma tal situação de crise interna, externa e inter-relacional, o adolescente é conjuntamente evadido pela problemática depressiva, elemento fulcral ao exercício produtivo da psique ao nível da confrontação do sujeito com o processo de luto do mundo infantil anterior, nomeadamente o processo de luto dos objectos edipianos. Aspecto que intima ao sujeito uma distância confortável da angústia de aniquilamento, de modo a que consiga, a partir da angústia de separação, elaborar a angústia de castração.

Toda esta transformação, inerente ao processo adolescente, deseja tornar o sujeito num outro, diferente do anterior, diferenciado dos que o rodeiam, mais ele próprio, com *um Ser e um Fazer* exclusivamente seus porque reconstruídos por si, em relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo – um movimento de auto-criação do seu próprio mundo interno e externo, dotado de novas experiências e novos ajustamentos.

Impera a subjectivação do sujeito segundo uma diferenciação progressiva, paço a paço, entre sujeito e objecto, reencontrados num tempo e num espaço, num incessante e delicado movimento de introjecção e de projecção recíprocas (concepção original de Lacan, desenvolvida por Cahn, 1991). **Processo de Subjectivação** que sustenta a ascensão a Sujeito digno de estatuto próprio, único e individual.

Talvez por isso, Ladame (1999, p. 1228) tenha referido o processo de Identidade, processo de (re)construção e de (re)crescimento pessoal, como um processo

“indispensável para colocar ao indivíduo um limite entre o individual e o colectivo e preservar assim a individualidade”.

Nesta envolvência, Cahn (1991, p. 19) distingue três possibilidades muitíssimo diferentes de se **Vir a Ser** no culminar do processo transformacional adolescente:

- I. O sujeito de estrutura exclusivamente marcada pela **exterioridade**, pela externalização e pela projecção maciças (sujeito e o outro contaminados);
- II. O sujeito com uma estrutura baseada na incapacidade de estabelecer o limite entre o mundo exterior e a psiqué, ou seja, **sem limites** definidos entre o corpo e o pensamento, entre o sujeito e o outro, passivos face a tal incapacidade (impasse entre o sujeito e o outro);
- III. O sujeito de estrutura essencialmente **intra-subjectiva**, detentor de uma consciência reflexiva e de uma relação pessoal, claramente diferenciada, com ele próprio, com os outros e com mundo (sujeito diferente do outro e o inverso).

As potencialidades do sujeito para proceder a tais auto-actualizações e auto-transformações estão subjugadas à independência adquirida, progressivamente, a partir da própria e anterior dependência do objecto interno (falha fundamental), à experiência subjectiva do vazio que se liga ao sentimento de abandono ou de perda desses objectos internos e ao equilíbrio introjectivo-projectivo ocorrido entre o sujeito e o objecto (noções originais de Kernberg, trabalhadas por Cahn, 1991) – aspecto que se correlaciona com a elaboração da ausência objectal e autonomização inerente à posição depressiva.

Porém, nem sempre o potencial do sujeito é reclamado para tais processos criativos e re-criativos. Assiduamente se observa a impossibilidade da subjectivação do adolescente devido à instauração de uma situação de impasse ao nível do funcionamento psíquico, na qual participa a máscara de um vazio interno, que *à priori*, indicaria uma problemática depressiva, mas que afinal se refere especificamente ao

medo da destruição de determinadas partes do próprio sujeito (ainda inacabado e pouco afirmado em toda a sua conjuntura), facto que o obriga a incorrer no risco de se alienar e/ou submergir totalmente e, assim, eventualmente, desaguar numa **aporia psicótica** aquando da perda total da noção da realidade interna e externa (Cahn, 1991). Então, o adolescente cai, a pique, numa ravina sem limites e mergulha num acontecimento trágico de dimensão tão incrementada que dá lugar a uma catástrofe aguda.

Não obstante, Cahn (1991) afirma que a eventualidade de um processo psicótico desta natureza (expressão mais dramática possível da adolescência) não é totalmente desestruturante como se de uma patologia psicótica adulta se tratasse, antes constitui um elemento promotor do árduo trabalho da psiqué e, portanto, incrementador de crescimento. De acordo com a análise do referido autor, as manifestações psicóticas, a emergirem no processo adolescente, propulsam um romper com a realidade que nada mais pretende, senão a resolução do conflito operado entre a realidade e o próprio sujeito, assim dotado de uma alargada rede psíquica, defensiva, criativa e delineadora de uma neo-realidade.

A **problemática psicótica** deverá, aqui, ser considerada como uma estrutura (qualificativa) ou uma **neo-estrutura da psiqué** (e não como um estado de doença mental, quantificável), específica na sua origem e nas suas modalidades, que uma vez manifestas, e independentemente da idade (mesmo que seja na adolescência), revestem um modo de funcionamento dotado de uma lógica própria (Cahn, 1991) – concepção esta que, não só diferencia Cahn de todos os outros autores, nomeadamente Laufer, como ainda invalida as suas concepções teóricas, em relação à psicose na adolescência enquanto categoria nosográfica.

A diferença localiza-se no carácter evolutivo aqui atribuído ao processo de desenvolvimento adolescente, distinto do carácter patológico relativo aos sujeitos adultos, de funcionamento psíquico já estabelecido (primitivo ou não).

Cahn (1991) constatou que a própria adolescência, porque em gradual movimento de concertação interna e externa, revela, expressa e imita as diferentes características psicóticas, inclusivamente as mais brutais e maciças (mas opondo-se sempre à Psicose Pura de cunho nosológico), tais como: a ruptura com a realidade externa e interna; a destruição da relação de objecto; o desinvestimento

representacional; a angústia de aniquilamento (inevitável em situações de ausência do objecto) ; a clivagem; a negação; a projecção; o delírio; o alheamento.

O que faz com que, muitas vezes, o adolescente vista a imagem, a pele, de uma psicose franca que, na verdade, não passa de um processo de transformação catastrófica, de desligação, dotado de potencial psicotizante que se equilibrará consoante a capacidade de religação do adolescente e conforme a reunião das condições requeridas para a implementação do necessário processo de subjectivação, retendo que “(...) qualquer que seja o adolescente, as suas modalidades da religação dependerão do tipo de desligação” (Cahn, 1991, p. 270).

No decurso activo de tal processo, sobreleva-se “o papel determinante do objecto externo (...) na organização do funcionamento mental, na subtil dialéctica continuidade / descontinuidade, ilusão / desilusão, narcisismo / anti-narcisismo, prazer / desprazer, pulsões de vida / pulsões de morte, e (...) na instauração e desdobramento dos diversos sistemas representacionais (...)” que fazem parte integrante do espaço interno do sujeito, inferindo-se uma inter-relacção entre o objecto externo e o objecto interno (Cahn, 1991, p. 272). Para além disso, estes fundamentos asseguram a decomposição e a explicação dos imperiosos e necessários conflitos entre desejos e repúdios, nostalgias e projectos, passado e futuro, através da relação objectal, dotada de movimentos introjectivos e projectivos.

Nesta envolvência, Cahn (1991) explora o conceito de **Sentimento de Inquietante Estranheza**, comungado tanto pela adolescência como pela psicose, enquanto ponto de partida para uma **catástrofe** (ou mais ou menos circunscrita, ou dominada ou submergida) que se assume como o ponto de confluência da regressão e/ou do hiperinvestimento narcísico, do fascínio e do perigo do objecto e do próprio corpo, até chegar ao limite dos limites, onde se confundem realidade subjectiva e realidade objectiva, identidade pessoal e identidade funcional (maquinal), angústia de castração e angústia de morte.

Esta inquietante estranheza “situa-se no limiar da ruptura e da religação, onde o adolescente se vê assaltado, no interior e no exterior, pelos traços de um passado, até então escondido e dissipado, e de um presente, aflitivo e enigmático” (Cahn, 1991, p.48).

Nenhum sujeito escapa ao ataque da sua identidade e do seu corpo, ao questionamento da sua sexualidade e da diferença de sexos, do feminino e do masculino, da vida e da morte, à exigência de um sentido e de um significado a dar ao experimentado, ao percebido e ao pensado, face às exigências subjectivas e objectivas emergentes de uns, dos outros e de ambos.

Mediante este tempo mutacional calamitoso, este espaço de metamorfose, o sujeito vê-se envolto num *caos*, ilustrado por múltiplas problemáticas conflituais internas e externas, objectivas e subjectivas, que embora dolorosas e violentas, se assumem como inevitáveis e absolutamente necessárias para a progressiva escalada do processo adolescente rumo à adultícia.

Não obstante, trava-se um *“combate entre os processos de desligação e os de ligação, a partir da organização preliminar da psiqué, dos conflitos com os quais o sujeito se vê confrontado e das solicitações exteriores (...) pelo qual passam inexoravelmente todos os adolescentes”* (Cahn, 1991, p. 286), de forma silenciosa ou ruidosa, a sós ou acompanhados e de acordo com as variações intrínsecas a cada sujeito.

Em toda a conceptualização de Raymond Cahn a respeito do Processo Adolescente, sobressai um *Olhar* cativante pelas suas especificidades e inovações, que apostam numa: *“dialéctica entre aquilo que não deve de mudar e aquilo que deve de mudar ou permanecer modificável”*, que enceta um **processo mutacional** esculpido pelos *“conceitos de ligação-desligação-religação”* referidos pelo autor, forças motrizes e de impulsão à re-construção do próprio suportado nos parâmetros *“do que pode ou deve permanecer ligado, do que pode ou deve desfazer-se para se ligar de novo e/ou de forma diferente, com os riscos inevitáveis que uma tal operação comporta, pois afecta a psiqué na sua totalidade (...)”*, mas que no final, dará lugar a **um Ser Face aos Outros** – a real *intra-subjectividade* (Cahn, 1991, p. 24).

Aos nossos olhos, das concepções até aqui discutidas, conclui-se a concepção de **Laufer** (e dos que com ele se sintonizam) como demasiado **parcial e insuficiente**, à mercê de uma investigação puramente centrada em diagnósticos diferenciais, e a concepção de **Cahn** (da qual nos interessa reter determinados aspectos) como mais

abrangente e esclarecedora, até porque detentora de preocupações de cunho maioritariamente dinâmico e compreensivo.

Veja-se a análise comparativa dos seus diferentes *olhares* sobre o processo adolescente, os quais resumimos no seguinte quadro comparativo:

PROCESSO ADOLESCENTE	CONCEPÇÃO DE LAUFER	CONCEPÇÃO DE CAHN
Pedra Angular	Corpo Sexual Genital; Luto; Conflito Edipiano; Fantasma Masturbatório	Ligação-Desligação-Religação; Processo de Subjectivação: Intra- e Inter- Subjectividade do Sujeito
Conflito Edipiano	Único sistema de referência: Édipo reactivado pelo genital	Etapa necessária mas provisória: Édipo reactivado pelo genital
Corpo	Corpo Sexuado e Genital (Biológico e Pulsional)	Corpo Estrangeiro (Novo e Genital; Biológico + Emocional)
Posição Depressiva	Sublinha as Perdas	Sublinha os Ganhos
Ruptura com Realidade	Carácter Ambíguo e Centração no Conflito Edipiano; <i>Breakdown</i>	Carácter Unitário e Centração no Funcionamento Psicótico; Inquietante Estranheza
Potencial Psicotizante	Patologia Psicótica (Categoria Nosográfica)	Funcionamento Psicótico (Neo-Estrutura da Psiqué)
Interno/Externo	-	Intra- e Inter- Subjectividade
Espaço e Tempo	-	Interno, Externo, Intermediário
Infância-Adultícia	Passagem de Um ao Outro	Balanceamento entre Um e Outro para Progressão do Próprio

Quadro 1: Comparação entre a Concepção de Laufer e a Concepção de Cahn

Se à partida, se procurar definir a pedra angular das concepções individuais destes dois autores, logo ressaltam acentuadas discrepâncias: a pedra angular de Laufer assume uma forma quadruplicada, representada sobre quatro vértices – o corpo sexual genital, o luto, o conflito edipiano e o fantasma masturbatório; a pedra angular

de Cahn assenta sob uma duplicidade conceptual – por um lado, o sistema de Ligação-Desligação-Religação e, por outro lado, o Processo de Subjectivação, processo de permanência e de transformação, continuidade e descontinuidade (dos diferentes modos de organização da psique e da sua economia), concretizável pelo alcance da Intra- e da Inter- Subjectividade do Sujeito, equivalentes à conclusão da adolescência.

Em Laufer é realmente o conflito edipiano (reactivado pelo genital) que se assoma como o fulcral e único sistema de referência conceptual do autor, que embora meritório, pela corporalização da teoria freudiana da sexualidade na puberdade, afigura-se deveras incompleto. Nesta acepção, Laufer privilegia a dimensão corporal, consubstanciada num corpo sexuado e genital, mas unicamente reflectido nas suas dimensões pulsional, biológica e desenvolvimental.

Ao passo que em Cahn, o conflito edipiano, ainda que igualmente reactivado pelo genital, não constitui mais do que uma etapa necessária mas provisória, a par do qual desenvolve outros sistemas de referência. Para além do mais, Cahn deixa igualmente sobressair a noção de corpo estrangeiro (explicada anteriormente), um corpo novo e genital, assente nessas mesmas dimensões pulsional, biológica e desenvolvimental, acrescidas do emocional, do meio ambiente circundante, da história do sujeito, do interno e do externo, do subjectivo e do objectivo.

De onde surgirá a posição depressiva, em relação à qual Laufer sublinha com grande veemência as perdas inerentes ao sujeito, enquanto que Cahn sublinha os ganhos, as reintegrações e as adaptações à realidade e às verdades exclusivas do próprio.

A concepção lauferiana analisa a ruptura com a realidade, identificada no processo de mudança adolescente, de uma forma demasiado ambígua e excessivamente centrada na regressão ao conflito edipiano e na integração do corpo sexuado que, quando não verificadas, desembocam num impasse no desenvolvimento, dando lugar ao *Breakdown* carregado de “*psicopatologias*” de conotação irreversível, enquanto que Cahn aufere a essa mesma ruptura um carácter unitário e específico, reportando-se às noções de “funcionamento psicótico” e de inquietante estranheza.

Por conseguinte, Laufer patologiza o potencial psicotizante da adolescência, enquanto que Cahn valoriza-o e transforma-o num funcionamento psicótico potenciador de crescimento interno e externo no real único e próprio do sujeito.

Outra notória diferenciação, porque lacunar em Laufer e nuclear em Cahn, tem lugar nas referências, por um lado, ao Interno e ao externo consubstanciados na Intra-

e na Inter- Subjectividade, e por outro lado, ao espaço e ao tempo Interno, Externo e Intermediário.

E porque o processo adolescente se localiza entre a Infância e a idade adulta, ora é apresentado como uma mera passagem de Um para ao Outro (Laufer), ora é clarificado à mercê de um balanceamento entre Um e o Outro para Progressão do Próprio e da sua singularidade (Cahn).

No seguimento da nossa análise, apraz-nos discriminar pronunciadamente aquele que se tem vindo a destacar, no seio da comunidade científica, como um novo e preponderante *olhar* sobre o processo adolescente: o **Olhar de Wilferd Bion**.

Wilfred Bion, um psicanalista originalmente diferente de todos os outros, porque de raízes muito diversificadas, que vão desde a cultura oriental hinduísta, à panóplia formativa em medicina, ciências humanas, teologia, filosofia e matemática, a experiências individuais e com grupos, entre tudo o mais quanto fez parte da sua experiência de vida. Daí que a sua obra, de sensivelmente 40 anos de produção científica intensa, seja muito aplaudida pelos importantes contributos reflectidos acerca de novas formas de pensar e praticar a clínica.

Mas, primeiramente, e para que se possa interligar a concepção Cahniana com a de Bion, importa começar por reter de Cahn a importante noção de experiência, a qual, porque medeia os sentimentos mais íntimos do Eu e os sentimentos do real, dá lugar a um espaço e a um tempo em que são colocados em jogo o sujeito e o outro, dos quais resulta, por projecção e por introjecção, um continente (e posteriormente conteúdos) e um modo de relação com o mundo.

Aspecto este que, em nossa acepção, interessa pontificar com o **Modelo Relacional Continente-Conteúdo** (♀♂) preconizado por Bion, deveras importante no desenvolvimento do aparelho psíquico do sujeito.

Segundo Bion (*cit. in Zimerman, 2004, p. 150*), originalmente, o **Conteúdo** (♂) indica *“uma massa de necessidades, desejos, demandas e angústias que o bebé (...) deposita, por meio de uma penetração de identificações projectivas, dentro da mente da mãe”*, enquanto que o **Continente** (♀), por sinal, materno, diz respeito à capacidade receptiva e elaborativa da mãe face ao conteúdo que lhe fora enviado pelo bebé. Desta forma, *“a mãe desempenha o papel de continente das imagens fantasmáticas e dos*

afectos assustadores para o bebé. Este pode assim interiorizar a relação continente-conteúdo, podendo construir sobre este modelo um «aparelho para pensar os pensamentos», isto é, conter os conteúdos psíquicos” (in Doron, R. & Parot, F., 1991/2001, p. 180).

O conteúdo refere-se, assim, a um conjunto específico de emoções que o sujeito projecta no outro, expectando neste um continente acolhedor, descodificador, contentor, transformador, elaborador e devolutivo das mesmas, agora adequadas e devidamente significadas. Por isso, Bion (1963/1984) estabelece um paralelo interactivo entre conteúdo e continente ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂}$), do qual resulta uma discodificação relacional entre expulsão e impulsão ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂} \Rightarrow \text{Expulsão} \leftrightarrow \text{Impulsão}$).

A este propósito, Bion (1970/1984) distingue **três Tipos de Relação Continente-Conteúdo** (também descritas em Zimerman, 2004):

① **Relação Parasitária** (relação de destrutividade recíproca entre continente e conteúdo, os quais se sugam mutuamente, numa luta voraz pela sobrevivência – *ou Um ou Outro*);

② **Relação Comensal** (relação de harmonia entre continente e conteúdo numa situação de relativo impasse, como se de uma *paz podre* se tratasse, visto não se operar nem crescimento nem regressão individual de alguma das partes – *nem Um nem Outro*);

③ **Relação Simbiótica** (nomenclatura que habitualmente se inseriria, à partida, no contexto nosográfico do funcionamento psicológico mais perturbado, mas que aqui, contrariamente ao esperado, constitui-se como a mais vantajosa, determinando a relação de maior equilíbrio, porque potenciadora de crescimento recíproco entre continente e conteúdo – *Um e o Outro diferenciados*).

Relações ♀♂ estas que obrigam à constituição de pontos de conexão com os **diferentes Tipos de Transformações** (a noção de transformação será mais à frente aprofundada) também propostas por Bion (in Symington, J. & Symington, N., 1997/1999; Zimerman, 2004):

① a **Transformação em Alucnose**, predominante nos funcionamentos psíquicos psicóticos, segundo a qual o sujeito, pela intolerância à ausência do objecto e pela evacuação projectiva massiça dos estados ocultos da personalidade sobre os órgãos sensoriais, deforma completamente o facto original, dificultando em grande escala a identificação do elemento invariante;

② a **Transformação Projectiva**, predominante nos funcionamentos psíquicos limite, segundo a qual o sujeito, pela precoce mobilização de processos de defesa muito primitivos, deforma mais intensamente o facto original, desvirtuando as noções de espaço e de tempo, facto este que, ainda que dificulte a identificação do elemento invariante, não a impede na totalidade;

③ a **Transformação em Movimento Rígido**, predominante nos funcionamentos psíquicos neuróticos, segundo a qual o sujeito pode até deformar o facto original mas garante representações directas das relações de objecto interno, o que facilita a identificação do elemento invariante (o qual estabelece relação com a realidade).

Concentrando-nos no significado da cada tipo de relação ♀♂ e transformação de Bion, relembrem-se também as diferentes possibilidades de se *Vir a Ser*, no culminar do processo transformacional adolescente, desenvolvidas por Cahn, parecendo-nos existir uma aproximação e uma inter-correspondência entre os diferentes Tipos de Relação ♀♂, os diferentes Tipos de Transformação e, o que aqui propomos denominar como os diferentes Tipos de *Vir a Ser*.

Vejamos:

TIPO DE RELAÇÃO ♀♂		TIPO DE TRANSFORMAÇÃO		TIPO DE VIR A SER
Relação Parasitária (ou Um ou Outro)	↔	Transformação em Alucnose	↔	Exterioridade
Relação Comensal (nem Um nem Outro)	↔	Transformação Projectiva	↔	Sem Limites
Relação Simbiótica (Um e Outro diferenciados)	↔	Transformação em Movimento Rígido	↔	Intra-Subjectiva

Quadro 2: As Trípliques Basilares do Funcionamento Psicológico do Sujeito

Face a estes diferentes patamares, indicadores do funcionamento psicológico alargado do sujeito, o **nosso olhar** propõe chamar-lhes **Tríplices Basilares**.

No entanto, nenhuma *tríplice basilar* é despida de *experiência*, pelo contrário, só a experiência permite o exercício de toda e qualquer relação ♀♂, Transformação ou *Vir a Ser*. Bion (1962/1984) atribui elevado valor à experiência (destacando as experiências emocionais), tanto que considera a **Aprendizagem pela Experiência** como a única via de real **Crescimento Mental** (Ψ) do sujeito.

A vida sem experiências emocionais significaria uma fatalidade desertificadora do indivíduo, porque ficaria desprovido de qualquer processo de pensamento, da mesma forma que sem comer, sem beber ou sem respirar a vida não se susteria, ficaria antes ressequida e amortecida (Bion, 1962/1984).

De acordo com o autor, toda a **experiência emocional** existe segundo um relacionamento interactivo entre dois sujeitos distintos ou entre duas partes diferentes da mesma pessoa ou entre dois objectos discrepantes e, para além disso, só pode ser concebida mediante a presença de determinados factores de ligação, especificados por Bion (1962/1984) como *vínculos* de *amor*, representado pelo signo *L* (*Love*), de *ódio*, representado pelo signo *H* (*Hate*) e de *conhecimento*, representado pelo signo *K* (*Knowlwdge*), assumidamente os três sentimentos fundamentais, as três emoções básicas, as três forças impulsionadoras de toda a experiência emocional.

No entanto, podem fazer-se acompanhar pelos seus inevitáveis correspondentes negativos: **-L**, **-H** e **-K**, componentes enviesadores e perturbadores da compreensão e do produto da experiência emocional.

Em seus postulados, são as experiências emocionais da vida do sujeito, nomeadamente as piores e/ou negativas, que lhe poderão permitir experimentar o sofrimento da dor mental implícita nas mesmas e, assim, mobilizar a capacidade para modificar a inicial realidade frustradora (exige o acesso à posição depressiva), a qual, por sua vez, dará lugar ao então referido crescimento mental. E, para além do mais, "(...) *tolerar a frustração implica estar ciente da presença ou ausência de objectos, e daquilo que a personalidade que se desenvolve, a seguir conhece pela designação de «tempo» e «espaço»*" (Bion, 1965/1991, p. 65).

Caso o sujeito evada a dor (ao invés de a enfrentar) e não tenha capacidade para aceder à posição depressiva, então não conseguirá transformar a frustração, pelo que passará a racionaliza-la, entupindo, assim, o crescimento da mente.

Daí que o sujeito, não reconhecendo, igualmente, a experiência nova, *“permanece, na já existente, ou progride e sofre frustração que lhe é difícil de suportar”* e *“oscila, entre ataques destrutivos ao vínculo com o objecto, aniquilando assim, seus processos embrionários de pensar (...)”* (Bion, 1965/1991, p. 64).

Através destes pressupostos, depreende-se que o processo adolescente necessita, exactamente, de englobar *“experiências emocionais más”* e de aceder à posição depressiva, para que então proporcione ao sujeito, em devir, um verdadeiro crescimento mental.

A **Posição Depressiva**, amplamente descrita por Klein e definida originalmente pela autora como *“a fase de desenvolvimento na qual o bebé reconhece um objecto total e se relaciona com esse objecto”* (cit. in Segal, 1973/1975, p. 81), introduz a realidade e a substantivação do objecto, agora total, e acompanhado por um Ego, também ele, total (pela assimilação dos objectos bons), visto que, anteriormente, no seio da posição esquizo-paranóide, tratava-se apenas de um objecto adjectivado enquanto prolongamento do sujeito (Amaral Dias & Fleming, 1998).

Pode-se afirmar a presença elaborada da posição depressiva quando se identifica a intensificação dos processos introjectivos (devido ao decréscimo dos processos projectivos), a crescente ambivalência conflitual entre o amor e o ódio sentidos pelo próprio (agora um Eu total) face ao Objecto, também total, e a manifestação do luto, da ansiedade, do sofrimento e da culpa (inerentes aos referidos processos), aspectos estes que, no seu conjunto, desenvolvem as capacidade de vinculação, de abstracção, de formação de símbolos e de um pensar maduro, contrastante com a desarticulação do pensamento esquizo-paranóide (Segal, 1973/1975).

A este propósito, Segal (1973/1975, p. 87) salientou que *“o sofrimento do luto experimentado na posição depressiva e os impulsos reparadores desenvolvidos para restaurar os objectos amados, internos e externos, constituem a base da criatividade e da sublimação”*, elementos estes imprescindíveis ao decurso do processo adolescente.

E mais acrescenta referindo que *“quando a posição depressiva não foi suficientemente elaborada, quando não foi firmemente estabelecida a crença no amor e na criatividade do Ego, bem como em sua capacidade de recuperar objectos bons interna e externamente, o desenvolvimento é muito menos favorável”* (Segal, 1973/1975, p. 93).

Segundo Klein (*in Segal, 1973/1975*), a passagem unidireccional da posição esquizo-paranóide à posição depressiva permite ao Ego suportar as perdas e substituí-las por símbolos, ou seja, permite a formação de símbolos e, desta forma, processos criativos e de síntese, motores de um pensamento reflectido e reformulado, equivalentes ao crescimento mental.

Nas situações em que tal passagem não se verifica, instala-se uma incapacidade de toleração das perdas e, conseqüentemente, uma incapacidade de formação de símbolos, que dará lugar à formação de equações simbólicas (segundo as quais símbolo e simbolizado são confundidos), as quais pautarão todo o processo de pensamento do sujeito, mantendo-o num patamar precipitado, sem reflexão e imprudente.

Contudo, esta visão de exclusividade direccional foi alterada e complementada por uma nova visão desenvolvida por Bion (1963/1984), de acordo com a qual o processo criativo depende, antes, de um movimento oscilatório entre a *posição esquizo-paranóide (PS)*, enquanto estado informe, de ideias e de imagens caóticas e dispersas, e a *posição depressiva (D)*, enquanto estado coerente e indutor de novas sínteses. Movimento de interactividade e de alternância entre um lado e o outro, que o autor representa da seguinte forma: $PS \leftrightarrow D$.

Esta interacção é compreendida por Bion (1963/1984) através de uma outra interacção que descodifica a primeira: **Fragmentação** \leftrightarrow **Integração**, a qual correlaciona com a reciprocidade entre conteúdo e continente descodificados sobre o prisma relacional entre expulsão e impulsão ($\text{♀} \leftrightarrow \text{♂} \Rightarrow \text{Expulsão} \leftrightarrow \text{Impulsão}$), oscilações estas que, conectadas entre si, potenciam uma lógica de progressiva consolidação da posição depressiva enquanto responsável pela formação e assimilação de símbolos – processo através do qual se pode assistir à **expansão do pensamento**.

Em paralelo, Bion (*in Zimerman, 1999*) propôs uma alteração da forma, também sequencial e unidireccional, que Freud (1911) havia concebido em relação aos conceitos de *Princípio do Prazer (PP)* e de *Princípio da Realidade (PR)*: $PR \Rightarrow PP$ ou $PP \Rightarrow PR$, dispondo de uma transformação fulcral na relação entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, que determinou como dinâmica e permanente: $PP \leftrightarrow PR$, a qual, ao longo da vida do sujeito, contribuirá para a continuidade da sua reciclagem mental e para um pensamento em renovação ininterrupta.

Até porque, a reciprocidade entre o princípio do prazer e o princípio da realidade (PP ⇔ PR), decodificada, associa o princípio do prazer ao domínio da acção e o princípio da realidade ao domínio da reflexão: Acção ⇔ Reflexão. Logo, culminaria na seguinte continuidade: **PP ⇔ PR ⇒ Acção ⇔ Reflexão**.

Em suma, as **Reciprocidades Vitalícias Bionianas** agrupadas:

- ♀ ⇔ ♂ ⇒ Expulsão ⇔ Impulsão
- PS ⇔ D ⇒ Fragmentação ⇔ Integração
- PP ⇔ PR ⇒ Acção ⇔ Reflexão
- Transformação ⇔ Simbolização

De modo que, o processo de desenvolvimento adolescente deverá ser subjugado a este conjunto de reciprocidades bionianas como meio de integração, crescimento e expansão mental, as quais, porque sempre à disposição do sujeito, se podem e devem usufruir enquanto princípio vital criador e renovador.

No entanto, o autor alerta para o facto de que só por intermédio do importante mecanismo de **Identificação Projectiva (IP)** é que se desenvolve exponencialmente o pensamento e, assim, abre-se caminho à construção do objecto (Bion, 1963/1984).

Melanie Klein, precursora deste conceito, considerava a Identificação Projectiva enquanto mecanismo primitivo (de ordem regressiva), mas fundamental ao desenvolvimento emocional do sujeito, que consistiria na fantasia onipotente de que partes não desejadas dos objectos internos poderiam ser dissociadas dos mesmos, e projectadas sobre um objecto externo, no qual eram controladas (León Grinberg, 1976/2001; Segal, 1973/1975).

É consensual que o mecanismo de Identificação Projectiva é o veículo pelo qual *“partes do Self são clivadas e projectadas dentro de outra pessoa, de forma a libertar o Self das suas partes persecutórias, as quais ameaçam destruir por dentro o próprio”* (Amaral Dias, 1988, p. 173).

De acordo com León Grinberg (1976/2001, p. 66) a Identificação Projectiva caracteriza-se *“pela dissociação e projecção ulterior de partes do Self e dos objectos internos no interior dos objectos externos”* e diferencia-se da projecção *“pelo facto de os conteúdos desta última serem predominantemente ideias, afectos ou qualidades abstractas, enquanto que na IP os conteúdos se referem a aspectos mais concretos,*

partes dissociadas do Self, etc.”, para além de que a IP “*tende a libertar a mente desses aspectos evacuados que são vividos como se existissem no interior do objecto externo*”.

A Identificação Projectiva assume um lugar de destaque no processo de formação de símbolos inerente ao processo de pensamento, por isso, se for utilizada de uma forma adequada e equilibrada, facilita a expansão e o crescimento mental do sujeito.

Neste contexto, Bion distingue dois tipos de Identificação Projectiva: a **Identificação Projectiva Realista**, “*estruturante e indispensável para enfrentar a realidade*” porque expressa a existência do objecto externo na realidade, aspectos que permeabilizam a comunicação humana; e a **Identificação Projectiva Excessiva**, com um excesso qualitativo e um quantitativo devido “*às características da ilusória força mágica da onipotência e de uma fragmentação dos aspectos de Self que são projectados*” (cit. in Zimerman, 1999, p. 130).

Desta sorte, e em paralelo a todo este **processo de integração do Eu e do Objecto** por ocasião da elaboração da posição depressiva, detecta-se o surgimento de determinados processos de defesa organizados e sintonizados com a autonomização do sujeito e, portanto, catalisadores de defesas específicas (como por exemplo a negação), então detentoras da missão de extermínio das experiências de dependência anteriores, nomeadamente a relação materna dependente (Amaral Dias, 1988) – trata-se de um **processo transformacional**.

Bion (1965/1991) concebeu, exactamente, o **Modelo das Transformações** como um modelo exponencial em relação ao crescimento global do sujeito e, portanto, deveras importante no contexto do processo adolescente. Processo que, pelas suas características específicas, abarca, certamente, os pressupostos inerentes a este Modelo evolutivo e transformacional do sujeito num *outro sujeito*, de novas características, de novas realidades, de novas qualidades objectais e relacionais, de novos interesses e expectativas, de novas simbologias.

Por *Transformação* entende-se “*acto ou efeito de transformar; mudança de forma; metamorfose; evolução; alteração; reforma*” (Costa & Melo, 1952/1999, p. 1620), ou significa ainda “*formar para além de*” (Zimerman, 2004, p. 166).

Segundo Bion (1963/1984; 1965/1991), todo o Processo de Transformação (T) resulta de uma vivência emocional, processada mentalmente, e é geralmente

composto por quatro elementos fundamentais: um estado ou facto inicial desconhecidos e icognoscíveis (*O*), um mecanismo de acção que produz a transformação (*T alfa*), um produto final (*T beta*) e a permanência de algum grau de *invariância*.

Neste contexto, poder-se-ia propor a concepção do processo de transformação do adolescente por intermédio da definição desses mesmos elementos: *O* seria a adolescência; *alfa* seriam os diversos conflitos subjacentes ao mundo interno e ao mundo externo; *beta* seria o ser face ao outro (composto por um Eu inter- e intra-subjectivo final); *invariantes* seriam alguns traços resultantes das experiências da infância.

Bion considerou que a mais dramática das transformações seria a ***Mudança Catastrófica***, transformação esta que, além de, e segundo o autor, poder comportar todos os outros tipos de transformações (Zimerman, 2004), integra, sem margem para dúvidas, o processo de transformação adolescente.

Em sintonia com Bion (1965/1991), a mudança catastrófica significa “o conjunto de acontecimentos que têm lugar aquando do aparecimento de uma ideia nova” (e portanto numa situação de mudança) a qual “contém em si uma *disrupção*, associada a três características fundamentais: *violência*, *invariância* e *subversão do sistema*” (Amaral Dias & Fleming, 1998, p. 27).

Desde já, importa esclarecer tais conceitos:

- ***Violência*** – relativa aos momentos de crise aguda que ocorrem durante o período de mudança catastrófica, dotada de transformações de tal forma profundas que indutoras de grande dor mental (Amaral Dias & Fleming, 1998).
- ***Invariância*** – qualidade oriunda do conceito de invariante que designa “um elemento imutável comum a todas as formas” (Zimerman, 2004, p. 166) e, pluralmente, os “elementos responsáveis pelo aspecto inalterado da transformação” (Bion, 1965/1991, p. 11). O que quer dizer que, independentemente das transformações ocorridas, existem sempre vestígios imutáveis, resquícios originais, marcas psíquicas eternas, que poderão ser melhor ou pior reconhecidas, consoante o tipo de transformação ocorrida.

- **Subversão do Sistema** – diz respeito à verdadeira transformação que “*não se caracteriza por uma acumulação de conhecimentos (...), mas por uma forma mais total de conhecer e apreender a realidade, e em que o sujeito mais do que saber acerca de, se acerca a ser de (...)*” (Amaral Dias & Fleming, 1998, p. 29).

Quanto à palavra **catástrofe**, esta é oriunda da Grécia: *Katos* (para baixo) + *Strophos* (virar, voltar), o que sugere desastre ou algo parecido, todavia, na concepção Bioniana, o conceito de catástrofe é definido como um “*movimento psíquico positivo e evolutivo de crescimento mental, não obstante, muito sofrido; (...) um estado psíquico que Bion denomina como turbulência emocional, que pode ser tanto mais forte quanto mais psicótica for a personalidade do paciente*” (Zimmerman, 2004, p. 170).

Ora, “*na medida em que a catástrofe atinge o arsenal de teorias sobre que se apoia, surge a necessidade de representar duas transformações, a pré- e a pós-catastrófica*” (Bion, 1965/1991, p. 21).

Na *Fase Pré-Catastrófica* não se identificam mudanças perceptíveis, constata-se antes a manutenção de uma violência teórica que não passa de um equivalente ideativo, enquanto que na *Fase Pós-Catastrófica* o equivalente ideativo, agora ausente, dá lugar a reais experiências violentas e, então, a mudanças perceptivelmente reconhecíveis (Bion, 1965/1991).

Assim sendo, “*a mudança é mutação violenta, e de sentimentos violentos, violentamente expressos, na fase nova. O estado de emoção violenta (...) análogo a uma explosão, comunica (...) reacções de tal superestimulação de objectos internos que, desse modo, desencadeiam ampla externalização destes*” (Bion, 1965/1991, p. 19).

Neste sentido, o termo de mudança catastrófica, aplicado às situações em que se instaura uma repentina e brusca mudança (da qual a adolescência é exemplo), indutora de uma revolta e de uma destruição do sistema anteriormente ordenado (do qual pode ser exemplo a infância) e, portanto, de uma evasão emocional de tal forma avassaladora, que provoca uma pesada turbulência emocional e uma profunda dor mental.

Nesta acepção Bioniana, pode-se depreender que *vir a transformar* é, na verdade, *vir a ser o que realmente se é* (interna e externamente), processo este que envolve a forma mais dolorosa de sofrimento (*suffering*), visto implicar esta mudança catastrófica e a aprendizagem pela experiência.

Ora, no processo adolescente acontece isto mesmo: dá-se um processo de transformação, que se expressa não só pela mudança catastrófica, como também pelas aprendizagens pelas experiências, ambas portadoras de um acentuado sofrimento, que pode chegar ao limiar psicotizante do aparelho psíquico (deveras confusional, turbulento e regressivo) enquanto garante do crescimento e da (re)construção de um novo sujeito.

Não obstante, o trabalho de transformação da realidade interna e da realidade externa do sujeito só se concretiza mediante a presença de uma pele psíquica, ou seja, pela influencia exercida pela *barreira de contacto* – concepção definida por Bion como resultante “do conjunto formado pelos elementos α , que demarcam a fronteira de contacto e de separação entre o consciente e o inconsciente, (...) uma membrana permeável, que impede que a fantasia prevaleça sobre a realidade” (Zimmerman, 2004, p. 79).

Dela, faz parte integrante uma *visão binocular*, de cunho bifocal, por si detentora do imprescindível poder de confrontação, correlação, comparação e diferenciação entre dois pontos, manifestamente distintos, pelo que aprova no sujeito a capacidade de conhecer e de transformar cada um dos vértices que desenham e convergem às arestas das experiências emocionais, localizando-se entre um lado e o outro, entre o dentro e o fora, e assim, alimentando o percurso em direcção ao pináculo do crescimento mental (Bion, 1962/1984).

Deste modo, a barreira de contacto (caracterizada por uma tal visão binocular), demarca o ponto de aproximação e de separação, de coerência e de aglomeração, ou mesmo de correlação, entre os elementos conscientes e inconscientes (mediados pelo pré-consciente), distinguindo-os fazendo operar sobre eles um processo selectivo de uns em relação aos outros (Bion, 1962/1984).

Privilegiando o pensamento em detrimento da acção, a barreira de contacto permite ao sujeito concretizar o desejo de se diferenciar e de se (re)ligar, através de um movimento alternativo entre a realidade interna e a realidade externa, o dentro e o fora, o afecto e a representação, o consciente e o inconsciente, o Eu e o Outro,

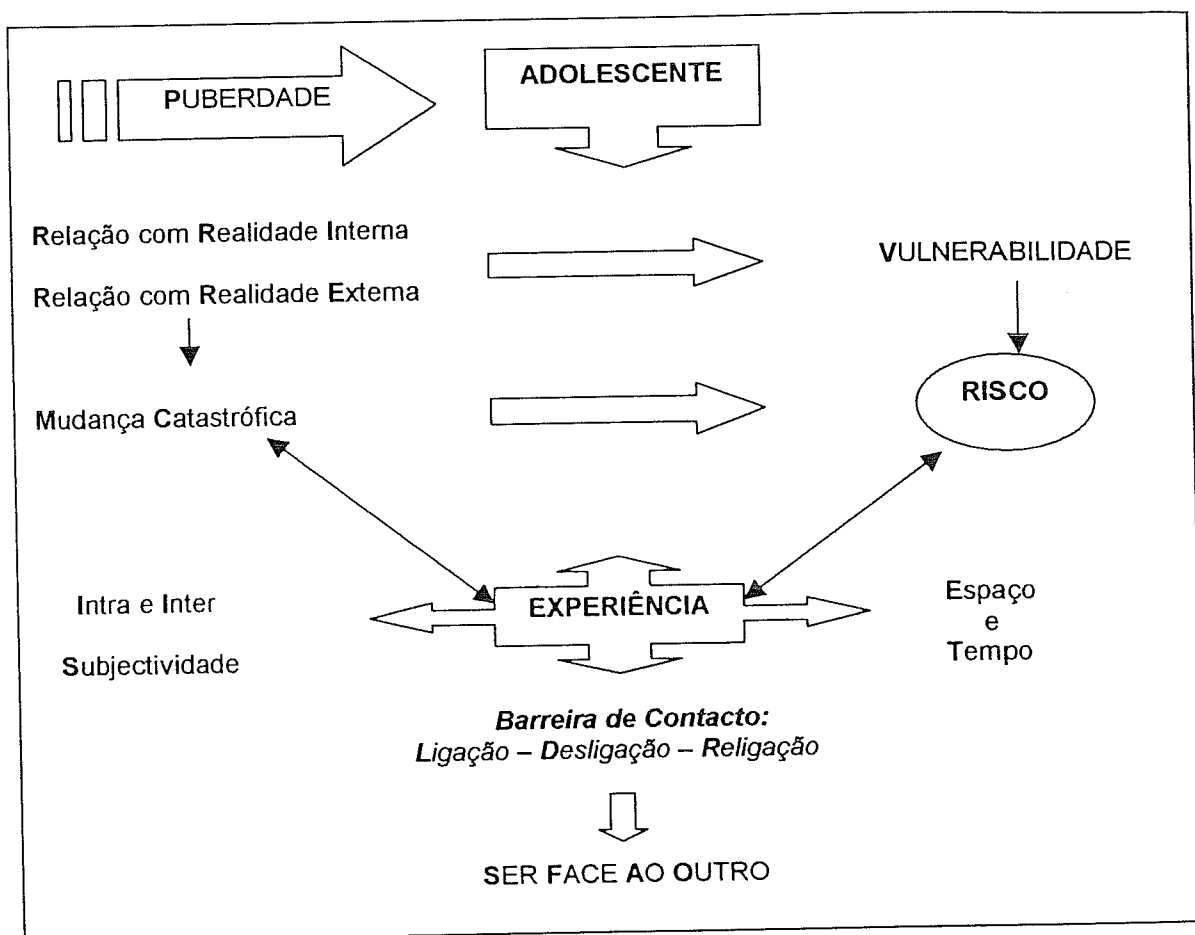
movimento impregnado pela clivagem e pela identificação projectiva enquanto processos, também eles oscilatórios, entre momentos de distanciamento, separação e diferenciação, e momentos de aproximação, fusão e indistinção, mas propiciadores das novas integrações e construções desejadas, resultantes da (re)ligação e da (re)criação.

A este respeito, Marques (1999, p. 280) explicita que *“actuando e transformando(-se), a barreira de contacto, funcionando entre o interior e o exterior, o sujeito e o objecto, o inconsciente e o consciente, arrasta o exercício da visão binocular, que dá origem e cria novos objectos – internos e externos. São, então, (re)criados os objectos e o sujeito, com novas qualidades e atributos, como produto/produtores das mudanças e das transformações”*.

Mais, olhando para a concepção bioniana (1963/1984), é-nos dado a perceber que *transformar é simbolizar, e simbolizar é transformar (Transformar ⇔ Simbolizar)*, outra reciprocidade, também essencial ao processo adolescente, o qual é detentor de uma *pulsão epistemofílica* inata ao sujeito e estimuladora do desejo de conhecer e de se vir a conhecer na e a realidade, na e a verdade e na e a vida que o abarcam, forças impulsionadoras de uma busca activa, dolorosa e incessante.

Esta realidade do adolescente, portador de uma tal estrondosa e estonteante pulsão, indutora de transformação porque em busca da verdade do próprio e do sentido de si, porque em busca de novos vínculos de conhecimento, exige a significação de si para si. Face ao que importa frisar que *“significar é função de amor por si, ódio de si, e saber de si”* (Bion, 1965/1991, p. 83).

Finalmente, e com base em toda a revisão literária apresentada, sentimo-nos aptos a apresentar a *nossa pedra angular*, o *nosso olhar final*, inerente ao processo de desenvolvimento adolescente:



Quadro 3: O Nosso Olhar Sobre o Processo de Desenvolvimento Adolescente

Este *olhar* retém determinados elementos das várias concepções já explicitadas mas que aqui se reorganizaram mediante um esquema de compreensão dinâmica do processo de desenvolvimento adolescente.

O romper pubertário e genital (aspecto consensual na universalidade de autores) transforma abruptamente a criança num **adolescente** (um **Eu-Outro**) que se vê e se sente como um *alien* à beira da ruptura com o interno e com o externo anteriores, sem certeza dos posteriores e concentrado num presente desconhecido e imprevisível.

A **puberdade** é, assim, responsável pelo início de um novo ciclo, portador de importantes, mas dolorosas, mudanças corporais e pulsionais, as quais encetam um

processo de separação, de identificação e de individuação, que exige a perda do Eu parental anterior, isto é, exige o luto das imagos parentais a par do desinvestimento dos vínculos da infância, para que novos e renovados vínculos se possam criar, simbolizar e assimilar.

Deste romper pubertário e genital, deveras inquietante para o sujeito, sobressaem dois vértices principais: por um lado o **relacional** (aspecto comumente negligenciado pela maioria das concepções teóricas existentes) e por outro lado o **transformacional** (enquanto motor de crescimento mental e não motor de desorganização, como a generalidade dos autores tende a afirmar).

O **vértice relacional** reparte-se entre a **relação com a realidade interna** e a **relação com a realidade externa** – as quais, por sua vez, indagam um conjunto muito alargado de contrários (que podem obrigar à efectuação de escolhas extremadas), dos quais fazem parte o interno e o externo, o dentro e o fora, o sujeito e o objecto, o infantil e o adulto, o imaturo e o maduro, o masculino e o feminino, o conhecido e o desconhecido, o presente e o ausente, o bom e o mau, e que introduzem uma **vulnerabilidade** considerável face à sua confrontação, elaboração e integração.

O **vértice transformacional**, inter-cruzado por e com esse mesmo conjunto alargado de mudanças, indutor de um sentimento de inquietante estranheza, concentra-se na **mudança catastrófica**, mudança esta subjugada ao corpo (corpo estrangeiro), ao intelecto, ao psíquico, ao relacional e ao social e dotada de poder dinâmico entre o que continua e o que não continua, entre o que se integra e o que se dispersa, entre o que foi, o que é e o que ainda virá a ser – de onde sobressai uma componente de **Risco** influída no sujeito (já detentor de vulnerabilidade), permanentemente confrontado com dilemas conflituais, com os limites internos e externos, relacionais e objectais.

Em todo este conjunto, a **Experiência** constitui-se como um elemento central e fulcral que se inter-relaciona com todos os outros, recebendo e devolvendo, construindo, destruindo e reconstruindo, e por intermédio da qual se concretiza a aprendizagem e, posteriormente, o crescimento mental do sujeito.

Contudo, a expansão do pensamento só é conseguida através da aplicação da *fórmula* de Reciprocidades Vitalícias Bionianas:

- ♀ ⇔ ♂ ⇔ Expulsão ⇔ Ingestão
- PS ⇔ D ⇔ Fragmentação ⇔ Integração
- PP ⇔ PR ⇔ Acção ⇔ Reflexão
- Transformação ⇔ Simbolização.

A experiência, exige um **espaço** e um **tempo**, de qualidade e de intensidade variáveis, de balanceamento entre o que continua, o que fica pendente e o que fica para trás, de vivência tanto do e no próprio, como de, com e no Outro, tanto ainda de elaboração de processos vários que libertarão (ou não) o sujeito das dependências anteriores (processo de autonomização).

Por um lado, e perante a confrontação com o parental e com o infantil, desenrola-se o **processo de separação-indivuação** em direcção “à aquisição da autonomia, à consolidação e à estabilização psíquica”, ilustrada pela “*criação de novas estruturas que irão conduzir a uma nova identidade e alteridade, coerentes e bem delimitadas, que se constroem reciprocamente*” (Marques, 1999, p. 270).

Por outro lado, a ruptura alargada do sistema de identificações objectais, propiciadora de uma acentuada fragilidade interna e externa (que ainda assim é essencial ao processo de transformação adolescente), impulsiona um movimento de desacreditação dos objectos infantis (passivos e obedientes), os quais deixam de exercer poder junto do sujeito, que encontrando-se em processo de construção de uma **auto-imagem** (de uma idealidade corporal e de uma sexualidade definida, masculina ou feminina), significa-a e enriquece-a por intermédio do, agora, novo objecto de amor, dotado de irreverência e vitalidade.

Implicita neste mapa processual, a experiência possibilita, exactamente, um movimento balanceado de auto-criação de um **Ser** e de um **Fazer**, que se vão (re)relacionando, (re)criando, (re)transformando e (re)construindo por intermédio de uma diferenciação progressiva experiencial e simbólica, do mundo interno e do mundo externo, de eu e do e com o outro, alcançando uma **Intra- e inter- subjectividade** face ao próprio, de si para si, de si para o outro e do outro para si, que se afloram como

fulcrais à prossecução ou eliminação de todos os ajustamentos e ponderações resultantes das díspares experiências emocionais em curso nesse tempo e nesse espaço.

Importa aqui salientar que a dimensão nuclear da Experiência, intensamente dolorosa, turbina de todas as essências a ela ligadas, desligadas ou religadas, detém a responsabilidade pelo surgimento de uma nova e fortificante **barreira de contacto**, uma pele psíquica, espera-se, resistente, entre o dentro e o fora, entre o consciente e o inconsciente, entre o antes, o agora e o depois, veículo de novas experiências (ora boas ora más, sendo que as más poder-se-ão constituir como *boas sobre as boas*, porque mais consistentes e indutoras de real mudança) que enriquecerão o sujeito e lhe permitirão significar o novo e re-definir a sua *matriz* relacional ♀♂.

Esta barreira de contacto, dinâmica e permeável, implica e digitaliza os processos de **Ligação – Desligação – Religação**, segundo os quais ora se instala a confusão, ora se procede à simbolização, mas sempre em busca do equilíbrio do desequilíbrio vivido, entre o interno e o externo, uma (re)construção do Objecto total e do Ego total.

Com a certeza de que, a partir da activação de todos estes mecanismos processuais, culmina-se obrigatoriamente no auge do **Ser Face ao Outro**, com novas qualidades internas e externas, relacionais e objectais.

Ao longo deste trabalho, o *nosso olhar* deseja incidir vincadamente sobre os processos de mudança, de transformação, de integração, de reconstrução e de recriação firmados no **Processo Adolescente**, que exigem “*amar quer o que se é, quer o que se foi, quer o que se gostaria de vir a ser*” (Marques, 1999, p. 277).

2.2. O Risco No Adolescente – Que Parâmetros De Risco?

Este capítulo destina-se, por um lado, à exploração do conceito de risco inerente ao processo de desenvolvimento adolescente e, por outro lado, à discussão de determinados parâmetros de risco relativos ao processo de desenvolvimento adolescente, neste momento construídos e especificados a partir de uma reflexão alargada e suportada nas concepções teóricas que se revelaram detentoras de maior abrangência e solidez ao longo da revisão literária elaborada a esse respeito, como meio de um aprofundamento compreensivo dos processos psicológicos do sujeito - adolescente.

2.2.1. O Risco de Olhar o Risco no Adolescente

A palavra *risco*, é utilizada em múltiplos contextos, desde o educativo, ao social, ao arquitectónico, ao artístico, ao psicológico, ao patológico, ou outros, podendo inserir-se em todos eles por meio da adopção de diferentes significados.

Daí que no dicionário da língua Portuguesa o *risco* seja definido ora como “*traço, sulco, traçado, delineamento, plano, planta, modelo*”, ora como “*possibilidade de um acontecimento futuro e incerto, perigo (...)*” (Costa & Melo, 1999, p. 1440).

Em nossa investigação, o *risco* insere-se globalmente num contexto psicológico, a propósito do qual, habitualmente, se postula uma correlação com um dado comportamento, então considerado **comportamento de risco** nas situações em que se verifica “*uma acção (ou uma ausência de acção) de acontecimentos não desejados*” (in Doron & Parot, 2001, p. 673). De acordo com o que uma situação só poderia ser considerada de risco se o sujeito nela implicado tivesse percepção consciente das possibilidades de perda ou de acontecimentos indesejados.

Com frequência se assume que “*a tomada de risco ocorre quando a desejabilidade da alternativa arriscada (o benefício esperado) é superior ao custo desse comportamento*” que, por sua vez, se pode dever a factores tão diversificados como “*a influência de pressões normativas num dado grupo social (...)* ou a uma sub-avaliação das probabilidades de perdas” (in Doron & Parot, 2001, p. 673).

In Doron e Parot (2001, p. 673), aparece a atribuição à noção de risco um elevado grau de complexidade, a qual, segundo os autores, pode ser aliviada através da identificação e da compreensão de dois aspectos fundamentais: “a *probabilidade de ocorrência da consequência (a sanção ou o ganho) e a natureza desta consequência*”, ou seja, importaria perceber se a passagem ao acto auferia de algum ganho real ao sujeito, o que justificaria, em parte, a sua acção, ou, contrariamente, alguma perda significativa ou mesmo algum tipo de punição a exercer sobre o acto efectuado e, portanto, nenhuma justificação, pelo menos consciente, para o acto ocorrido.

Para além disso, são, ainda, apontadas duas perspectivas, consideradas essenciais à **análise das tomadas de risco** (in Doron & Parot, 2001):

- ① uma perspectiva segundo a qual o sujeito não conhece nem domina todas as características do problema;
- ② uma perspectiva segundo a qual o sujeito conhece todas as características do problema, mas ainda assim, actua independentemente do risco eminente, visto encontrar-se sobre o efeito de uma ruptura do seu equilíbrio moral.

Ao pensar-se em conduta ou em comportamento de risco, de imediato se inferem inúmeras associações, vulgares no *senso comum*, as quais tendem a considerar as condutas e os comportamentos de risco (por nós, aqui vistos e sentidos como perigosos e ameaçadores à integridade da sociedade) ancorados a fenómenos anti-sociais, à toxicoddependência, ao alcoolismo, à prostituição, à delinquência, entre outros.

Muitos acreditam há o colocar-se em situação de risco como forma de alcançar importância social, estatuto digno (assim o julgam!) de reconhecimento e de valorização de si próprio face aos outros, sem que se apercebam do que está eminentemente a acontecer por dentro e por fora de si mesmo. Já outros, ingressam em condutas de risco em consequência das suas conjecturas bio-psico-patológicas.

Mas acrescentemos-lhe o espectro desenvolvimental sobre o qual se orienta o corrente estudo: **o processo adolescente** – em vez de se considerar o sujeito psicológico em geral, em potencial situação de risco, pretende-se afunilar a compreensão a um período específico, o período de desenvolvimento adolescente,

facto que transforma a potencial situação de risco, devido ao conjunto de pressupostos que o processo de desenvolvimento adolescente envolve.

Existe uma diversidade alargada de autores que acredita que a adolescência é o período durante o qual ocorrem um maior número de transgressões e, portanto, de comportamentos de risco. Apontam-se, sobretudo, as situações de grupo como as de maior temor e detentoras de elevado perigo, não só para os próprios sujeitos que fazem actuar o risco, como para os que deles se poderão aproximar e sofrer danos explícitos.

Cruzar **adolescente** e **risco**, dá lugar a uma representação psicológica e social (ainda, por de mais habitual) de tal forma exacerbada em relação ao perigo que daí pode decorrer, que se acredita que muitos desejarão, com certeza arduamente, o enclausuramento de tais potenciais *perigosos criminosos em crescimento*. Portanto, estar-se-ia a punir, à partida, o adolescente, unicamente, por ser adolescente.

Se, por um lado, e frequentemente, se exige ao adolescente responsabilidade, autonomia, inserção e participação activa nos meios familiar, social e profissional, então, e por outro lado, para que ele assuma tais pressupostos, obriga-se o adolescente a vivenciar e a experimentar o risco neles implicado. Logo, como é que se poderá exercer punição sobre aquele a quem se exigiu a concretização de um acto (a ele desconhecido) que à partida se vai punir? Suportados na obediência do adolescente à demanda colocada?

Pois... (comentariam muitos!) Sem dúvida que, a aplicar-se, a punição seria, certamente, desviada de sujeito!

Com isto, apenas se pretende reflectir sobre uma questão que se vem sentindo como pertinente: Como é que se poderia, algum dia, retirar ao sujeito em processo de transformação adolescente, a essência do seu crescimento? Sim, porque o risco constitui, inevitavelmente, uma dimensão preponderante ao processo de desenvolvimento adolescente.

No entanto, e à semelhança do que se pode constatar ao nível das concepções teóricas acerca do processo de desenvolvimento adolescente, o risco também apresenta profundas negligências conceptuais, visto persistir uma *tendência para olhar o risco isoladamente* e subordinado às suas expressões externa, motora e sintomática, atribuindo-se-lhe imediato valor diagnóstico e, invariavelmente, um sinal de alerta

máximo (mesmo que se trate de uma dimensão de risco normalizada e esperada), ignorando-se a actuação interna do risco.

O risco não detém exclusividade externa, a sua acção não é a única via de externalização, o pensamento também se pode constituir enquanto tal.

Por isso, temos como objectivo focalizarmo-nos no atentar às implicações internas e externas do Risco, à sua contextualização, à sua significação, ao seu sentido e à sua integração, junto do processo de desenvolvimento adolescente, sem que ele próprio ou alguma das suas expressões, sejam por nós desprezados.

É o Risco (que aqui entendemos como **transgressor de limite interno e externo**) que permite ao **Adolescente** (atolado de polaridades contrastantes e excitantes entre o dentro e o fora, neste tempo e neste espaço, ilimitados), experimentar, descobrir, viver, vivenciar e integrar os seus novos sentidos e sentires, originando mudança, transformação, crescimento e (re)criação de si para si e consigo, de si com e do outro, e o inverso (Marques, 2005).

Ao mesmo tempo que decorre o processo de ligação-desligação-religação no interior e no exterior do adolescente, pressente-se o limiar desejado em que o mesmo se encontra, num jogo de uma singular elasticidade escorregadia e balanceante, onde se observa o risco eminente em cada aposta que se faz, por cada jogada a que se é obrigado ou se obriga, mas crucial ao crescimento e à (re)criação do próprio.

Deste modo, postula-se a inserção do risco enquanto dimensão e, ele próprio, processo fundamental, inerente à dinâmica relacional, transformacional, de crescimento e de (re)criação do processo de desenvolvimento adolescente, processo de continuidades e de descontinuidades que, no final, analisa o que deixou para trás, o que conquistou durante, e o que fica para sempre.

Só o transgredir e o experimentar o risco é que dão corpo à descoberta do que se ama e não se ama, do que se agride e não se agride, do que se quer e não se quer, do que se sabe e do que não se sabe, e sobrevivendo numa situação de catástrofe, permitem encontrar, (re)descobrir, (re)construir e (re)innovar o próprio, indivíduo singular e uno, em construção de um Ser face ao Outro (Marques, 2005).

É curioso perceber que a dimensão do risco centra-se na luta que o adolescente trava para que *tudo* mude, receando a não-mudança, e/ou para que *nada* mude, temendo a mudança.

Paradoxalidades extremadas, que conferem identidade máxima ao processo de desenvolvimento adolescente, de facto impresso num pensamento e numa comunicação paradoxais, responsáveis pelo funcionamento intra e inter psíquico do sujeito, mediante uma lógica catastrófica, conflitual e de contradição interna e externa, entre o dentro e o fora, entre consciente e inconsciente, entre racional e irracional, entre o saber que *se corre o risco* ou o ser indiferente face a tal constatação, em resposta ao que o adolescente pode expressar comportamento de risco (Marques, 2005).

Segundo Freud (1911), estar-se-ia perante o domínio do Princípio do Prazer sobre o Princípio da Realidade: PP \Rightarrow PR, de onde se depreenderia um aumento da Acção e um decréscimo da Reflexão.

No entanto, e porque Bion reformulou a relação entre o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade, ao invés de uma sequencialidade directa, trava-se uma simultaneidade interactiva permanente e recíproca, a qual se insere no *conjunto das Reciprocidades Vitalícias Bionianas*: entre continente e conteúdo, descodificados pela interacção entre Expulsão e Impulsão; entre Posição Esquizo-Paranoide e Posição Depressiva, continuadas pelo intercâmbio entre Fragmentação e Integração; entre o Princípio do Prazer e o Princípio da Realidade, então prolongadas pelo interactividade entre Acção e Reflexão; e finalmente entre Transformação e Simbolização – as quais, em sua totalidade, merecem ser interceptadas com o risco.

Daqui se percebe que a paradoxalidade e as plurais conflitualidades despistadas, a verificarem-se no processo de desenvolvimento e de transformação adolescente, são absolutamente necessárias ao processo de crescimento mental do sujeito, que necessita de aprender por intermédio da experiência (nomeadamente as catastróficas, visto permitirem o acesso à posição depressiva).

São os movimentos pendulares entre um lado e o outro, entre o introjectável e o exteriorizável, que nos dão conta das mudanças catastróficas, das transformações e das (re)ligações sucessivas, em busca de novos objectos, novas relações e novas construções.

O que não invalida que junto do sujeito, em processo de desenvolvimento adolescente, não surja uma dolorosa situação de catástrofe (indutora de caos) de aumento da acção, da expulsão e da fragmentação, em relação a um decréscimo da reflexão, da ingestão e da integração. Pelo contrário, a diferença centra-se na qualidade relacional existente entre esses parâmetros, que não constituem uma situação catastrófica estanque, inflexível ou amorfa, formam, isso sim, uma reciprocidade dinâmica que logo retorna a incrementar a reflexão, a ingestão e a integração face à diminuição da acção, da expulsão e da fragmentação.

Todavia, e atendendo a que o processo de transformação adolescente abarca a totalidade do sujeito, despindo-o em todos os seus patamares intra e inter psíquicos e cobrindo-o de tais polaridades contrastantes, importa reforçar que, ao mesmo tempo, impõe-lhe uma angústia muito intensa e de difícil gestão interna e externa mediante o caos que se instaura, pelo que o sujeito pode tender à impulsão do acto, por vezes fragmentado (daí o risco), enquanto mecanismo de defesa e de externalização da conflitualidade interna.

Panorama que posiciona o adolescente num trapézio de **acentuada fragilidade e vulnerabilidade**, detentora de sofrimento e dor mental, ora pelas rupturas objectais e relacionais, ora pelo balanceamento Eu-Outro, interno-externo, dentro-fora, real-irreal.

Globalmente, toda e qualquer problemática de risco que o adolescente possa vir a expressar no decorrer do seu processo de desenvolvimento, resulta de uma dificuldade que aqui se sente como basilar em relação com todas as outras: a afirmação de si enquanto sujeito de desejos e projectos próprios e unicamente seus, com um Ser e um Fazer diferenciados.

A este respeito, Manuel Matos (2005, p. 127) referiu recentemente: “(...) *o risco dos adolescentes é de nada guardar da sua infância ou não guardar o suficiente para os grandes desafios da vida*”, inclusivamente para os desafios que a própria adolescência lhes impregna.

Aos nossos olhos, para se compreender, captar e significar o *risco* neste contexto, torna-se imprescindível compreender, captar e significar o *actor* (aquele que actua, sente e faz sentir os fenómenos de risco) e o *espectador* (aquele que observa, sente, processa, exprime e determina o actor) em *cena*.

Assim, exige-se que, perante a ocorrência de comportamentos de risco (*dimensão externa*), se imponham as lógicas, os sentidos e os sentires internos e interpessoais (*dimensão interna*), não só dos actores/transgressores, como também dos espectadores/participantes, como ainda do contexto espacial e temporal aí implicados.

Cahn (1991) alertara para o que ele considera ser *o drama da adolescência*: o risco de “*se instalar*” uma problemática psíquica grave, que ainda que necessária ao desenvolvimento do adolescente, o coloque num patamar equivalente ao do adulto psicopatologicamente perturbado (no capítulo precedente explicitou-se esta analogia), sob o aparente *olhar* daqueles que classicamente o classificam enquanto tal. E dizemos aparente, porque se de um verdadeiro, real e atento olhar se tratasse, verificaria que, embora não se observem diferenças expressivas significativas, comparativamente às organizações psicopatológicas susceptíveis de se fixarem (nomeadamente as detentoras de mecanismos e processos defensivos de natureza psicótica), trata-se de uma problemática evolutiva subjacente ao processo de desenvolvimento adolescente, munido de um funcionamento psíquico ainda incompleto (por isso instável), que se distingue da problemática patológica da adultícia, provida de um funcionamento psíquico completo (por isso estável, mas de funcionamento arcaico).

Por isso, a emergirem no processo adolescente determinadas manifestações alusivas à patologia psicótica, estas não constituem mais do que um elemento promotor de crescimento, visto impulsionarem um intenso trabalho psíquico, delineador de uma neo-realidade, (re)estruturante e (re)criadora das conflitualidades e das rupturas internas e externas instaladas (como atrás se clarificou).

Porquanto, *o maior dos riscos* parece ser aquele em que nos envolvemos: o risco de, *ao olhar o risco no adolescente*, nos deixarmos imbuir em processos de compreensão dispersos dos que desejamos. Tranquiliza-nos saber que, a tomada de consciência do “*risco que correremos*”, desperta a nossa atenção máxima e obrigar-nos a um ainda mais cuidado trabalho de investigação.

2.2.2. Que Parâmetros de Risco?

Em razão de tudo quanto já foi exposto e examinado, até ao momento, propomo-nos, agora, à discussão de um **conjunto de parâmetros de risco** inerentes ao **processo de desenvolvimento adolescente**, que se têm vindo a proclamar ao longo das nossas palavras.

A necessidade da detecção e organização de determinados e específicos parâmetros de risco relativos ao processo adolescente é assumidamente urgente, uma vez que a compreensão dos processos psicológicos implicados nessas diferentes expressões de risco obrigam a uma tal sistematização.

Estes parâmetros de risco, aqui sustentados numa análise, numa correlação e numa integração de fundo teórico, pretendem delimitar um conjunto de grandes áreas, que estando todas interligadas entre si, porque comungam de reciprocidade, se salientam como processos de processos, detentores de conflitualidade e de incerteza, em relação aos quais importa saber dos processos psicológicos neles envolvidos e situar os mesmos no sujeito psicológico, isto é, no adolescente em transformação.

Os parâmetros de risco, constituindo compartimentos essenciais, por um lado, à captação, à compreensão e à significação dos processos psicológicos subjacentes ao adolescente, e por outro lado, à intervenção a efectuar em articulação com o sujeito psicológico, visto concentrarem o sumo do elixir adolescente, permitem-nos aceder ao seu modo de funcionamento e ao risco contido nas suas expressões: externalizada e/ou internalizada, motora e/ou afectiva, actuada e/ou reflectida, expulsa e/ou ingerida, fragmentada e/ou integrada.

Para a criação e a construção de tais **parâmetros de risco**:

1. inspirámo-nos nos **modelos teóricos** dos autores que no capítulo antecedente salientámos como preferenciais e de maior solidez conceptual - **Cahn e Bion**, a despeito do processo de desenvolvimento adolescente;
2. integrámos **o nosso olhar** sobre o processo de desenvolvimento adolescente, um olhar que fez convergir essas duas conceptualizações, num esquema de compreensão dinâmica do processo de desenvolvimento adolescente;
3. e por último, circunscrevemo-nos à marca de maior fluorescência na adolescência - a **polaridade contrastante**.

Momento a partir do qual nos deixámos à mercê das nossas criações internas e externas e da nossa expansão mental, em busca de contrários que pudessem ser sintónicos, de modo a constituírem-se parâmetros de risco tão paradoxais como muitas das expressões internas e externas do adolescente.

- **Ausência da Relação ♀♂, Presença do Nada**

A base de sustentação do sujeito subjuga-se à marca da ligação das relações ♀♂. Numa situação em que a relação ♀♂ seja ausente, o sujeito é incapaz de se ligar simbolicamente, o que provoca a evasão de um nada ameaçador. A relação ♀♂ inexistente imprime um Outro interno nunca criado, uma alteridade igualmente em falta e os processos para pensar aniquilados – como se de uma morte psíquica se tratasse – aspecto em que reside o risco. Um objecto interno ausente, ou mesmo precário, não se consegue dotar de representação psíquica, daí que apenas se identifique a representação de um nada sem contornos e sem preenchimento, assustador e terrificante para o sujeito que o experiência.

Nesta ocasião, o sujeito pode eventualmente recorrer à externalização, nomeadamente à exibição do objecto externo, na tentativa de dar vida ao imaginário (que não tem cor nem calor), por intermédio do corpo.

Perdeu-se o que nunca se adquiriu, portanto, em vez da perda, será mais o desconhecido, sem objecto, sem vínculo. Sem se saber ligar, permanece desligado, pelo que não há ligação entre uns e os outros (Cahn, 1991).

Este parâmetro de risco, a verificar-se no sujeito em processo de desenvolvimento adolescente, talvez se venha a revelar um dos que comporta maior perigo, porque a ausência da relação ♀♂ arrasta consigo demasiados pressupostos que poderão originar uma desintegração psíquica preocupante e carente de intervenção.

- Perda de Coesão Interna, Ganho de Vazio Interno

É a interacção específica e contínua entre todos os elementos que fazem parte integrante do sentimento de identidade que permitem o estabelecimento de um *sentimento de coesão interna* (base identitária), mas dentro de determinados limites que, aquando da ocorrência de situações de ruptura consequentes de modificações estruturais e relacionais, internas e externas, como é o caso do processo de desenvolvimento adolescente, poderão colocar em risco a sua continuidade, esperando-se que dêem lugar a transformações de aroma renovado e evolutivo, benéficas para o sujeito (Grinberg & Grinberg, 1976/1998). No entanto, o sentimento de coesão interna em risco de ser perdido, dá lugar a um vazio interno que pode tomar vários caminhos.

Sabe-se que todos os estados de funcionamento mental convergem à problemática da perda, só que subentendida em imagens de diferentes manifestações. O Risco do sentimento de eminente perda do objecto interno, a verificar-se no processo de desenvolvimento adolescente, correlaciona-se directamente com a problemática do vazio (Cahn, 1991).

O vazio interno identificado, dita de imediato uma lacuna objectal (sujeito sem objecto interno presente, porque perdido, não ausente, como no parâmetro de risco anterior) e uma indefinição de projectos, pelo que incorre no risco de dispersão e de perda de coesão interna, o que pode despoletar uma actuação externa do objecto em falta.

Face ao risco de perda de equilíbrio interno, o adolescente mobiliza determinados recursos e procura mover-se em direcção ao externo, como se de um regulador vivencial se tratasse, com o intuito de poder repor o interno em falta, pela actuação nesse externo.

Capacidade esta que depende da representação mental do objecto (símbolo) que é capaz de ligar o mundo interno e o mundo externo (também ligados entre si) com a fantasia e o pensamento (também conectados entre si) e ainda com o irreal e o real (também contactados entre si), conferindo, desta forma, ao sujeito, a capacidade de se ligar, desligar e religar (Cahn, 1991).

- Ruptura com o Interno, Ruptura com o Externo

O adolescente, imiscuído num caos interno e externo, numa situação de catástrofe acompanhada pelo sentimento de inquietante estranheza, propulsor do medo de destruição (Cahn, 1991), facilmente obtém *cartão de livre trânsito* para entrar em ruptura com a realidade interna e com a realidade externa, com a realidade objectiva e com a realidade subjectiva, saltando ríspida e frontalmente para um despir-se de alto a baixo, por dentro e por fora, ficando totalmente a descoberto, num apurado manjar de polaridades e lutas, a frio e a quente – elementos que compõe um quadro impressionista, que contribui para o risco de desligamento, patenteado pela dispersão que impulsiona a abertura descontrolada do espaço psíquico, mas sem perda da unidade psíquica e da coerência do pensamento.

Contudo, o risco de desligamento poderá dar lugar à possibilidade de verificação de um risco de superior grau de preocupação, o maior dos riscos: o risco de desintegração psíquica veiculada pela desfragmentação da vida psíquica, pela desarticulação do pensamento, resultantes da ruptura com a continuidade destruída.

A este respeito, convém entretanto referir que, a externalização dos conflitos pode, por um lado, equivaler ao pôr em cena, ao actuar o conflito interno, por meio de processos representacionais e simbólicos em movimento – situação de risco saudável porque potenciadora do processo criativo do pensamento; ou, por outro lado, equivaler ao agir, ao evacuar projectivamente o conflito interno, por meio de equações simbólicas – situação de risco elevado e preocupante, indiciadora de desintegração mental, que exige ser significada (tal como já se afirmara acima).

A partir do que, se alcança, ou não, o sentimento de autenticidade interna e externa, espelhadas, ou não, no rosto identitário do sujeito (Grinberg & Grinberg, 1976/1998).

- Ausência de Limites, Presença de Desejos

Uma das preocupações centrais do adolescente reside na indagação a que com frequência se coloca: *o que é que me é permitido e o que é que me é interdito?* Ora, só no experimentar se encontram essas respostas, daí que o principal limite a impor-se seja o limite do desejo, explanado no corpo e na relação. O desejo é, sem dúvida, limitado pela relação do pulsional com o corporal e simultaneamente com a moral, outrora instituída.

Deseja-se referir o limite que o sujeito consegue, ou não, definir de si para si, de si para o outro e inversamente. Este aspecto, quando não verificado, correlaciona-se com uma insuficiente fixação dos limites entre o corpo e o pensamento, entre o mundo externo e o mundo interno (Cahn, 1991).

Para além disso, intercepta ainda o que Cahn (1991) constatou a partir dos seus estudos: que a dimensão da experiência relacional travada com e pelo o adolescente evidencia claramente a dificuldade que o mesmo tem em manter a dita *“boa distância”* face ao outro ou até com ele próprio, colocando-se ora perto de mais (sedução e invasão abrupta do espaço do outro), ora longe de mais (total indiferença face ao outro), ora demasiadamente rigoroso (perigo da importância exacerbada atribuída à relação com o outro), ora excessivamente tolerante (diluição do eu em benefício do outro).

Limites indefinidos permitem uma indiferenciação generalizada que impede a subjectivação do sujeito – um risco considerável.

- Corpo Estrangeiro, Corpo Desconhecido

“Qualquer pessoa se sente inextricavelmente ligada ao seu corpo. Na medida em que uma pessoa percebe que está viva, sente que é real e substancial. Sentindo-se consubstanciada com o seu corpo, pode também aperceber-se da sua continuidade pessoal através do tempo e da continuidade das suas relações objectais e sociais que ocorrem durante o seu curso”, percebendo-se que “a noção de corpo é essencial para a consolidação da identidade do indivíduo” (Grinberg & Grinberg, 1976/1998, p. 41).

Logo, e porque nos meandros do processo adolescente surge crucialmente o corpo púbere, novo, desconhecido, estranho, turbulento e agitador - um corpo estrangeiro que envolverá um estrangeirismo da identidade (Cahn, 1991), é de pressupor a dimensão do risco face às mudanças corporais e pulsionais ocorridas, que podem dar origem ao domínio do risco, nas situações de total desespero, podendo mesmo não se reconhecer e/ou não se representar psicologicamente.

O corpo, de dimensão biológica e emocional, a constituir um corpo social permeia uma relação de espelho com o grupo de pertença, transformando o seu corpo à imagem do corpo do Outro – aspecto que pode comportar inevitavelmente uma dose de risco acrescida à anterior.

“Um corpo é sempre o corpo de uma pessoa e qualquer pessoa tem emoções, sentimentos, tendências, motivos e pensamentos. A percepção do corpo dos outros e da sua expressão da emoção é tão primária como a percepção do próprio corpo ou da própria expressão da emocional” (Grinberg & Grinberg, 1976/1998, p. 45) – resta-nos saber como é que cada adolescente sente, expressa e significa tanto o seu corpo e as suas emoções, como o corpo e as emoções do outro, e que risco neles estará, ou não, implicado.

O adolescente, frequentemente frente ao espelho, deve de se questionar: *“de quem é o corpo que vejo neste espelho? Será um corpo da infância ou um corpo do aqui e agora que é meu?”* – a incerteza entre o corpo pautado pelas ilusões da infância, ou de um corpo perdido, ou um corpo, ainda desconhecido mas em construção, ou de um corpo adulto.

- Identidade Falhada, Dependência Conseguida

A construção da identidade permite a auto simbolização, a (re)criação e a transformação, a sua inexistência não os permite, barrando, assim, ao sujeito, o seu crescimento mental e a hipótese de construção do Ser face ao Outro. Um Ser face ao Outro que exige a presença de um sentimento de identidade, reclamando assim *“(...) os elementos que entram em jogo para assegurar a semelhança do indivíduo consigo próprio”* e que *“contribuem para manter a*

diferenciação de cada indivíduo face aos demais e conferem-lhe o carácter de único” (Grinberg & Grinberg, 1976/1998, p. 21).

Sabendo-se que o sentimento de identidade, então necessário, é resultado do processo de interacção contínua entre o Vínculo de Integração Espacial, o Vínculo de Integração Temporal e o Vínculo de Integração Social (Grinberg & Grinberg, 1976/1998), então, pode depreender-se que, no processo de desenvolvimento adolescente, mediante a escalada conflitual e transformacional em curso, tais vínculos encontram-se em dinamização e consolidação constantes, pelo que se esperam determinadas manifestações de identidade falhada, mas ilusória, porque é antes a expressão do processo em construção.

Contudo, são passíveis de serem observadas algumas expressões de risco preocupantes, que denotam a precariedade e a falta de consistência desses mesmos vínculos: a dependência de um Outro, dependência por vezes neutralizada por meio de um aumento do actuar no exterior e da intensificação de defesas do tipo EP e maníacas (ou seja, está a individuação em risco); a dissociação entre o Eu do passado, o Eu do presente e o Eu do futuro, sem capacidade de integração, dando conta de uma clarividente dispersão (ou seja, a unicidade em risco); o sentimento de despartença porque ainda incapaz ora de sentir e/ou de identificar as suas raízes, ora de sentir e/ou de plantar as novas sementes referenciais (ou seja, o sentimento de pertença em risco).

Para além do que, a insuficiente autonomização do Eu constrói a incapacidade de libertação de uma relação sincrética com o mundo, ou seja, promove uma dependência do outro, geralmente de tonalidade confusa (Cahn, 1991).

O sujeito que não se autonomiza, apenas consegue satisfazer-se no mundo externo, colando-se à sumptuosidade dos objectos externos, agarrando-se aos conteúdos manifestos, recorrendo predominantemente a uma colagem ao banal e expressando um grande desejo de Ter. Já o sujeito que se autonomiza, busca um prazer interno e caracteriza-se por um desejo de Ser. O adolescente, porque em metamorfose, pode expressar tanto um como outro, ou até mesmo os dois, porque em percurso de oscilação entre ambos para selecção de um final a assentar.

- Sexualidade Activa, Integridade Passiva

Neste contexto, o risco passa pela sexualidade desmedida, utilizada enquanto acto experimental e de expressão do conflito intra e inter psíquicos, com o intuito de facilitar e alargar a descoberta ora do corpo estrangeiro (anteriormente ponderado), ora dos afectos contrastantes, ora dos limites internos e externos (também já referido), mas sem ponderação das consequências de tal acto, também dotado de agressividade e, então, revelador de uma integridade corporal e emocional passivas, porque portadoras de possíveis relacionamentos sexuais prematuros.

A propósito do que León e Rebeca Grinberg (1976/1998, p. 60) apontaram que *“nos momentos de maior confusão (como acontece maioritariamente no processo de desenvolvimento adolescente), voltam a surgir as incertezas em relação às diferenciações interno-externo, bom-mau, masculino-feminino (...)”* e ainda *“a confusão entre as zonas erógenas, unidas à confusão entre amor sexual e sadismo (...)”* a par da reactivação de comportamentos de cunho masturbatório, que arrastam *“uma forte tendência regressiva a abandonar a própria identidade e assumir a identidade de um objecto por intrusão nele”*, permitindo o acesso a angústias, por vezes, demasiado intensas para o adolescente, que então entra em risco de dispersão corporal, emocional, relacional e psíquica – por certo em choque com a sua integridade pessoal.

- Agressividade Actuada, Afectividade Pensada

No processo de busca daquele que realmente ele é, processo detentor de duras e violentas transformações, o adolescente sofre dolorosamente o caminho experiencial de crescimento pessoal, dando lugar a extravagantes, excêntricas e imponentes explosões emocionais e corporais, veiculadas por sentimentos e comportamentos, também eles muito violentos e brutais, utilizando a expressão motora enquanto instrumento de externalização, ou

seja, a agressividade em movimento como equivalente da verdadeira expressão do afecto internamente sentido (Bion, 1965/1991).

E ainda que necessária, a agressividade actuada, resultante da afectividade pensada, traça contornos vincadamente exacerbados, que colocam o sujeito no limiar excitante da vida e da morte, como se de um excipiente de efeito desconcertante se tratasse, elegendo o risco como estimulante das decisões a serem tomadas derradeiramente.

Nesse limiar dissipador, assiste-se à extenuante queda de uma espessa e cerrada chuva de escolhas extremadas entre o tudo e o nada, mas em que nem um nem outro são conseguidos, aceitáveis ou suficientes, avistando-se o risco de destrutividade.

- Incapacidade de Adaptação, Capacidade de Dispersão

Se o adolescente não conseguir mobilizar suficientes recursos intra e inter psíquicos, aptos a procederem à sua integração e à sua manutenção, capazmente equilibrada face ao caos despontado, inicialmente pela puberdade, e posteriormente pelo dilatado conjunto de processos de transformação inerentes ao processo de desenvolvimento adolescente, ou seja, na eminência de se observar desprovido da capacidade de adaptação à catástrofe instalada, então, não há possibilidade de equilíbrio interno, de onde se depreende uma fugaz situação de risco, consubstanciado ou na dispersão psíquica (de risco menor), ou na desintegração psíquica (de risco maior).

Enfim, são estes os parâmetros de risco passíveis de serem expressos nos protocolos Rorschach de adolescentes, para posterior reflexão e (re)significação dos processos psicológicos e do risco inerentes ao adolescente, em processo de desenvolvimento.

3. O MÉTODO

3.1. O(s) Objectivo(s)

O Objectivo Geral desta dissertação concentra-se no apuramento dos **processos psicológicos** que insinuam o **funcionamento intra- e inter- psíquico do sujeito adolescente** por meio do **Método Rorschach**.

Deste resulta um Objectivo Específico de condensação e de compreensão dos **processos psicológicos implicados nas expressões do Risco no processo de desenvolvimento adolescente, nos protocolos Rorschach**, exigindo-se, para o efeito, a reunião de um conjunto de procedimentos de investigação, dotados de especificidade conceptual e metodológica. Motivo pelo qual fica claro que o nosso Objecto de Estudo é o **sujeito psicológico**, dimensão específica da Psicologia Clínica.

Em razão do que se ramificam Sub-Objectivos, essenciais à satisfação dos primeiros, os quais se passam a apresentar:

- A expansão de um Referencial Teórico que dê lugar a uma resenha conceptual de autores, centrados no processo de desenvolvimento adolescente, fazendo sobressair aqueles que maior solidez exprimirem, abrindo caminho à sua reunião, numa composição unificada e dinâmica, que congregue um *Olhar* significado sobre o processo de desenvolvimento adolescente.
- O alargamento do conceito de Risco convenientemente explorado ao nível teórico, viajando sobre um mapa alargado e diferenciado de concepções e visões especulativas, prestando-se a uma desmistificação e a uma correlação do mesmo, com o processo de desenvolvimento adolescente, assumindo-se a inevitável e preponderante participação do risco na totalidade do Ser e do Fazer psicológico do adolescente.

- A fundamentação de uma proposta de conjugação dos organizadores do processo de desenvolvimento adolescente, previamente examinado, em complementaridade com o Risco, também anteriormente estudado, agrupados sob a designação de Parâmetros de Risco, de passível expressão nos protocolos Rorschach de adolescentes.

- A apresentação e definição do Método dominante neste percurso a que nos propomos, afirmando-se o único dotado de potencial para concretizar os nossos objectivos primordiais de aceder ao funcionamento psicológico do adolescente, a saber, o Método Rorschach, oportunamente subjugado à Psicologia Clínica. Apesar disso, importa proceder ao cruzamento do Processo de Desenvolvimento Adolescente com o Método Rorschach, por forma a fazer convergir a teoria e a técnica a utilizar no estudo dos parâmetros de risco inerentes aos protocolos Rorschach dos adolescentes.

- A adequação dos procedimentos de análise e de significação dos parâmetros de risco (já definidos) nos protocolos Rorschach de adolescentes, com o intuito de construção de uma grelha de análise dos protocolos Rorschach de adolescentes, especificada para os parâmetros de risco em consideração.

- A elaboração de uma Síntese ponderada e reveladora de tudo quanto se venha a identificar, compreender e/ou significar acerca da expressão do risco nos protocolos Rorschach dos adolescentes, enquanto veículo coadjuvante de uma minuciosa compreensão do funcionamento psicológico do adolescente.

- A Construção de uma Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes especializada nos Parâmetros de Risco inerentes ao funcionamento intra- e inter- psíquico do adolescente, facilitadora da compreensão aprofundada do funcionamento psicológico do adolescente.

3.2. O Instrumento: O Método Rorschach

3.2.1. Origem e Integração Histórica do Rorschach

É Erma Rorschach (1884-1922), natural de Zurique, na Suíça, que detém o galardão da criação do Teste de Rorschach. H. Rorschach especializou-se em Psiquiatria, na Universidade de Zurique (gerida por E. Bleuler, de quem foi aluno), tendo seguido a carreira de Médico sob a influência do biólogo Haeckel. Anteriormente, chegara a ambicionar a carreira artística, pois era deveras dotado para as artes gráficas e desenho (Anzieu, 1961/1986; Bénony, 2002/2005).

Mas, pelo que hoje se conhece, percebe-se que H. Rorschach nunca preferiu nenhuma em detrimento da outra, pelo contrário, sempre se dedicou, e até interceptou, as duas carreiras dos seus sonhos. E foi, precisamente, nos seus sonhos, que se precipitou o seu esforço por desmistificar os elementos essenciais da personalidade.

Concluída a sua tese médica, no domínio da psiquiatria, H. Rorschach alarga o seu campo psiquiátrico de compreensão da doença mental à Psicanálise, tanto que chega a implementar as técnicas psicanalíticas nos processos de cura dos seus doentes. É de referir que H. Rorschach nunca se submeteu a uma Psicanálise, mas frequentou o Grupo Psicanalítico de Zurique, entre 1909 e 1913, e foi o vice-presidente da Sociedade Suíça de Psicanálise, fundada em 1919, período em que se inicia a gestação do Teste de Rorschach (Anzieu, 1961/1986).

A dada altura, interessa-se pela psicologia religiosa, sendo em 1917 que propõe o seu Psychodiagnostik, embora só o termine em 1920, e se torne público em 1921, um ano antes da sua repentina morte, em 1922 (Anzieu, 1961/1986; Marques, 1999; Bénony, 2002/2005).

H. Rorschach, desde 1911 que, no âmbito científico, trabalhava, tratava e investigava clinicamente os seus doentes, através de manchas de tinta, tendo conduzido diversos estudos empíricos, uns com bons resultados, outros menos bons (para mais informações, consultar a obra de Anzieu, 1961/1986 e Bénony, 2002/2005).

H. Rorschach muito ficou a dever aos trabalhos de Leonardo Da Vinci no campo das formas fortuitas e às concepções associacionistas características da época, nos quais se fundamentou ao longo de todas as suas experiências.

De acordo com H. Rorschach, os seus cartões com manchas de tinta funcionariam como um espelho, onde os estímulos visuais activariam as imagens cinestésicas do sujeito que os observava, as quais seriam projectadas sobre a mancha e, deste modo, percebidas como reflexos emanados do espelho (Anzieu, 1961/1986).

Nessa época, H. Rorschach toma conhecimento e interessa-se pela obra de Mourly Vold sobre os sonhos (entre 1910 e 1912), da qual retém alguns dados importantes, sobretudo: o facto de a personalidade ser constituída por percepções cinestésicas e a constatação de que os sonhos, que ocorrem durante o sono, são fomentados pela repressão das percepções cinestésicas em estado de vigília (Anzieu, 1961/1986).

Então, H. Rorschach conclui que o símbolo surge pela intercepção dos conteúdos cinestésicos, descritos por Mourly Vold, com os conteúdos dinâmicos, descritos por Freud.

Curiosamente, em 1917, acede à Tese de Szymon Hens (estudante de Medicina na Universidade de Zurique), concluída nesse mesmo ano, que tinha como objectivo estudar a imaginação através da análise da resposta de um vasto número de sujeitos (de diferentes fchas etárias e de distintos estados mentais: uns ditos normais, e outros psicóticos) face a oito cartões com manchas de tinta. S. Hens apresentara na sua Tese algumas indagações finais, de grande pertinência e decisivas para a Obra de H. Rorschach, as quais se passam a citar: “certos sujeitos interpretam a mancha e outros somente detalhes – este facto terá algum significado? Todas as manchas eram em preto e branco – que resultados seriam obtidos com manchas coloridas? Este método serviria para o diagnóstico das psicoses?” (Anzieu, 1961/1986, p. 48).

Chegando a 1918, H. Rorschach concluiu 15 cartões com manchas de tinta (ou a preto, ou a preto e vermelho ou com várias cores) que integrariam o seu teste, os quais acabam por ser reduzidos aos 10 cartões mais utilizados pelo autor, devido a exigências por parte do único impressor que aceitou este desafio. Impressor este que, ao reduzir o tamanho dos cartões originais de H. Rorschach, modificou as suas cores ao nível da intensidade e da uniformidade que continham inicialmente, originando o que, mais tarde, se veio a denominar como o determinante Eshatimento (Anzieu, 1961/1986; Bénony, 2002/2005).

Entre 1918 e 1921, H. Rorschach prossegue as suas investigações acerca do teste, elabora a teoria do mesmo e conclui a sua Obra Psychodiagnostik, com o subtítulo de Teste Diagnóstico Baseado na Percepção, que fora publicada em Junho de 1921.

Assim sendo, o Teste de Rorschach resultou da convergência da especificidade da pessoa de H. Rorschach, dos seus dons artísticos e clínicos (nomeadamente no domínio da psiquiatria), da concepção associacionista que, desde Jung, predominava no seio da Psicanálise da época (início do Século XX) e da importância atribuída à psicopatologia e ao diagnóstico diferencial.

H. Rorschach transformou então o que, até à data, se apresentava como teste de imaginação, num Teste de Personalidade, consignado à percepção e dotado da capacidade de interpretar objectivamente as respostas de figuras em movimento, correspondentes à introversão do sujeito, e as respostas centradas na cor, correspondentes à extroversão do mesmo. Segundo Anzieu (1961/1986) estas foram, sem dúvida alguma, as marcas da originalidade de H. Rorschach na elaboração do seu Psychodiagnostik.

É de sublinhar que as concepções e os objectivos de H. Rorschach passaram, desde sempre, e independentemente do valor que atribuía às concepções psicanalíticas daquele tempo, pela identificação de diferentes tipos de personalidade e pela influência dos processos perceptivos sobre os primeiros. Daí que Bénony (2002/2005) lhe confira, exclusivamente, o estatuto experimental, atóxico e psicométrico, visto o seu objectivo central se limitar ao recolher de dados objectivos, para a finalidade do diagnóstico diferencial.

Mas tal assunção não lhe retira o reconhecido mérito que todos lhe atribuem!

Na verdade, H. Rorschach, homem soberbo e, segundo Anzieu (1961/1986), de personalidade cativante, sem estudos no domínio da Psicologia e na humildade do seu percurso profissional, sem aparatos envolventes, constrói o mais poderoso trunfo da Psicologia Clínica da actualidade – o Rorschach.

Não seria, com certeza, fruto do acaso, o apelido que H. Rorschach detinha desde estudante: Klex – borrão ou mancha de tinta!

3.2.2. O Material Rorschach

No intuito de utilizar o Rorschach em nosso estudo, pesquisámos atentamente os trabalhos de Anzieu (1961/1986), Chabert (1997/1998), Rausch de Traubenberg (1970/1990), Rausch de Traubenberg e Boizou (1999) e Marques (1999), procurando reagrupar e organizar as principais características do material Rorschach, de modo a conhecê-lo e aprofundá-lo da melhor e mais clara forma possível.

Por conseguinte, apresentam-se, desde já, as dez manchas Rorschach, para uma melhor visualização dos aspectos que ulteriormente se irão expor:

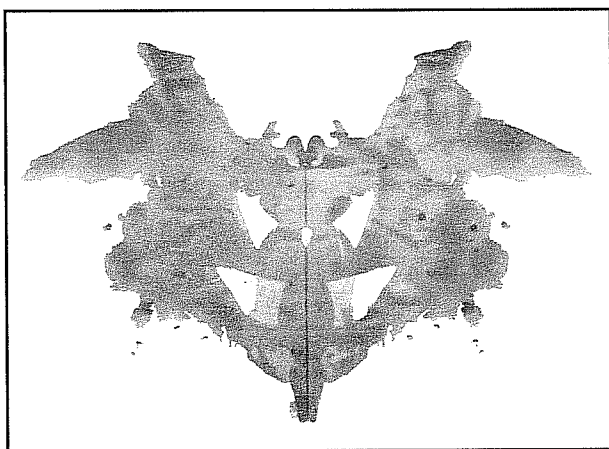


Figura 1: Cartão I do Rorschach

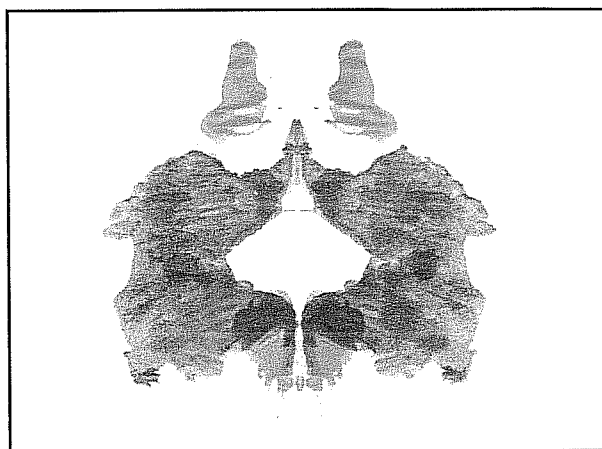


Figura 2: Cartão II do Rorschach

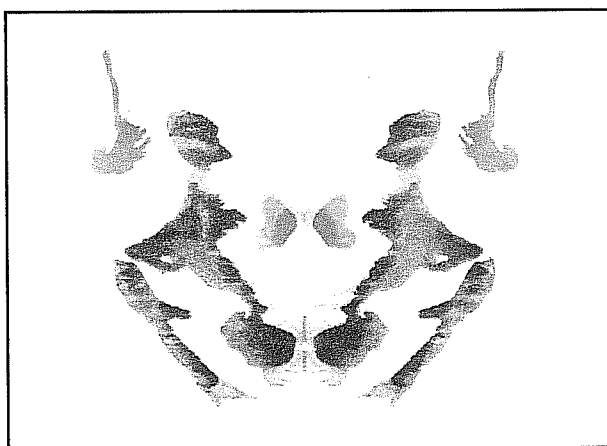


Figura 3: Cartão III do Rorschach

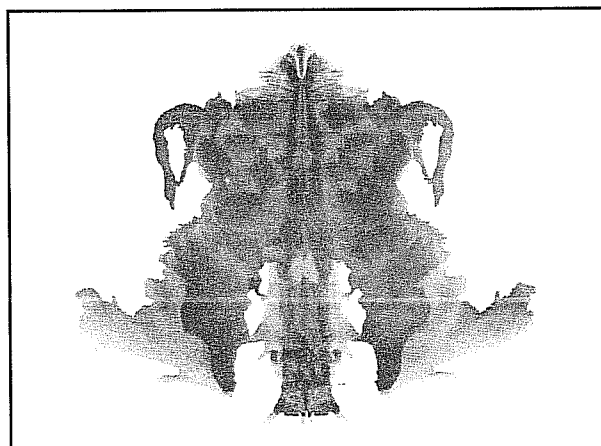


Figura 4: Cartão IV do Rorschach

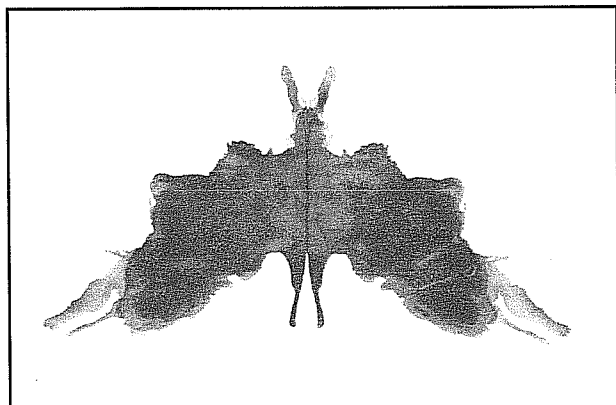


Figura 5: Cartão V do Rorschach

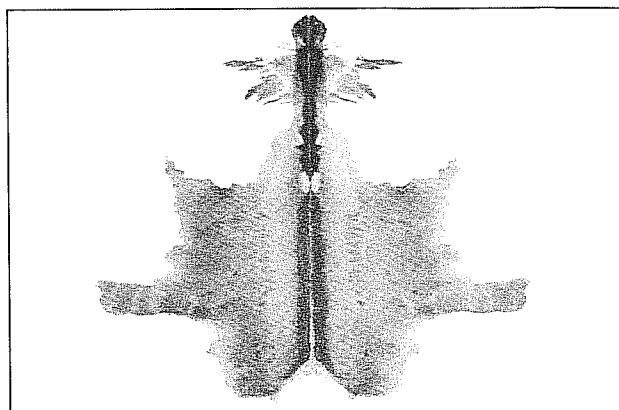


Figura 6: Cartão VI do Rorschach



Figura 7: Cartão VII do Rorschach

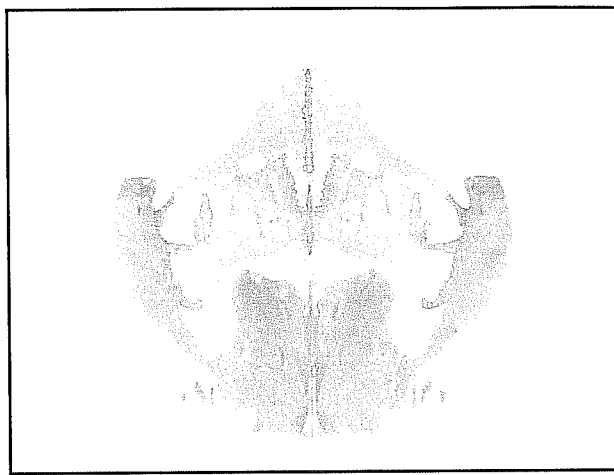


Figura 8: Cartão VIII do Rorschach



Figura 9: Cartão IX do Rorschach



Figura 10: Cartão X do Rorschach

Uma grande diversidade de autores tem-se preocupado em investigar e precisar os *cartões Rorschach*, num esforço de clarificação tanto da sua *realidade externa*, objectiva e manifesta (*qualidade perceptiva*), como da sua *realidade interna*, subjectiva, latente e simbólica (*qualidade psíquica*).

O material Rorschach, a observada sequência de 10 cartões de manchas de tinta de significação imprecisa, considerado enquanto o estímulo entre duas subjectividades (o sujeito e o clínico), numa situação específica, num tempo e num espaço precisos e únicos, constituiu-se enquanto objecto, também ele *interno* e *externo*, inerente à interacção entre as duas primeiras (intersubjectividade), interpondo-se-lhes a realização da tarefa de atribuição de sentido e de significado. Assim, a mancha Rorschach passa a assumir a configuração de imagem expressa pela palavra, de símbolo e de significação.

3.2.2.1. A Dimensão Perceptiva do Material Rorschach

A dimensão perceptiva do material Rorschach, comumente designada como *conteúdo manifesto*, analisa-se mediante a partição em duas dimensões principais: a *dimensão estrutural* (disposição formal dos cartões) e a *dimensão sensorial* (distribuição da cor nos cartões).

Relativamente à sua Dimensão Estrutural, é consensual a constituição simétrica de todos os cartões em torno de um eixo médio central evidente, identificando-se a sua diferenciação ora no carácter mais unitário, inteiro, maciço (remetendo para a imagem corporal organizada simetricamente), ora no carácter mais bilateral, duplo, em espelho (remetendo para a representação da relação), ora mais fechado e compacto, ora mais aberto e oco, ora alusivo ao masculino/paterno de saliências fálicas, mais ou menos pronunciadas, ora um continente alusivo ao feminino/materno.

Quanto à sua Dimensão Sensorial, diferenciam-se as manchas muito escuras (cinza escuro, muito intenso e maciço, ou contraste branco/negro), as manchas de tonalidade cinzenta esbatida, as manchas mistas de negro, branco e vermelho (muito contratante e chocante) e as manchas pastel, filtradas e pálidas.

Estas dimensões estrutural e sensorial que compõem objectivamente o material Rorschach, cruzam-se em todos os cartões e atribuem-lhes características próprias que os fazem divergir manifestamente um dos outros.

Vejamos:

CARTÃO	DIMENSÃO ESTRUTURAL	DIMENSÃO SENSORIAL
I	Unitário, compacto, duplamente fechado e aberto, alusivo ao feminino/materno	Cinzento muito escuro, pesado, intenso, efeito de inquietude
II	Bilateral, aberto, alusivo ao feminino/materno e relação	Contraste negro, branco e vermelho, efeito choque pelo vermelho
III	Bilateral, aberto, alusivo a relação	Contraste negro, branco e vermelho, efeito choque pelo vermelho
IV	Unitário, compacto, fechado, alusivo ao masculino/paterno	Cinzento muito escuro, pesado, intenso, efeito de inquietude
V	Unitário, fechado	Cinzento muito escuro, negro
VI	Unitário, compacto, fechado, alusivo ao masculino/paterno	Cinzento muito escuro com cinzento claro esbatido
VII	Bilateral, aberto, oco, alusivo ao feminino/materno	Tonalidade cinzenta esbatida com branco, atenuando o contraste
VIII	Bilateral, aberto	Mudanças para cores pastel, mas sem invasão das cores
IX	Ambiguidade: Unitário ou bilateral, fechado ou aberto, feminino/materno	Complexidade pela invasão das cores pastel, misturadas e sobrepostas
X	Aberto e de manchas dispersas	Muitas cores bem distintas

Quadro 4: A Dimensão Estrutural e a Dimensão Sensorial do Material Rorschach

3.2.2.2. A Dimensão Simbólica Do Material Rorschach

A dimensão simbólica do material Rorschach pressupõe uma análise suportada nos diferentes *conteúdos latentes* implícitos nos 10 cartões, análise que, ao invés da consensualidade anterior, aqui, gera maior discrepância entre alguns autores (os atrás mencionados), sendo que uns se centram preferencialmente nalguns aspectos comparativamente a outros que o fazem distintamente.

No entanto, tentámos unificá-los e reunimo-los num quadro revelador da *tonalidade emocional* e do *valor simbólico* dos 10 cartões Rorschach, separadamente:

CARTÃO	TONALIDADE EMOCIONAL	VALOR SIMBÓLICO
I	1º contacto; disfórica ou neutra, sob disfarce de banalidade.	Conduta passiva ou activa face à entrada em cena (1ºcartão); pode reactivar a relação materna pré-genital (n. arcaico).
II	Sensibilidade à participação do vermelho; excitação sexual/agressiva, positiva ou negativa.	Pulsão agressiva evoluída (competição e luta) ou arcaica (dispersão e explosão); bissexuado; castração; relação simbiótica.
III	Reacção positiva e descontraída; estrutura leve e descentrada; diferentes tipos de relação entre personagens.	Imposição de silhuetas humanas; representação de si face ao outro; tipo de relação: convergente ou divergente.
IV	Disfórica pela intensidade e dispersão; angústia; desconforto.	Forma humana filigrana – imagem força, potência, autoridade, submissão, domínio, normalmente paterna.
V	Neutra; adaptativa; próxima da realidade objectiva.	Unitário; apela unidade do Eu (separado) integridade psíquica e somática, representação de si.
VI	Negativa; angústia; desconforto.	Dimensão sexual e fálica; bissexuado; castração; dualidade activa-passiva.
VII	Frágil; instável; desequilibrada; negativa ou neutra.	Feminino e/ou materno; relação primitiva; imagens securizantes ou negativas.
VIII	Grande diferença; + positiva, - negativa; Disforia: anatomia ou corpo deformado	Comunicação e troca; mundo afectivo, extemo e social
IX	Intensa; Função da aceitação/rejeição do simbolismo implícito	Regressão pré-genital; materno; fantasia gravidez, parto, nascimento
X	Último contacto; fragmentação e dispersão	Difere consoante concentração na cor, nos fragmentos ou no branco; possibilidade da totalidade de extremos.

Quadro 5: A Tonalidade Emocional e o Valor Simbólico do Material Rorschach

Neste campo, e alargando o raciocínio analítico do Rorschach, Marques (1999) prefere destacar o seu **valor simétrico** e o seu **valor simbólico**, como **organizadores fundamentais da análise do material Rorschach** e, paralelamente, da **vida mental do sujeito**:

O Valor Simétrico, organizador das qualidades perceptivas das 10 manchas Rorschach, então dotado de estabilidade, de coerência e de ordenação, assume-se como organizador da vida mental do sujeito nos parâmetros que dizem respeito à *coesão* (responsável pelo confronto da duplicidade contrastante entre integridade e unificação vs. dispersão e separação, veículos de crescimento mental) e ao *duplo* (responsável pela reprodução do igual que origina um duplo em sintonia mutua, promotor de perfeição e imutabilidade permanente, veículos de estagnação mental).

O Valor Simbólico, organizador das qualidades psíquicas das 10 manchas Rorschach, então dotado de carácter desconhecido, conflitual e desestabilizador, assume-se como organizador da vida mental do sujeito nos parâmetros que dizem respeito aos organizadores *corpo* e *relação*, reveladores do sentimento de existência do sujeito, consoante a sua expressão corporal, inteira ou dispersa, e a projecção das vivências relacionais – indicadores do tipo de funcionamento psicológico do sujeito.

"(...) Interpretar uma mancha Rorschach é poder proceder à separação figura/fundo, dentro/fora, sujeito/objecto", por meio do que se expressa a identidade do sujeito, ao passo que a relação de objecto "(...) pressupõe a separação Eu/não Eu que conduz, permite e revela a objectalização, isto é, a relação do sujeito com o mundo" que por sua vez "leva à capacidade de criar, possível a partir da capacidade de preservar o interior, ser um continente, e depois, ao mesmo tempo, pela acção, não só da identificação, da projecção e da introjecção, mas sobretudo da identificação projectiva, estabelecer conteúdos e uma relação e comunicação com o mundo" (Marques, 1999, p. 209).

Agora, melhor conhecendo o material Rorschach, sentimo-nos preparados para o discutir afincadamente em todas as suas dimensões de ordem conceptual, teórica, metodológica e técnica, que se prestem a indagação, imprecisão e/ou escassez, fazendo sobressair o potencial e a riqueza deste instrumento, enquanto veículo mediador de análise, de descoberta, de simbolização, de significação, de busca de sentidos e de sentires, integrado no contexto da **Psicologia Clínica**, mais especificamente concernendo-se à *avaliação psicológica do sujeito psicológico* e, em nosso presente trabalho, vindo a constituir-se como um **Método** coerente, veículo facilitador do acesso ao conhecimento do verdadeiro *Ser Psicológico*.

3.2.3. Dois Paradigmas, Duas Visões: Mas que Rorschach?

Ao longo do século XX, realizaram-se numerosas investigações a propósito do Teste de Rorschach, o qual se foi afirmando, progressivamente, como um instrumento precioso e fundamental, para se proceder convenientemente à avaliação psicológica, ao diagnóstico, às indicações terapêuticas e ao prognóstico do sujeito psicológico – especificidades comumente atribuídas à Psicologia Clínica.

Foi nos Estados Unidos que, passados 10 anos da sua criação, o Teste de Rorschach renasceu pontapeado por Beck e ripostado por Exner, o qual, chega mesmo a discriminar cinco sistemas, desde o mais fenomenológico até ao mais perceptivo-behaviorista, respectivamente: Rapaport, Klopfer, Hertz, Piotrowski e Beck. Após a segunda Guerra Mundial, o Teste de Rorschach é divulgado na Suíça (em Genebra), por Marguerite Looslo-Usteri, e depois em França, pela sua aluna Nella Canivet, André Ombredane, Cécile Beizman, D. Lagache e Didier Anzieu. Todavia, é a Nina Rausch de Traubenberg e a Catherine Chabert que se deve, basicamente, a proliferação da Escola Francesa no domínio do Rorschach (Anzieu, 1961/1986; Marques, 1999).

Mas desde que H. Rorschach criou o seu *Psychodiagnostik*, até aos caminhos que lhe trilharam ao longo da sua evolução no tempo, que a tónica do teste de Rorschach, recai para a percepção e para as características da personalidade do sujeito (passível de ser considerado normal ou patológico), facto este que transpira o domínio do intelecto sobre o afecto.

Daí que se assome como relevante, num primeiro momento, não só, a abordagem do conceito de **Percepção**, pois o Rorschach tem permanecido sobre a sua alçada desde há muito, mas também, e conseqüentemente, a abordagem dos conceitos que rodeiam a situação Rorschach – situação esta frequentemente forjada e questionada.

Finalmente, e porque dentro desta evolução global, se destacam, claramente, **dois percursos evolutivos diferentes**: o *Paradigma Psicométrico* (alicerçado nas concepções de Exner) e o *Paradigma Psicanalítico* (alicerçado nas concepções de Nina Rausch de Traubenberg e de Catherine Chabert), que influenciam o **olhar com que se vê o Rorschach**, importa também, e num segundo momento, distinguir e sistematizar o percurso evolutivo como qual no sintonizamos em nosso trabalho de investigação - o *Paradigma Psicanalítico*.

3.2.4. O Rorschach: Percepção ou Apercepção? Em que Situação?

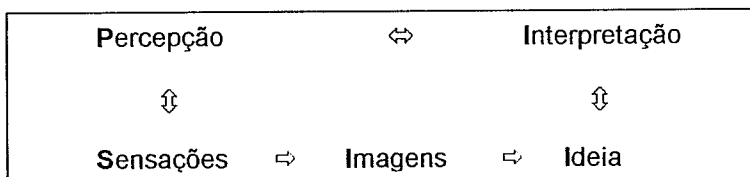
De acordo com Bénony (2002/2005), é no papel que se atribui à **Percepção** na formulação das respostas que se pode operar a distinção entre categorias objectivas ou subjectivas de dados – aspecto de extrema importância no seio da situação Rorschach.

Mas, afinal, o que é a Percepção? Algum “*bicho de sete cabeças*”, que assusta a cada um, que tenta percepcioná-la? Sem medo, *in* Doron e Parot (2001) aparece a **Percepção** definida como “*função de captação de informação dos acontecimentos do meio exterior, ou do meio interno, pela via dos mecanismos sensoriais*”, acabando por argumentá-la sob a designação de conduta, pelo que aconselham denominá-la como “*actividade(s) preceptiva(s) em vez de percepção*” (p. 570).

Inicialmente, o teste de Rorschach é carimbado como teste de percepção pelo seu autor. Por sua vez, H. Rorschach define Percepção em estreita relação com Interpretação, considerando que qualquer sujeito identifica e/ou reconhece objectos (e portanto as manchas Rorschach) através de um processo de associação integrativa de engramas, ao complexo de sensações de que o sujeito dispõe interiormente – percepção com o carácter de interpretação.

Para H. Rorschach, a percepção implica sensação, associação e memória, e quando permite identificar um complexo de sensações com as suas conexões, existe a ideia – a noção de ideia de H. Rorschach resultou do seu conhecimento da noção de apercepção de Bleuler (Marques, 1999).

O que parece ser passível de se resumir no seguinte esquema:

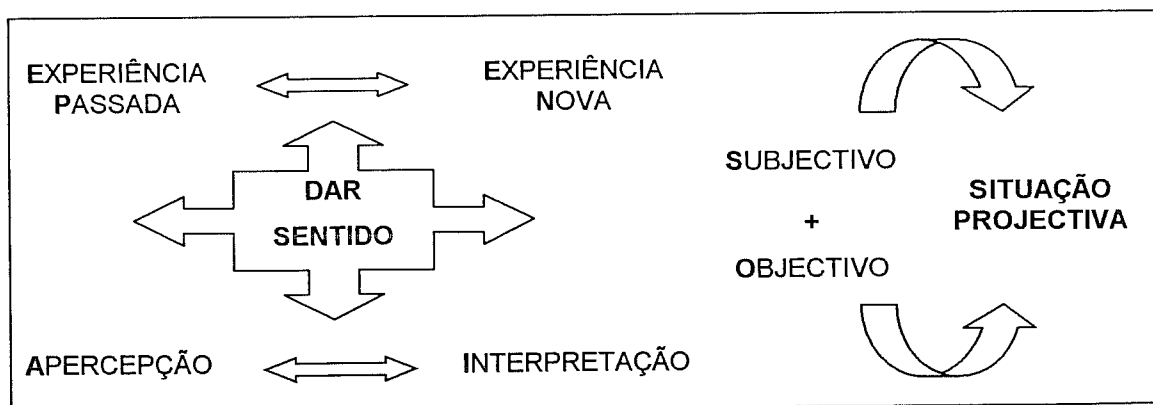


Quadro 6: A Percepção e a Interpretação aos olhos de H. Rorschach

De maneira que se percebe que a resposta Rorschach, que o sujeito produz, dependeria, assim, da sua Interpretação enquanto ramificação da sua Percepção, resultante de uma associação de complexos de sensações.

A este propósito Anzieu (1961/1986, p. 265) refere a noção de **Apercepção** que Bellak (escola Americana) extraiu de Herbart: “*processo pela qual a experiência nova é assimilada e transformada pelo traço da experiência passada de cada um, de modo a formar um todo novo*”, da qual constata que “*a Apercepção é uma interpretação: dá um sentido à experiência*” e que, assim sendo, não há uma “*percepção puramente objectiva, puramente cognitiva*”, mas sim uma apercepção, dotada de subjectividade.

Perante o que, se impõe um processo de conjugação de conceitos determinados, que se relacionam entre si e desembocam numa *situação específica*:



Quadro 7: A Situação Projectiva

O que abre caminho para a importante discussão acerca da **Objectividade**, da **Subjectividade** e da **Situação Projectiva**, a propósito da **Situação Rorschach**, que invariavelmente se tem vindo a descortinar e que, adiante, se consubstanciará.

Ainda assim, sente-se a urgência de localizar teoricamente o conceito de **Projectão**: “designa a operação pela qual um facto neurológico ou psicológico é deslocado e localizado no exterior, quer passando do centro para a periferia, quer do sujeito para o objecto” e assume matrimónio com o princípio dos testes projectivos (como é o caso do Rorschach) que “constituindo o modo de respostas de um sujeito face aos estímulos visuais em função do seu estado psíquico, são destinados a fazer aparecer os traços essenciais da personalidade, pela exteriorização das tendências internas” – o objecto da Psicologia Clínica (in Doron e Parot, 2001, p. 607).

Que, ao deslizar para a **situação projectiva**, obriga-nos, também, a defini-la: trata-se de uma “situação que se define como o encontro de duas subjectividades, que irão construir uma intersubjectividade numa interacção singular e singularizante que interfere e cria a tarefa a levar a termo” (Marques, 1994, p. 436), ou seja, “consiste num encontro entre um sujeito e um clínico, que é mediatizado por um material e uma instrução paradoxais e conflituais. Tal situação (...) leva à emergência de afectos e emoções e mobiliza movimentos relacionais inconscientes” (Marques, 1999, p. 181).

Shentoub (1990/1999) preconiza que “qualquer prova projectiva solicita (...) condutas preceptivas e projectivas”, embora no caso do Rorschach se verifique que esta obrigação é paradoxal, pois “o objecto-teste é compreendido (...) como objecto real, tangível, concreto e como lugar de investimento de significações subjectivas, à semelhança do objecto transitivo – objecto da realidade externa, mas dotado de significações pessoais, imaginárias” (p. 58), onde se encontra implícita a realidade interna do sujeito.

Sem que se possam, porém, neste especial contexto, esquecer ou suprimir os fenómenos transferenciais implícitos em toda e qualquer situação relacional, e portanto, soberanos na situação projectiva: a **transferência** e a **contratransferência**.

Coincidentemente, atribui-se à Escola Francesa, principalmente representada por Schafer, Rausch de Traubenberg, Chabert, Shentoub e Leichtman, o crescimento do Rorschach sob protecção de um pensamento centrado, não mais no preceptivo e objectivo, mas agora nesse **projectivo** e nesse **subjectivo**, considerando o processo-resposta Rorschach como um processo de estimulação da *fantasia*, em situação projectiva.

Daí que Marques (1999) saliente que “*são as teses que procuram considerar e conciliar a existência de elementos preceptivos e projectivos as que têm maior aceitação e são as mais divulgadas e defendidas*” (p. 165).

3.2.5. O Rorschach aos Olhos do Paradigma Psicanalítico

A presente investigação sintoniza-se com o *Paradigma Psicanalítico*, claramente liderado pelos países de Língua Francesa. É do nosso conhecimento que a *Escola Francesa* é sobretudo representada por *Nina Rausch de Traubenberg* e *Catherine Chabert*, as quais têm vindo a promulgar uma abordagem conceptual do Rorschach que visa, não só, produções centradas na estimulação da *fantasia* e do *imaginário* do sujeito, como também, uma elaboração *interpretativa* das respostas obtidas enquanto esclarecedoras do funcionamento da personalidade do mesmo, suportada num *Modelo Teórico* específico, a saber, a *Psicanálise*, em detrimento de produções restritas à percepção e/ou à resolução de problemas, como é o caso da psicometria.

Homologamente, o **Rorschach** é aqui sentido como um meio para alcançar um fim: o *funcionamento mental do sujeito* – também nossa finalidade neste trabalho.

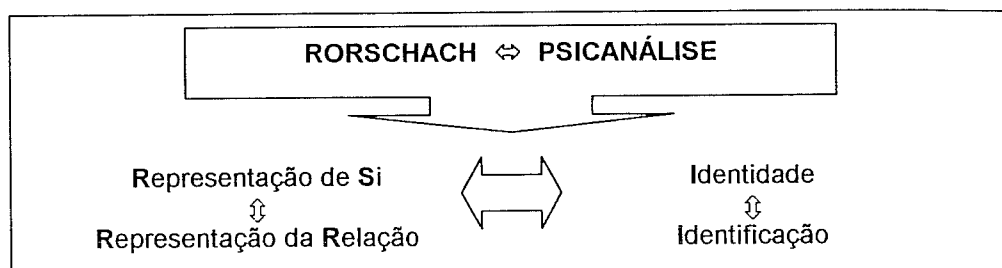
Em sintonia com tal propósito, Catherine Chabert desenvolveu diversificados trabalhos, atribuindo total primazia, em toda a sua obra, à dualidade relacional Rorschach– Psicanálise.

Tanto que Marques (1999) atesta que em toda a obra de Chabert “*o Rorschach é uma Psicanálise aplicada (...) que usa conceitos da psicanálise que devem, todavia, ser depurados para puderem ser usados no contexto da situação projectiva*” (p. 181).

Nesta acepção, a autora apresenta uma conceptualização psicanalítica do Rorschach em torno de dois eixos distintos: a **Representação de Si** (diferenciação

entre o sujeito e o objecto) e a **Representação da Relação** (tipo de relação estabelecida) vs. **Identidade** (delimitação corporal Eu-outro) e **Identificação** (diferenciação sexual) (Chabert, 1997/1998).

Logo, importa realçar e reter, dos trabalhos de Catherine Chabert, iniciados com Boizou e Raush de Traubenberg (1978; 1997/1998), o seguinte:



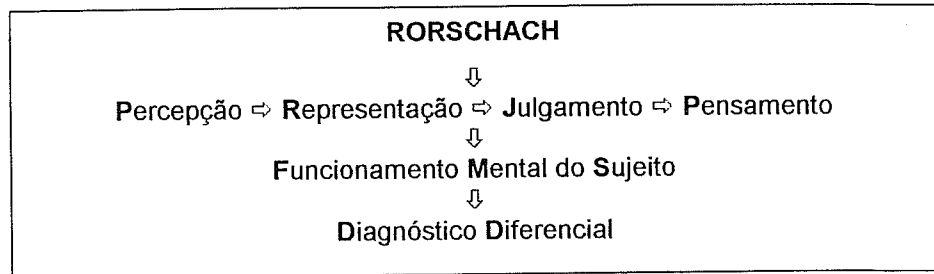
Quadro 8: Resumo do *olhar* de Catherine Chabert

Tal conceptualização, ainda que de raízes profundamente psicopatológicas, permite descortinar a dinâmica do desenvolvimento libidinal do sujeito, designadamente no que diz respeito à construção da sua identidade, aos seus processos identificatórios e ao tipo de elaboração das suas representações de relações, de onde ressalta a possibilidade de se proceder a um diagnóstico diferencial (Chabert, 1997/1998; Marques, 1999).

Em conformidade, Marques (1999) expõe que Chabert considera como uma **semiologia** os resultados obtidos no Rorschach, que assim ponderados, enquanto **sinais**, passarão por uma complexa **análise de mediação relacional** entre: o **conteúdo manifesto** e o **conteúdo latente** implícito nos cartões; a **percepção**, a **representação** e os **afectos**; o **processo primário** e o **processo secundário**; os **conflitos**; a **regressão**; e os **mecanismos de defesa**.

Tais posicionamentos pressupõem que o Rorschach apele à percepção, a qual, por sua vez, dá origem às representações do sujeito, permitindo a ocorrência do julgamento, que culmina no pensamento – o produto final e esclarecedor de tudo quanto o sujeito percebera.

De todo este processo infere-se, então, o funcionamento mental do sujeito e, assim, a possibilidade de se chegar ao diagnóstico diferencial do mesmo – o real **propósito psicopatológico** defendido no **paradigma Psicanalítico**:



Quadro 9: O Processo para o Diagnostico Diferencial

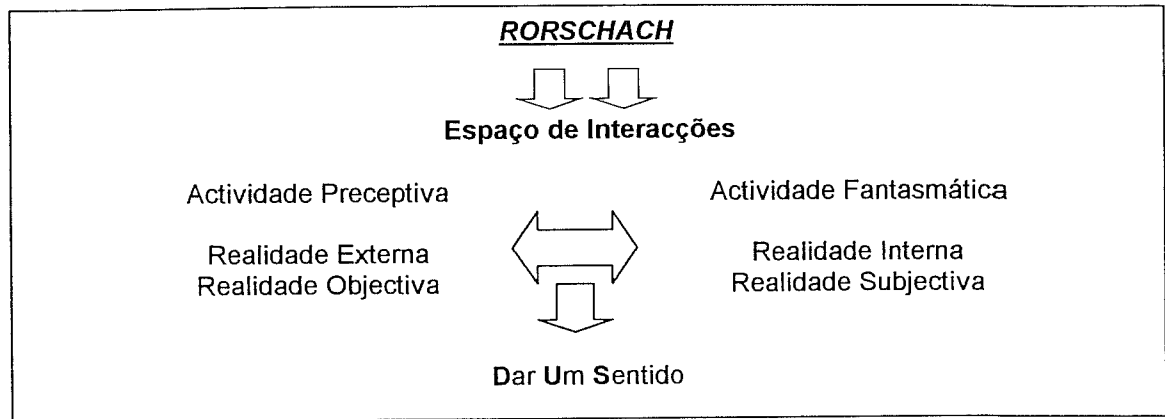
Nesta perspectiva, e porque o Rorschach apresenta um“(...) *material não verbal (...) desprovido de significados prévios: manchas de tinta*”, ambíguas, mas de características específicas, em que a instrução oferecida exige a submissão do sujeito à mancha e pretende estimular a formulação de significados, “*provoca nele uma regressão profunda e mobiliza os mecanismos de defesa destinados a lutar contra a angústia mais primitiva*” (Anzieu, 1961/1986, p. 61-62).

Nina Rausch de Traubenberg (1983) sugere “*uma conceptualização do Rorschach como um espaço de interações entre a actividade preceptiva e a actividade fantasmática, entre a realidade externa do objecto e a realidade interna da vivência*” (cit. in Marques, 1999, p. 180).

Em sequência, a autora explana os factos que justificam esse mesmo espaço de interações no Rorschach: “*as características do estímulo, o valor simbólico da situação e das manchas, a instrução, as componentes das respostas e o processo-resposta*” (cit. in Marques, 1999, p. 180).

Mais, Rausch de Traubenberg discrimina a actividade mental inerente ao processo de resposta Rorschach, a qual pressupõe, de imediato, o **dar um sentido**, o que apela, inequivocamente, às rêveries, aos fantasmas, às visões, à realidade objectiva, que é simultaneamente (e sempre) subjectiva (Marques, 1994, 1999).

Em suma, ressalva-se dos trabalhos de Nina Rausch de Traubenberg:



Quadro 10: Resumo do *Olhar* de Nina Rausch de Traubenberg

Conforme o exposto até ao momento, verifica-se que, na verdade, o **Paradigma Psicanalítico**, embora ainda submergido à psicopatologia e às necessidades de apuramento diagnóstico, concilia a existência de elementos preceptivos e projectivos numa mesma conceptualização metodológica, dotada de credível suporte teórico.

Pelo que importa, agora, contextualizar o **Rorschach**, enquanto *Método*, em nossa área de investigação: a *Psicologia Clínica*.

3.3. A Psicologia Clínica e o Rorschach, O Rorschach e a Psicologia Clínica

Em França, a **Psicologia Clínica**, enquanto disciplina universitária, foi fundada por D. Lagache, definindo-a, primariamente, como “*uma disciplina fundada no estudo aprofundado de casos individuais*” em que o seu objecto é “*(...) o estudo da pessoa total em situação*” (Ciccone, 1998/2000, p. 12) – definição apenas aqui transcrita por curiosidade e para que se possa tomar consciência da evolução que sofrera desde então, pois não cabe nas intenções desta reflexão proceder-se a uma dissertação exaustiva acerca da Psicologia Clínica, a qual se abordará resguardada ao propósito deste trabalho.

A Psicologia Clínica, ainda muito criticada, tem não só sido alvo de rebuscadas *corrupções* dentro de si mesma, visto comportar linhas orientadoras de pensamento

muito discrepantes, como também sofrido vários *atentados* motivados por distintíssimos *Senhores da Ciência*.

Neste momento da actual película, torna-se claro o facto da *Psicologia clínica* suportar, desde há muito, um pêndulo em movimento permanente, que percorre posições estremadas que variam entre a procura de objectividade e a procura da subjectividade – luta incessante e pouco consensual, a dada altura já sem finalidade.

No entanto, importa referir o que Ciccone (1998/2000, p. 69) postulou a este respeito: “a *subjectividade constitui-se pela objectividade ao mesmo tempo que constitui a objectividade*” construção esta que se efectua “*através do encontro entre o sujeito e a realidade exterior, é determinada pelas condições desse encontro e tem as marcas da história desse encontro.*”

Não obstante, o percurso evolutivo da Psicologia clínica sempre se distinguiu pela busca do *patológico*, perdendo a sua varinha de condão – o *funcionamento mental normal*, negligenciado e banido das suas áreas de interesse.

Ciccone (1998/2000) defende que a principal área de interesse da Psicologia Clínica é, evidentemente, a realidade psíquica do sujeito, denominando-a mesmo como a *Ciência do Psiquismo Humano*.

Marques e Aleixo (1994, p. 460) olharam-na e definiram-na imperiosa e sabiamente: “a *natureza primeira do saber e do conhecimento em Psicologia Clínica é a de conferir sentido, com abstenção absoluta de julgamento, de identificação do comum e do não comum, é o de expressar o que de mais íntimo rege a lógica de cada ser*”.

Acima de tudo, o que aqui se pretende é **olhar a Psicologia Clínica** como uma disciplina que permite aceder ao verdadeiro *Ser Psicológico* por intermédio de um rigoroso *Modelo Teórico*, que constitua um referencial de suporte e de clarificação dos sentidos, dos sentires e dos significados que rodeiam o sujeito psicológico, a par de um translúcido *Método*, que permita anuir ao conhecimento a que se aspira.

Em fluência do que se torna crucial referir o *quadro teórico de referência* de que a Psicologia Clínica é portadora: a **Metapsicologia Psicanalítica**, “na medida em que esta propõe modelos de *inteligibilidade do funcionamento psíquico*” – a primazia do seu objecto (Ciccone, 1998/2000, p. 14).

Assoun (2000/2002, p. 141) refere que a Metapsicologia “é uma resposta à impotência explicativa das outras teorias psíquicas, às quais falta o explicar” (p. 139). Em contiguidade, frisa, peremptoriamente, que a metapsicologia constitui “um extraordinário recurso de pensamento da clínica, apossado pelo inconsciente (...), uma bússola para orientar no espaço o sintoma e desenhar um espaço da psique”.

A Metapsicologia é essencialmente Freudiana, porque de Freud nasceu. Superestrutura teórica, a Metapsicologia surge sobretudo como um saber que incluiu os processos inconscientes e que, por conseguinte, ultrapassa a tradicional psicologia dos processos conscientes, sem nunca, no entanto, os ignorar. Pelo contrário, subsiste paralelamente a estes, de modo a compreendê-los e a extrapolar a sua existência e vitalidade (Mijolla & Mijolla-Mellor, 1999/2002; Assoun, 2000/2002).

Freud, o seu criador, considera que a Metapsicologia existe a partir do momento em que se consegue discriminar pormenorizadamente um processo psíquico, por intermédio de uma compreensão relacional a três níveis: dinâmico – Id, Ego e Superego; tópico – consciente, pré-consciente e inconsciente; e económico – quantidade de catéxis libidinal (Assoun, 2000/2002).

E, porque é a **Psicanálise** que consagra neste acto, o papel principal, convém abordá-la com a seriedade que ela merece, pelo que se deve de começar pelo princípio: Freud (sem ele, o que seria da psicanálise!) e, então, nele embarcar, tomar o leme e rumar até à psicanálise da actualidade.

Assoun (2000/2002, p. 11) concebe a Psicanálise como “um método de investigação dos processos inconscientes, um modo de tratamento das perturbações neuróticas e uma série de concepções psicológicas”.

Ao passo que, Mijolla e Mijolla-Mellor (1999/2002, p. 259) apresentam a Psicanálise elevada “ao estatuto de Psicologia das Profundezas”, mas imputada pela Metapsicologia, “dada a sua função intrapsicanalítica e a sua posição contra-metafísica”.

Freud foi, também, o mentor do **primeiro paradigma Psicanalítico**, denominado **Ortodoxo**, o qual se caracteriza fundamentalmente pela investigação dos processos psíquicos, onde o *Sonho* ocupa um lugar de destaque, a par dos, também valorizados, conteúdos proibidos e/ou reprimidos no inconsciente e dos desejos edípicos. Enfatiza, assim, o “embate entre os desejos pulsionais e as respectivas defesas do Ego, aliadas às ameaças do superego contra eles” (Zimmerman, 1999, p. 65).

Pós-freudiano, o **paradigma Clássico**, original de Melanie Klein, distinguiu-se pela promulgação das *“relações objectais, internalizadas, resultantes das pulsões, especialmente as sádico-destrutivas, ligadas a objectos parciais, acompanhadas por ansiedade de aniquilamento e defesas do Ego extremamente primitivas”* (Zimerman, 1999, p. 65).

Em nosso ver, e sintonicamente com Lerner (1991), Mijolla e Mijolla-Mellor (1999/2002), a Escola Kleiniana sobressai, essencialmente, quer por ter iniciado os importantíssimos conceitos de Identificação Projectiva, Introjecção e Idealização, quer por ter fomentado o tratamento psicanalítico de pacientes psicóticos.

Do qual se transita para o **paradigma Contemporâneo**, este fundamentado nas concepções de *Bion*, um dos autores privilegiados em nossa reflexão.

Zimerman (1999) apelida este paradigma de *Vincular-Dialético* devido ao facto de enfatizar a capacidade para pensar as experiências emocionais (tanto as primitivas como as actuais) expressas pelo indivíduo num contexto dialético, em que tanto analista como o paciente, são considerados pessoas reais, com particulares qualidades e limitações, angústias e vivências próprias. Estas, trabalhadas pelo movimento oscilatório analista-analisando, resultam num processo ascendente, com vista a um amadurecimento da mente do analisando – em detrimento do modelo unipessoal reflectido no processo analítico freudiano.

Para Zimerman (2004, p. 32) *“a contribuição fundamental de Bion consiste na abertura de novas formas de pensar as questões da prática clínica”*. Já P. Lerner (1991) frisa a expansão do processo conteúdo-continente. Ao passo que Marques (1999), enaltece prestigiosamente o *Modelo das Transformações* de Bion, que constituiu, sem dúvida, uma das maiores revoluções nos meandros da Psicanálise.

Resta-nos mencionar que a Psicologia clínica é, também, a disciplina, por excelência, da **Avaliação Psicológica**, a qual pressupõe, no imediato, uma situação especial e relacional entre o sujeito e o clínico. Porém, o poder do *vírus* em que o patológico, entretanto se tornou, contamina profundamente este processo de avaliação psicológica, ao ponto de se perder a verdade do Sujeito, em benefício da resposta–resultado–padrão–diagnóstico.

Com isto, verifica-se que apenas se conclui *“com e sobre o patológico”* sem atender aos *“processos que conduzem à expressão de um resultado”*, isto é, ao percurso que conduz ao produto final (Marques, 1994, p. 432).

Segundo Ciccone (1998/2000), a avaliação psicológica inclui a observação clínica, a qual persegue a subjectividade, o processo de subjectivação/simbolização e suas variações. Embora tais elementos de perseguição não se observem em si mesmos, podem ser comprovados por meio dos seus efeitos.

Por conseguinte, considera-se que a **Avaliação Psicológica** só pode ser pensada, por um lado, como uma **situação de teste**, mas sempre subjugada a uma **situação de inter-acção entre dois parceiros** (o sujeito e o clínico), conjecturando uma **relação interpessoal** (que envolve trocas entre um e o outro), que ocorre **num determinado tempo e espaço**, de onde resultam expressões das situações **internas e externas** que envolvem o sujeito, e por outro lado, conferindo a devida atenção à complexidade característica do **processo subjacente à criação da resposta** (Marques, 1994).

Todos os aspectos até aqui referidos, reenviam à **Técnica** por nós defendida, a **Metodologia Projectiva**, patente nos anteriores postulados.

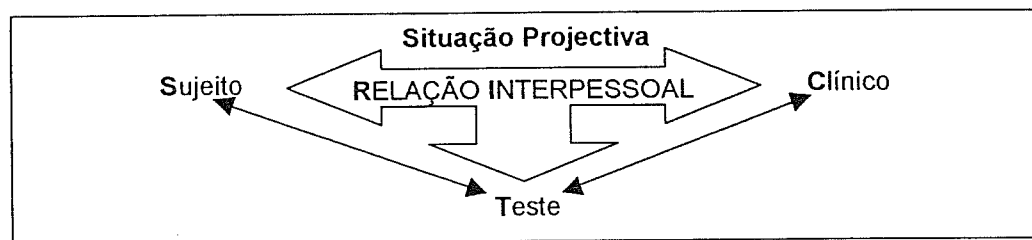
A situação, então especificada, prevê, ao nível global, a Situação Projectiva e, especificamente, a **Situação Rorschach**, a qual fora definida por Schafer mediante **três parâmetros fundamentais**, que se passam a apresentar (Lerner, 1991; Marques, 1994):

- ① A Problemática do Testador – refere-se à inevitável intrusão que ocorre por parte do clínico, visto que as suas características pessoais invadirão, sempre, o contexto relacional, e assim, o processo de formação da resposta ;
- ② A Dinâmica do Teste – refere-se à possibilidade de aceder ao conjunto de dimensões que caracterizam o funcionamento mental do sujeito, através das suas respostas, resultantes da oscilação entre a regressão, a progressão e a criatividade;
- ③ A Implicação da Dinâmica Interpessoal na Interpretação – refere-se, de um modo especial, ao peso da interpretação, que deverá de respeitar dois processos: por um lado, interpretar as respostas obtidas junto do sujeito a par das suas condutas e, por outro lado, interpretar a conduta à luz das respostas.

De acordo com Schafer, quanto melhor se perceber o processo de formação e expressão de uma resposta, melhor se compreende essa mesma resposta e o próprio sujeito. Todavia, esta concepção, embora brilhante e inovadora, por valorizar a interacção na situação projectiva (nomeadamente, a situação Rorschach), manifesta uma falha clara: a escassa atenção dedicada aos dois parceiros da relação, encontrando-se demasiadamente preocupada com o processo de formação da resposta (Lerner, 1991; Marques, 1994).

Tanto que, mais tarde, Vica Shentoub, a propósito da elaboração da sua conceptualização do T.A.T., debruça-se sobre a presença efectiva do *clínico* na situação de teste, pois este jamais poderá ser pensado ou sentido enquanto neutro. Então, apresenta **três princípios orientadores de qualquer prova projectiva**: “o *sujeito*, o *teste* e o *clínico*”, e refere ainda que “o desenrolar da prova implica necessariamente as *interacções susceptíveis de se produzirem entre estes três termos*” (Shentoub, 1990/1999, p. 58).

Pelo que se torna pertinente agrupar os elementos de maior relevo retirados dos trabalhos de Schafer e de Vica Shentoub:



Quadro 11: Resumo do *Olhar* de Schafer e de Vica Shentoub

H. Lerner e P. Lerner (1988) atestaram que, a **situação projectiva**, característica do **Rorschach**, envolvendo um espaço de interacções entre o sujeito, a mancha e o clínico, poderia ser percebida como um **contínente** (na acepção de Bion) ou **holding**, dotado de qualidades transicionais (na acepção de Winnicott).

Neste contexto, mais se acrescenta no domínio da *situação projectiva*, lembrando os aspectos retidos dos trabalhos de Catherine Chabert e de Nina Rausch de Traubenberg (atrás explanados a propósito da apresentação do paradigma psicanalítico).

3.4. Um Novo Olhar, Um Novo Paradigma: O Método Rorschach ⇔ O Modelo das Transformações

Maria Emília Marques procedeu a uma sólida reflexão no seu livro *A Psicologia Clínica e o Rorschach*, datado de 1999, em torno do deslocamento da clássica concepção de *Teste de Rorschach* para a transformada concepção de **Método Rorschach**.

A motivação da autora para tal transformação cirúrgica do Rorschach, condensou-se nas relações estabelecidas com a Psicanálise aos *olhos* de Bion, alterando a forma como se *olha* o Rorschach, agora, *um olhar* preocupado com o modelo das transformações, que permitem interpretar e compreender os fenómenos inerentes ao método Rorschach (Marques, 1999).

Daí que, toda a obra de Marques (1999, p. 166), sobreleve o maior pecado de Exner (cabecilha do Paradigma Psicométrico, fundador do Sistema Integrativo do Rorschach): a ênfase dos seus estudos através de uma “*lógica da quantificação e do racional teste*” e do atestar que “*o sujeito é secundarizado*”.

As concepções estruturalistas, análogas à cartilha do diagnóstico diferencial, esgotaram as largas potencialidades do Rorschach, que fora comprimido pela desmedida necessidade de o objectivar e sistematizar empiricamente, mas sem que ele próprio se tornasse num objecto de estudo.

Ora, Maria Emília Marques detém o seu olhar, indubitavelmente, sobre o Rorschach enquanto objecto de estudo – posição que alterou estrondosamente o destino, em tempos, traçado para o Rorschach, extinguindo-se o interesse exclusivo pelo detectar, assinalar, agrupar e catalogar, que anteriormente servia a tantos empiricistas.

A autora afirma que tem sido seu objectivo: “*dotar o Rorschach com um estatuto teórico e metodológico mais claro, estabilizado e coerente, dentro dos paradigmas consagrados pela significação (...); enriquecê-lo com uma teoria mais ampla que o torne mais sensível à interpretação e à procura de sentidos, bem como torná-lo mais sensível aos movimentos e aos processos mentais mais fundamentais, sobretudo aqueles que dão conta do crescimento e da expansão mental, que impõem uma actividade de ligação, de transformação e de (re)criação*” (Marques, 1999, p. 191).

Seria impossível considerar o Rorschach sem que se fizesse menção à sua metodologia de eleição: a **Metodologia Projectiva**.

A par do que anteriormente já fora exposto, e para melhor contextualizar e aprofundar a Metodologia Projectiva, Marques (1994) recorre aos **domínios da Psicologia Social e da Psicanálise**, retendo:

- Da Psicologia Social: a noção de “*contexto enquanto rede de significações construídas no decurso de uma inter-acção (...) constituída por dois parceiros que (...) criam, a partir de uma negociação incessante, uma intersubjectividade*” (Marques, 1994, p. 435). Sintetizando, na acepção de Marques (1994), por nós corroborada, a *resposta Rorschach* ocorre num contexto determinado, a situação Rorschach (subjugada à situação projectiva), que é demarcada por uma *inter-acção intersubjectiva*, entre examinador e examinando, isto é, entre o encontro de duas subjectividades, motivo pelo qual deve de ser analisada e interpretada tendo em linha de consideração *o aqui e o agora*.
- Da Psicanálise: as noções de transferência, de identificação projectiva, de caos psíquico, de situação catastrófica, de processo de transformação (devidamente esclarecidos no capítulo primeiro capítulo), integradas no *Modelo das Transformações de Bion*, também nosso *Modelo Teórico* de referência.

No seio da *Metodologia Projectiva* e, mais especificamente, no Rorschach, Marques (1994) repensa a noção de **situação catastrófica** (original de Bion), correlacionando-a com a de **caos psíquico**, presente na **situação projectiva**.

À luz da conceptualização Bioniana, Marques (1994) propõe a consideração das respostas Rorschach como “*um processo de transformação-criação que ocorre na situação de teste*” (relativa à situação projectiva) e que dá lugar a uma interpretação do processo de construção das mesmas.

A situação de teste, situação projectiva, é aqui definida como se de um *duplo confronto* se tratasse, visto o *embate* entre a inter-acção examinador–examinando e a tarefa de interpretação dos cartões (caracterizados por manchas, de significados imprecisos), originar uma *situação catastrófica* (que pode ou não ser tolerada e

integrada pelo sujeito) e, conseqüentemente, um *processo de transformação*, do qual resultam as respostas Rorschach, as quais revelam a forma como o sujeito utilizou o pensamento.

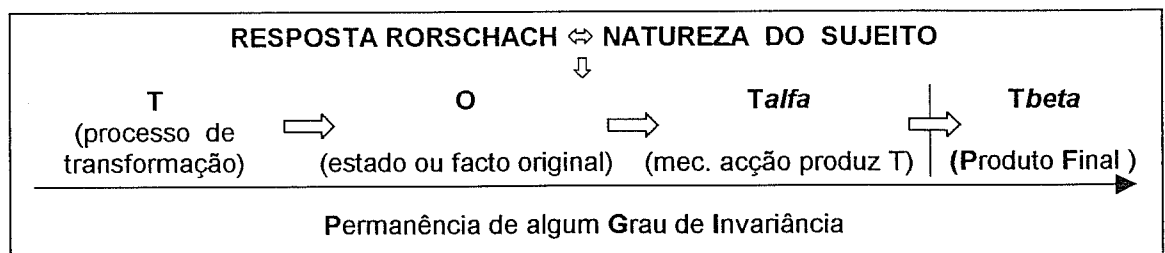
Vejamos:



Quadro 12: A Situação Projectiva em Direcção à Resposta Rorschach

Marques (1994; 1999), recorrendo à conceptualização transformacional bioniana (o modelo de transformação descrito no primeiro capítulo do corrente trabalho), propõe uma **análise** e uma **significação** das **respostas Rorschach**, que equivalentes à natureza da representação do sujeito, são consideradas enquanto resultado de um processo de transformação (*T*) do estado ou facto inicial (*O*), através de determinados mecanismos de acção, que produzem a transformação (*Talfa*) e oferecem um produto final (*Tbeta*) – o objecto que se pretende alcançar, retendo sempre algum grau de invariância.

Esquematizando:



Quadro 13: O Produto Final da Resposta Rorschach

Oferecendo continuidade ao seu raciocínio, Marques (1994; 1999) faz uso de um determinado *quadro psicológico* na situação Rorschach, num tempo e num espaço

precisos, onde se encontra o verdadeiro ser de duas pessoas (*dois O*), estabelecendo uma *inter-acção* integrada na situação projectiva, por meio da qual se transforma o original de cada um (*dois Talfa*) e alcança um produto final (*dois Tbeta*), consubstanciado tanto num *novo original* (dotado de características dos *dois O*) para cada um dos intervenientes, bem como num *original* para a *situação*, o qual advém do inter-cruzamento dos *O* dos respectivos parceiros – ***a criação de um verdadeiro ser a dois.***

Ajustando este ***processo-resposta Rorschach***, Marques (1996) combina três noções chave que se responsabilizam pelo seu apuramento:

- **A Comunicação** – Ao instituir elos de ligação, a Comunicação entre as várias partes do sujeito e entre o sujeito e a situação projectiva (na totalidade) dá lugar ao processo de transformação e (re)colocação dos objectos (no contexto de uma relação continente-conteúdo) e, conseqüentemente, à produção da resposta Rorschach. A própria comunicação do sujeito encontra-se subjugada a uma relação entre o significado e a sua expressão, ou seja, entre a emoção e a sua expressão (Bion, 1970/1984).
- **A Interpretação** – Dar uma Resposta Rorschach implica Interpretar, que implica Criar imagem, que implica Projectar (integrando, esta última, a Identificação Projectiva). Por meio da projecção e da identificação projectiva, atribui-se sentidos e significados (como acontece face aos cartões Rorschach), determinados subjectivamente “*através das passagens que vão da dispersão à integração, da deformação à coloração, da falha ao símbolo, da desligação à ligação e da transformação à criação e simbolização*”, culminando em novos significados pontificados pelo auge da intersubjectividade então criada (Marques, 1996, p. 39).
- **A Simbolização** – A forma como o objecto externo, fundamentado nas concepções do mundo interno do sujeito (passível de se constituir enquanto símbolo), amplia os seus significados, explica-se na possibilidade da verificação da simbolização.

Nesta perspectiva, as respostas Rorschach, interpretações do próprio sujeito, resumem-se a *“imagens que o sujeito nos fornece, formuladas em palavras”* que não são mais do que o *“produto de uma transformação de pensamento e de emoções que se referem quer a situações internas e externas, quer a situações passadas e presentes, das quais são, também, transformações”* (Marques, 1994, p. 437).

Em continuidade, Marques (1999, p. 191) acrescenta que o processo-resposta Rorschach é *“um trabalho de ligação, transformação e criação entre o interno e o externo, subordinado pela relação, a intersubjectividade”*, um Ser Face ao Outro (Cahn, 1991).

Além disso, o **processo-resposta Rorschach, processo de transformação em símbolos** (que une e integra: interno/externo, dentro/fora, experiências passadas/experiências presentes, real/irreal, sujeito/objecto), **processo de pensamento** (capacidade de e para pensar), subordinado ao **Modelo de Transformações de Bion**, resulta, sempre do estabelecimento de uma **relação** ♀♂ (fortificada pelo *vínculo K*, de conhecimento) e da expressão da **capacidade de rêverie** e da **função-alfa**.

O próprio Bion (1965/1991, p. 44) afirmara que *“a Teoria de Transformações acompanha uma cadeia de fenómenos, em que o entender um vínculo, ou aspecto seu, favorece a compreensão de outros”*.

Daí que, e no mesmo sentido, Marques (1999, p. 212) reafirme que *“todos os elementos da situação Rorschach devem ser reunidos, ligados e transformados numa relação continente-conteúdo, numa relação em que a mente, como continente, deve conter, comunicar e transformar a «ideia nova», o conteúdo, o que leva à emergência e à criação de palavras e conceitos que são a «conjugação constante de factos» - onde é possível reconhecer no que emerge as estruturas, a «invariância» da situação e a do sujeito que a representa”*.

Em suma, conseguiu-se preconizar a **convergência da teoria e da técnica** a utilizar e a significar em nossa investigação: o **Modelo das Transformações de Bion** e o **Método Rorschach**.

3.5. O(s) Sujeito(s)

Este estudo integra-se num projecto de investigação entre ISPA e PRP acerca da avaliação psicológica do risco na adolescência, para o qual contribuirão as sínteses que deste trabalho resultarem.

Por isso, o *sujeito psicológico*, nosso objecto de estudo, é consubstanciado pelos **adolescentes**, voluntários, de **ambos os géneros**, entre os **14** e os **15** anos, **candidatos à licença de condução de motociclos** (através dos cursos de formação de jovens ciclomotoristas), perfazendo o número de **dois sujeitos**, um do **sexo feminino** e outro do **sexo masculino**, seleccionados aleatoriamente.

A decisão de incluir unicamente dois adolescentes neste estudo assume-se como deliberada e prende-se com a focalização do objectivo que sustenta esta investigação, por sua vez circunscrito:

1. ao apuramento dos processos psicológicos específicos, que dão conta do funcionamento intra- e inter- psíquico de cada adolescente, e do risco neles implicado, através de um método que garanta o carácter único e individual do adolescente/sujeito psicológico, propondo-se o Método Rorschach como preferencial, dado o seu potencial e o seu rigor metodológico a esse respeito;
2. à concepção de uma grelha de análise do risco no Rorschach, tanto facilitadora da discriminação dos parâmetros de risco propostos, a despeito do adolescente, como desprovida de critérios de correspondência directa, do tipo *causa-efeito*, funcionando, antes, como instrumento de análise dinâmica e compreensiva do sujeito psicológico individual e do risco envolvido no próprio.

Em consequência, percebe-se que não se pretende proceder a considerações globalizantes, generalizadas, quantitativas, diagnósticas ou psicopatológicas, que em conjunto, assumiriam uma postura demasiado abusiva e injusta para com o adolescente e, além disso, contrariariam o nosso objectivo de estudo, que então se tornaria infiel à unicidade e à individualidade do sujeito que, jamais, poderá ser desprezado, empacotado ou standardizado.

Motivos que justificam a exclusividade a dois protocolos Rorschach, os quais serão utilizados enquanto meio de exploração do potencial do Método Rorschach, subjugado a uma técnica e a uma teoria específicas e convergentes, no contexto da psicologia clínica, enquanto veículo de expressão de múltiplas inferências, nomeadamente relativas: à individualidade dos dois adolescentes participantes neste estudo; à comparação das suas modalidades de expressão no Rorschach, averiguando as diferenças e/ou semelhanças entre o sujeito adolescente do sexo masculino e o sujeito adolescente do sexo feminino; ao cruzamento dessas expressões com o corpo teórico revisado; à eminência do risco neles explícito/implícito.

Perseguindo, sempre, a construção de uma grelha de análise do risco na adolescência, garantindo em consonância, a individualidade do *Ser* e do *Estar* do sujeito psicológico.

Porquanto, importa proceder a algumas considerações a propósito do **contexto** em que estes adolescentes se integram e, portanto, o contexto que dará corpo ao nosso trabalho de ordem clínica, metodológica e relacional.

Na abordagem a um adolescente que pretende concluir a carta de motociclos, assomam-se simbolismos clarividentes da conflitualidade e da inquietude, a ele impostas, pelo surgimento da puberdade, que podem vir a constituir-se como veículos de expressão do risco, inevitável e satisfatoriamente presente no processo de desenvolvimento adolescente.

De acordo com Manuel Matos (2005, p.135), "*a condução reflecte o dinamismo intrapsíquico*", pelo que o adolescente também pode reflectir o seu dinamismo intra- e inter- psíquico quando em condução de um motociclo, daí a relevância do apuramento dos processos psicológicos adolescentes que, a significarem a dimensão do Risco, significarão, provavelmente, uma condução de risco. Consequentemente, o adolescente encontra-se expectante, de *olhar posto sobre o risco*.

Para além disso, atentando à **expressão afectiva** e à **expressão motora** do adolescente inserido neste meio, permitimo-nos à apresentação de alguns dos **juízos simbólicos** patenteados: a dimensão fálica da mota, *sobre* a qual o sujeito vai conduzir, isto é, o sujeito localizar-se-á por cima (entre as pernas) do objecto; e a dimensão uterina do carro, *dentro* do qual o sujeito vai conduzir, isto é, o sujeito localizar-se-á na parte interna (interior privado) do objecto (Manuel Matos, 2005).

Pelo que se percebe que ambos, mota e carro, podem preencher todo um “palco de actuação dos elementos da vida psíquica em conflito, e muito particularmente da agressividade em movimento” (Manuel Matos, 2005, p. 149).

Tratam-se apenas de hipóteses, mas acrescidas de um **simbolismo** que faz pressentir (como não podia deixar de ser!) um pertinente e curioso **paradoxo**: *Condução Adolescente ou Adolescência Conduzida?*

Uma questão que, por agora, ficará em aberto, mas que se proporá a descortínio no momento da análise e da significação da expressão do risco nos protocolos Rorschach dos adolescentes.

3.6. O Método Rorschach como *Lupa* do Adolescente e do Risco

Num primeiro momento, importa proceder a uma (re)integração conceptual do processo de desenvolvimento adolescente e do Método Rorschach, de modo a que teoria e a técnica previamente recolocadas em conversão (o Modelo das Transformações de Bion e o Método Rorschach), permitam aclarar o procedimento de acordo com o qual se desenvolverá o aprofundamento dos dos processos psicológicos e dos parâmetros de risco inerentes ao adolescente.

Num segundo momento, apresentar-se-ão os procedimentos de análise globais dos processos psicológicos significados, simbolizados, transformados e (re)criados pelo sujeito no processo-resposta Rorschach, especificamente subjugados aos protocolos Rorschach de adolescentes.

Finalmente, num terceiro momento, apresentar-se-ão certos procedimentos conforme o que se irá realizar a análise dos parâmetros de risco, previamente definidos e contextualizados teoricamente em sequência do processo de desenvolvimento adolescente, nos protocolos Rorschach de adolescentes, sabendo que se tem como finalidade a construção de uma grelha de análise do processo-resposta Rorschach de adolescentes, especificada para os parâmetros de risco em consideração.

3.6.1. O Processo de Desenvolvimento Adolescente e o Risco aos *Olhos* do Método Rorschach: A Teoria e a Técnica

Ao longo de toda a revisão literária, reclama-se a urgência do ***Olhar a(s) Adolescência(s) com outros Olhos***, que não os daqueles que a(s) limitam ou catalogam, mas os *olhos* dos que se interessam por descortinar os seus sentidos e o seu processo de conhecimento.

Esta necessidade exige a inscrição num quadro conceptual e consensual ao nível da Teoria, do Método e da Metodologia, cumprindo as exigências da Psicologia Clínica no domínio da Avaliação Psicológica, para que então se possa *olhar* devidamente o adolescente e captar os processos psicológicos por ele vividos e vivenciados, sempre com toda a seriedade e respeito pela lógica particular que dele emanar.

E se *olharmos* atentamente em nosso redor, em analogia ao que antecipadamente se impôs, verificamos que actualmente, a **convergência do Modelo das Transformações de Bion, do Método Rorschach e da Metodologia Projectiva** a este subjugada, detêm essa exacta e imperiosa sabedoria, constituindo-se simbolicamente como a ***lupa* que amplia o *olhar* sobre o processo de desenvolvimento adolescente.**

Na verdade, o processo de desenvolvimento adolescente, *“como período marcado por várias conflitualidades, expressa-se de uma forma exemplar num espaço como o Rorschach”* (Marques, 1991, p. 209).

Neste contexto, constituindo-se o **Adolescente** como o nosso **objecto de estudo**, este só pode ser observado mediante uma situação específica, num espaço e num tempo próprios, criados e recriados, pelos dois parceiros que compõe a situação projectiva (examinador e examinando), característica do método Rorschach, parceiros esses implicados subjectivamente numa interacção dotada de intersubjectividade que persegue sentidos e significados face ao material Rorschach, os dez cartões de manchas de significado indeterminado (Marques, 1994, 1999).

Por conseguinte, na **decorrente investigação**, a **situação Rorschach** tomará, então, os seguintes contornos: o **encontro de duas subjectividades** (o psicólogo e o adolescente) que arquitectam **uma intersubjectividade** (interacção única) em busca de um **objectivo**, o **processo-resposta Rorschach**, que **(re)cria** os seus **conflitos interno e externos**.

Em sequência, por intermédio do **Método Rorschach**, explicitar-se-á “a natureza e as características da forma como cada sujeito”, neste caso o adolescente, “vive e se vive, em termos de investimento e de representação, na relação consigo e com os outros, mas também a forma como cada sujeito constrói e se constrói, liga e se religa, transforma e se transforma através da acção, reacção e inter-acção entre mundo interno e mundo externo” (Marques, 1994, 475).

Assim, recorre-se a uma lógica de compreensão e de atribuição de sentido(s), interno(s) e externo(s), sem que se deixe corromper pelo impacto externo que, muitas vezes, as condutas de risco do adolescente instigam nos outros.

Importa que as lógicas, inerentes ao adolescente, que conduzem a processos de colisão, transgressão e desrealização, não se confundam com lógicas patológicas, mas que antes se procurem os sentidos que as mesmas supõe e encerram, de modo a significá-las.

Apesar disso, a própria situação Rorschach, constituindo uma situação de risco para o adolescente, porque impulsionadora de uma situação caótica e de catástrofe eminentes, permite perceber, através do processo-resposta Rorschach, até que ponto o adolescente consegue (ou não!) (re)ligar-se e simbolizar, significar, (re)transformar e (re)construir a situação de risco em que se encontra, de modo a averiguar a presença ou a ausência do risco nos seus processos psicológicos de funcionamento intra- e inter- psíquico.

Da mesma forma que a condução pode vir a constituir um palco de actuação dos elementos da vida psíquica em conflito (Matos, 2005), também a situação Rorschach poderá vir a constituir um palco de apuramento do risco e dos processos psicológicos do adolescente nele impressos.

3.6.2. Os Procedimentos de Análise dos Protocolos Rorschach de Adolescentes

O método conforme o que se irá analisar, conhecer, interpretar e significar os protocolos Rorschach dos adolescentes, será ajustado a **três momentos distintos**, a partir dos quais se traçarão os seus processos psicológicos de (re)construção e de (re)criação:

1. Análise resposta a resposta;
2. Análise cartão a cartão;
3. Análise dos elementos de cotação, reunidos no psicograma.

Antes de prosseguirmos com a apresentação e justificação dos procedimentos de análise dos protocolos Rorschach de adolescentes, convém aqui descortinar quais os elementos de cotação que se irão considerar na elaboração do psicograma.

O **Psicograma** pressupõe uma **primeira fase de cotação** de todas as **respostas Rorschach** do sujeito, subordinadas a determinados **princípios de cotação**, separadamente compostos por diferentes critérios (cotações específicas), seleccionados consoante o tipo de resposta produzida pelo sujeito.

São eles:

- os Modos de Apreensão, de abordagem mental, são referentes à localização da resposta do sujeito na mancha (forma como o sujeito se situa na mancha);
- os Modos de Expressão, os determinantes, de ressonância emocional, são referentes ao aspecto expressivo e vivencial da resposta do sujeito, divididos em 2 eixos, um mais perceptivo (sub-dividido em dois determinantes: o determinante *formal*, que remete para a percepção; e o determinante *sensorial*, que remete para a vivência e para o afecto, através da cor e do esbatimento) e outro mais projectivo (o determinante *cinestesia*, de nível maior ou menor, que remete para a projecção da relação);
- os Conteúdos, detentores dos interesses e das preocupações, são referentes ao descritivo atribuído, mais específico ou mais simbólico.

Não constituindo nosso objectivo proceder a uma alargada exposição dos mesmos, construíram-se **três Quadros-Resumo do Sistema de Cotação das Respostas Rorschach**, que se passam a explicar separada e abreviadamente.

Modos de Apreensão	INTEGRAÇÃO EXPLICATIVA
G	Respostas <i>Global</i> , relativas à mancha inteira do cartão.
D	Respostas <i>Grandes Detalhes</i> , relativas a recortes ou a partes de fácil selecção e isolamento da totalidade da mancha; frequentes.
DbI	Respostas <i>Detalhes Brancos</i> , relativas às lacunas brancas internas ou externas da mancha; tendência para o vazio.
Dd	Respostas <i>Pequeno Detalhe</i> , relativas a recortes ou a partes da mancha, mas muito raras, pequenas ou estranhas quanto à sua demarcação.
DO	Respostas <i>Detalhes Oligofrénicos</i> , relativas ao isolamento de um objecto, em geral constituinte de um todo e abordado enquanto tal; raros.

Quadro 14: Os Modos de Apreensão do Sistema de Cotação das Respostas Rorschach

Modos de Expressão	INTEGRAÇÃO EXPLICATIVA	
EIXO	F+	Determinante <i>Formal</i> de boa qualidade, adequada e adaptada ao mundo real
	F-	Determinante <i>Formal</i> de má qualidade, inadequada e desadaptada ao mundo real
	F±	Determinante <i>Formal</i> de qualidade incerta, vaga, indefinida, sem limites, reveladora de oscilações/hesitações por parte do sujeito
	C	Determinante <i>Sensorial Cor</i> , cromático, vermelho (afectos fortes e brutos) / pastel (afectos de ternura)
	C'	Determinante <i>Sensorial Cor</i> , acromático, negro e cinzento (mais depressivos) / branco (fragilidade narcísica; falta; carente)
	Cn	Determinante <i>Sensorial Cor</i> , enumeração aleatória das cores (sinal de desorganização).
	PERCEPTIVO	FC FC'
CF C'F		Conjugação do determinante <i>Sensorial Cor</i> , que domina sobre o determinante <i>Sensorial Formal</i> .
E		Determinante <i>Sensorial Esbatimento</i> , supõe impressão global, reactiva ao sensorial, ao táctil, ao transparente, ao profundo, de timidez afectiva; 4 tipos: Textura/Perspectiva/Difusão/Relevo.
EF		Conjugação do determinante <i>Sensorial Esbatimento</i> , que domina sobre o determinante <i>Sensorial Formal</i> .

	FE	Conjugação do determinante <i>Sensorial Formal</i> , que domina sobre o determinante <i>Sensorial Esbatimento</i> .
EIXO PROJECTIVO	K	Determinante <i>Cinestesia Maior</i> , representação da relação deslocada para imagens humanas em movimento.
	Kan	Determinante <i>Cinestesia Menor</i> , representação da relação deslocada para imagens de animais em movimento, de dimensão libidinal e/ou agressiva.
	Kob	Determinante <i>Cinestesia Menor</i> , representação da relação deslocada para conteúdos de objectos ou fenómenos naturais, em movimentos fortes, emanados do interior do objecto; correspondente das pulsões.
	Kp	Determinante <i>Cinestesia Menor</i> , pequenas, raras, em movimentos de imagens humanas parciais ou movimentos mínimos de imagens humanas inteiras mas parcialmente implicadas (ex.: gesto, mímica, etc.), de localização rara.
	Clob	3 condições: efeito claro-escuro / modo de apreensão G ou D / sensação disfórica de uma situação de perigo, ameaça e de grande angústia; menos estruturada, de emoções dolorosas.

Quadro 15: Os Modos de Expressão do Sistema de Cotação das Respostas Rorschach

CONTEÚDOS		INTEGRAÇÃO EXPLICATIVA
ESPECÍFICOS	Animais	Figuras animais inteiras (A), parte de uma figura animal (Ad), ou inclusão das mesmas em referências ao mundo sobrenatural ((A) ou (Ad)).
	Humanos	Figuras humanas inteiras (H), parte de uma figura humana (Hd), ou inclusão das mesmas em referências ao mundo sobrenatural ((H) ou (Hd)).
SIMBÓLICOS	Valor Sexual	Simbolismo fálico, respostas sexuais explícitas.
	Valor Agressivo	Destrutividade, respostas agressivas explícitas.
	Valor Regressivo	Significado defensivo, para evitar o conflito sexual e o conflito agressivo; mundo marinho, texturas, entre outras.

Quadro 16: Os Conteúdos do Sistema de Cotação das Respostas Rorschach

Então, após a devida e atenta cotação do protocolo Rorschach do sujeito, chega-se a **uma segunda fase**, de reunião desses dados recorrentes num **psicograma**, constituído por uma grande diversidade de **elementos de análise**, desde os mais **objectivantes** aos mais **subjectivantes**.

Todos os momentos enunciados, análise resposta a resposta, análise cartão a cartão e análise dos elementos de cotação (reunidos no psicograma), confinam-se ao imperativo de ***Dar Sentido e de Significar o processo-resposta Rorschach do adolescente***, impondo uma **análise dinâmica e interpretativa** do mesmo, assente na **compreensão dos processos psicológicos envolvidos no processo-resposta Rorschach**, retendo que este resulta do confronto entre o interno e o externo subjacentes à ligação, à transformação e à criação, entre o sujeito e o objecto, integrados subjectivamente numa intersubjectividade, em busca dos sentidos, dos sentires e dos significados face ao objecto catastrófico (as manchas Rorschach), ao seu impacto e à relação com e por ele estabelecida.

Em paralelo, coadjuvam-se determinados **Princípios Universais, reguladores e condutores** dessa **análise**:

- A representação de si e da imagem do corpo, inteira ou fragmentada (associando-lhe a noção de corpo estrangeiro - Cahn);
- A Identidade e a Identificação;
- A representação do masculino e do feminino;
- A representação da autonomia ou da dependência;
- A representação dos limites (seguros ou inseguros);
- A representação das relações ♀♂ (Bion);

- O tipo de actividade: perceptiva ou fantasmática;
- A realidade interna ou externa e a reciprocidade entre ambas;
- A realidade objectiva ou subjectiva e a reciprocidade entre ambas.

Além disso, sentimos ainda necessidade de acrescentar, integrar e vir a significar, neste processo de análise dos protocolos Rorschach de adolescentes, determinadas **conceptualizações** que se afluíram, na **Revisão Literária**, como **pontos de concentração importante a propósito da compreensão dos processos psicológicos do adolescente**, nomeadamente:

- O Sentimento de Inquietante Estranheza (Cahn);
- As Tríplices Basilares do funcionamento psicológico do sujeito (associação proposta neste trabalho, referentes aos diferentes Tipos de Relação ♀♂, aos diferentes Tipos de Transformação aos diferentes Tipos de *Vir a Ser*), agora representado pelo adolescente (Bion e Cahn);
- O reconhecimento das Reciprocidades Vitalícias Bionianas no adolescente, que anteriormente se agruparam em concordância com quatro itens:
 - ♀ ⇔ ♂ ⇔ Expulsão ⇔ Ingestão
 - PS ⇔ D ⇔ Fragmentação ⇔ Integração
 - PP ⇔ PR ⇔ Acção ⇔ Reflexão
 - Transformação ⇔ Simbolização,

pois são instrumentos de expansão e crescimento mental do sujeito psicológico, e como tal, exigem que se averigúe da sua presença (Bion);

- O reconhecimento da capacidade de fazer operar o Processo de Transformação, responsável pela capacidade de *vir a ser o que realmente se é* (Bion);
- A identificação de determinados *Símbolos* expressos no processo-resposta Rorschach dos adolescentes, enquanto expressão do significado e dos significantes internos e externos do sujeito psicológico face à *experiência da condução de motocicletas*.

Na continuidade da análise dos processos psicológicos do sujeito, descrita até ao momento, e independentemente de se virem a constituir procedimentos de análise mais específicos (apresentados no imediato sub-capítulo), deve integrar-se, em consonância, uma análise equivalente do **risco neles implicado**, de acordo com os parâmetros de risco já definidos neste estudo, à imagem das correlações estabelecidas no *nosso olhar* sobre o processo de desenvolvimento adolescente.

Isto porque, em nossa aceção, a submersão do adolescente ao Risco (percebido segundo os parâmetros para ele estabelecidos) depende da sua capacidade de vir a conhecer e a desejar crescer, ou melhor, da sua incapacidade ou não-desejo para tal, de se vir a ligar, a simbolizar, a transformar e a significar face, ora aos conflitos internos e externos implícitos nos conteúdos latentes e nos conteúdos manifestos dos cartões Rorschach, ora à situação catastrófica (a mancha equivalente ao caos devido à imprecisão de base) por eles despoletada.

3.6.3. Os Procedimentos de Análise dos Parâmetros de Risco nos Protocolos Rorschach de Adolescentes

Até ao presente momento, já se deu a perceber que o Risco, enquanto dimensão interna e externa decisiva no processo de desenvolvimento adolescente, expressa-se claramente no Rorschach por meio das representações e das significações internas e

externas do sujeito, isto é, depreende-se de acordo com os processos-resposta Rorschach do adolescente.

Além do mais, a **situação Rorschach**, no enlaço da sua composição, constitui à partida uma **situação de risco**, de onde se infere uma **dupla proposição lógica**: Se o sujeito psicológico conseguir transformar, construir e comunicar um sentido face ao Rorschach, e portanto *Ser face ao Outro*, então conseguirá (re)ligar-se e (re)equilibrar-se ao Risco a ele associado; Se o sujeito psicológico não conseguir transformar, construir e comunicar um sentido face ao Rorschach, e portanto *não-Ser face ao Outro*, então também não conseguirá (re)ligar-se e (re)equilibrar-se ao Risco a ele associado. Circunstâncias que obrigam ao despiste da possibilidade da ligação nunca vivida ou não aprendida ou da desligação ocorrida.

Por último, no encadeamento destes procedimentos de análise do Rorschach, considerou-se importante a **construção especificada de procedimentos de análise** para orientação e fácil ilustração dos **parâmetros de risco** (previamente definidos e contextualizados teoricamente) inerentes ao **processo de desenvolvimento adolescente**, nos **protocolos Rorschach**.

Esses procedimentos de análise dos parâmetros de risco no processo adolescente, organizaram-se de acordo com as conceptualizações teóricas, técnicas e metodológicas explanadas ao longo de todo este capítulo, pelo que não se explicarão novamente.

Motivo pelo qual se passa, instantaneamente, à **apresentação da nossa Proposta de Orientação da Compreensão e da Significação de cada um dos Parâmetros de Risco**, organizados de acordo com uma disposição metódica, num quadro de correspondência entre os parâmetros de risco (por nós descritos em tempo anterior) e os procedimentos de análise associados, explanado em imediata decorrência.

PARÂMETROS DE RISCO	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE
<i>Ausência da Relação</i> ♀♂, <i>Presença do Nada</i>	Representação da Relação ♀♂; Actividade Preceptiva e Actividade Fantasmática; Angústia; Processos de Defesa
<i>Perda de Coesão Interna,</i> <i>Ganho de Vazio Interno</i>	Qualidade dos Objectos; Fronteiras Interno-Externo; Reconhecimento do Outro; Angústia
<i>Ruptura com o Interno,</i> <i>Ruptura com o Externo</i>	Barreira de Contacto; Realidade interna-externa; Realidade Objectiva – Realidade Subjectiva; Cartões Bilaterais
<i>Ausência de Limites,</i> <i>Presença de Desejos</i>	Representação dos Limites; Contornos Eu-Outro; Distância ao Objecto; Diferenciação Objectal; Crescimento/Impasse
<i>Corpo Estrangeiro,</i> <i>Corpo Desconhecido</i>	Representação da Imagem do Corpo (vivência); Pólo Pulsional
<i>Identidade Falhada,</i> <i>Dependência Conseguída</i>	Representação de Si; Processo Individuação; Identificação Primária ou Secundária; Pólo Narcísico; Cartões Bilaterais
<i>Sexualidade Activa,</i> <i>Integridade Passiva</i>	Identificações Sexuais; Representação do Masculino e do Feminino; Problemática Edipiana; Integridade Corporal
<i>Agressividade Actuada,</i> <i>Afectividade Pensada</i>	Relacional Libidinal – Relacional Agressivo; Relações/Cenas Extremadas; Conteúdos
<i>Incapacidade de Adaptação,</i> <i>Capacidade de Dispersão</i>	Reacção ao Caos; Reacção Cartão a Cartão; Cartão X

Quadro 17: Os Procedimentos de Análise dos Parâmetros de Risco no Adolescente

Resta-nos frisar que, do final deste trabalho de investigação, de reflexão e de significação dos **processos psicológicos e do risco inerentes ao adolescente**, expressos por intermédio do **método Rorschach**, resultará, por um lado, uma **síntese integrativa** de todos os aspectos que se apresentem como importantes, revelando a completude do sujeito psicológico, o adolescente, salientando especialmente o risco nele percebido, conjuntamente resultantes da (re)construção, da (re)criação e da (re)significação no Rorschach, e por outro lado, uma **Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach de Adolescentes**, orientadora e esclarecedora da presença, da compreensão e da interpretação dos **processos psicológicos do adolescente** e das **expressões do risco** a ele associadas.

**4. APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO
DOS PROTOCOLOS RORSCHACH DE ADOLESCENTES**

4.1. Apresentação, Análise e Discussão de 2 Protocolos Rorschach de Adolescentes

Neste capítulo proceder-se-á à apresentação, à análise e à discussão de **dois protocolos Rorschach de Adolescentes**, sempre com a preocupação de *olhar* e de encontrar, em cada um deles, os seus sentires, os seus significados e os seus sentidos criadores, recriadores, simbólicos e únicos, com vistas à compreensão dos processos psicológicos neles implicados e do risco neles inscrito.

Em qualquer uma das situações Rorschach a examinar, atribuiu-se um nome fictício a cada um dos adolescentes que integram este estudo, por forma a garantir a confidencialidade que lhes é devida e facilitar o nosso discurso em sua abordagem. Além disso, postulou-se, ainda, uma nomenclatura simbólica de cada adolescente, em sintonia com os conteúdos por ele expressos no protocolo Rorschach.

Posto isto, importa referir que a análise individual da cada protocolo Rorschach dos adolescentes será conduzida mediante seis momentos:

1. **Análise Resposta-a-Resposta:** decomposição do protocolo (passível de consulta em formato integral, em anexo) de acordo com a totalidade das respostas individuais do sujeito face ao material Rorschach, analisando-as uma a uma, o que integra a respectiva cotação.
2. **Análise Cartão-a-Cartão:** apresentação separada dos cartões Rorschach, produzindo uma reflexão de ordem técnica e teórica acerca do processo-resposta Rorschach do sujeito.
3. **Análise do Psicograma:** observação do psicograma do sujeito (totalidade dos dados também em anexo, junto do remetido protocolo Rorschach do adolescente), procedendo-se à elaboração compreensiva e integrativa dos mesmos, salientando os aspectos de maior relevância a propósito dos objectivos do corrente estudo.

4. **Análise Dinâmica:** compreensão integrativa dos processos psicológicos do adolescente de acordo com os **Princípios Universais** estabelecidos no método Rorschach, com os **Princípios Propostos** na revisão da literatura da investigação em curso e do risco neles sobressaliente.
5. **Análise dos Parâmetros de Risco:** situar o sujeito em cada uma das dimensões ponderadas a respeito do risco, através da ponderação do conjunto dos parâmetros de risco, por nós apurados, expressos no protocolo Rorschach do adolescente, num quadro específico para o efeito.
6. **Síntese Final:** composição de uma síntese final acerca dos processos psicológicos identificados no adolescente e do risco neles expresso.

Em sequência dos quais, se abrirá um pequeno espaço de **análise comparativa** dos dois **protocolos Rorschach dos adolescentes**, com o objectivo de despistar **semelhanças e/ou diferenças** de relevo entre os processos psicológicos revelados por cada um.

4.2. Protocolo Rorschach de Sofia, o *Capuchinho Vermelho*

Um dos adolescentes que participou em nossa investigação é do sexo feminino, tem 14 anos e frequenta o 9º ano de escolaridade. Decidimos chamá-lo *Sofia*.

Após a aplicação do Rorschach e uma primeira leitura do protocolo resultante, considerou-se que a associação de Sofia ao *Capuchinho Vermelho* seria a mais adequada para a prossecução da correspondência simbólica que se deseja fundar.

4.2.1. Análise *Resposta-a-Resposta*

I

1. *Acho que isto podia ser um lobo (G).*

Cartão I

(A cara toda com as orelhas e os olhos -DbI Inf- e o pêlo de lado).

GbI FE A/Ad

No primeiro contacto com o material Rorschach, Sofia oferece-nos uma resposta reveladora da sua imediata inquietude: iniciando-a com a precaução verbal *acho*, e continuando muito a medo, experimenta revelar-nos o que os seus olhos e a sua psiqué observavam, acabando por nos presentear com um *lobo*, animal feroz, de profundas marcas mitológicas, que remete para a agressividade oral e para uma imago mais primitiva. E no inquérito, logo passou de *lobo* para a restrição de *focinho do lobo*, ou seja, de uma figura animal inteira (A), passou para uma parte dessa figura animal (Ad), dando-nos conta de alguma dificuldade inicial em manter a representação de uma imagem corporal inteira. Sensível ao *pêlo* do animal, solta a aderência ao sensorial e ao táctil da mancha, mas que procura controlar por intermédio do domínio de uma boa forma sobre a textura percebida (FE) – suficiente adaptabilidade face ao caos suscitado.

Uma resposta em G, que integrando o branco internacular torna-se GbI pela inversão figura-fundo, apontando para o quanto o branco identificado enquanto *olhos* teve impacto sobre Sofia, então sensível à lacuna alusiva às relações precoces com o materno, aqui de expressão contentora insuficiente. Tanto que a falta é preenchida

com *olhos* que perseguem e activam fantasias persecutórias, aos quais se acrescentam as *orelhas* do lobo, que detêm uma acuidade auditiva deveras apurada, ao ponto de também se constituir como elemento persecutório. Assim, seja qual for o movimento de Sofia, de imediato o *lobo* a identifica como sua *presa*, pelos ruídos emitidos, e persegue-a com o seu atento olhar, até à melhor ocasião para a *caçar*.

O nosso imaginário logo se ligou ao conhecido conto do *Capuchinho Vermelho*, aqui transformado na seguinte fantasia: Sofia, a capuchinho vermelho, a caminho de uma resposta face à mancha Rorschach, depara-se com o lobo que a ameaça, persegue e perturba, incutindo-lhe medo face ao desconhecido que ainda tem de percorrer. Veremos, se um tal cenário perdura ao longo de todo o percurso Rorschach, ou se Sofia o consegue vencer, com a participação do caçador (o clínico), seu parceiro neste percurso, apanhando o lobo em flagrante e (re)construindo um continente seguro!

2. *Ou então dois papagaios (G).*

(Com o bico e a barriga).

Cartão I

G F- A

De uma primeira resposta de suficiente adaptação, Sofia, *em fuga do lobo*, decai para uma má forma atribuída à totalidade da mancha, num movimento regrediente. Ainda que identificando dois animais inteiros, o facto de serem papagaios dos quais sobressaem o *bico*, que ora alimenta (podendo saciar) ora *dá bicadas* (podendo ferir), e a *barriga*, alusiva ao materno, por sinal pouco contentor, aponta para uma cedência às pressões dos conteúdos solicitados pelo material, consubstanciada numa produção de considerável perda de qualidade adaptativa.

3. *Ao mesmo tempo parecem assim olhos de rato (DbI Sup),*

já fiz uns olhos assim. Esta é esquisita, nunca tinha visto.

Cartão I

DbI F- Ad

Continuando num movimento regrediente, e novamente centrada no branco internacular da mancha, Sofia confirma a problemática relacional precoce com o materno, numa sensibilidade ao vazio, mais uma vez tomado como *olhos* persecutórios, agora de um *rato*. Ao isolamento da lacuna (DbI) acrescenta-se outra má forma subjugada a uma pequena, mas importante, parte do corpo, os olhos,

persistindo a dificuldade em integrar uma imagem corporal una, que para além do mais se refere a um rápido e arisco roedor, detentor de importante agressividade e sentimentos repulsivos.

<p>4. <i>Esta parte aqui, sem contar com isto, metade da copa de uma árvore, também sem contar com as partes brancas.</i> (Aqui com as folhas a cair. É a única coisa de harmonioso). (Não gostei muito desta imagem, acho que é de ser lobo).</p>	Cartão I
	G F- Bot

Tentando reequilibrar-se, constrói uma resposta em G mas escotomizando as partes da mancha que sente como ansiogénicas (daí o G barrado), das quais não consegue escapar, tanto que persiste uma má forma, agora num conteúdo botânico, alusivo ao materno e ao feminino, aqui explanado de forma incompleta, porque apenas está presente metade da copa da árvore – denota a incompletude do continente materno. E o lobo não a larga!

II

<p>5. Aqui uma borboleta, aqui ao fundo (Verm Inf). (corpo, asas)</p>	Cartão II
	D F+ A

À entrada no segundo cartão, a reactividade ao vermelho é imediata, mas ao invés de um choque, Sofia “*segura-se bem*” a uma borboleta – um corpo inteiro e dotado de boa qualidade formal. Será que constitui um verniz que oculta o pulsional nela contido? Vamos esperar, para ver!

<p>6. Aqui um pássaro, nesta parte branca (Dbl). (um pássaro a voar).</p>	Cartão II
	Dbl Kan A

E na verdade, assiste-se, novamente, a um movimento de fuga aos conteúdos ansiogénicos implícitos na mancha, através de um novo preenchimento da lacuna

internacular, que isola de tudo o mais (Dbl), agora com um animal inteiro, um pássaro (A, sem especificação precisa), numa situação de dinamismo, porque lançado em voo (Kan), talvez rumo a um ninho materno mais acolhedor do que o vazio consecutivamente sentido como perturbador.

7. *A parte preta toda, um morcego.*

Cartão II

D F- A

De uma cinestesia menor, passa para uma má forma animal (restrita ao negro da mancha), reflexiva de um outro voador, um *morcego*, este de carácter nocturno, agressivo, misterioso e algo malévol. Característico pela frequente posição de inversão do corpo, poderá invocar a forma como Sofia se sentia no momento: em tentativa de inversão e evitamento dos conteúdos que a inquietam. O morcego que persegue e afugenta o outro, como Sofia tenta afugentar de si o simbólico que a persegue.

8. *E ao mesmo tempo, um coelho aqui em cima (D Preto Sup).*

Cartão II

Só a cabeça de um coelho esquisito. Um coelho velho, não sei...

(por causa dos olhos, tem um ar agressivo).

Do F+ Ad

Paradoxalmente, Sofia contrapõe o morcego com um coelho, mais especificamente, a cabeça do coelho (Ad), considerado *esquisito*, *velho* e *agressivo* devido aos *olhos*, sob os desígnios de um detalhe oligofrénico ditado pela restrição da percepção e do conteúdo. É clara a permanência de uma força defensiva em busca do impedimento da emergência dos conteúdos relativos ao materno, ao feminino e ao pulsional agressivo e sexual, por ela percebidos como ameaçadores e inaceitáveis, reflectindo uma incapacidade de integração dos diferentes elementos da mancha entre si numa só unidade, motivo pelo qual os tenta reprimir.

9. *Estas partes aqui (Verm Sup), parecem duas galinhas.*

Cartão II

(as duas patas, a cabeça, o corpo).

D F- A

Atentando, posteriormente, e exclusivamente, aos vermelhos superiores (D), conjuga nas *galinhas* o pulsional agressivo numa resposta de má qualidade formal (F-), a partir do qual adverte um suporte em dois animais inteiros (A), avarentos, cacarejantes e de bico indicado para bicadas sobre quem dela (ou das crias) se tente aproximar.

10. *Esta parte só aqui parece a cabeça de um pinguim.*

Cartão II

(Com o bico aqui só, aqui pouco nítido -Verm sobre Preto- parece um olho fechado).

Dd F- Ad

Persistindo numa má forma (F-), igualmente se contempla uma parte muito restrita do material Rorschach (Dd), isolada numa parte do corpo de um animal (Ad), agora identificado enquanto as partes do todo não percebido. Sensível ao vermelho sobre o negro, os afectos mais brutais sobre os depressivos, outra vez os *olhos* e o *bico* na cabeça de um *pinguim*, animal de habitat gélido e branco – embora fora do branco lacunar, mantém inclusa a carência narcísica por ele suscitada, aqui através do animal escolhido que apela à frieza e à fragilidade. Nele, atenta disfarçadamente, pela conotação de pouca nitidez, um *bico* equivalente agressivo, ao qual se segue um *olho*, agora fechado, provavelmente equivalente ao evitamento do pulsional irascível.

III

11. *Parecem duas pessoas a dançarem* (G).

Cartão III

G K H Ban

Exposta à bilateralidade e à imposição das silhuetas humanas do cartão III, a representação da relação (K) na totalidade da mancha (G) assume-se como a primeira reacção de Sofia ao cartão, mas precedida pela precaução verbal *parece*. Numa resposta de movimento reflector de balanceamento (dançar implica capacidade para se balancear), dá-nos conta de duas figuras humanas (H), mas indiferencia-as tanto ao nível da identificação sexual como ao nível da identidade de género respectiva. Ainda assim, constitui-se enquanto banalidade face à elevada frequência deste tipo de resposta neste cartão.

<p>12. <i>Isto aqui parece um bocado estranho, mas parece um bebé, um embrião</i> (Verm Sup). (parece um embrião, com o cordão umbilical, pequenino e enrolado, e por causa das duas mulheres).</p>	<p>Cartão III D Kp H</p>
---	---

Sofia não resiste ao vermelho (D), e liberta a regressão ao mundo intra-uterino numa Cinestesia menor rara (Kp), construindo a sua resposta num registo muito primário, anterior ao nascimento, identificando o embrião em movimentos mínimos, supostamente no ventre materno, ao qual se mantém ligada pelo cordão umbilical, numa relação aqui representada como simbiótica.

Para além disso, simbolicamente *enrolado* e *pequenino*, revela uma posição de imaturidade sobre a qual Sofia se coloca. Momento em que clarifica o que não identificou na anterior resposta: as figuras humanas percebidas são duas mulheres (H).

Em processo de construção, Sofia confronta-se com a mulher-mãe e com a mulher-Sofia, embora esta última balance entre a maturidade e a autonomia da adultícia, e a infantilidade e a dependência da ainda bebé-Sofia, aqui disputadas.

<p>13. <i>Isto aqui parece-me um rim. Estes dois.</i> (Verm Central).</p> <p><i>Acho que nesta parte as pessoas seguram dois cestos. Aqui parecem-me sapatos altos bicudos (das pessoas). Acho que são duas mulheres, e daí os bebés, com o cordão umbilical.</i></p>	<p>Cartão III D FC Anat</p>
---	---

Focalizada sobre o vermelho central explícito (D), acrescenta uma resposta anatómica (*rim*), de boa qualidade formal que predomina sobre a qualidade sensorial (FC). De onde se releva uma elaboração controlada, quando subjugada à anatomia do corporal.

No entanto, não termina sem se prestar a um comentário final, de retorno ao aspecto que realmente marcou este cartão, e que mais à frente se aprofundará: a relação continente-conteúdo mais primária.

IV

14. *Parece-me um gigante, um gigante com umas asas, sentado...*

Cartão IV
G KClob (H)

Parece que tem imenso cabelo (ondulado, grande e rebelde) e um nariz comprido. Tem umas botas grandes. Parece-me estar a descansar.

Iniciando a sua resposta pela já habitual precaução verbal *parece-me*, Sofia permite-se à tonalidade emocional e ao valor simbólico implícitos no cartão IV pela reacção às dimensões estrutural e sensorial, globalmente representados pelo *gigante* observado na totalidade da mancha (G), gigante esse portador de asas, conferindo-lhe um estatuto sobrenatural ((H)).

Sofia frente ao gigante, deixa transparecer uma sensação disfórica pelo perigo detectado nesta figura de destruição e de ameaça intermitentes (daí a inclusão do Clob no modo de expressão, mas como cotação secundária), absolutamente perceptíveis no comentário final de Sofia (que aqui se transcreve para melhor elucidação dos factos).

Sentado (K, como cotação principal e dominante sobre o Clob), o forte e aterrador gigante, alusivo ao paterno, encontra-se num estado contrastante com a sua posição de domínio habitual, entretanto percebido como *cansado*, possivelmente prostrado sobre si mesmo e passivo face ao outro que se aproximar de pé, invertendo-se a posição de força, pelo que se lhe atribui a conotação transformada de gigante inofensivo.

Contudo, e porque enriquecido pelas asas, a eventualidade de um voo que o recoloca no sua primordial classe de superioridade robusta e potente, confere-lhe a capacidade de, habilmente, surpreender quem da sua fragilidade se tentar aproveitar.

15. *Em cima de uma cadeira (D Central Inf).*
(ou um tronco de árvore a fazer de cadeira)

Cartão IV
D F+ Obj

O objecto sobre o qual o gigante se senta para descansar é uma cadeira/tronco de uma árvore, objectos relativos a uma parte da mancha, de isolamento frequentemente (D), de simbologia fálica, aqui preconizada segundo uma boa forma.

V

16. *Parece-me um morcego visto detrás.*

Cartão V

(Acho que está a voar. Está detrás porque não vejo a cara dele).

G Kan A Ban

Mudando para o cartão V, Sofia constrói uma resposta sobre a totalidade da mancha (G), à qual atribui o movimento *voar* (Kan), voo corporalizado, novamente, num morcego (A), considerado banalidade neste cartão pela sua usual ocorrência. Morcego este, agora de costas e sem rosto perceptível, ou seja, respectivamente em oposição à relação e sem identidade, mas com uma imagem corporal una, reveladora da possibilidade de integração de um corpo inteiro. Além do mais, o morcego em voo talvez se encontre *em busca do rosto perdido...*

17. *Aqui a parte do fim (D Lat), de perfil, faz-me lembrar uma ratazana qualquer que vi num filme.*

Cartão V

D F- A

Mas em vez de encontrar *o rosto perdido*, depara-se antes com uma retirada rumo à imagem de uma *ratazana qualquer* (A), que embora invoque sentimentos de repugna e asco em relação à sua configuração agressiva e deteriorante, tendo sido vista *num filme* (recurso à intelectualização), perde qualidades vitais, a par de uma localização restrita (D) provida de má qualidade formal (F-), muito desadaptada à realidade objectiva, que ainda para mais, é demasiado clara nesta mancha, pela sua neutralidade.

Pelo que se constata uma necessidade de fuga no momento de confrontação com a possibilidade/impossibilidade de uma representação de si unificada, entretanto geradora de angústias muito profundas em Sofia, que a obrigam a *deixar por terra* as suas defesas psíquicas, dando lugar ao surgimento do F-, muito pouco abonatório para a mesma, expressando a sua fragilidade identitária.

18. *Esta parte das asas parece-me uma nuvem.*

Cartão V
D F+ Nat

Sentindo-se em risco de desorganização, Sofia exprime a sua insegurança e coloca-se *sobre as nuvens* (F+), elementos da natureza (Nat) repletos de imprecisões e oscilações, sem limites definidos e, neste caso, certamente associadas a temporais, pois a sua tonalidade escurecida sugere uma previsão meteorológica pouco favorável. Facto concordante com a situação de oscilação em que Sofia se encontra, entre *quem é, de quem é e o que é*, sobressaindo uma notável fragilidade identitária, também reveladora de previsíveis tempestades internas e externas – suspeitas que vêm, estas sim, tomando uma forma cada vez mais definida.

19. (>) *Aqui, parece-me uns pauzinhos de caracol...* (D Inf).

Cartão V
Do F+ Ad

Tanto que em seguida, alterando a posição do cartão para se recolocar na imagem, Sofia procede não só, a uma restrição perceptiva de uma parte da mancha, normalmente acatada em sua totalidade, reduzindo alargadamente o todo disponibilizado ao sujeito, como também a uma restrição do conteúdo, usualmente referente a um animal completo (A), e aqui limitado a uma pequena parte do seu corpo, *uns pauzinhos de caracol* (Ad) – dando origem à imposição de um detalhe oligofrénico (Do), indicador de uma incapacidade de integração do objecto total e de um campo perceptivo estilhaçado.

Manifestamente, os *pauzinhos de caracol* proferidos, habitam num simbolismo equiparado a antenas de emissão electromagnética, que Sofia desejaria pôr em funcionamento de modo a captar, sem qualquer tipo de interferências, o rosto ainda não encontrado!

20. *E ao mesmo tempo (Λ) as pernas do morcego* (D Inf).

Cartão V
Do F+ Ad

Situação essa que é, sem dúvida, reforçada na imediata produção, um novo Do característico pela dupla restrição da percepção e do conteúdo, diferindo apenas na parte que é, em vigésimo lugar, identificada: agora, *as pernas do morcego*.

Sofia procura incessantemente o *rosto do morcego*, anseia pelo encontro com a expressão facial do outro, espelho da sua, reflectindo irregularidades luminosas e intrigantes em todas as direcções, mas na escuridão envolvente, só consegue tornar perceptível as *pernas do morcego* – parte do corpo curiosa, porque dela resultará a possibilidade de movimento rumo ao todo, dependendo da intensidade com que as *pernas se apressarem, em passo de corrida*. Esperemos que, também Sofia, tenha *pernas para andar...*

VI

21. A parte de cima parece a cabeça de uma raposa que tem nós no pêlo (D Sup). (o pêlo não está todo no mesmo sítio, está desalinhado).

Cartão VI

D FE Ad

E chegada ao sexto cartão, obviamente com uma precaução verbal (*parece*), adere instantaneamente ao sensorial e ao táctil. Todavia, focaliza-se na saliência que se destaca na parte superior da mancha (D) abordada pela dupla expressão formal vs. sensorial esbatimento (FE), dominando o primeiro, uma boa forma, bem precisada na mancha, em detrimento do segundo, a estampagem contrastante de claros e escuros, o que nos dá conta da tentativa de controlo dos afectos primários suscitados pelo material.

Uma *cabeça de uma raposa* (apenas uma parte do todo – Ad), animal matreiro e inteligente, de pêlo forte e brilhante, chama Sofia pelo eminente chorrilho de conflitos narcísicos e pulsionais que se entrelaçam e dão nós *no seu pêlo*, tal como acontece no mundo interno e no mundo externo de Sofia, deveras embrulhado e *fora do sítio*, talvez até fora da *lei* ou demasiadamente dentro dela, reconhecendo-lhe apenas um jogo de movimento passivo e exclusivo, alojado na parte superior do corpo do animal – a cabeça, a responsável pelo que se pensa, pelo que se faz, pelo que se sente e pelo que se age, ignorando as restantes partes do corpo.

Sofia, *capuchinho vermelho*, vai triunfando na sua busca, e por entre os perigos e as ameaças oriundos do *Bosque dos Conflitos* em descoberta (a sequência dos

cartões Rorschach), embora perseguida pelo *olhar do lobo mau*, choca com a cabeça de uma raposa, a falha da grande parte dos todos até então percebidos, mas ainda sem rosto definido, apenas fazendo-a sobressair como elemento detentor de uma força maioritariamente intelectual, que predomine sobre o pulsional-corporal, como forma de tentativa de domínio da pulsão incomodativa.

<p>22. <i>Esta parte aqui parece um tapete de pele, acho que ele todo parece um tapete de pele (G).</i></p>	<p>Cartão VI</p>
<p>(é todo simétrico, como pele cortada, e a gradação das cores também me faz pensar).</p>	<p>G FE A</p> <p>Comentário Simetria</p>

E de uma resposta relativa a uma parte do todo, passa para uma resposta não só açambarcadora do todo (G), em relação ao qual mantém o mesmo registo de duplicidade formal e sensorial, acentuando o controlo sobre o emocional e o pulsional em sua completude (FE), como também aferrada a um corpo uno (A), embora desvitalizado, visto referir-se a uma *pele, morta*, de um animal – considerando-se, acima de tudo, uma progressão de gradiente ascendente.

No entanto, e acrescentando-lhe o comentário de simetria efectuado por Sofia, de organizador clivado pela primazia do *corte da pele*, percebe-se a aparência do referido movimento progrediente, tanto que a fraqueza, a insegurança e a instabilidade de Sofia são visíveis nas significações e sentires face ao suporte externo, insuportável, face ao corpo lactente, perturbador, face à busca do outro, ameaçador, face ao toque, eminentemente assustador, face ao débil continente dos conteúdos indesejados ou ainda mal elaborados pela mesma, então sentidos como chama das angústias regressivas, em consumo pelas labaredas internas e externas alojadas no pensamento, que a queimam e fazem sofrer pela dor inflectida – daí a turbulência generalizada, motivada pela necessidade de invocação de um continente calmante e reestruturante, que embora elemento fulcral ao crescimento transformacional, é lacunar em Sofia.

VII

23. *Parecem-me dois coelhos. Parece que estão vestidos com duas saias. Parece que são um bocado arrogantes. Parece que se confrontam quase, ou que se invejam. Estão meios virados um para o outro. Talvez sejam coelhas, é um bocado mais típico de mulheres, acho eu.*

Cartão VII

(Aqui a cabeça, com a mão virada para o lado e depois a saia. Arrogantes. Estão viradas de lado, como que a observar a outra, com vontade de magoar, ou de fazer mal à outra).

G Kan A

Chegando ao sétimo cartão, Sofia exprime recorrentes precauções verbais enquanto compõe a sua resposta relativa à totalidade da mancha (G), que organizando-se bilateralmente numa relação de competição e de ambivalência sexual entre dois animais inteiros e distintos (Kan A), reflecte o conflito narcísico face ao masculino - feminino (coelhos ou coelhas, de saias), o confronto e a disputa feminino - feminino (coelhas que intentam magoar-se, ferir-se e vencer na luta pela melhor das melhores), a ambivalência entre relacional e a-relacional primitivos (em relação de agressão ou quase de costas viradas, porque em posição corporal a "meio - gás"). Confrontos que evadem e ferem Sofia narcísicamente, tal como o patamar relacional expresso, que carece de múltiplos ajustes internos e externos, subjectivos e objectivos.

Neste momento, assiste-se, por um lado, ao processo de distinção e de afirmação de uma imagem corporal inteira, da identificação sexual (com o feminino) e da identidade em precoce construção mas, e por outro lado, ao prolongamento do sofrimento de Sofia, neste caso sob a alçada do relacional e da agressividade manejada num pedestal de altivez, em formato de injúrias, deslocando a sua expressão para conteúdos animais de carácter narcísico, pedestal leviano, de queda fácil e brutal para um abismo aniquilador.

VIII

24. *Parecem dois tigres, estas partes* (Rosas Lat).

Cartão VIII

(parecem estar a subir qualquer coisa).

D F+ A Ban

Dando entrada nas tonalidades pastel, Sofia inicia-se numa resposta muito frequente, relativa aos rosas laterais (D), favorecedores de perceptos animais inteiros (A) em movimento, de baixo para cima (portanto, em ascensão, em subida), mas que neste caso não se cota como Kan, por se tratar de um movimento demasiado real e evidente na mancha, que então deve ser cotado como uma boa forma (F+) acrescida de banalidade.

Sofia parece ter aliviado, neste ponto do seu percurso Rorschach, em jeito de fantasia corroborada pelo *Bosque dos Conflitos*, a tensão e a componente ansiogénica continuamente presentes até ao momento, por intermédio de uma proximidade ao real objectivante e adaptado.

Porém, interessa explicar que o animal seleccionado por Sofia, o *Tigre*, é característico pela sua potência, força e domínio no reino animal, geralmente, temido por todos, tendo em conta os seus robustos e contínuos arremessos de teor agressivo, aqui identificados numa posição que lhes é favorecedora e adequada – em escalada de domínio onipotente.

De onde se infere a compreensão do movimento a que Sofia dá início neste cartão: uma tentativa de domínio sobre o *Outro*, semelhante ou diferente, presente ou ausente, bom ou mau, real ou irreal, mas sempre indutor de conflitos extremados.

25. *Aqui uma borboleta* (Laranja + Rosa Inf).

Cartão VIII

D F+ A

Numa situação de maior manutenção do equilíbrio no interno e no externo outrora reactivados, Sofia prossegue num registo adaptado ao real, focalizando-se num detalhe de fácil destaque na zona média-inferior da mancha (D), na qual visualiza uma *borboleta*, uma boa forma animal inteira e integra (F+ A).

26. Uma foca a levantar a cauda (D Sup)	Cartão VIII
(aqui o corpo e a cauda).	D Kan A

Prolongando o seu olhar sobre a mancha, Sofia retém uma outra zona destacável da mancha total (D), na qual desenvolve uma situação de um animal inteiro em movimento do uma parte específica do corpo (Kan A), que sendo uma *foca a levantar a cauda*, torna-se passível de se inserir numa postura de exibicionismo do seu corpo próprio, remetendo a uma significação regressiva de afectos primários.

27. Isto parece-me o mar, esta parte mais escura o horizonte...	Cartão VIII
(parece-me um pedaço de mar, aqui a pingar.	D KobC Nat
O horizonte na junção do céu com o mar, mas aqui é na junção de dois mares).	Comentário Ligação

No final da abordagem ao oitavo cartão, Sofia defronta-se com a necessidade de retractar uma imagem de tranquilidade, suportada num fenómeno da natureza (Nat) em movimento de aproximação centrífuga (clarificação ocorrida na fase de inquérito transcrita), distinção da qual participa, sem margem para dúvidas, a cor da mancha em análise, que empurra o sujeito para constelações semelhantes à que Sofia nos ofertou.

Deslizando para um comentário de ligação, embora explícito na referência ao *horizonte* que nos galanteia com a *junção do céu com o mar*, restringe-se a uma ligação diferente, que Sofia enfatiza na mancha, a *junção de dois mares*, como se de uma simbiose marítima se tratasse.

Cenário de tripla intencionalidade formal, colorida e de movimento, que reenvia aos cenários maternos primários, também triplamente carregados de intencionalidade perceptiva, afectiva e relacional, dos quais sobressaem, em simultâneo, ambiguidades contrastantes, providas daqueles que preenchem um tal cenário balanceante e claramente marcado pela clivagem entre um lado e o outro, muito bem demarcados pela *linha* que os separa rente à *junção* (factor simétrico subentendido).

IX

28. *Parece-me um copo de água, na parte mais clara* (Dbl).

Cartão IX

Dbl F+ Obj

Mudando de cartão, Sofia também muda, tal como a sua comunicação, agora retornando à permeabilidade ao branco (Dbl) remanescente da zona superior da mancha, configurando-o numa boa forma de objecto (F+ Obj), *um copo de água*, percepto ancorado à realidade objectiva exterior, um copo contentor de água, concomitante à transparência de uma concha delimitadora dos contornos intra-uterinos e contentora do *embrião* outrora lembrado.

29. *Com dois homens a disputarem por ele.*

Cartão IX

Parece que fazem um braço-de-ferro, não sei... (Laranja + Dbl).

D K H

Diante do copo, diante do objecto continente, Sofia coloca dois homens inteiros (H) num movimento de disputa pelo mesmo (K) e, certamente, pelo seu conteúdo, *a água tão leve como a sede* de um continente apaziguador das angústias de dispersão sentidas face ao fantasma primário, pré-genital, invocado pelo material.

30. *A parte verde parece-me um hipopótamo com asas, parece-me triste.*
(a cabeça e aqui as asas).

Cartão IX

D Kan (A)

Por baixo da descrição anterior, localiza um *hipopótamo com asas*, uma imagem de ilustração mágica ((A)), visto acrescentar-se um conjunto de asas (processo de atribuição igualável ao do *gigante* da resposta 14, ao cartão IV) a um animal que, na realidade, é desprovido das mesmas, para além do contra-senso de se atribuir um instrumento de leveza a um *peso pesado* – como se de um contraste entre o grande e o pequeno se tratasse.

Afrontando-se que o hipopótamo é um animal de *pele* grossa e áspera, mas resistente e, porquanto, portador de potencial simbólico delimitador de um favorável envelope interno e externo.

Porém, Sofia confere-lhe a atribuição do sentimento de *tristeza*, na verdade semelhante ao cansaço identificado no já referenciado *gigante*, como se brotasse de Sofia a necessidade de enfraquecer as figuras inteiras masculinas de poder onipotente, provavelmente como processo defensivo da manutenção da sua integridade psíquica e física, que presente ameaçadas, em contexto assimétrico.

A este propósito, não deixa de ser curiosa a contradição subjacente a esta expressão: o *afecto tristeza* aplicado sobre o *verde esperança!*

31. *Isto aqui parece-me uma jarra, ou um copo ao contrário*
(D Rosa central), e os *hipopótamos apoiam-se nele*.

Cartão IX

D F- Obj

Sofia decai para uma outra parte separada da mancha total (D), onde identifica *uma jarra*, uma assunção tão desadequada, que prontamente se cota como F-.

Todavia, importa salientar que uma *jarra* insere-se numa significação precisa enquanto objecto dotado de limites internos e externos, pelo que é considerada como um elemento de um elegante suporte interno-externo. Facto que permite rever a resposta de Sofia, que embora de fraca adaptabilidade e de má qualidade formal, denota o incessante movimento de busca que Sofia não se cansa de exercitar, com o intuito de detectar um continente seguro. Contudo, quanto mais procura no externo, objectos continentes da ruptura interna, maior é a amplitude da ruptura interna, agora também externa, porque aos objectos encontrados, atribuem-se qualidades mínimas.

32. *Aqui ao lado duas bolas saltitonas* (Rosas).

Cartão IX

D Kob Obj

Em seguida, propagando a ruptura interna e externa, Sofia procede a um deslocamento da pulsão sexual para conteúdos de ordem objectivo-racional (Obj), *duas bolas saltitonas*, objectos arcaicos representativos do órgão sexual masculino, atestando um forte movimento centrífugo, implicitamente pulsional (Kob), que se mantém em movimento incessante e volúvel, perturbador e inquietante.

33. *Mas o desenho todo parece-me um leão,
ou um rinoceronte, mais um leão, acho eu...*

Cartão IX

(Aqui o nariz e aqui a parte do bigode do leão -D Verde-,
aqui os olhos -D Laranja- e aqui a boca -D Rosa-).

G F- A/Ad

Aspecto que causou um impacto de tal forma estrondoso dentro de Sofia, que a conduziu ao fecho das respostas ao nono cartão através de uma produção final sobre a totalidade da mancha (G), mas de péssima qualidade formal (F-).

Agarrada às já familiares precauções verbais, Sofia tenta arduamente manter uma integridade corporal montada sobre uma imagem animal inteira (A), todavia, a sua inquietude interna e externa não o permite, empurrando-a para uma composição de uma parte isolada do corpo do animal (transformando o A inicial em Ad) – sem dúvida, e à semelhança do que fizera com o *lobo*, a *cabeça do leão*, visto que só consegue distinguir o seu *nariz*, o seu *bigode*, os seus *olhos* e a sua *boca*, eliminando o seu corpo. Quase que um sinal de alerta ao desejo de esquecer as forças pulsionais reactivadas no seu corpo próprio, resumindo-se à cabeça - não ao rosto, mas à cabeça (são proposições muito diferentes, de significados distónicos e de suporte também muito distinto).

Para além do que, a própria categoria do animal fora ao princípio incerta, acabando por se decidir por um Leão, que esteve para ser Rinoceronte. E ainda que tenha ficado leão, ambos os animais, leão ou rinoceronte, são um símbolo exacto de potência e virilidade masculina e, portanto, prestam-se a prolongar os conteúdos anteriormente solicitados – aqueles que puramente perturbaram o equilíbrio interno e externo de Sofia, ao que parece, profundamente desequilibrado.

Dados estes que viabilizam o incremento da sua ansiedade e das suas múltiplas preocupações, pois incitam-na a sentires pouco esclarecidos ou escassamente percebidos dentro e fora de si mesma.

X

<i>Esta é a mais difícil, não é?</i>	Cartão X
<i>As outras imagens são muito pegadas, estas não.</i>	Crítica Subjectiva
34. Aqui parecem-me duas pulgas (D Cinza).	
	D F+ A Ban

Pois sem dúvida que, *o mais difícil*, seria aquele que impusesse o término deste contexto relacional expressivo e, assim, a angústia de separação, tanto que Sofia considera-o como o mais *despegado* de todos os cartões, na crítica subjectiva articulada, ou seja, Sofia sente o *desligamento* cada vez mais perto, o que a deixa apreensiva.

Ainda assim, inicia o seu role de respostas Rorschach ao cartão X, pela centração numa parte superior da mancha (D), de bom carácter formal e deveras adequada (F+), tanto que se considera banalidade.

Os dois animais inteiros que percebeção, *duas pulgas* (A), são animais pouco evoluídos, que se caracterizam pela seu tamanho muito pequeno, quase que insignificante, no entanto, o incontornável incómodo que podem causar, pelo oscilante movimento electrificado e ininterrupto, pela invasão do próprio e pela nocividade corporal induzida, ganham automaticamente um peso muitíssimo significativo junto do sujeito, ao ponto de motivar um gradual sentimento de repulsa, de cansaço e até alguma irritação, a par de uma preocupação em liquidar o abusador do seu espaço, fugindo a todo o indício relacional.

Sofia talvez exprima, ora de um lado, a sua significação como *pulga*, herdando a sua pequenez e instabilidade, as suas qualidades e os seus defeitos, ora de outro lado, sentindo-se *atacada por pulgas*, adquirindo um mal-estar importunante e repulsivo, provocado pelos permanentes conflitos internos e externos que a molestem.

35. Aqui dois escaravelhos a levarem... (D Azul + Verde).	Cartão X
	D Kan A

Depois, insere outros dois animais inteiros, *dois escaravelhos* (A), em movimento de transportação de algo (Kan). Animais de evolução arcaica, são determinados por duras e rígidas carapaças, pela repulsa e pela aversão que induzem junto do outro.

Curiosamente, aspectos reveladores, ora de *fortes muralhas*, alusivas a continentes narcísicos protectores do interno e defensores das agressões externas, embora de organização primária, ora de impedimento relacional com o outro – à imagem do sentimento de Sofia, progressivamente mais perto do término do inter-relacionamento estabelecido ao longo da situação Rorschach.

36. *uma folha* (D Azul + Verde).

Cartão X
D CF Bot

Escaravelhos esses que carregavam uma *folha* (se calhar, uma das *muitas folhas que caíram* no cartão I), elemento botânico identificado a partir da cor, que corresponde à cor natural das folhas das plantas ou das árvores, para além da forma que suscita o mesmo conteúdo. No entanto, o determinante cor domina sobre o modo de expressão formal (CF), demonstrando que Sofia se permitiu ao simbólico do percepto.

37. *Aqui parecem dois ratos a saltarem* (D Cinza, sem Amarelo).

Cartão X
D Kan A

Em baixo dos quais, se encontram *dois ratos a saltarem*, sabe-se lá *por quê* e *para quê!* Os ratos, ao invés do que sucedera de frente para o primeiro cartão (leitura da mancha restrita aos olhos de um rato), são agora identificados como animais inteiros (A), de conotação repulsiva, achados em movimento saltitante (Kan), equiparados às *bolas saltitonas* e às *pulgas* também saltitantes.

Na realidade, todos eles veículos de expressão de uma inconstância pulsional e narcísica assinaláveis.

38. *E aqui, o grande, uma pessoa, um homem com bigode, com ar zangado. Daqueles ruivos. Tem uma coroa* (D Cinza Sup) *e os olhos azuis. Tem as bochechas rosadas* (D Amarelo + Rosa) *e um enfeite na testa* (D Laranja).

(Os olhos a azul a junfarem-se... Parece zangado, a juntar as sobrancelhas, o cabelo ruivo - D Rosa- e o bigode -D Verde-).

Cartão X
D_bl Kp Hd

Culminando numa resposta de tentativa de unificação numa imagem global total, mas uma tentativa mal sucedida, tanto que desembocou numa resposta centrada em parte restrita da mancha e, integrada, a um nível secundário, pelo branco existente entre as várias manchas dispersas no cartão, mas que nem um nem outro se impõem à mancha (D_bl). Neste modo de apreensão, Sofia desenha, agora sim, o rosto de um homem que *parece zangado*, portanto, uma cinestesia menor, rara, de constatação de gestos mínimos agrupados no conjunto do rosto, que é desta forma composto por elementos indutores de sentimentos de ameaçada e de perigo (Hd Kp).

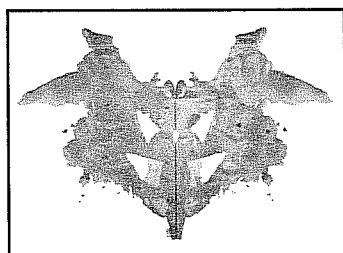
Tanto que Sofia alerta afincadamente para os *olhos* do homem, que estão cada vez mais juntos e, portanto, cada vez mais zangados, atentos e persecutórios, aliados ao rosto masculino franzido, sisudo e perturbante.

Sofia descreve este rosto masculino como quem descreve o rosto dos Reis, dos Magos ou dos Deuses, imponentes e poderosos, tanto que os adorna com *enfeites* e uma *coroa*, à margem de toda a escultura facial rigorosamente moldada num rosto de *bochechas rosadas*, com *bigode*, envoltos num *cabelo ruivo* (que se fantasia como forte, longo, ondulado e rebelde, à semelhança da imagem traçada a propósito do *gigante* do cartão IV), mas relativamente aos quais sobressaem as *sobrancelhas* salientes em acompanhamento dos *olhos azuis*, ambos inclinados em jeito de quem está apreensivo e cada vez mais zangado com algo ou com alguém, que violentamente persegue com a fixação do seu olhar azulado. Nomeadamente, os Reis, os Magos ou os Deuses que concentram um poder de petrificação dos outros que observam, incutindo-lhes sentimentos de desconfiança, medo e perigo.

Estampagem reveladora da inquietude, da insegurança, da instabilidade e dos medos de Sofia, ora escondida no seu *capuchinho vermelho*, em fuga do *lobo* que a persegue, ora de *capuz vermelho para traz*, soltando os cabelos, libertando o medo do *olhar* actuando no perigo do *bosque dos conflitos*, rumo a uma busca (maioritariamente mal sucedida) de um *horizonte continente e tranquilizante*, onde se vislumbraria inteira, una e diferenciada do outro.

4.2.2. Análise *Cartão-a-Cartão*

⇒ **Cartão I:**



No primeiro cartão, gerador da primeira impressão do e no sujeito, demonstrou o impacto que o material criou sobre Sofia, a qual foi muito permeável à sua estrutura compacta, escura e intensa, despontando uma tonalidade emocional disfórica e uma considerável inquietude interna e externa.

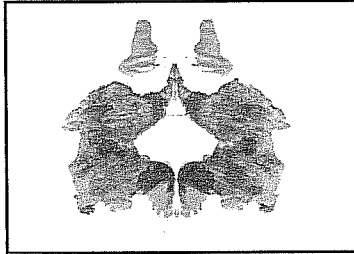
Muito reactiva ao sensorial, ao táctil, ao branco e ao negro do cartão, Sofia exprime através do processo de resposta Rorschach a falha narcísica necessária, mas deveras angustiante para ela, tanto que manifestou escassas qualidades adaptativas ao longo das suas respostas Rorschach – em quatro respostas, três são F- – indicador da participação atribulada de pulsões fantasmáticas interditas, que pela pressão exercida, obrigam à sua revelação através de um movimento regrediente, do qual participam objectos de menor adequabilidade.

Sofia recriou neste cartão a forma como ela se sente quando subjugada a uma situação desconhecida e de caos, expressando uma dificuldade em manter uma imagem corporal unificada, ou seja, em garantir a sua coesão interna e externa, expondo uma frágil representação de si, à qual se alia o predomínio de errantes oscilações entre objecto inteiro – objecto fragmentado, adaptação – desadaptação, promotoras de uma situação de acentuada instabilidade interna, com consequências externas compreendidas pelos objectos construídos, nomeadamente os *olhos*, que perseguem e ameaçam, e o *bico* que transpira a agressividade contida, que por não ser conflitualizada na relação é deslocada para este tipo de representações.

Em resumo, Sofia exprime neste cartão a sua incompletude, a sua vivência de insuficiência, a dificuldade em garantir uma imagem corporal unificada e coesa, uma

fraca delimitação interno-externo e a incapacidade para representar fielmente um cenário relacional, que anseia, mas não conhece nem alcança.

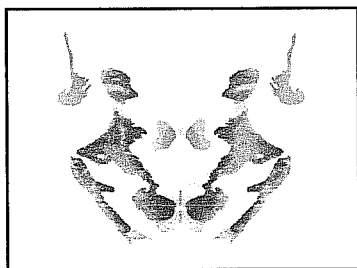
⇒ **Cartão II:**



No primeiro cartão bilateral, também o primeiro a integrar o vermelho (afectos fortes e brutais), Sofia volta a dar-nos conta da fragilidade dos seus limites interno-externo, deixando-se contaminar pela emersão na pulsão agressiva e pelos conteúdos fantasmáticos arcaicos, que a empurram para uma oscilação entre o corpo – fragmento e o corpo – inteiro que procura reafirmar, para um domínio da agressividade sobre a depressão, para a manutenção da problemática persecutória indiciada pelos *olhos* (que perduram desde o cartão anterior) e, finalmente, para o sentimento de carência e de falta de contenção e de transformação dos objectos, que neste momento não conseguiu representar num patamar relacional de qualidade entre sujeito-objecto.

Importa salientar que, em paralelo a esta organização clivada e de maior instabilidade, contrapõem-se o desejo de busca de estabilidade, sobretudo pela forma como Sofia pretende *agarrar-se* ao percepto e tenta suportar os conteúdos simbólicos suscitados (angustiantes e dolorosos), motores de elevados gradientes de tensão, tanto que procura, e chega mesmo a definir, alguns objectos inteiros, no entanto, Sofia só os obtém quando se focaliza nas partes da mancha que não se destacam, ou seja, só quando procede a uma restrição da mancha total, é que consegue configurar uma figura inteira, mas mesmo assim, são sempre figuras animais de ordem primária e pouco evoluída.

⇒ Cartão III:



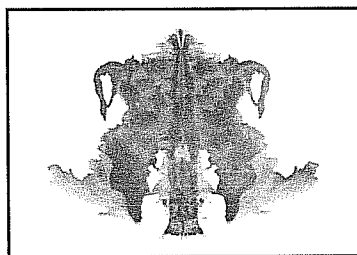
No segundo cartão de integração do vermelho, o detentor do maior privilégio da inclusão da representação da relação, dá realmente lugar ao surgimento do primeiro K, à primeira construção relacional entre sujeitos num movimento balanceante (dança). Também o momento da primeira banalidade, sinal de inserção no colectivo e no social.

Este cartão marca o *Ser* e o *Estar* de Sofia, que se dão a conhecer numa situação de conflitualidades várias, expectantes e ansiosas pelo *rebentamento das águas* ainda não ocorrido, pelo *Eu-Outro* ainda não parido, que embora muito desejado, conserva-se inalcançável. Daí que as suas construções objectais se encontrem repletas de organizadores de valor regressivo, oral, primário e original no contexto do materno (já patente nos cartões anteriores), dispostos em concordância com uma infantilidade e uma imaturidade, contrastantes com uma adultícia e uma maturidade, num jogo de cobiça entre a dependência e a autonomização do materno.

A tónica é colocada no conflito interno-externo, entre o dentro e o fora, entre o infantil e o adulto, entre o antes, o agora e o depois, pelo que são expressão de uma confusão tão balanceante como a dança referida na resposta inicial deste cartão, embora no seu conjunto todos os extremos se encontrem *ligados* pelo *cordão* que ainda traça o caminho de Sofia, mas que está à beira do *corte necessário*. E a associação da eminente experiência de transformação ao acto de *cortar*, denota agressividade, ruptura e crepúsculos dolorosos e aniquilantes.

Este foi um dos cartões que Sofia seleccionou positivamente na prova das escolhas, visto considerá-lo o *mais harmonioso* – sem dúvida aquele em que Sofia melhor espelhou e se espelhou, atestando os seus processos de pensamento, que ornados de sabedoria, possibilitaram a representação do processo caótico de transformação intra e inter psíquica, em decorrência em Sofia.

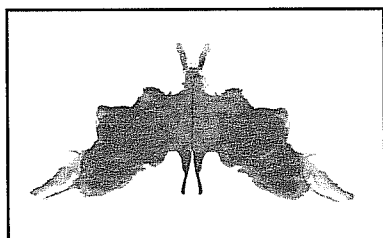
⇒ Cartão IV:



No quarto cartão, unitário e predilecto do paterno, escuro, pesado e de simbologia potente, leva Sofia à identificação de um gigante, uma figura inteira, porém, portadora de valor intimidante, o que lhe retira potencial construtivo ao nível identitário.

Ora forte ora frágil, ora activo ora passivo, o gigante é esclarecedor de um objecto paterno paradoxal, que comunica permanentemente uma emoção dolorosa e aniquilante, à qual Sofia se rendeu, pois a tentativa de controlo da angústia percebida através da imposição de um estado postural de movimento depressivo (o *cansaço*), atenuante da exacerbação da figura objectal em causa, foi um completo fracasso, justificado pela inclusão de *milagrosos* acrescentos corporais (asas) no gigante, que à parte o misticismo enevoado, sublinham a possibilidade de um voo que pode abolir a fragilidade que lhe fora imputada e, portanto, garantir a insegurança e o terror, implícitos desde sempre.

⇒ Cartão V:



No quinto cartão, unitário, fechado, integro e próximo da realidade objectiva, Sofia começa por construir projectivamente no objecto uma imagem corporal de si una e integra, mas desprovida de rosto, pelo que de identidade ausente, além de se colocar numa postura a-relacional (de costas), e portanto inibitória da interacção com o outro. Contudo, e porque mais uma vez recorre ao *voar* enquanto elemento expressivo de movimento, prolonga os vestígios da mudança eminente, *em busca do rosto perdido*.

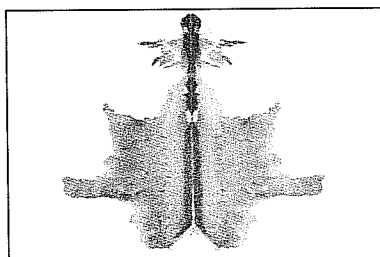
Todavia, na continuidade do processo-resposta Rorschach ao cartão, evidenciando uma incapacidade para suportar o objecto inteiro, assiste-se a um decréscimo da mediana adaptativa saliente ao início, assinalada pelas subseqüentes ocasiões de desadaptação ao real, de fragilidade identitária e de fragmentação do objecto, então desenhado sem contornos suficientemente delimitadores do dentro e do fora, provas que confirmam a fragilidade dos objectos representados e da sua identidade.

De tal forma, que no término da interacção projectiva face a este cartão, Sofia ilustra um abalo fortificado no seu espaço interno, mola de uma reacção objectivada em restrições do espaço externo, criadoras de detalhes oligofrénicos, indutores de uma ainda maior desadaptação ao real e uma angústia dominante.

Além disso, e ao contrário do que se esperaria tendo em conta tais factores, Sofia integra este cartão nas suas escolhas positivas, devido ao seu *ar sinistro*. O que não deixa de se afirmar como uma escolha e uma justificação para a escolha, algo desconexas, ilógicas e contraditórias. Parece que se escolheu pela positiva o caminho negativo com que menos se identifica. Será que a *sinistralidade* deve ser galardoada por isto? Trata-se, certamente, de um processo de negação e de banalização do contacto com a *sinistralidade* do percepto, gerador de um quadro tão aterrador e tão sombrio, que impõe a operacionalização do seu contrário.

O mundo interno e o mundo externo de Sofia parecem-nos estar alicerçados em *telhados de vidro*, que no limiar da sua *queda* rangem sons tão ensurdecedores, que evadem Sofia de desequilíbrios, carentes de restabelecimento processual e defensivo, interna e externamente.

⇒ **Cartão VI:**



No sexto cartão, unitário e compacto, de dimensão sexual e fálica, Sofia é permeável ao esbatimento de textura da mancha, ao toque e à sensibilidade relacional

primária, reclamando, de imediato, um continente, um envelope psíquico, matizes de contenção e de delimitação das áreas conflituais aqui solicitadas, em relação às quais se situa de forma afectivamente controlada, mas ainda ávida de um valor restaurador e reestruturante, das lacunas e das carências identificadas, e de um valor tranquilizador, da angústia e da dor sofridas, além de desenhar uma frágil barreira narcísica.

Neste contexto, o processo de resposta Rorschach aufere a organizadores de uma dissonante adequabilidade e de falsificados movimentos progredientes, culminando num percepto de uma figura inteira, mas desprovida de sinais vitais. Em conjunto, esses elementos são sustentados tanto pelo polo perceptivo e formal, como pelo polo sensorial, afectivo e pulsional, sendo que o primeiro domina sobre o segundo, o que apontaria para algum potencial harmonioso, que tendo sido condenado à perpetuação de uma enganosa capacidade adaptativa, face à *pele cortada do animal morto*, aqui equiparada à *pele psíquica clivada* do sujeito, aclara o padecimento de contrastantes e extremados gradientes internos e externos, responsáveis pelas mais diversas e irascíveis inquietudes, estremecedoras do corpo e da psiqué de Sofia.

Daí que Sofia aponte este cartão como uma das suas escolhas negativas, pois os sentimentos de agitação e de catástrofe provocados, causaram-lhe uma inevitável e caótica sensação de *impressão*, tão desagradável como *as peles mortas que as pessoas usam*, associando-se à pulsão de morte, que a sacode e faz tremer, aquando do tufão de choques internos e externos observados.

⇒ **Cartão VII:**



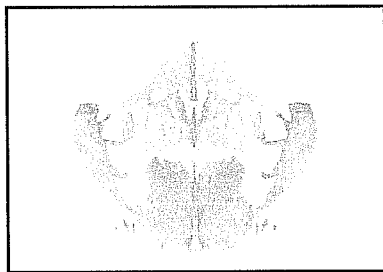
No cartão sete, bilateral, de cinza esbatido com acentuada participação do branco, e alusivo ao materno/feminino, Sofia esboça de uma forma melhorada a imagem corporal (porque identifica figuras inteiras) e a identificação sexual (visto que, após hesitação, escolhe o feminino), pelo que se admite um sentimento de identidade

em construção, sob um olhar legitimador de uma conflitualização competitiva e ambivalente a esse respeito, por intermédio do processo de resposta Rorschach, então organizado em torno de um cenário de progressivo desmascaramento identitário, mas carregado de movimentos inter-relacionais bombásticos do tipo “*toca e foge*”.

O processo de identidade, obrigando ao confronto com o rival do mesmo sexo, empurra Sofia para *um ringue a dois*, onde ela se assume como gladiadora da agressão camuflada e do narcisismo ferido, transformando-os num palco de interacção, drasticamente clivado (oriundo da influente simetria percebida).

Sofia insere este cartão na prova das escolhas negativas *porque é um bocado de confronto*, devido à *inveja* e às *coisas que têm*, e que assim impõem uma consideração de insuportabilidade mutua - obviamente, um confronto indutor de mágoas e sensações penosas para Sofia, pois implica o conflito entre o materno autónomo e o materno dependente, coadjuvado pela conseqüente ambivalência entre a descontinuidade promotora da ascensão a mulher adulta e feminina, e a continuidade que a mantém na infância, como menina obediente e sem desejos sexualizados e genitalizados.

⇒ **Cartão VIII:**

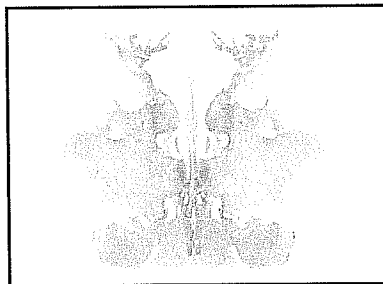


No oitavo cartão, o primeiro a introduzir as cores pastel, bilateral, aberto à comunicação, ao mundo afectivo e ao social, assiste-se a uma Sofia que faz *assentar a poeira*, abrandando o aceleramento em que se vinha conduzindo, e aparca-se num processo de resposta Rorschach suportado em organizadores corporais primários, mas de melhor consistência formal, sensorial e relacional, porque constituídos por objectos inteiros e unos, adaptados ao real, portadores de qualidades agressivas e afectivas, também necessárias à homeostasia do *Ser*, semeando a acalmia e o serenar da angústia, cimentando uma confortável pulsão de vida.

Neste contexto, é de salientar o *comentário de ligação* que Sofia proferiu, respeitante ao materno precoce, equiparado a uma simbiose marítima, e assim, ao continente materno, ao longo do protocolo Rorschach maioritariamente associado às falhas e às lacunas percebidas, mas aqui entendido sob a duplicidade formal de uma ligação inspirada na espontaneidade da natureza e brotada do balancear entre os seus extremos possíveis que, (re)ligados, permitiriam uma construção final mais pacífica, mais firme e mais calorosa.

Na realidade, o surgimento da cor vem conferir acento ao clima emocional, progressivamente mais tranquilo e apaziguador da desorganização e da desadaptação em que Sofia vem vivenciando o contacto com o material Rorschach e o subsequente percurso.

⇒ **Cartão IX:**



No cartão nove, ambíguo, de sobreposição das cores e alusivo ao fantasma pré-genital, depreende-se um considerável decréscimo da qualidade do processo de resposta Rorschach, neste preciso momento revelador de acentuada oscilação interno-externo, dentro-fora, feminino-masculino.

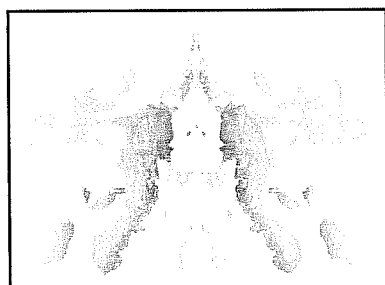
Mediante o que se desenvolve um movimento regressivo e impulsionador das pulsões sexuais inquietantes e violentas, a par das imagens de poder e de força masculinas onipotentes, aqui deslocadas para figuras animais substitutas de uma imago paterna temida, em doses particulares, dado que, paralelamente, é desqualificada de poderio, na tentativa de controlo dos desejos da própria e de ultrapassagem das angústias reactivadas, por forma a retomar os processos de assimilação e consolidação do pensamento em acção, transformador e estabilizador.

Porém, Sofia não conseguiu ser certa, e *falhou o alvo!* Além de dar continuidade aos movimentos de ordem regrediente e regressiva, desenhou uma

integridade corporal e sexual de carácter deficitário, pautada por oscilantes modos de expressão e de conteúdos inicialmente inteiros, mas culminantes em imagens inadequadas e/ou fragmentadas.

Não deixa de ser curioso o facto de no cartão primordial do materno e do feminino, Sofia saliente acanhadamente as referências ao materno, sentido como insuficiente, e quando as representa, fá-lo numa intenção de busca permanente de um real continente protector e acolhedor (da ruptura sentida interna e externamente), perceptível nos objectos simbólicos representados, mas que rapidamente dilatam essa ruptura interna e externa, tanto que são protelados pelas explicitas preocupações com o paterno, com o masculino, com o corpo e com o pulsional sexual, ainda demasiado irascíveis no mundo interno e no mundo externo de Sofia, para que se permitam ao controlo ou à estabilização.

⇒ **Cartão X:**



No décimo e último cartão, aberto, disperso e muito colorido, Sofia interpela-nos com uma *crítica subjectiva*, na qual manifesta o seu desagrado perante a chegada do término da ligação ocorrida entre ela própria, o material e o clínico, ligação esta que a enriqueceu sequencialmente num percurso de atribuição de significados, de significantes e de sentidos vários, esclarecedores da maioria das situações conflituais aflitivas, ansiogénicas e desorganizadas, internas e externas, objectivas e subjectivas, reais e irreais, que se movimentam em Sofia como se de um lago de *areias movediças* em deglutição do *Ser* e do *Estar* da mesma se tratasse.

Nestes meandros, o processo de resposta Rorschach edificou-se, principalmente, sobre a inconsistência objectal e relacional, que sendo alvo de hesitantes e pendulares movimentos cima-baixo, esquerda-direita, dentro-fora, como se de um paradoxal

regime militar se tratasse, constituem-se como promotores de um importante factor de influencia relacional, em definhamento.

Tanto que a tentativa de construção de uma fortificante *carapaça*, protectora e impositora de limites corporais e narcísicos face ao próprio e face ao outro, porque desprovida de potencial evolutivo e (re)estruturador, e uma vez que perigosamente carregada de *doses de veneno fortíssimo*, que infectam a *pele* em (re)afirmamento, contrariamente ao que seria desejável, amplia a problemática corporal, pulsional e narcísica, então predominantes no registo de Sofia.

E antes de terminar, Sofia manifesta a sua *zanga* na trigésima oitava resposta, onde delinea um rosto masculino zangado, que provavelmente representa o seu sentimento perante o término da relação intersubjectiva, até ao momento (re)criada.

4.2.3. Análise Dos Elementos De Cotação - O Psicograma

Repousando o nosso olhar sobre o psicograma, relativo à totalidade das cotações integrantes do protocolo Rorschach de Sofia (a consultar em anexo), importa realçar determinados aspectos que sobressaem como dados de relevo, a frisar, acerca desses elementos de cotação, ou pela sua impressão normativa, ou pela sua expressão deficitária ou pela sua marca excedente.

Num olhar imediato, ressalta o **número total de respostas** do seu protocolo Rorschach, número esse **muito elevado** (38 respostas) – o que, à partida, revela a **grande necessidade de expressão** de Sofia, provavelmente pressionada por uma elevada carga pulsional, perturbadora do seu funcionamento interno e externo.

Em seu conjunto, sobressaem pontos de análise importantes, consoante a dimensão a que preferencialmente se referem, seja perceptiva, social ou afectiva e sensorial, sendo que em comunhão, no final, permitirão clarificar os processos psicológicos de maior acento em Sofia.

Assim, iniciamo-nos pela ponderação da dimensão perceptiva, conjugada com a realidade externa e objectiva, considerando o tipo de verbalização e de comunicação empregues por Sofia, que de dimensão muito alargada, diversificada e excedente,

intermediados por momentos de hesitações e de precauções verbais, constituem-se como claros indicadores de um crescente **sentimento de insegurança**.

Além de que deve ser abordada pela comprovação dos valores do G% e do D%, posteriormente correlacionados com o F% e com o F+%. No caso de Sofia, o G% e o D% situam-se no limite inferior da norma e são superados por um elevadíssimo Dbl%. O F% segue a mesma tendência dos valores anteriores, situando-se, também, no limite inferior da norma, e quando discriminado, atesta mesmo um F+% excessivamente baixo devido ao número muito elevado de F-. Dados estes, que nos permitem proceder a determinadas afirmações respeitantes a Sofia, apontando-lhe:

- Uma **fraca adaptação ao real**, pois num número total de respostas tão elevado, não obteve um G% e um D% de credibilidade suficiente para que se pudesse afirmar uma adaptação ao mundo externo, que em nosso parecer, toma um perfil exactamente contrário, de **desadaptação**, resultante da dificuldade de Sofia em sustentar a ruptura interna e a ruptura externa que a abalam, tanto que faz actuar no seu protocolo Rorschach essa mesma dificuldade, que acaba por ser expressa numa considerável **desadaptação** à realidade objectiva partilhada com o clínico ao longo da situação Rorschach;
- Um **investimento insuficiente na representação de si**, visível no número muito alargado de resposta pautadas por figuras corporais fragmentadas e de restrita integridade (revejam-se os diversos F- ao longo do protocolo);
- Uma **escassa discriminação dos limites**, havendo uma grande dispersão ao longo da percepção das manchas Rorschach (os perceptos identificados frequentemente sofrem da falta de uma delimitação precisa e confiante);
- Uma **franca permeabilidade ao vazio e ao lacunar**, de afirmação superior, tanto que é predominante tanto nos cartões que integram zonas brancas destacáveis (II e IX), como também nalguns cartões onde o branco presente não se destaca (como é o caso dos cartões I e X), em que a construção das respostas aludiram à **falha** e à **carência**, sobretudo, de um continente seguro – o que nos leva a salientar que este é, sem dúvida, pela insistência de Sofia em

sua representação, um dos aspectos que mais perturba esta adolescente – **uma preocupante fragilidade interna e externa.**

Em relação à apreciação da dimensão social, deve-se proceder à comparação dos fenómenos de socialização superficial (analisáveis pelo A% e pelas Banalidades), participantes do mundo externo do sujeito, com os factores de socialização profunda (decompostos pelo D%, pelo H%, pelo F+%, pelo K total e pela relação entre FC e a soma de C com CF), integráveis no mundo interno do sujeito, de modo a avaliar a sua coesão ou dispersão.

No caso de Sofia, a socialização superficial compreende-se através de um A% muito elevado e de um número de banalidades dentro da norma, não coexistindo uma duplicidade normativa, que então sendo excedente, logo nos leva a afirmar um **funcionamento externo** caracterizado por um **excessivo processo de deslocamento**. Em paralelo, assevera-se uma socialização profunda corroborada por um D% e um H% no limite inferior da norma, um F+% muito baixo, um K total elevado e um FC de valor igual à soma de C+CF, isto é, o racional situa-se num patamar igual ao emocional, concluindo-se que o **funcionamento interno** de Sofia demarca uma **profunda oscilação** entre o que *Sofia é* e o que *Sofia não é*, entre o que *Sofia mostra do seu ser*, e o que *Sofia esconde do seu ser* oculto por *capas de verniz*, ou seja, uma escavada alternância entre o assumir uma identidade interna que expressa externamente (extremo mais desejável), o assumir apenas uma das duas e rejeitar a outra (assumir uma identidade interna que não se expressa externamente ou assumir uma identidade externa que não tem expressão interna – posição indesejável, mas de situação intermediária) e o não assumir nenhuma identidade, nem interna nem externamente (extremo menos desejável).

De onde sobressai uma **socialização global instável, ora coesa, ora não coesa**, pois nenhum dos pólos de socialização predomina sobre o outro, nem se verifica um equilíbrio inter-social (entre o pólo de socialização superficial e o pólo de socialização profunda), nem mesmo um equilíbrio intra-social (dentro de cada pólo de socialização), inferindo-se somente uma **equivalência na inconstância da sua afirmação**.

Factos a reter, para posterior reflexão, visto indiciarem a possibilidade de **mobilização de um actuar no exterior o interior pluralmente instável.**

Neste contexto, o sinal intermitente dos **conteúdos** específicos desenhados, obriga-nos à sua imediata abordagem, sobretudo daquele que adquiriu maior destaque no protocolo de Sofia, o conteúdo *Animal* – detentor de um besteiário muito particular, que exige a sua consideração.

Desde **animais fóbicos**, negros, agressivos e assustadores, como os escaravelhos, os ratos, as ratazanas, os lobos e os morcegos (de referir que o morcego não tinha rosto), acrescentando-se aos dois últimos o factor nocturno, até aos **animais mais primários e menos evoluídos**, como é o caso das galinhas, do caracol, das pulgas, dos coelhos, ainda para mais *esquisitos, velhos e agressivos*, e das coelhas, por sua vez *arrogantes*, integrando ainda **animais de representação gélida e regressiva**, nomeadamente o pinguim e a foca.

De onde se infere o transbordar para um **registo arcaico**, de **representações primitivas** e de **preocupações regressivas**, com frequência, centradas em partes específicas dos animais que nos encaminham para um **registo projectivo persecutório** (o que se exemplifica pelo interesse predominante pelos *olhos* dos animais percebidos) e para **temáticas** de dominância **oral** (visíveis no elevado número de *bicos* e *barrigas* interceptados) e **fóbica** (perceptível nos animais de agressão invasora e nos insectos repulsivos) – aspectos que, complementados com a recorrência, diga-se, reduzida, a animais de conformidade ao real banal, desprovidos de imaginário (como o aparecimento da *borboleta* nalguns cartões), solidificam um **contraste flagrante** e uma **oscilante adaptação/desadaptação social** de Sofia, que se afirmam num verdadeiro estado de **inquietação interna-externa, corporal e pulsional**, mas assumem, sobretudo, e pelo elevado peso atribuído aos conteúdos regressivos mais arcaicos, a utilização de **mecanismos narcísicos** tomados como veículos de **retraimento libidinal**.

E focando o nosso olhar, agora na dimensão afectiva, conjugada com a realidade interna e subjectiva do sujeito, devem destacar-se compartimentos de análise distintos, nomeadamente o TRI (resultante da comparação das grandes cinestésias – K com as cores – C) e a Fórmula Complementar (FC, resultante da comparação das pequenas cinestésias – k com os esbatimentos – E).

Ora, identifica-se em Sofia um **TRI Introversivo Tipo Misto**, visto que as grandes cinestésias predominam sobre as cores ($K > C$), mas de uma forma pouco

expressiva, não idêntica, apenas pouco discrepante, daí ser do tipo misto, circunstância que firma um **investimento privilegiado sobre o mundo interno**.

Atentando sobre o conjunto dessas grandes cinestésias, e tendo em conta o número total de respostas dadas por Sofia, o número de K parece-nos algo reduzido (limitam-se a 3 K), e se os considerarmos separadamente, destacam-se dois K de movimento relacional e um K de estado fixo. Vejamos: o primeiro K surge como resposta inicial ao cartão III, sob a forma de uma actividade de movimento balanceante assexuada, constituindo-se como banalidade; o segundo K surge também como resposta inicial, mas ao cartão IV, sob a forma de um K combinado com um Clob, numa actividade passiva em relação a uma figura sexuada, masculina, de tonalidade agressiva, ameaçadora e fantasmática; O terceiro e último K surge no role das respostas ao cartão IX, sob a forma de uma actividade de movimento entre dois homens que disputam um objecto, comparável a um *braço-de-ferro*.

Deste estudo minucioso dos K, inferem-se constatações de grande relevo:

- Uma mistura de conteúdos associados aos K que, ou não são precisos (pessoas, sem sexo definido) ou imprimem uma confusão entre o real (os H puros) e o irreal (o (H)), o que aponta para uma **Confusão Identitária**.
- Uma identificação sexual ou ambígua ou não correspondente à identidade biológica de Sofia, o que aponta para uma **Identidade Sexual Confusa**.

Quanto às cores que participam do TRI (apenas três presenças, uma no vermelho e duas no pastel), nunca se expressam de uma forma pura nem se impõem como cotação principal, pelo que sempre se associam a outras modalidades de expressão. Vejamos: o primeiro C aparece numa resposta ao cartão III consubstanciada no vermelho, em segundo lugar de cotação, sendo precedida de uma boa forma que domina sobre a cor, num contexto de anatomia (D FC Anat); o segundo C aparece na última resposta ao cartão VIII, como modalidade de expressão secundária a uma pequena cinestesia, relativos a fenómenos da natureza (D KobC Nat); o terceiro e último C aparece no último cartão, como primeira cotação dominante sobre uma forma, mais imprecisa, num contexto botânico (D CF Bot).

Do exame cuidado dos C, apura-se o seguinte:

→ Uma **oscilação** entre o real **controlo ou descontrolo do foro emocional**, pois enquanto que numa resposta se afirma o FC, na outra, logo se afirma o CF ou ainda outras modalidades de cotação, como é o caso de KobC, o que sobreleva uma **acentuada instabilidade emocional**.

Sintonicamente, a Fórmula Complementar (FC) adquire em Sofia grande expressividade, sendo que o número de pequenas cinestésias é consideravelmente superior ao valor dos esbatimentos ($k = 11 > E = 1,5$), acentuando o sentido já sugerido pelo TRI, de uma linha condutora de um **investimento centrado no mundo interno** e um **acentuadíssimo processo de deslocamento dos conflitos internos**.

Decompondo a fórmula complementar, ressaltam-se os seguintes aspectos das pequenas cinestésias:

- Os Kan: no cartão II, um Kan de movimento (voar) relativo ao branco central sob o percepto de um animal inteiro, um pássaro, sem especificação da sua categoria (6. Dbl Kan A); no cartão V, um Kan de igual movimento (voar) relativo à totalidade da mancha, corporalizado num animal inteiro, agora precisado, um morcego, mas com a particularidade de se encontrar de costas, não sendo visível o seu rosto (16. G Kan A Ban); no cartão VII, um Kan de uma relação de confronto, agressiva e violenta, de despique entre duas coelhas distintas e inteiras, ainda que não totalmente viradas uma para a outra, na totalidade da mancha (23. G Kan A); no cartão VIII, um Kan de movimento ténue e exibicionista, sobre uma parte da mancha, onde é percebida *uma foca a levantar a cauda* (26. D Kan A); no cartão IX, um Kan de postura passiva, localizando um animal inteiro triste, em parte da mancha, um hipopótamo, mas conotado de acrescentos mágicos, asas (30. D Kan (A)); no cartão X, o último Kan, este de movimento activo, pela identificação de dois animais inteiros, dois escaravelhos, a carregar algo, numa parte exclusiva da mancha (35. D Kan A). Conjunto do qual se salienta uma menor confusão identitária (todos A, menos um que é (A)) e um deslocamento de conflitos precisos para os animais, nomeadamente os seguintes: a falta de rosto, a rivalidade com o feminino e o materno, a ambivalência entre *o que era, o que é e o que será*, a problemática corporal e sexual, a depressividade e a necessidade de limites.

- Os Kob: surgem, primeiramente, de acordo com uma combinação com um C, a propósito de um fenómeno da natureza, em junção vital (resposta 27, no Cartão VIII) e, secundariamente, no cartão IX, uma confrontação com *duas bolas saltitonas*, símbolo pulsional sexual.
- Os Kp: o primeiro Kp é ilustrado no cartão III, de acordo com um registo primário, pela representação de uma relação tipicamente simbiótica, de valor regressivo pelos sujeitos nela implicados (se necessário, reler a análise da resposta 12 e do cartão III, no protocolo de Sofia); o segundo Kp, aparece no último cartão Rorschach, dando corpo à, também última, resposta do protocolo de Sofia, oferecendo-nos o rosto de um homem zangado, o qual não consegue determinar numa figura inteira.

Assim, é notória a forma como Sofia transpira, nestas pequenas cinestésias, uma dimensão alargada da sua **vida pulsional em conflito**, crepúsculo das pulsões de vida-morte, das pulsões sexuais e de uma organização pulsional ainda muito primária, impulsionadoras de um **grave conflito interno, de passível expressão externa**.

O facto de o Psicograma não irradiar uma forte participação dos elementos Cor ou Esbatimento, não quer dizer que, e enquanto itens sensoriais dos cartões Rorschach, não tenham gerado impacto sobre Sofia, tanto que, ao longo da análise resposta-a-resposta e cartão-a-cartão reflectiu-se algumas vezes a sua inclusão, no entanto, as cotações aplicadas indiciam um maior domínio de outras modalidades de expressão, que positivamente apontam para uma **tentativa**, ainda que tímida (devido à sua ínfima ocorrência), de um **controlo sobre a sensorialidade**, isto é, de **mecanismos adaptativos** que possibilitem a recuperação interna e externa do sujeito. Contudo, apenas se registam duas ocorrências deste tipo no protocolo Rorschach de Sofia: um FE (cartão I) e um FC (cartão III) – ambos trunfos de recuperação de duas das mais salientes problemáticas psicológicas de Sofia, respectivamente: a **dimensão de inquietude** e do **sentir persecutório** (conotação de investimento dirigido à intrusão do mau objecto), por um lado, e a **dimensão da relação continente-conteúdo** e da **corporalidade infantil-madura**, por outro.

Neste período de discussão deste protocolo Rorschach, interessa-nos reconhecer:

- o valor do **Choque Clob** (IV), fenómeno de choque explícito, combatido pela paradoxalidade do paterno activo-passivo (contraste por demais evidente em Sofia), mas de clara inclusão numa situação de perigo e de poder, representação do alarme entre o dentro e o fora paradoxais e ameaçadores da integridade de Sofia;
- o valor do **Comentário Simetria** (VI), alusivo ao *corte* que pressupõe a separação do objecto inteiro em duas partes idênticas, como se clivasse o objecto em vias de integração, então pensado, sentido e simbolizado interna e externamente com carácter de duplo e de gradação sensorial e afectiva, pois a referência à cor/esbatimento domina neste momento de reactividade interna ao mundo externo;
- o valor do **Comentário Ligação** (VIII), representado num quadro de junção de duas partes, como que expressando o desejo de convergência da clivagem operada e instituída em Sofia, mas um desejo ainda não concretizado;
- o valor da **Crítica Subjectiva** (X), fenómeno de equivalente de choque, reactivo à reclamação da proximidade percebida no seio da relação intersubjectiva travada no decorrer da situação Rorschach, que permitira a Sofia (re)criar e simbolizar os seus conflitos internos e externos;

Dados que, globalmente, assumem-se como **fenómenos de oscilação permanente, de desintegração e de dispersão, perseverantes quanto à conotação conflitual do objecto interno e do objecto externo.**

Resta-nos, enunciar o tipo de **Angústia** presente no protocolo de Sofia, que tal como se vem adivinhando, se consubstancia numa **angústia de fragmentação e/ou aniquilamento**, pela preocupante desintegração comprovada, fazendo-se acompanhar por **Processos de Defesa** específicos: a projecção, a clivagem, a negação e o deslocamento (tal como têm vindo a ser afirmados ao longo dos diferentes momentos de análise deste protocolo).

4.2.4. Análise Dinâmica: os Princípios Universais e os Princípios Propostos

Chegado o momento da análise dinâmica do protocolo Rorschach da adolescente em consideração, dedicar-se-á total atenção à discriminação das modalidades de expressão e de representação dos Princípios Universais e dos Princípios Propostos, anteriormente dissecados, enquanto meios de esquadramento dos processos psicológicos que modelam a *impressão digital* de Sofia.

No protocolo Rorschach de Sofia, sobressaiu, predominantemente, uma atitude de participação projectiva na abordagem dos dez cartões, tanto que Sofia assumiu-se como **subjectividade integrante da situação Rorschach intersubjectiva**, que utilizou como palco de actuação dos seus conflitos e das suas preocupações intra e inter psíquicas, expressando um **funcionamento psicológico** globalmente **oscilante e balanceante**, entre extremos de pertinência considerável, que se passam a abordar, separadamente, e em concordância com os princípios determinados a este respeito.

Iniciando a análise dinâmica sobre o prisma dos Princípios Universais, inquire-se em primeiro lugar a **representação de si**, ou seja, a imagem corporal que Sofia imprimiu, destacando-se, “à vista desarmada”, a alternância entre duas formas principais de representação de si: ora sob a forma de um corpo inteiro e integrado, ora sob a forma de partes separadas do corpo, fragmentado e desintegrado.

Contudo, se procedermos a uma “*armação da vista*”, percebe-se a complexidade do processo que Sofia criou na tentativa de representação de si, pela filiação num processo de resposta Rorschach de movimento regrediente dominante, num percurso que parte do inteiro para o parcial.

Sofia começa por procurar o objecto inteiro, mas a necessidade de encontrar um tal continente integrado, posterior elemento apaziguador do conflito, obriga a uma descontinuidade entre o dentro e o fora que se exprime, tanto pela firmação de um então, *falsificado*, objecto inteiro, que perde a qualidade da unicidade frontal, porque percebido em partes não destacáveis da mancha Rorschach (descentração do todo para um pormenor) ou porque dotado de uma qualidade formal muito má e desadaptada, como pela imposição de um objecto fragmentado.

O que espelha, com maior pureza, a representação de **si**, do **objecto** e do **corpo**, sob a égide da **partição** e da **desintegração**, consequentes de um **Ego**, também **partido e fragmentado**, conjuntamente **ameaçadores de ruptura interna-externa**, pelo **caos corporal** e **pulsional** percebidos, pela impulsão de **sentires desconhecidos, incompreendidos, persecutórios e inquietantes**, que **corrompem a continuidade do sujeito**.

Princípio que se correlaciona com o da **Identidade** e o da **Identificação**, os quais, enquanto processos subjacentes ao sujeito adolescente, encontram-se, neste caso, sob a alçada de um **processo de desidentificação**, é certo que necessário à reestruturação interna e externa e à consequente afirmação da identificação idiomórfica (Coimbra, 1996), mas por demais preocupante em Sofia, devido aos contornos extremados e dispersos identificados.

Processo que, em nosso ver, se situa numa *área de serviço* muito próxima do *caminho directo* para uma **identificação com o objecto**, **não selectiva** e, nalguns momentos, de clara presença simbiótica, segundo a qual a perda e o sexual ainda não foram elaborados (Freud, 1905/1968).

Aspectos corroborados pela **confusão identitária** percebida, pela **hesitante identificação sexual**, ou com o outro feminino, o qual também veste a *pele* de rival face ao masculino duplamente disputado e objecto de interesse e de desejo sexualizado (sexualidade ambígua porque mediada pelos desejos da infância e pelos desejos da adolescência), ou ambivalente, ou com o outro não correspondente à sua identidade biológica – na realidade, uma **miscelânea de imprecisão e de impacto brutais** (ao nível interno e externo) junto de Sofia, que explicita a problemática da **representação do masculino e do feminino**, ainda indefinidos e ocultados pela obscuridade do conturbado processo de crescimento em que a presente adolescente se encontra, numa **alternância permanente e hesitante** entre o **diferenciar** e o

igualar o masculino e o feminino, resultando numa desordem do próprio com o próprio, do próprio com o outro, do outro com o próprio e dos mesmos acrescidos do relacional.

Para além disso, a ascensão da identidade ordenaria, imperiosamente, a proclamação de uma *Declaração da Independência*, através da edificação de um processo de autonomização do anterior domínio parental.

Todavia, a independência e a autonomia não obtêm expressão suficiente no protocolo Rorschach de Sofia, visto que na ilustração a que se acedeu, domina uma **ligação ao cordão umbilical**, objecto de *acento agudo* colocado sobre a **dependência do parental**.

E ainda que Sofia reclame o inverso, consegue unicamente contrastá-lo com um discrepante *acento grave* sobre a separação corporal e relacional, muitas vezes transformada em ruptura, que lhe acrescenta a evasão de um sentimento de aniquilamento da própria porque suscitada pelo **perigo simultâneo** do *“partir à aventura a sós”* ou do *“continuar em terreno parental (in)seguro”*, o que clarifica que ambas as possibilidades de escolha são traiçoeiras – **impasse perturbador, entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto**.

A necessidade de interpretação dos espaços brancos dos cartões Rorschach, explica exactamente a **permanência da dependência do objecto**, porque o vazio, a perda e a separação veiculados pelo lacunar, para além de não expandirem a elaboração psíquica desejada, exprimem um terrificante sentimento de abandono e uma aflitiva carência de contenção, que fazem **acentuar a posição esquizoparanóide**, em detrimento da posição depressiva.

O que quer dizer que, face à **impossibilidade de processos introjectivos recriadores** (porque dominam os processos de extroversão do mundo interno), instala-se a **impossibilidade da subjectivação** do sujeito psicológico, ou seja, de Sofia.

Conforme o que, Sofia foi representando, de forma bastante hesitante e atrapalhada, os limites entre o externo e o interno, entre o dentro e o fora, entre o que continua e o que descontinua, constatando-se subsequentes **movimentos regredientes de estagnação evolutiva, sem discriminação dos limiares necessários** à harmonização do sujeito consigo próprio e com o outro, então subjugados a um **envelope ainda em estado embrionário**, aguardando o seu

desenhar, delimitar, recortar (para separar) e colar (para solidificar o reconstruído). Limites que, uma vez perdidos e não restabelecidos, originam uma indiferenciação entre o Eu e o Outro, entre o dentro e o fora, entre o real e o irreal, entre o objectivo e o subjectivo, entre o sujeito e o objecto.

Mais, no caso de Sofia, integram-se assíduas tentativas, comprovadamente falhadas, de **representação de uma relação continente-conteúdo** (sentida por Sofia como **insuficiente**) mais satisfatória, mais acolhedora e mais securizante, tanto das imagens fantasmáticas, objectivas e subjectivas, como dos objectos persecutórios, que se confundem interna e externamente, que em conjunto são sentidos por Sofia como perturbadores, angustiantes e aniquilantes.

Daí que se anseie por um continente que construa um produto final transformado e recriado, mediante insígnias objectais de qualidade superior, das quais Sofia não se consegue apropriar ou nem por seu intermédio recriar-se, pelo que permanece num **estado de ruptura consigo própria e com outro**.

Neste percurso, Sofia revelou a recorrente actuação de uma alternância extremada entre a percepção e o fantasma, impondo **representações extroversivas activas**, subjugadas a movimentos de vigilância e perseguição permanentes.

Em todos estes contextos, participam de **forma embriagada a realidade interna e a realidade externa**, em paralelo à **realidade subjectiva fundida com realidade objectiva**, de deficiente ancoramento ao real (relembre-se F+% muito baixo), palpitando-se um processo metamorfósico corrompido e incerto, no plano de uma **barreira de contacto permeável à evasão do sofrimento e da amargura**.

Em sequência, construiu-se um quadro de consulta fácil, com o intuito de sistematizar e resumir os processos psicológicos universais da adolescente em estudo, aqui identificados e discutidos a propósito da sua expressão no processo-resposta Rorschach de Sofia (a observar na próxima página).

OS PRINCÍPIOS UNIVERSAIS	A ADOLESCENTE: SOFIA
Representação de Si (Imagem do Corpo)	Corpo fragmentado, objecto partido, Ego desintegrado. Caos corporal e pulsional dominantes, sentires persecutórios e inquietantes.
Identidade e Identificação	Processo de desidentificação activo por: identidade confusa e identificação sexual hesitante – caos identitário.
Representação Masculino/Feminino	Processo de oscilante diferenciação-indiferenciação entre o masculino e o feminino, dominando um tumultuar perturbador.
Representação Autonomia/Dependência	Dupla impossibilidade: de autonomização ou de dependência, predominando um impasse extremado e terrificante.
Representação dos Limites	Limites perdidos, indiscriminados e não (re)estruturados – confusão dentro/fora, sujeito/objecto, eu/outro – ruptura explícita.
Representação da Relação ♀♂	Busca incessante de um continente securizante dos conteúdos angustiantes – busca falhada – ruptura de aniquilamento.
Tipo de Actividade: Perceptiva/Fantasmática	Alternância extremada de registos mentais entre o percepto e o fantasma, veiculados pela extroversão actuada.
Realidade Interna Realidade Externa	Ruptura entre o real, interno e externo, e o irreal, indiferenciados e em desequilíbrio – desligamento do sujeito consigo e com o outro.
Realidade Objectiva Realidade Subjectiva	Fusão realidade objectiva – realidade subjectiva: subjectivação impossibilitada pela extravasão e extroversão.

Quadro 18: A Adolescente Situada nos Princípios Universais – A Sofia

Sequencialmente, agora concentrados nos Princípios Propostos, apraz-se começar por apontar o **sentimento de inquietante estranheza** (Cahn, 1991) como dominante no mundo interno e no mundo externo de Sofia, facto clarividente na sensibilidade disfórica, na reactividade aos factores de ordem pulsional e nos sentimentos e receios de base persecutória e aniquilante, representados na totalidade do seu protocolo Rorschach.

Pelos processos-resposta Rorschach de Sofia, depreendeu-se que, relativamente às **tríplices basilares** (Cahn e Bion), Sofia inscreve-se no patamar intermédio, referente à relação comensal (*nem um nem outro*), à transformação de tipo projectivo,

ainda desprovida de limites, nomeadamente porque o seu Ser e o seu Estar estão profundamente abalados e em desequilíbrio, tanto que se impõe a impossibilidade da subjectivação de Sofia enquanto sujeito individual, além do que subsiste um *rostro desconhecido* que lhe confere um *Ser* aparente, de intra e inter subjectivação ausentes.

Na experiência travada na e pela situação Rorschach, Sofia coloriu e deu forma às *Reciprocidades Vitalícias Bionianas*, explanando os seus processos de funcionamento mental significados pela **reciprocidade inexistente**, visto que sintonizada com o **predomínio de pólos extremados**, eles próprios oscilantes, confusos e indefinidos. Pelo que se passa a um breve análise dos mesmos:

- Os conteúdos internos angustiantes são alvo de um **processo de expulsão**, actuada por meio de determinados objectos identificados na mancha Rorschach, de melhores ou de piores qualidades, que aguardam um continente acolhedor e transformador desses conteúdos em novos e renovados objectos, mas porque nunca alcançados, nunca se permitem à comunicação de ingestão directa no interior do próprio (Conteúdos ⇨ Expulsão);
- A **fragmentação dos objectos** percebidos nos cartões Rorschach, passíveis de equações simbólicas, prevalece sobre a construção de objectos inteiros e simbolizados, pelo que a **posição esquizoparanóide** adquire **superioridade** em relação à posição depressiva (PS ⇨ Fragmentação), indiciando uma estagnação interna e externa, inibitórias dos processos integrativos de progressão;
- O **princípio do prazer**, partícua de actos de maior expressão emocional e pulsional, predomina sobre o princípio da realidade, tanto que não se ostenta a alguma reflexão ou integração ponderadas, antes se torna preeminente a **acção** do corporal e do pulsional inquietantes e aniquilantes irreflectidos (PP ⇨ Acção);

- A dupla de maior influência sobre o sujeito psicológico, a recíproca comunhão entre o processo de transformação e o processo de simbolização, a verdadeira *chave mestra* do desenvolvimento do pensamento e do crescimento mental (Transformação ⇔ Simbolização), encontra-se cedada em Sofia, a qual vive e se vive num **excessivo processo de excitação e de inquietação generalizadas face à mudança catastrófica do seu Ser e do seu Estar, em escalada aberta rumo à ruptura completa.**

Pensa-se que Sofia se encontre demasiadamente intrincada num processo de transformação adolescente ancorado a um *iceberg catastrófico* que congelou a efectuação das reciprocidades vitalícias bionianas, impedindo a emergência dos processos reflexivos, integrativos e de crescimento mental, que anseiam por ser descobertos e equilibrarem o estado confusional e a ruptura interna-externa em que Sofia se encontra emersa.

Processos à luz dos quais se presente um **processo de condução** mediado pelo **actuar** da inquietante estranheza, motivada pelos conflitos internos e externos decorrentes do processo de desenvolvimento da adolescente Sofia, dando lugar a uma **condução adolescente.**

Neste momento, o adolescente permitir-se-á a uma relação com um objecto externo do qual espera receber um continente seguro e apaziguador dos conteúdos internos angustiantes, mas sobre o qual o próprio exerce actividade controladora e de domínio perverso, e como não se encontra activo o processo de distinção entre o dentro e o fora, nem entre o interno e o externo, muito menos entre o real e o irreal, então observa-se uma operação crescente de **limites** inexistentes, de um **caos** dominante, de um **risco grave** instalado.

Conjunto de aspectos que também se reuniram num quadro sintetizador da expressão dos Princípios Propostos em Sofia:

OS PRINCÍPIOS PROPOSTOS	A ADOLESCENTE: SOFIA
<i>Sentimento Inquietante</i> <i>Estranheza</i>	De influência primordial no mundo interno e no mundo externo de Sofia.
<i>Tríplices</i> <i>Basilares</i>	Relação comensal (nem um nem outro), transformação projectiva, sem limites.
<i>Reciprocidades Vitalícias</i> <i>Bionianas</i>	Verificação não recíproca dos extremos: conteúdo/expulsão, posição esquizoparanóide/fragmentação, p.prazer/acção.
<i>Processo de</i> <i>Transformação</i>	Ancorado à mudança catastrófica que domina o Ser e o Estar de Sofia, impedindo a desejada transformação.
<i>Símbolos /</i> <i>/ Condução</i>	Actuação do processo de condução: sem limites, domínio do caos, risco grave eminente.

Quadro 19: A Adolescente Situada nos Princípios Propostos – A Sofia

Sofia até procurou atribuir diversos sentidos às manchas Rorschach, contudo, a incapacidade de religação ou de reequilibração retorquiram-se superiores, mergulhando num *não-Ser face ao Outro*, responsável pelos sentires e pelos sentidos de uma angústia aniquilante.

4.2.5. Análise dos Parâmetros de Risco: *Onde Se Situa O Adolescente?*

Já se tornou claro, que Sofia se encontra numa **situação de risco** preocupante, justificada pelo *ramallete* de polaridades contrastantes e confusas que ressaltam das suas expressões, dos seus sentires, dos seus sentidos e das suas vivências, patentes no seu protocolo Rorschach e, progressivamente analisadas e compreendidas, ao longo das anteriores ponderações a esse respeito efectuadas.

Por isso, deparamo-nos com o momento de análise especializada dos parâmetros de risco outrora constituídos, importando discuti-los um a um, de acordo com a integração das modalidades de localização de Sofia em cada um deles.

Sofia foi clara quanto à sua necessidade de uma relação continente-conteúdo, desde sempre demarcada pela insuficiência da sua qualidade, tanto que Sofia é muito permeável aos *nadas lacunares* das manchas Rorschach, em torno das quais constrói cenários de inequívoco desespero face à falta de um continente que tranquilize os seus conflitos internos, externos e internos-externos. Em sua busca incessante, presta-se a escolhas apressadas e focalizadas em organizadores parciais, perdendo qualidade integrativa do objecto, entretanto alvo ou de fragmentações (Ad) ou de contornos desadequados ou ainda indefinidos (F- e F+). Pelo que **fica em aberto a possibilidade** de Sofia poder vir a ceder ao **parâmetro de risco relativo à ausência da relação ♀♂**, então de presença do nada, certificando-se uma angústia preocupante, mas que pela acção de múltiplos movimentos de esforço reorganizador, por muito sofrimento que carregue, **ainda garante vida psíquica**.

A mobilização do actuar externamente adquire um valor de regulador vivencial, que desejaria a (re)ligação mundo interno – mundo externo, que não ocorrendo em Sofia, promove um efeito de dispersão interna e de desligamento interno-externo, dentro-fora, real-irreal, fronteiras perdidas e objectos danificados que impõe a **perda de coesão interna** e, assim, um ganho de vazio interno, este sim, assustador e angustiante para a adolescente em descontinuidade consigo mesma (daí a grande permeabilidade ao branco, equivalente simultâneo do vazio/perda e do persecutório ameaçador).

Deste modo, Sofia deixa-se apanhar pelas malhas do caos interno e externo, atraindo o sentimento de catástrofe emparelhado com o sentimento de inquietante estranheza que a domina, partindo à viagem turbulenta da **ruptura com o interno e com o externo**, que a faz rodopiar ao sabor do vento que ora a levanta ora a faz cair, ora a arrasta, ora a acarícia com uma leve brisa, estimulando o desligamento e a dispersão alimentadas pelos conflitos contrastantes, pelas lutas incessantes, pelos bosques percorridos e a percorrer, repletos de perigos e objectos ameaçadores.

Em consequência, Sofia ruboriza-se pelo desejo ilimitado, subjugado aos limites esbamiados e putreficados, tanto ao nível do corpo como ao nível das pulsões, confundindo-se sujeito e objecto, o dentro e o fora, o eu e o outro. Instalando-se a **ausência do limite e a presença do desejo**, inibe-se a diferenciação do sujeito, impossibilitando a sua subjectivação.

Um desligamento de tal forma calibrado, cobra um **corpo descontinuado, fragmentado, desconhecido**, sentido como um **corpo estrangeiro** – representações exactas nos processos-resposta Rorschach de Sofia, reconhecendo-se na totalidade dos cenários Rorschach a problemática da corporalidade.

O que pressupõe a abordagem da **Identidade**, claramente afectada e **em risco** pelos comprovados processo de individuação, sentimento de unicidade e sentimento de pertença deveras feridos, oscilando entre a inexistência, a confusão e a dispersão. Do que resulta a imposição de uma **relação sincrética** com o todo circundante, motor de uma incapacidade de libertação e de autonomização do sujeito, então em externalização aberta como garante de uma semi-ligação que permita a sustentação do sujeito e a expressão da lava ardente interiormente.

Pelo que a **integridade pessoal** de Sofia é **profundamente afectada**, inclusivamente detereorada pela excitabilidade das pulsões sexuais e agressivas, que actuadas pela externalização, por vezes até pela impulsão, abrem as portas ao risco de dispersão corporal, emocional, relacional e psíquica.

Sofia encontra-se num período de rebentamento vulcânico de violentas e duras experiências corporais e emocionais, balanceantes e confusas, mediadas por uma **agressividade externalizada** que se deixa exprimir através do **deslocamento** para conteúdos animais carregados de **brutalidades várias**. A agressividade actuada desta forma só pode ser resultante de afectos brutalmente pensados internamente ou que internamente evadiram o sujeito que por eles se deixou tomar, resvalando para um **acentuar do risco, cada vez mais dilatado**.

Incapacidade de adaptação à catástrofe instalada claramente expressa no processo de resposta Rorschach, em que Sofia se despe face ao caos, antevendo-se o sentimento caótico promovido pelo surgimento da puberdade e pelo despontar dos processos transformacionais adolescentes, perante os quais se assoma como incapaz de se equilibrar, cedendo a uma situação de **dispersão psíquica preocupante**, porque em risco de se esgueirar para uma real desintegração psíquica.

Conjunções reflexivas que resumimos neste quadro:

PARÂMETROS DE RISCO	SITUAÇÃO DE RISCO DA ADOLESCENTE: SOFIA
<i>Ausência da Relação ♀♂, Presença do Nada</i>	Certifica-se vida psíquica, mas de elevada permeabilidade ao nada lacunar e à angústia - hipótese de lhes ceder em aberto.
<i>Perda de Coesão Interna, Ganho de Vazio Interno</i>	Verifica-se, pela dispersão interna e pelo desligamento interno-externo, dentro-fora, real-irreal.
<i>Ruptura com o Interno, Ruptura com o Externo</i>	Verifica-se no caos interno e externo, na catástrofe em movimento e no domínio do sentimento de inquietante estranheza.
<i>Ausência de Limites, Presença de Desejos</i>	Comprova-se pela perda de limites eu-outro, sujeito-objecto, dentro-fora e pela diferenciação ausente.
<i>Corpo Estrangeiro, Corpo Desconhecido</i>	Existência de um corpo descontínuado, fragmentado, desconhecido, estrangeiro.
<i>Identidade Falhada, Dependência Conseguída</i>	Sentimento de pertença, unicidade e individuação em processo confusional de dispersão; relação sincrética com o objecto.
<i>Sexualidade Activa, Integridade Passiva</i>	Profundo abalo ao nível da integridade pessoal e externalização da pulsão sexual e agressiva.
<i>Agressividade Actuada, Afectividade Pensada</i>	Externalização violenta da agressividade, deslocada para conteúdos animais brutais.
<i>Incapacidade de Adaptação, Capacidade de Dispersão</i>	Incapacidade de adaptação à catástrofe, cedendo a uma situação de dispersão psíquica grave.

Quadro 20: A Adolescente Situada nos Parâmetros de Risco – A Sofia

4.2.6. Síntese: Os Processos Psicológicos e o Risco do Adolescente

Sofia é um exemplo claro do maior dos riscos que Cahn (1991) apontou: o **risco** de se instalar uma **problemática psíquica grave**, geralmente integrada na **psicose**, que ainda que necessária ao desenvolvimento da adolescente, coloca-a num patamar equivalente ao do adulto psicopatologicamente perturbado, sob o *olhar* daqueles que se centram na categorização nosográfica da psiquiatria adulta, e não na **real problemática evolutiva, de funcionamento psíquico ainda incompleto**, por isso **instável e muito perturbada**.

Neste contexto, Sofia unifica-se num **Universo Dispersivo**, **intra e inter psíquico**, composto por **distintas polaridades planetárias**, nomeadamente aquelas que sustentam a oscilação ente interno-externo, corpo-mente, real-irreal, objectividade-subjectividade, dentro-fora e eu-outro – uma **teia de espaço e de tempo** indeterminados, fluidamente interceptada num **jogo de elasticidade contagiante**, libertando o **Risco de Desintegração**.

Quadro que ganhou uma organização gráfica especial, apresentada na próxima página.

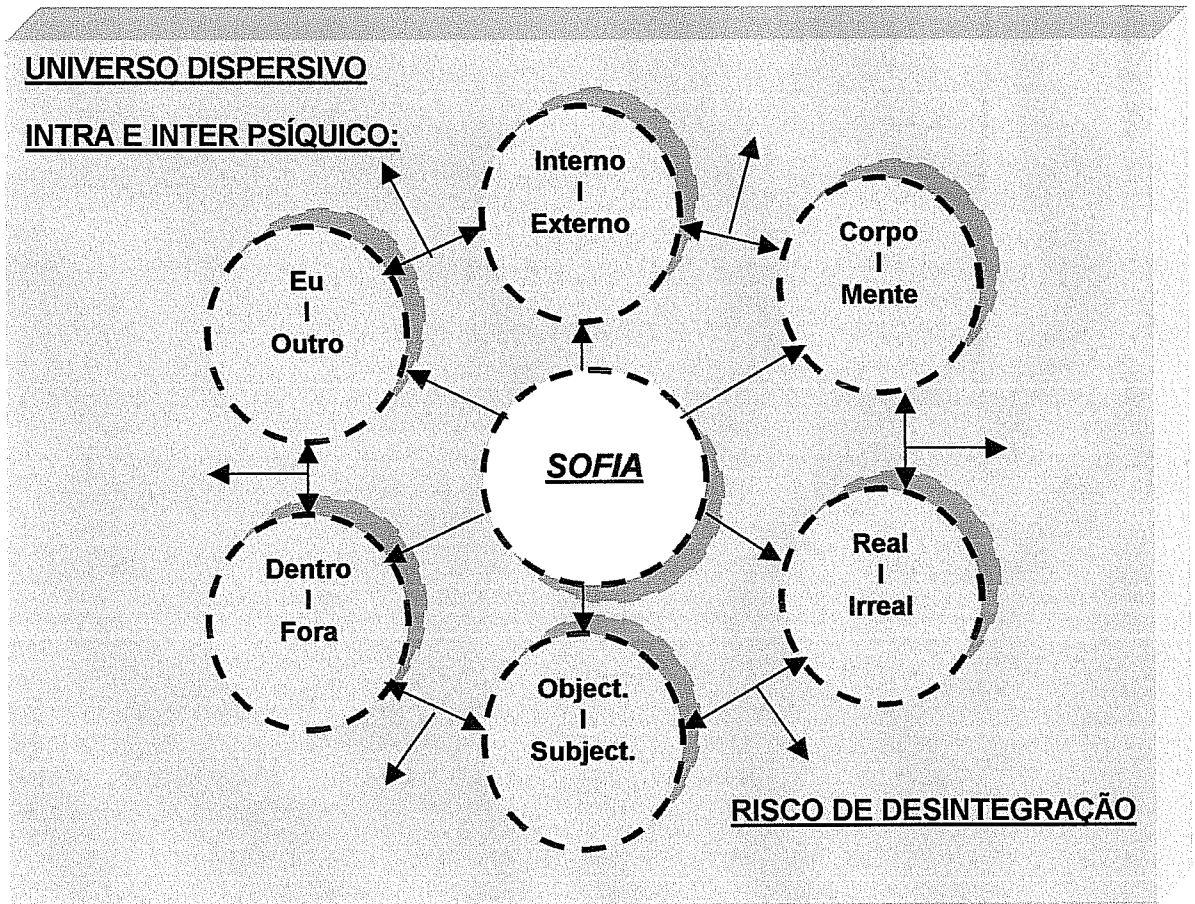


Figura 11: O Universo Dispersivo Intra e Inter Psíquico de Sofia

4.3. Protocolo Rorschach de Nuno, o *Homem Aranha*

Na presente investigação participou também um adolescente do sexo Masculino, tem 15 anos e frequenta o 9º ano de escolaridade. Decidimos chamá-lo *Nuno*.

Após a aplicação do Rorschach e uma primeira leitura do protocolo resultante, considerou-se que a associação de Nuno ao lendário *Homem Aranha* seria a mais indicada para se representar simbolicamente o sujeito.

4.3.1. Análise *Resposta-a-Resposta*

I

<p>1. <i>Um morcego.</i> (Aqui o corpo e aqui as asas).</p>	<p>Cartão I</p> <p>G F+ A Ban</p>
---	-----------------------------------

No primeiro contacto com o material Rorschach, Nuno oferece-nos uma resposta banal (pela elevada frequência com que ocorre neste cartão), identificando um *Morcego* na totalidade da mancha (G), ao qual se atribui uma boa forma sobre um animal inteiro (F+ A), dados que apontam para uma inicial adaptação ao real, neste caso, uma adaptação ao objecto desconhecido e caótico.

A discriminação de um morcego corresponde exactamente ao carácter escuro e intenso da mancha, que se presta a este tipo de respostas.

<p>2. <i>Uma tarântula.</i> (Aqui o corpo, e isto a preto dá ideia das patas, menos estes bocados – cria um Dd. Não sei se é uma tarântula).</p>	<p>Cartão I</p> <p>G F- A</p>
--	-------------------------------

Após o *morcego*, Nuno transforma a anterior atitude adaptativa, e detecta um percepto inadequado, de má qualidade formal e muito desadaptado ao real: uma *tarântula*, é certo que um animal inteiro (A), mas a construção global barrada pela escotomização de pequenas partes da mancha (Dd) que o incomodam, a par da má

forma (F-) e da tipologia animal solicitada, atestam um acentuado desequilíbrio e decréscimo qualitativo. Elementos estes tributários do quanto o material inquietara Nuno, o qual *deixou cair por terras selváticas* as suas defesas psíquicas, resvalando no patamar longínquo dessa *floresta selvagem*, habitat angustiante, de *criaturas animalescas* perturbadoras (de que a tarântula é exemplo), escondidos internamente no sujeito.

Contudo, no inquérito, embora descreva as várias partes do corpo total da tarântula, factos que garantiam a produção efectuada, Nuno acaba por recorrer a uma precaução verbal denegadora, equivalente de uma precaução do pensamento e dos sentimentos suscitados pelo material, quase que fazendo operar uma negação de dúvida face ao percepto angustiante identificado – talvez a única forma que Nuno encontrou para combater a ansiedade manifestada.

Imaginemo-nos perante uma tarântula... Quem não ficaria inquieto?! A tarântula é um animal de ascendência amazónica exótica, negro, peludo, repugnante, asqueroso, muito desagradável, assustador, impulsionador de reacções ansiosas e de pânico adversas, pelo medo suscitado e pela alusão à possibilidade de se ser picado ou envenenado pela mesma, desembocando na hipótese de morte súbita – um animal de cunho fóbico aterrador – sentimento confirmado por Nuno na prova das escolhas negativas, em que assinala exactamente este cartão como um dos que menos gostou devido à agressividade da *tarântula*.

Não obstante, o aspecto que aqui exige reflexão reside no processo que conduz o adolescente a representar uma imagem corporal inteira desta estirpe: talvez o sentimento de receio/medo em ser atacado ou em ser atingido pelo desconhecido caótico, tomado como ameaçador e rival mortífero.

II

3. *Talvez a forma do mundo, de uma parte do mundo.*

Cartão II

(O mundo visto num mapa, com os seus bocadinhos – D Preto).

G F+ Geo

Transitando de cartão, Nuno faz continuar a construção da sua resposta na totalidade da mancha, agora recorrendo ao organizador formal de tenacidade incerta e

vaga (F₊) sobre um conteúdo geográfico. De referir, a precaução verbal inicial, compasso de tempo necessário à organização da sua comunicação.

Nesta acepção, Nuno encontra-se numa postura de observação do *mundo*, olhar que dirige especificamente a uma *parte do mundo* e, depois, à sua discriminação no mapa, onde apenas distingue os seus *bocadinhos*, como se se representasse enquanto *percepto composto por bocadinhos separados uns dos outros*.

Aspecto que nos encaminha para uma visão de si próprio dispersa em *bocadinhos*, que esperam ser reunidos num engrama total, mas que ainda são sentidos, e aqui significados, como incertos e duvidosos, dado o F_± que lhes é atribuído.

Desta resposta, infere-se um receio em assumir um compromisso clarividente, sobretudo relacional, visto que não representa nenhuma relação explícita. Apenas se pode conjecturar, esforçadamente, a representação da relação do próprio sujeito com o mundo, por sua vez flutuante e vaga.

III

4. Lembra aquelas flores que comem algo em movimento.

Cartão III

Não sei se são carnívoras. São aquelas flores que se fecham sobre algo que está a passar e pum!

(como ela abriu a boca, a borboleta vem aqui ver e pronto, ela fecha.)

Gbl Kob Nat

Chegado ao cartão III, Nuno inicia-se numa encenação que engloba o branco contrastante com o negro e o vermelho, dando lugar a uma pequena cinestesia pela atribuição de movimento a fenómenos da natureza, patenteando uma força impulsadora de movimento centrífugo ateadado pela pulsão de morte em choque com a pulsão de vida.

E como se vem tomando num hábito, a utilização de um atributo incerto, neste caso *não sei*, enquanto instrumento ilibador da culpa sentida pelo produto angustiante concebido, que auffer a diversas considerações.

Por um lado, importa referir que as *flores* são símbolo de sexualidade feminina, mas *carnívoras*, transformam-se em símbolos de virilidade masculina acrescida, pelo que se pondera a presença da bissexualidade objectal.

Em simultâneo, ressaltam referências agressivas, adubadas pela acção de comer (devorar), fugaz e sorrateiramente, algo/alguém desconhecedor e indiferente ao perigo de morte que se aproxima, a par de referências tranquilas e de tónica vital, como é o caso das flores e da borboleta.

Por outro lado, as *plantas carnívoras* dão corpo a seres vivos perigosos e manhosos, visto que aparentam ser algo que na realidade não são, isto é, aparentam ser flores agradáveis, até aromáticas, de amena e colorida paisagem, mas escondem uma voracidade carnívora interior, que *não olha a meios para atingir os fins* da saciedade de *presas frescas* apanhadas em falso.

Neste sentido, a borboleta foi brilhantemente atraída pela flor carnívora, que ao deslumbrar a borboleta que a mirava e descobria, liquida-a, no mesmo instante, nas suas malhas, alimentando-se da borboleta inofensiva.

Possivelmente, esta representação simboliza o doloroso conflito intra e interpsíquico disputado por este adolescente, entre o ideal controlado e organizado, que não existe internamente, mas que deseja transmitir externamente, iludindo e iludindo-se, contrastante com o *pecado mortal* das agitações que o inquietam e angustiam internamente de forma louca, mas que deseja esconder para que ninguém se aperceba delas, provavelmente, nem mesmo ele próprio, motivo pelo qual tenta *colar-se* a cenários de elevada adaptação ao real, no fundo, inexistente.

Contudo, Nuno não se consegue *fazer passar pelo que não é* ou apagar o mais íntimo e profundo do Ser, pois é como se da sua impressão digital se tratasse, pelo que, nalguns momentos, acaba por ceder às pressões pulsionais internas e expressa-as externamente, libertando a tensão, mas abrindo alas ao desfile da fragilidade, que passa por ele de forma airosa e empertigada, num pedestal de superioridade que o despe de todas as peças e armaduras sobre as quais ele tanto se quer proteger e esconder.

A fome de comer seja quem for que passe e, *pum*, mata, revela-nos isto mesmo: pecar, matando pela gula – desejo diabólico, com frequência ocultado pelo ideal do próprio, envernizando-se.

5. *Isto é uma borboleta. (D Verm Central).*

Cartão III

D F+ A Ban

Nuno integra uma borboleta no choque conflitual descrito anteriormente, aqui identificada perceptivamente numa parte destacável da mancha, a qual se premeia com uma boa forma animal inteira, banalidade comumente assumida.

Este salto, para o isolamento do objecto passivo que outrora era deglutinado, pretende garantir a sua permanência vital e, em consequência, a adaptação equilibrada de Nuno ao mundo real.

6. *Parecem duas estátuas. São parecidas.*

Cartão III

(Duas estátuas de pessoas. Parecem estátuas de africanos, pela forma delas. Dá ideia que são lisinhas e polidas).

D F+ Estátua

Mas antes de terminar a abordagem a este cartão, pela insuportabilidade da angustia suscitada na simbolização inicial, Nuno recorre às silhuetas humanas impostas pela imagem, como perceptos fulcrais à elaboração de uma resposta de boa qualidade formal, mas sem qualidade vital, pois confere-lhes o estatuto de *estátuas de pessoas*, portanto, não chegam a ser pessoas, não vá o desejo *empurrá-lo* novamente, e agora mais explicitamente (porque conjecturado sobre figuras humanas), para o pecado original!

Neste contexto, importa salientar, não só, a recusa explícita do carácter humano presente na imagem, então substituído pelas *estátuas*, personagens anónimas, passivas e de vitalidade ausente, mas também, a negação do movimento relacional entre os personagens, relacionamento esse retraído por uma conduta objectiva e racional dominante.

Ao que se adicionam condições distintivas das estátuas: *de africanos* (embora justificando-se pela forma, provavelmente resulta da associação à cor negra), *lisinhas e polidas* (pela sensibilidade à textura da mancha observada).

Curiosamente, o *lisinho* e o *polido* conferem ao sujeito a ideia de posse de determinados acessórios qualitativos, como a assertividade e o rigor, que Nuno tanto procura e deseja fazer transparecer, como se se sentisse e fizesse sentir mais seguro e confiante, porque, aparentemente, muito certinho e atinado, tipo *British Man*.

No seio do que, Nuno vinca, de um modo persistente, precauções verbais (*parecem*) e unidades linguísticas hesitantes (*dá ideia*), como meios defensivos rígidos, veículos de ajustamento progressivo da imagem ao real percebido na mancha Rorschach, escondendo o que de mais significativo sobressalta o sujeito.

IV

7. <i>Dá ideia de ser uma espécie de algo sobrenatural.</i>	Cartão IV
(Aqui a cabeça. Sobrenatural porque em vez de ter algo com mãos, tem umas pinças. Aqui as pernas e os pés).	
G FClob (A) + Choque Clob	

Na sétima resposta, a produção contígua de atentamento à linguagem de aprumo correctivo e defensivo à *máxima*, prolonga-se na definição desta resposta Rorschach, construída sobre a totalidade da mancha (G), numa acepção de apego ao formal identificado numa imagem inteira sobrenatural (F (A)), dotada de uma cotação complementar (Clob), de tonalidade disfórica, francamente penosa para Nuno, daí se integrar um *choque Clob*, mas dominado pela expressão formal que a precede.

A mancha observada e os conteúdos simbólicos suscitados são de tal forma angustiantes para o adolescente, que Nuno, afectivamente coerente, aponta este como um dos cartões que menos gostou na prova das escolhas, exactamente por *ser algo sobrenatural, talvez assustador*. Nuno, tenta disfarçar o temor sentido com o emprego do *talvez*, como se de um equivalente depreciativo, e seu abonatório, se tratasse.

A recorrência ao *algo*, instiga o território da imprecisão, de um objecto vago e irreal, carente de um fortalecimento diferenciador, que sendo em seguida incluído no campo *sobrenatural*, enceta uma designação de extrapolação do Ser Humano racional, para *Seres de Outro Mundo* (subjectivado e subjectivante), quem sabe, pertencentes ao *mundo com os seus bocadinhos* (referido no cartão II).

Até porque, este *Ser Sobrenatural*, engloba *bocadinhos* muito específicos, que sensibilizaram Nuno ao ponto de o empurrar para uma produção fantasmática e assustadora, que vejo a sofrer o efeito de decomposição fragmentária corporal, segundo a qual são especificadas diferentes partes do corpo, todas elas elementos fulcrais ao núcleo pulsional e corporal ofuscante e perturbador do sujeito, porque entre

mãos, pinças, pernas e pés, extremos corporais de afinado contacto sensorial, subtilmente se transpira um conjunto associativo de conteúdos de importância agressiva, sexual, fálica e masturbatória, representantes das problemáticas que inquietam este adolescente, o qual deseja ardentemente inibi-las. Daí a já habitual inserção de precauções e de formalizações objectivantes do emocional subjectivo e excitante – processo de inibição do interior ardente e da dificuldade de mobilidade corporal.

8. *Aqui no meio dá a ideia que é um caminho sem fim.*

Cartão IV

(D Central – é muito longo, e pequenino aqui, estreitinho).

D F+ Obj

Continuando em busca de um objecto preciso e racional, focaliza-se numa parte determinada e destacável da mancha, de acordo com uma boa forma de objecto, de acento viril, mas de qualidade ambivalente, porque ao mesmo tempo que um tal *caminho sem fim* é *muito longo*, logo se arroga *pequenino e estreitinho*, o que aponta para uma inconsistência das qualidades do objecto, ora adultizado ora infantilizado, respectivamente, além do complexo de inferioridade patente nos diminutivos linguísticos utilizados.

O *caminho sem fim* ilustrado, abordado como equivalente da turbulência transformacional sentida como infinita, confirma a necessidade de controle e de domínio que Nuno vem enraizando de forma crescente ao longo do Rorschach, hipotecada num envelope perceptivo de base.

Com esta resposta, Nuno alivia a tensão sentida anteriormente, embora liberte disfarçadamente o que insiste em recalcar: a problemática corporal, pulsional e sexual evasoras da totalidade do seu *Ser em adolescer*.

V

9. *Parece ser uma ave.*

Cartão V

(Aqui a cabeça, patas e asas).

G F+ A

No quinto cartão, Nuno aborda, como é óbvio, acauteladamente, a totalidade da mancha (G) percebida de forma concisa, numa figura animal inteira (A) de boa qualidade formal (F+).

Contudo, importa referir que o animal aqui reconhecido por Nuno não é diferenciado dos demais da sua classe, é-lhe atribuída uma família, as aves, mas não é especificado a tipologia da ave, pelo que se assume o objecto como uma figura inteira, mas desprovida de uma identidade própria e definida.

VI

10. <i>Uma espécie de santuário ao ar livre, com tipo, um cruz.</i>	Cartão VI
(Aqui é uma cruz – D Sup – tipo Fátima, e aqui um espaço muito aberto. Digo aberto, de não ser fechado).	G F- Obj/Abst
<i>Um bocadinho de solidão.</i>	Abstracção
(Tudo excepto D Sup – por ser muito pequeno, e não ter algo à volta. Está sozinho).	

Ao contacto com o sexto cartão, Nuno segura-se aos parâmetros de intelectualização religiosa, numa tentativa de protecção e de inibição do simbolismo agitador da sua realidade interna e externa, adoptando condutas de passividade redundante, complementadas de cuidados linguísticos.

Em consequência do que, constrói, a medo, uma resposta global formal de muito má qualidade adaptativa (G F-) e de conteúdo simplista, de um objecto de qualidades vitais ausentes, tendente para a abstracção.

Produto este que explica mediante um paradoxo de igual significado (*aberto = não fechado*), mas pertinente aos seus olhos, porque o que efectivamente *se fecha* é e a si próprio é, afinal, *aberto e bem aberto*, aos olhos de todos quantos queiram ver, observar e aproveitar-se das suas fragilidades, ainda que ajoelhado à *cruz* ou a *Fátima*, em redenção dos *pecados mortais* outrora conjecturados.

Ao término, elabora uma abstracção, explicitada a título desvalioso, cultivando apenas um *bocadinho*, como se se pudesse conter ou afirmar como se nada de especial se tratasse, mas de veemência clara dos sentimentos que o sufocam e engolem paulatinamente: a solidão e a pequenez.

Por um lado, o acesso ao *estar só*, promove em Nuno a necessidade de se isolar objectiva e perceptivamente, ignorando o emocional e o subjectivo. E, paralelamente, o sentimento de inferioridade sexual e fálica salientado, confere-lhe a emergência de uma angústia de castração avassaladora, sob o efeito repressivo das defesas rigidificantes do sujeito e do objecto.

Por outro lado, o acesso à solidão é parte da *chave mestra* que desbloqueará o impasse desenvolvimental adolescente, rumo ao crescimento maduro.

VII

<p>11. <i>Penso que também seja assim parecido com umas estátuas, são idênticas.</i></p> <p>(Aqui uma espécie de um limite – D Central Inf – e aqui uma estátua e aqui outra. A forma de uma criança, com a cabeça aqui e a forma de um vestido).</p>	<p>Cartão VII</p> <p>G F+ Estátua</p> <p>Comentário Limite</p>
---	---

A décima primeira produção de Nuno, muito parecida com a sua sexta resposta, inscrita no cartão III, consiste numa abordagem global da mancha (G) segundo uma boa forma (F+) de designação estatuada, escoltada pelas afáveis precauções verbais.

A insistência na definição de um envelope perceptivo, vai marcando, sem dúvida, o *caminhar* de Nuno pelos diferentes patamares do Rorschach, neste caso repetindo uma formalização já utilizada anteriormente, carimbo de um objecto inteiro mas desvirtuado ao nível vitalício.

Neste contexto, importa salientar que a desvitalização das figuras inteiras aqui identificadas, surge em sequência da emergência maciça do afecto solidão, no cartão anterior, o que pode ter condicionado a abordagem do corrente cartão.

Ao início, as *estátuas* são tomadas como personagens anónimas e passivas, mas pelos esclarecimentos obtidos no inquérito julga-se uma tentativa de recurso ao precoce/infantil (*uma criança*) misturado com o recurso identificativo ao feminino/materno (*forma de um vestido*) – aspectos que indiciam uma tentativa de identificação e de enobrecimento evolutivo.

De sublinhar, o *comentário limite* proferido por Nuno no momento do inquérito, extraordinariamente límpido em relação à imperiosa necessidade de fundar limites precisos entre o dentro e o fora, que se vêm impondo desde o início das suas produções.

VIII

<p>12. <i>Parecem dois ursos a tentarem chegar a alguma conclusão, atrás de alguma coisa.</i> (Aqui os dois ursos com a cabeça e o focinho e aqui em cima – D Sup – alguma coisa que eles querem. Talvez alimento, pela forma).</p>	<p>Cartão VIII</p> <p>D Kan A Ban</p>
---	---

À entrada nos cartões pastel, Nuno procede a uma banal abordagem parcial da imagem, focalizando-se numa parte destacável da mesma (D) em que discrimina *dois ursos*, dois animais inteiros (A), em movimento de perseguição de um objectivo conclusivo (Kan) – surge, então, a primeira pequena cinestesia animal, muito significativa pela encenação criada. Sem que se possam ignorar as sucessivas precauções verbais, de valor importante.

De um modo equiparável, não só Nuno perseguia o sentido do caos a que estava a ser exposto face aos cartões Rorschach, símbolo da perseguição constante de si próprio face a si, aos outros e ao mundo, como também nós próprios perseguimos os sentires e os significados nele implícitos.

É notória a intensa busca de um objecto dotado de potencial securizante e alimentador, revelando o apelo a uma forte relação precoce, que ainda não conseguiu representar, mas quer muito encontrar, uma relação de suporte segura, a nunca mais perder de vista!

O *urso*, animal possante e robusto, de boa integridade corporal, tem uma influência notável na argumentação de Nuno, porque demonstra a dimensão e a força da energia dedicada a este processo de sucessiva e insistente procura, possível réplica do masculino perdido ou nunca encontrado.

O *alimento*, a pedra preciosa perseguida, encadeia um sentido de fortalecimento do corpo *bio* e do corpo *psíqué*, de veículo essencial ao crescimento e ao desenvolvimento global do indivíduo, meio de subsistência crucial, mas sobretudo, princípio fundamental da acepção de preenchimento do vazio interior, carente de *nutrientes enriquecedores*.

Nuno busca, também, tais qualidades saciadoras, no *outro complementar*, em relação ao qual tende a fugir, mas deixando sempre um rastilho indicador do caminho percorrido, assim, sinal de aproximação relacional.

Contudo, em contraposição, sobressai um movimento de lenta autonomização do parental e do infantil dependente, mas que transporta grande pesar, temor e dificuldade, tanto que o processo de separação não é devidamente explícito.

O próprio cuidado em deixar bem claro que só está a *tentar*, prova a culpabilidade sentida face ao desejo de se separar do parental, em choque com o dever de permanecer no parental e no infantil – conflito instalado!

13. Também parece ser uma gruta.

Cartão VIII

(Aqui em cima – D Sup – parece uma espécie de uma entrada que dá para um subterrâneo que vai dar aqui – D Médio – com uma espécie de um buraco aqui ao meio - Ddbl).

D_bl CF Nat

Do que desliza para uma produção bastante diferente das analisadas até ao momento, pois entregou-se à inclusão de um espaço branco que não se impõe, junto de um detalhe isolado que se destaca da totalidade da mancha, exercendo uma inversão da figura-fundo (D_bl), mostrando-se permeável às tonalidades pastel, que remetem para o mundo afectivo, e ao branco, que remete para as vivências de falta e carência.

Desde logo, sugere-se não só a confirmação do *alimento*, anteriormente tão desejado e procurado pelo adolescente, mas também um sentimento de sufoco pela entrada na *gruta materna*, o que pode significar a permanência da dependência parental, e então, a asfixia pelo encerramento num espaço *subterrâneo*, fechado, escuro, tipo um *buraco* sem retorno autónomo.

Neste sentido, Nuno concentra-se na delimitação dos perceptos sobressalientes da mancha Rorschach, mas ao invés do domínio formal, flexibiliza-se à interferência do elemento cor, que afixa o ingresso no materno simbolizado pela *gruta*, distinta frontalmente, ainda que associada a formas incertas, pelos perceptos acrescentados que não deixam, jamais, de fazer parte do seu *circuito funcional* (CF).

A *entrada para um subterrâneo*, que desemboca num *buraco ao meio* (sensibilidade ao branco, de afinamento lacunar), aponta ainda para a fragilidade do sujeito em reagir face à situação de caos. A sua significação impõe um *olhar-se* à beira do subterfúgio sobre si mesmo, a caminho de uma *transformação subterrânea* (interna e externa), conducente a um *buraco ao meio*, que faz quebrar os limites entre um lado e o outro.

IX

<p>14. <i>Um barco.</i> (D Rosa – aqui o barco, com os flutuadores, um de cada lado).</p>	<p>Cartão IX D F- Obj</p>
---	------------------------------------

Defrontando-se com o cartão nove, Nuno rapidamente trespassa da configuração anterior para um objecto de composição formal inadequada e desadaptada ao real (F-Obj), *um barco*, num detalhe destacável da mancha (D). Sem que consiga proferir mais alguma palavra, ignorando as restantes partes integrantes do todo da mancha do cartão.

No inquérito, apenas clarifica a estrutura do barco, destacando as zonas laterais, como *flutuadores*, possíveis elementos protectores do barco e de quem nele navegue.

X

<p>15. <i>Lembra o mar com criaturas: peixes, caranguejos.</i> (Peixes aqui – D Amarelo, com as barbatanas – D Verde; e caranguejos, com as patas – D Preto Lat).</p>	<p>Cartão X G CF Nat</p>
---	-----------------------------------

No último cartão, procura dar um sentido à totalidade das manchas dispersas (G), refugiando-se no *mar*, onde distingue várias criaturas marinhas – resposta com participação acentuada das cores, mas partilhada com a formalização, neste caso, formas mais incertas no plano da natureza (CF Nat), do que o mar é exemplo.

As duas categorias animais distintas, os *peixes* e os *crustáceos*, de subsistência aquática, obtêm uma explicitação corporal, novamente relativa às extremidades do corpo, com a particularidade de permitirem o exercício de movimentação do corpo, as *barbatanas*, essenciais à deslocação dos peixes na água, e as *patas*, fundamentais à deslocação dos caranguejos na areia, sem as quais, nem uns nem outros, sairiam do mesmo local.

Os conteúdos utilizados, preferencialmente marinhos, simbolizam um movimento de regressão ao mundo e à vida intra-uterina, pelo que favorecem o valor simbólico relativo ao anterior cartão, que outrora sentido como deveras intrusivo, mas ao mesmo tempo, tão significativo, obrigou Nuno a transferi-lo e a significá-lo neste espaço.

16. <i>Parece ser uma ilha assim distante.</i>	Cartão X
(Uma ilha que não está no mapa, porque parece mesmo que não tem nada à volta, é mesmo só aqui).	
	G F _± Nat

No término do cartão, compõe uma última resposta, também sobre a totalidade da mancha (G) e no plano da natureza, *uma ilha*, portadora de cotação formal vaga e incerta (F_±).

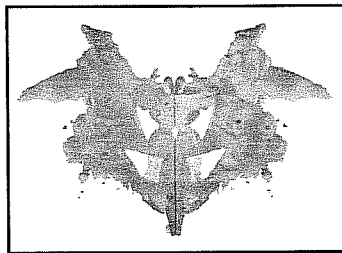
A *ilha* simboliza uma situação em que não se encontra resolução face à inevitabilidade de se estar rodeado por uma imensidão de água, sem que se consiga de lá sair. Igualmente, Nuno sente-se rodeado de situações regressivas imprecisas, desconhecidas, inevitáveis, mas sem resolução clara à primeira vista, pelo que se sente bloqueado, travado, pelo *mar de conflitualidades* que o desconcentram e desconcertam, e que à parte as suas riquezas a longo prazo, não o deixam avançar nem caminhar.

Daí considerar a *ilha distante* porque, na verdade, representa o seu sentir, distante do real, mas em busca permanente da proximidade ao real, portanto, ambivalente, entre um lado e o outro, embora esses lados não existam numa *ilha*, pois

sendo circular, *não tem nada à volta* que permita efectuar a distinção. E além do mais, trata-se de uma ilha clandestina, porque *não vem no mapa*, o que quer dizer que não se conhece nem foi explorada, por isso, encontrando-se a sós consigo próprio, em descoberta do novo território, que pode estar (ou não!) repleto de perigos e/ou armadilhas, surge um considerável sentimento de inquietação, ameaça e desprotecção.

4.3.2. Análise *Cartão-a-Cartão*

⇒ **Cartão I:**



O primeiro cartão, unitário, escuro, compacto e intenso, responsável pelo primeiro contacto com o material Rorschach, despontou inicialmente no actor uma conduta passiva na entrada em cena, indutora de uma falsa adaptação de Nuno ao caos observado, que iludiu o espectador/clínico com a produção de uma resposta Rorschach adequada estrutural e sensorialmente (*um morcego*), mas, no fundo, de tonalidade emocional disfórica, só que neutralizada, porque disfarçada pela banalidade apontada.

Tanto que em seguida, desenvolve-se um movimento regrediente do sujeito face à relação intersubjectiva em crescimento, perdendo qualidades de adaptação ao real e esbatendo o manancial defensivo rígido, protector da sua primeira resposta, exprimindo a falência do controlo, em benefício da pressão do pulsional fantasmático.

Parece-nos que Nuno se deixou evadir pelo medo e o pânico face à experiência emocional Rorschach, aqui sentida e significada como fóbica, catastrófica e desorganizadora do interior e do exterior do sujeito. A expressão externalizada dos conteúdos ameaçadores contidos na *tarântula*, revela o quanto Nuno se sente em

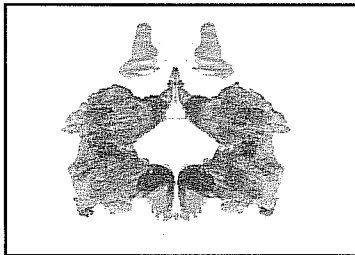
turbilhão face ao *tufão* de experiências corporais, pulsionais e emocionais, inerentes ao processo de desenvolvimento adolescente.

Além do que, os dois animais inteiros identificados fazem parte de um besteário fóbico, agressivo e sinistro, especialmente a *tarântula*, que simbolicamente ameaça a integridade do sujeito pelo poder horripilante e mortífero que lhe é inato.

De onde se pode proceder a uma clara extrapolação: uma representação de si inteira mas consubstanciada numa *tarântula*, envolve, certamente, uma realidade de difícil inserção social junto de qualquer que seja o meio circundante do sujeito.

Mais, sendo este um cartão reactivador da relação materna pré-genital, logo se depreende a sua insegurança e fragilidade, pelo registo primário da tipologia animal mais arcaica a que Nuno apelou, deformando o percepto.

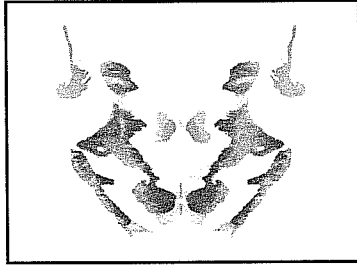
⇒ **Cartão II:**



No cartão II, bilateral, aberto à relação, o primeiro com integração do vermelho, Nuno refugia-se numa resposta tendente para a intelectualização, esbambiando-se para uma abstracção não clarificada, porque evadida por um ínfimo discurso explicativo, ele próprio incerto e flutuante. O processo de resposta Rorschach aqui congeminado, centra-se na formalização da realidade externa do *mundo*, funcionando como um elemento impeditivo do surgimento do relacional, que é abolido num dos seus cartões por excelência, para além de que relega por completo a participação do vermelho.

Desta forma, assiste-se a uma clara e inequívoca inibição das dimensões pulsional, simbólica, relacional e imaginária, aparentemente esquecidas. E dizemos aparentemente, porque na verdade tais factos comprovam o quão presentes estão na mente deste adolescente, que entretanto se sente na obrigação, ou na necessidade, de um controlo, acérrimo, agarrado ao real, de modo a não ceder a tais pressões enlouquecedoras.

⇒ **Cartão III:**



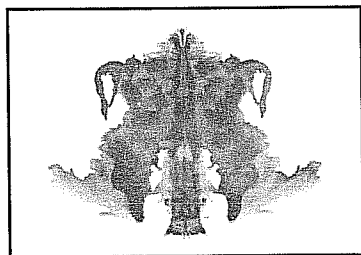
No cartão III, aberto, bilateral, directamente relacional e de manutenção da coloração contrastante negro-branco-vermelho, já suscitada no cartão anterior, Nuno solta uma maciça reacção pulsional angustiante, que obriga à renúncia dos processos defensivos rígidos, preferencialmente utilizados.

Nestas circunstâncias, são contorcidos movimentos de centrifugação pulsional, sustentada numa relação agressiva e de devoração alimentar, resultante do deslocamento dos conflitos interno-externo do adolescente, para conteúdos de ordem da natureza, mas implicitamente representativos das problemáticas da bissexualidade, da sexualidade, da agressividade, dos limiares e das polaridades masculino vs. feminino, pulsão de vida vs. pulsão de morte, passividade vs. actividade, sofreguidão vs. saciedade.

Assustado com um tal quadro catastrófico, Nuno reorienta o processo-resposta Rorschach rumo a um terreno sentido como mais seguro, porque centralizado numa realidade externa que não ultrapassa a concretude do objecto e que domina os desejos diabólicos e as pulsões agitadoras, por intermédio do controlo racionalizado dos perceptos e das emoções, não existindo variáveis independentes a controlar, porque todo o ambiente circundante é confiantemente esterilizado num envelope devidamente lacrado.

A formalização exagerada e o controlo emocional rigidificado aqui expressos pelo adolescente, dão-nos conta de uma elevada preocupação sobre os contornos externos e internos dos objectos, então considerados à luz de uma implacável perspectiva realista.

⇒ Cartão IV:



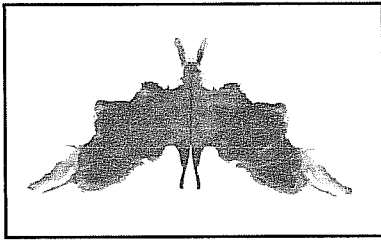
Neste cartão, unitário, compacto, escuro e intenso, Nuno sente-se evadido pela sensação disfórica solicitada pela tonalidade emocional do material, confrontando-se com um objecto de poder, de domínio e de potência tão exacerbados, que lhes introduz a consideração de *sobrenatural*, numa tentativa de distanciamento do objecto indutor de múltiplos medos e dúvidas incomodativas. Se assim não o fizesse, Nuno teria a sensação de que não conseguiria reagir face ao desconforto sentido perante tal imagem de poder.

O que confirma que, por muito intensa que seja a luta contra a emergência dos afectos e das conflitualidades internas e externas, Nuno não consegue evitar uma expressão emocional, ainda que à *mínima*, mas clarificadora do turbilhão psicoafectivo e corporal, construída mediante o retorno do recalcado, facilitado pelo deslocamento da agressividade para determinados pormenores da mancha (esclarecimento de partes específicas do corpo), que evocam objectos parciais, representativos da polaridade oral e fálica, sentidas e significadas como ameaçadoras e destrutivas do sujeito.

Não obstante, Nuno arrisca e aceita o bilhete de acesso à viagem mutacional adolescente, viagem sentida como interminável, dado o seu *caminho sem fim*, agravado pelo balancear entre um lado e o outro, entre a criança e o adulto, não sendo nem um, nem o outro, nem um terceiro, mas antes alguém em construção infinita ao longo dos tempos e dos espaços experienciais.

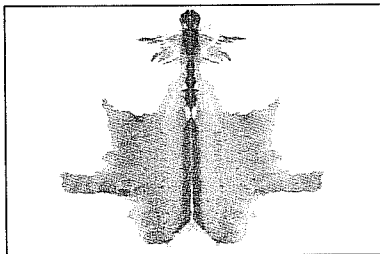
Importa ainda referir que, neste contexto, não se inferiu algum processo identificatório e identitário definido, pelo contrário, percebeu-se o quanto estes processos ainda se encontram em desenvolvimento e, nalguns momentos, em crise de oscilação de polaridades.

Quanto aos diminutivos empregues, destinam-se a focar o carácter infantil, contrastante com a intelectualização adulta frequentemente sugerida, presentes aos longo do percurso Rorschach de Nuno.

⇒ **Cartão V:**

No cartão V, unitário, fechado e muito escuro, de tonalidade emocional neutra e próxima do real objectivante, facilita o desembaraço racionalizante de Nuno, que procede à elaboração de uma resposta unificada, adaptada à realidade externa, que permite assumir um objecto total, inteiro e íntegro, mas pela falta de especificidade, de identidade muito pouco clara.

Comparável à representação de si, julga-se o ideal de um alguém que é humano, racional e objectivo, mas que aguarda o resultado das decisões superiores daqueles que ao próprio se quiserem impor e, posteriormente, decidir de sua justiça.

⇒ **Cartão VI:**

Neste cartão, igualmente unitário e compacto, mas de energia negativa e angustiante, Nuno reage ao valor simbólico suscitado pelo material Rorschach, estruturando um processo de resposta abstraccionista e depreciativo da problemática da castração, real preocupação do adolescente em transformação corporal e oscilação pulsional e sexual.

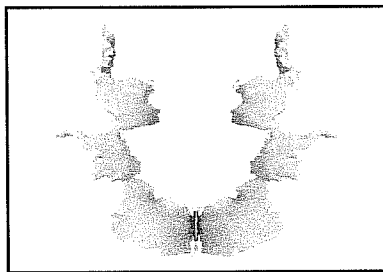
O recurso à intelectualização de cunho religioso, pretende mistificar e pacificar as exigências conturbadas e angustiantes do processo metamorfósico em actividade, no entanto, Nuno subordina-se às essências simbólicas do *Santo Graal Adolescentil*, escondido, misterioso e poderoso por natureza.

Nuno representa-se num estilo muito peculiar: superficial e aparentemente *fechado* num severo envelope perceptivo que por transportar dissimuladamente importantes conflitualidades, apenas aguarda o legendar do fantasmático inquietante, então profundamente aberto, daí o *aberto de não ser fechado*.

Não obstante, Nuno sente-se a sós, neste percurso de selvagens contradições e emoções, ora infantis ora adultas, ora boas ora más, ora pequenas ora grandes, ora latejantes ora dopadas, ora falsas ora verdadeiras, mas todas inconstantes.

Perante isto, o soltar o sentir de *um bocadinho de solidão* (abstracção), balança entre a contenção da emergência do afecto (pela utilização da palavra *bocadinho*, representante inibitório do real sentimento ocultado) e a sua maciça emergência, que acaba por ocorrer, poderá ser o primeiro passo para a possibilidade de elaboração construtiva e recriadora de um *Ser definido e constante*.

⇒ **Cartão VII:**



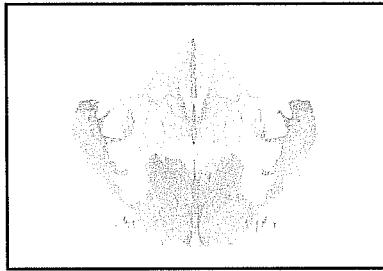
No sétimo cartão, bilateral, aberto, sensorialmente caracterizado pelo cinza esbatido com o branco, alusivo ao feminino/materno e à relação primitiva, de tonalidade emocional de maior fragilidade, Nuno volta a pronunciar a formalização de controlo e de vigoração dos contornos externos do objecto, ignorando o espectro relacional e sublinhando a importância dos limites a definir.

O comentário limite deve ser, mais uma vez, evidenciado, dada a pertinência da sua inclusão no processo-resposta Rorschach deste adolescente, pois justifica de uma forma clara a sua insistência, quase que abusiva, em conferir ao objecto um envelope objectivo e definido.

Neste sentido, o objecto, ainda que inteiro, sendo considerado desvitalizado, constitui um potente motor de angustia, porque em falta de *uma bomba cardíaca vital*, impede a vitalidade corporal e relacional.

Mais adiante, as defesas rígidas utilizadas até então são levemente atenuadas, permitindo alguma permeabilização ao interno no externo, escadeando formas propensas tanto a uma busca identificatória, geracional e sexual, como ao delicado reconhecimento do feminino/materno solicitado pela imagem, mas processos ainda muito confusos e de investimento apoucado.

⇒ **Cartão VIII:**



No cartão oito, o responsável pela entrada no triplo conjunto dos cartões pastel, reenvia ao mundo afectivo, externo e social, ao qual Nuno foi subtilmente permeável, fazendo actuar sucessivos deslocamentos.

Primeiramente, Nuno começa por nos apontar a sua dominante carência e saciedade interna-externa, que tenta combater pelo procurar, interminavelmente, uma relação continente-conteúdo, o mais segura, tranquila e protectora possível. Momento privilegiado em que nos presenteia com o primeiro e único Kan do seu protocolo Rorschach, de boa qualidade, uma pequena cinestesia de movimento de busca alimentar, atribuindo-lhe, assim, um peso influente, condicionante ao fortalecimento, ao crescimento e à sobrevivência corporal e psíquica do sujeito.

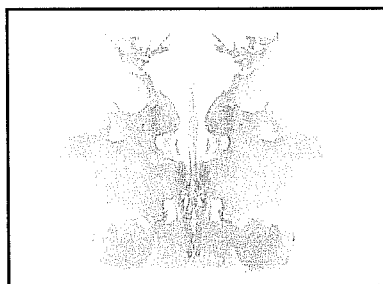
Mas importa salientar que se trata de um sujeito em vias de se tornar independente e autónomo, facto que inquieta o adolescente, entretanto numa situação ambivalente, pois se se permitir à tentativa de autonomização, sentir-se-à tolhido pela culpa despontada, mas se se permitir à permanência na dependência, não tentando, sentir-se-à invadido pela angústia – conflito de efeito tão asfíxiante, que dá lugar a uma resposta de sufoco, consubstanciado na *gruta materna*.

Nesse segundo momento, Nuno refere a *gruta*, que é interposta pela reactividade à coloração pastel das imagens do cartão, expandido um reacção carregada de emoção repressiva dolorosa, em correlação com o materno, mas neutralizada pela imposição da integração formal, tentativa de adaptabilidade ao real.

Mas completa a sua representação com o descritivo da situação em que julga encontrar-se, fazendo equivaler a *entrada num túnel subterrâneo*, à entrada na mutação interna e externa provocadas pela puberdade (processo de transformação adolescente), e o *buraco ao meio*, à ruptura interno-externo, dentro-fora, sujeito-objecto, assim comprovadas.

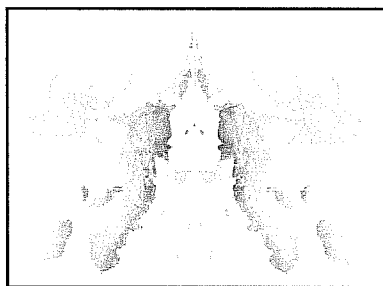
O ter sido nomeado, na prova das escolhas, como um dos cartões que mais apreciou devido à cor e aos animais que lembra, dá provas de que foi aquele onde mais claramente, pelo deslocamento da sua problemática para conteúdos animais, explicou as suas preocupações, os seus desejos e as suas angústias.

⇒ **Cartão IX:**



No nono cartão, repleto de ambiguidades e complexificado pelas cores que se invadem e misturam, de simbolismo centrado no regressivo pré-genital e no todo envolvente do materno, Nuno procede a um salto desqualificativo, recorrendo a um mecanismo de evitamento dos principais conteúdos latentes da mancha, produzindo uma resposta escassa, de base na falsa indiferença e na privação da representação do afecto, o qual desaparece na resposta excessivamente concisa e mal adaptada.

⇒ Cartão X:



No último cartão, fragmentado, de manchas tresmalhadas, de diferentes cores pastel bem separadas, Nuno acentua, mais uma vez, os conteúdos de natureza marinha percebidos e agrupados sobre a totalidade da mancha (em G), modo de apreensão menos frequente neste cartão devido à dispersão das manchas, mas de aparecimento importante, porque dá-nos conta do desejo de integração das partes num todo completo e com sentido. Todavia, os modos de expressão utilizados transitam da expressão da emoção neutralizada à incerteza e à reserva das delimitações dos perceptos, orientando um movimento de menor adaptabilidade, acrescentando-lhe os conteúdos de exclusividade ancorada à natureza, que algemam o sujeito ao meio ambiente circundante.

Importa salientar que, as produções efectuadas neste contexto, reenviam ao valor simbólico e à tonalidade emocional do cartão anterior, que se aflorou de tal forma inquietante e perturbador para Nuno, que o levou a evitá-los no explícito manifestado, mas a libertá-los num espaço e num tempo afastados, na tentativa de extrapolação mascarada dos mesmos, sem que os demais se apercebessem.

Os objectos dominantes que foram percebidos neste cartão, o *mar* e a *ilha*, são desprovidos de qualidades objectais vitais, referindo-se muito mais aos continentes que Nuno necessita de encontrar e utilizar enquanto contentores dos seus conteúdos ansiogénicos e propulsores da sua impulsão ao movimento transformacional, exigindo um corpo e uma psiqué capazes de o promover.

Na prova das escolhas, este foi o outro cartão considerado positivo, porque lhe *lembra o mar e alegria* – Fica por esclarecer se *alegria* pela possibilidade de reatar o processo de descoberta do materno, ou se *alegria* pelo término da realização da tarefa de busca de sentido, a atribuir ao caos perceptado, equivalente ao caos da sua realidade interna e externa. Ou será pelos dois?

4.3.3. Análise Dos Elementos De Cotação - O Psicograma

Avista-se, então, o momento de análise do psicograma de Nuno, relativo à totalidade das cotações integrantes do seu protocolo Rorschach (a consultar em anexo), com o intuito de realçar os elementos de cotação e os seus resultados compactuados, de maior, menor ou mediana expressão, para ulterior detecção dos processos psicológicos e do risco envolvente, do adolescente em estudo.

Numa primeira e rápida observação, sobressai imediatamente um **número total de respostas Rorschach muito baixo** (16 respostas = R ↓ ↓), facto que revela uma **modalidade expressiva à mínima**, talvez resultante de um abrandamento das cargas de tensão pulsionais, mas que, efectivamente, também conduz à possibilidade de um curto investimento sobre si e sobre o mundo interno e externo. Pelo que interessa vir a perceber a forma como o sujeito se situa e se revela ao longo deste diminuído percurso Rorschach, em conexão com determinados índices analíticos, de dimensão perceptiva, social, afectiva e sensorial, que entrecruzados, permitirão clarificar os processos psicológicos que atribuem um carácter específico a Nuno.

A consideração de cada uma destas dimensões deverá integrar duas linhas básicas de ponderação: uma, a habitual, relativa à comparação dos resultados do sujeito com os dados normativos conceituados e as inferências emergentes, e outra, de ajustamento, relativa à circunspecção da sua análise em função do número emagrecido de respostas Rorschach.

Debruçando-nos sobre a dimensão perceptiva, respeitante à realidade externa e objectiva do adolescente, soblevam-se enúmeros aspectos a tomar em linha de consideração, não só relativos aos diferentes parâmetros inscritos no discurso do sujeito, como também do estudo dos modos de apreensão, cotados em G e em D, envolvendo o G% e o D%, a par dos determinantes formais (F) e das grandes cinestésias (K), exigindo a inclusão do exame do F% e do F+%.

Se atentarmos o nosso olhar sobre o tipo de verbalização e o tipo de discurso utilizados pelo sujeito, verificamos que Nuno tem uma **verbalização particularmente**

restrita, em que ainda predomina um excedente de **precauções verbais, dúvidas e hesitações**, que dão lugar a uma comunicação *a medo* das respostas Rorschach, visitada por palavras que sofrem, com frequência, o *ataque* do sufixo *inho*, de sentido diminutivo e inferiorizante (ex.: *bocadinhos, estreitinho, lisinhas*, etc.) – vértices que, interligados, reflectem o **sentimento de insegurança** que trespassa este adolescente.

De resto, a actividade de expressão oral encontra-se condicionada por um **desejo de controlo do pólo emocional, em benefício do pólo formal e racional**, desprovida de atributos qualitativos directos (como é o caso dos afectos dirigidos a um objecto percebido) e centrando-se, por excelência, nos conteúdos animais, de natureza e de objecto, evitando todo e qualquer conteúdo de ordem humana (seja total ou parcial), tanto que **não se verifica a existência de algum H ou Hd ou mesmo (H) ou (Hd)** – aspecto a reter para análise mais aprofundada, em momento mais apropriado.

O número de G e de D assumem simultaneamente uma expressão inferior, em comparação com os dados normativos usuais, mas se se exercer um esforço de concentração na realidade deste protocolo, pode-se sugerir uma ligeira superioridade dos G em relação aos D, indicando uma **vontade de estruturação dos perceptos em imagens integradas e unificadas** (reunião das partes num todo). A maioria dos G, e também dos D, associam-se preponderantemente a criações de carácter formal, tanto que se contabilizou a **ausência das grandes cinestésias (K)** em relação ao **domínio de formalizações**, nomeadamente **boas formas (F+)**, dando conta de um **movimento exacerbado de ancoragem à adaptação ao real**, excepto raras, mas importantes **excepções**, que se passam a discriminar.

Em relação às respostas construídas sobre a totalidade da mancha (G) associadas às formalizações que se distinguem das boas formas, teceremos sucintos apontamentos (o seu aprofundamento fora realizado em sub-capítulo anterior):

- Resposta 2 - ~~G~~ F- A: construção global barrada pela escotomização de pequenas partes da mancha qualificada por uma má forma, solicitando uma relevante **desadaptação ao real**, dado o animal identificado (*tarântula*).
- Resposta 7 - G FClob (A): construção global com um modo de expressão combinado, embora o emocional disfórico despontado seja controlado por uma

formalização dominante e, por prevenção, ainda tornado mágico/irreal – **insistência bem sucedida de adaptação ao real.**

- Resposta 10 - G F- Obj/Abst: construção global de concentração formal muito inadequada, de dimensão aberta a um delimitar, simultaneamente objectal e abstracto, tão fechado, que se confina a um percepto desqualificado, confirmando uma grave **desadaptação ao real.**
- Resposta 15 - G CF Nat: construção global de libertação emocional reactiva aos conflitos internos e externos acordados, mas devidamente controlada pelo conteúdo associado, actuando uma **repressão dos objectos** a simbolizar.
- Resposta 16 - G F_± Nat: construção global flutuante e incerta, de preocupação com a unidade do objecto percebido, mas **inibidora de uma real inserção qualificada.**

Em relação às respostas construídas sobre partes destacáveis da mancha, teceremos também resumidas notificações (o seu aprofundamento também se realizara num anterior sub-capítulo):

- Resposta 3 - D F_± Geo: receio de compromisso relacional (relação ausente) expresso num percepto vago e incerto, de um **objecto total mas pouco discriminado.**
- Resposta 14 - D F- Obj: percepto inteiro mas da má qualidade formal, totalmente **desadaptada ao real**, além de funcionar como **mecanismo de fuga** ao simbólico do cartão.

O que nos permite comprovar que Nuno produz um **esforço** tremendo de **colagem ao estímulo**, uma abusiva necessidade de **controlo obsessivo**, focalizada nos **contornos externos dos objectos**, movimento importante pela acentuação da diferenciação e da delimitação entre o eu e o outro, entre o dentro e o fora, entre o real e o irreal, mas perigoso e desfavorável, quando incorrendo em mecanismos de exorbitante **isolamento e contenção** do afecto e da representação, como é o caso, sobretudo da relação, os quais são banidos dos seus processos criativos.

Ilações confirmadas e reafirmadas ora pelo G% muito elevado, em relação ao D% muito baixo, ora pelo F% dentro da média, mas uma média de significado superior, tendo em conta o reduzido número total de respostas dadas no protocolo Rorschach,

decomposto num F+% muito inferior (contrário ao desejo do sujeito), reveladores de uma **excessiva necessidade de adaptação ao real** enquanto meio de **distanciamento dos aspectos afectivos**, que se transforma numa **adaptação ao real desadaptada, porque excedente pela negativa**.

Porquanto, importa reter o seguinte agrupamento de factores:

- **Elevado investimento na representação de si**, visível no número alargado de resposta inteiras, importantes pela garantia de uma imagem corporal intacta;
- **Dificuldades ao nível do desenvolvimento do processo de identificação e do processo de identidade** pela resistência e pelo evitamento do contacto com representações de figuras humanas diferenciadas geracionalmente, definidas sexualmente e em interacção entre si (todos inexistentes).
- **Superior movimento de discriminação dos limites**, dada a procura exaustiva de um distinto e claro envelope perceptivo, essencial ao crescimento identitário;
- **Inibição e retraimento da afectividade**, que obtém uma expressão *à mínima*, barrando o crescimento mental do sujeito;
- **Ausência do mundo relacional**, verificada pela inexistência de grandes cinestésias, tanto que a representação da relação não obteve expressão – um ponto a retomar posteriormente, em justaposição com as pequenas cinestésias;
- **Adaptação ao real desadaptada, porque excedente pela negativa**, dada a excessiva formalização, a par do F+% muito inferior que, pela tendência para essa expressão insuficiente, face a um número reduzido de respostas Rorschach, descredibiliza ainda mais o seu valor adaptativo mas que, formalmente, permanece dominante.

Em suma: o domínio da dimensão racional e perceptiva (centrada na cognição) **sobre a dimensão imaginária** (responsável pela expressão dos afectos e da relação).

Relativamente à estimação da dimensão social, proceder-se-á à comparação dos fenómenos de socialização superficial (analisáveis pelo A% e pelas Banalidades), participantes do mundo externo do sujeito, com os factores de socialização profunda (decompostos pelo D%, pelo H%, pelo F+%, pelo K total e pela relação entre FC e a

soma de C com CF), integráveis no mundo interno do sujeito, de modo a apreciar a coesão ou a dispersão por ele manifestadas.

Os elementos indicadores da socialização superficial apontam para um **acentuado investimento no mundo externo**, dado o número elevado de banalidades face ao reduzido número total de respostas Rorschach (3 Ban para um R de 16) e ao A% tendente a um elevado destaque comparativamente aos restantes conteúdos.

Os elementos indicadores da socialização profunda apontam para uma **preocupante fragilidade interna**, dado o D% muito baixo, o H% nulo, o F+% de ínfima qualidade (porque também muito baixo), as grandes cinestésias (K) ausentes e um FC nulo e inferior aos dois CF existentes no protocolo ($0 FC < 2 CF$), **signal de imaturidade** e de uma **dificuldade de contenção das emoções pela via racional, por sinal, muito investida, mas afinal, pouco eficiente**.

Por conseguinte, desvenda-se uma **socialização** evasivamente **não coesa**, dadas as opostas extremidades em que cada um dos pólos de socialização se situam, sendo que a **socialização superficial predomina sobre a socialização profunda**, evidenciando um registo de funcionamento social baseado na construção de uma **falsa imagem de si**, que pretende **mascarar** a acentuada **instabilidade interna corrosiva da realidade externa**, pois perde a sua autenticidade em benefício de um funcionamento psicológico exageradamente adaptado à realidade objectiva, dando lugar à *tomada de posse* de uma generalizada conflitualidade interna e externa.

Integrando o panorama em fermentação, o adolescente é invadido por um **processo de ruptura interna e externa** que desencadeia uma **ardente inquietação**, uma **angústia disfórica** e um **sofrimento insuportável**, que indubitavelmente o abalam muitíssimo – o que gradualmente se tem vindo a perceber, à medida que aumenta a acuidade do nosso *olhar*.

Espaço que se presta à suposição da **emergência** de uma **situação de risco**, na **ocasião da queda** dos seus **processos defensivos**, da ordem da **inibição** e da **rigidez**, que podem dar lugar a uma **expulsão do interior extraordinariamente contido** e, assim, a uma **actuação no exterior do interior perturbado**.

Neste sentido, interessa-nos atender aos **conteúdos** utilizados pelo sujeito, que são prova desta possibilidade de risco. Veja-se que, Nuno centra-se num conjunto

diversificado de conteúdos que eliminam qualquer possibilidade da emergência directa e simbolizada das problemáticas internas angustiantes, pois assentam sobre objectos, estátuas e abstracções, a par da natureza e da geografia, maioritariamente desprovidos de qualidades vitais, em paralelo aos conteúdos animais, efectuando um processo de deslocamento à *mínima* sobre estes últimos, caracterizados por um besteiário maioritariamente representante de uma dimensão fantasmática mais próxima do banal, sem grandes implicações emocionais, porque todos de afirmação directamente formalizada (morcego, borboleta, aves e ursos).

Motivo pelo qual se perceber o quão difícil se torna o alcance dos puros processos de simbolização, que se encontram vedados pelo próprio exercício defensivo de Nuno, que preocupado com o controlo dos seus mais íntimos desejos e com o abolir das suas perigosas pulsões, concentra-se na realidade exterior de modo a incrementar a **contenção dos movimentos internos** e a **inibição da dimensão imaginativa e fantasmática** – processo introversivo, que funciona como uma barreira defensiva.

No entanto, ressaltam **duas extraordinárias excepções**, ilustradoras da **possibilidade de extravasão** de Nuno, nos momentos em que ele **não conseguiu resistir às tensões pulsionais irascíveis** (que inicialmente se tinham, erradamente, hipotecado como brandas), **soltando os conflitos usualmente reprimidos**:

1. sob a má forma de uma *tarântula*, o único animal inteiro, fóbico, agressivo, desagradável, repulsivo e mortífero (cartão I);
2. sob o movimento de uma *flor carnívora* em devoração de uma borboleta (uma das duas únicas pequenas cinestésias – cartão III), sinal de violência mortífera.

Excepções estas, que evocam as temáticas agressivas, violentas e mortíferas, a par da representação de figuras inteiras perigosas e danosas em relação ao próprio e ao outro, que correlacionadas entre si, constituem **pesados elementos de inquietação corporal e pulsional** – reais **problemáticas internas** de Nuno, o qual não conseguiu acrescentar ganhos evolutivos à representação interna da imagem corporal inteira, já adquirida.

Em seguimento, importa dedicarmo-nos à dimensão afectiva, conjugada com a realidade interna e subjectiva do sujeito, devendo destacar-se compartimentos de análise distintos, nomeadamente o TRI (resultante da comparação das grandes cinestésias – K com as cores – C) e a Fórmula Complementar (FC, resultante da comparação das pequenas cinestésias – k com os esbatimentos – E).

Nuno é portador de um **TRI Coartativo**, o que significa que ambos os pólos em consideração assumem uma expressão insuficiente ($0 K < 1 C$), marcada pela ausência de grandes cinestésias e pela participação da cor em duas situações mistas (que contabilizadas em somatório, perfazem o valor de uma unidade), **sinal de dificuldades de adaptação**, de uma **fraca expressão emocional** e de um **empobrecimento ao nível do pensamento imaginário e afectivo**.

A **nulidade das grandes cinestésias**, automaticamente proíbe a abordagem das habituais dimensões a propósito do funcionamento psicológico do sujeito, visto que são inexistentes, mas a sua ausência permite uma constatação automática: o **evitamento de representações relacionais significativas** vinculada à **negação do foro relacional e das ligações** entre sujeitos, entre sujeito e objecto, entre os objectos entre si.

Mais, as **dificuldades ao nível do processo de identificação e do processo de identidade** replicam-se numa ascensão de gradual afirmação, devido à inexistência de figuras humanas definidas sexualmente e à ausência da representação da relação.

As duas **respostas cor** (ambas pastel), de **ângulo misto**, que participam do TRI, nunca se expressaram de uma forma pura, mas impõem-se como cotação principal em relação à formalização associada – o que desde logo atesta dois momentos em que a formalização não conseguiu cumprir o *“direito de propriedade absoluta do objecto”*, que tem vindo a proclamar. Vejamos:

- Resposta 13 – D_bI CF Nat (Cartão VIII): são as cores pastel que determinam os perceptos identificados, que incluem ligeira participação da forma em relação à cor, que é dominante;

- Resposta 15 – G CF Nat (Cartão X): são as cores pastel que determinam, novamente, os perceptos identificados, o próprio sujeito o afirma no inquérito, embora incluam a componente formal, mas sempre dominada pela cor.

Nestes dois casos, pela **permeabilidade** de Nuno às **cores pastel**, equivalentes dos afectos, nomeadamente de ternura, percebe-se, acima de tudo, a referência à **necessidade** de construir um **continente** envolvente, apaziguador e contentor das conflitualidades internas e externas, sentidas como inquietantes e ansiogénicas face às transformações catastróficas, veiculadas pelo processo de desenvolvimento adolescente em curso.

A sensibilidade de Nuno aos cartões pastel foi de tal forma notória, que no cartão nove obrigou-se a rejeitar o valor simbólico e o valor afectivo implícitos nesse cartão (que reenvia ao pré-genital, conteúdo provavelmente muito doloroso para Nuno), transpondo essa tonalidade emocional para o cartão X, centrando-se em respostas de natureza marinha e, portanto, referentes ao **materno mais primário**.

No entanto, parece-nos que a força que mais impulsionou Nuno à “*recusa*” deste cartão, resulta da mistura explícita das suas cores pastel, que não estando claramente diferenciadas, evocam um envelope perceptivo não delimitado e, assim, simbolizante de uma **invasão dentro-fora / sujeito-objecto, demasiado angustiante e perturbadora** para o **adolescente**, incapaz de conter a angústia sentida, pelo que aparece **permanentemente em fuga, em busca do contrário**, de perceptos distintos e bem delimitados. Sobretudo, porque Nuno se sente nesse limiar de hostilidade face à pressentida invasão entre um lado e o outro, cada vez mais real e mais próxima do seu corpo e da sua mente.

Retomando a análise do psicograma do adolescente, distonicamente, a **Fórmula Complementar (FC)**, ainda que detentora de valores igualmente insuficientes, adquire uma **expressão inversa ao TRI**, pois neste campo são as pequenas cinestésias que se afirmam como superiores aos esbatimentos, de expressão nula no protocolo Rorschach de Nuno ($2k > 0E$) – itens que se passam a decompor, ressaltando-se o seguinte:

- Dos esbatimentos, pela sua comprovada ausência, infere-se um **evitamento dos afectos mais depressivos**;

- Das pequenas cinestésias, infere-se uma **conjunção muito curiosa**, que obriga à minuciosa análise dos k:

- Resposta 4 – Gbl Kob Nat: a única pequena cinestesia negativa pelo significado de aquisição forçada do alimento, então devorado, em jeito de actuação da dor sentida pela violência inculida face à ausência de um continente suficientemente tranquilizador;
- Resposta 12 – D Kan A Ban: a única pequena cinestesia positiva pelo significado de busca incisiva do alimento que preencherá o sujeito internamente, equivalendo ao estabelecimento de um forte continente, de qualidades securizantes.

Do que, se constata, uma fulcral centração no **organizador *alimento* em ligação com o organizador *corpo*** (patente desde a abordagem dos conteúdos), que emerge num *repasto conflitual* temperado, por um lado, pelo **alimentar pela devoração** (desprotegido de um continente suficientemente bom), o que implica a **destruição do objecto**, e por outro lado, pelo **alimentar pelo preenchimento** (protegido por um continente seguro em construção), que implica a **manutenção interna do objecto** – a oscilação entre as forças pulsionais mortais e as forças pulsionais vitais, respectivamente.

Mas importa destacar a relevância da conjuntura da resposta 4 – o cerne de um movimento oral arcaico, extraordinariamente primário, em que o **risco de objectos indeterminados engolirem objectos determinados e inteiros**, não só apressa a drástica **emergência do perigo e da ameaça**, detentores de uma elevada e perturbadora carga pulsional e emocional, que **fragiliza e enfraquece profundamente o adolescente**, como também lhe **impõem a fecundação dos processos rígidos e inibitórios**, então constituídos como **fundamento da necessidade de protecção face à catástrofe de colorido estridente**.

Em resumo: da **correlação** entre o TRI e a FC, que pelo sentido invertido viabiliza a significação de um **conflito intrapsíquico**, pela escassa expressão comum denota uma **luta contra a emergência das emoções e dos afectos**, que obtém uma expressão segundo *serviços mínimos*, enraizando uma **negação das ligações**.

Oportunidade para se fazer um parêntesis de retoma dos processos envolvidos nas respostas construídas por Nuno a propósito do cartão VIII, que além do que já foram aqui referidos e discutidos, exigem que se faça uma referência especificada a determinados aspectos, de primordial relevo:

- O **deslocamento macificado** das problemáticas do sujeito para as temáticas animal e de natureza;
- A força de perseguição de um **sentido** para o **caos interno e externo**;
- O discreto, mas existente, **movimento de tentativa de autonomização**;
- A **culpabilidade** sentida face à concretização da tentativa de autonomização;
- O **sentimento de asfixia e sufoco** face à não concretização da tentativa de autonomização, e conseqüente permanência na **gruta materna**;
- O resultante **conflito de ambivalência** – **separo-me e suporte a culpa, ou não me separo e permaneço preso?** Em qualquer um dos casos, encontra-se patente o **risco** de impossibilidade de coesão entre um lado e o outro.

Abrindo-se, agora, um momento de dedicação aos **elementos qualitativos** presentes no protocolo Rorschach de Nuno:

- o valor do **Choque Clob** (IV), fenómeno de choque manifesto pela tonalidade disfórica que influenciou Nuno, mas sem conseqüências deteriorantes dado o **domínio da formalização sobre o Clob**;
- o valor da **Abstracção** (VI), já iniciada na resposta precedente, relativa a uma abstracção religiosa (resposta 10, cartão VI), deixa emergir *um bocadinho de solidão*, e embora Nuno tente proceder a uma contenção do afecto reactivado pelo simbolismo remanescente do cartão, visível no emprego da palavra *bocadinho*, como se pudesse *reduzir à mínima* o afecto difundido, o **afecto**

solidão acaba mesmo por se **manifestar macivamente**, invocando um **estado depressivo no adolescente** (sabendo-se que até ao momento, o afecto depressivo havia sido reprimido, tanto que não se verificara ao nível da expressão de esbatimento), que em seguida passa para uma representação desvitalizada de figuras humanas, as estátuas do cartão VII, sintónicas com esta abstracção.

- o valor do **Comentário Limite** (VII), que surge em sequência da abstracção anterior, após a décima primeira resposta - *estátuas* (cartão VII) – assume uma importância considerável pela **insistência na definição de um envelope perceptivo convenientemente delimitado entre o dentro e o fora, entre o eu e o outro**, que caso seja inexistente, torna-se-lhe insuportável. Daí a condensação do interno perturbado.

Em continuidade, presta-se referir que a **posição depressiva** é aqui tenuemente ilustrada na representação maciça do afecto depressivo *solidão*, pressupondo a imposição do vazio interno, o que poderá vir a facilitar, ainda que dolorosamente, a elaboração construtiva e recriadora de *um Ser e de um Estar face ao Outro*.

E, em conformidade com tudo o que se têm vindo a constatar ao longo dos diferentes momentos de análise deste protocolo, ergue-se um **Funcionamento Rígido**, ancorado a uma **Angústia de Disfórica**, face à intermitente **contenção do interno em conflitualização**, revestido por **Processos de Defesa** específicos: a inibição, o evitamento, o isolamento, a intelectualização, a negação e o deslocamento.

Prevenindo-se que a ocasião da **queda** de tais processos defensivos da ordem da **inibição e da rigidez**, **pode dar lugar a uma expulsão do interior extraordinariamente contido e, assim, actuar no exterior o interior perturbado e devorador**.

Em consequência do que se torna por demais relevante esclarecer um ângulo preocupante: o facto de Nuno *“se fazer passar”* por inibido, iludindo o exterior, quando interiormente as forças pulsionais desejam o contrário.

Por isso se procedeu à associação simbólica do adolescente com o lendário **Homem Aranha**, não só por ser uma figura mágica, que igualmente se fazia passar por alguém, com uma determinada identidade rigidificada, quando afinal a sua identidade se arrogava bem diferente (como se observa em Nuno), mas também pelo disfarçado simbolismo que o próprio Nuno inseriu no seu protocolo Rorschach a propósito da *Tarântula*, uma aranha peculiar, tal como a “*aranha*” desta figura do mundo imaginário.

4.3.4. Análise Dinâmica: os Princípios Universais e os Princípios Propostos

Após a análise do psicograma do protocolo Rorschach de Nuno e do estabelecimento de correlações determinadas e pontuadas pela permanente conjugação entre a técnica e a teoria, ou seja, entre os significantes dos resultados obtidos e os significados interpretativos correspondentes, propõe-se, nesta circunstância, proceder a uma sistematização dos processos psicológicos de maior incidência, relativos aos princípios universais e aos princípios propostos, enunciados em capítulo específico.

Condensando primeiramente o nosso *olhar* sobre os princípios universalmente ponderados e, em simultâneo, reunindo os pontos de primordial caracterização deste adolescente, expressos no processo-resposta Rorschach, continuados secundariamente, aquando da recondução do nosso *olhar* sobre os princípios que renovadamente aqui propomos, daremos então início às nossas considerações.

Uma vez iniciada a abordagem deste adolescente, percebera-se o quanto Nuno necessita de se fazer *olhar* num registo externo que, internamente, não lhe corresponde, o que indica, à partida, um acentuado desconforto com seu próprio *ser* e com o *ser opinativo* dos outros e uma dolorosa incongruência que fundamenta a **ruptura entre o interno e o externo – uma verdadeira clivagem** (integrada na concepção de Cahn, 1991).

Perante isto, o adolescente entra num **processo catastrófico crescente** (sintónico com Cahn e Bion), numa calamidade sofredora, face à qual procura reagir e actuar, de acordo com os processos defensivos *ao seu serviço*.

Na situação de Nuno, verifica-se a existência de intrincados **processos defensivos de ordem rígida e inibitória**, sobre os quais o adolescente se mantém como meio de subsistência e de protecção, dos ameaçadores conflitos intra e inter psíquicos, pressentidos turbulentamente sob **representações de devoração e de catástrofe, agudas e sibilantes**.

Neste contexto, Nuno **centraliza-se na realidade externa** (como se verificou em todo o protocolo Rorschach), instalando diferentes **processos de repressão dos movimentos internos** em eboição, garantindo um **controlo obsessivo** de todos os conteúdos que transportem resquícios de **desejos internos** ou **objectos de metáfore pulsional**, promovendo uma **colagem abusiva** aos estímulos pertencentes ao **mundo externo** (várias respostas Rorschach exemplificam este aspecto).

Em consequência, incorre numa **elevada adaptação ao real**, regulada por uma **excedente formalização**, que pecando pelo excesso, torna-se inadequada e transforma-se numa **real desadaptação ao real**, então extremado pelo **racional** e pelo **objectivo**.

Trata-se de uma luta pessoal contra a emergência dos núcleos afectivos e relacionais, que sendo expressos à *mínima*, condicionam a ocorrência dos processos de simbolização e de recriação e proíbem a dimensão fantasmática e imaginária, então subjugadas à **imperatriz dimensão perceptiva**.

Desta sorte, embora seja inquestionável a desejabilidade de um distinto **envelope perceptivo**, em que dentro e fora, sujeito e objecto, sejam devidamente diferenciados, a **focalização exacerbada nos limites e nos contornos dos objectos externos**, assente a uma bifurcação preocupante.

Por um lado, aprova a **ausência relacional**, que sendo inexistente, não permite a sua apreciação directa, mas permite-nos calcular não só uma explícita **recusa de ligação com o outro**, como também uma **carente relação continente-conteúdo** (que Nuno vai *rabiscando* nos seus processos-resposta Rorschach), propiciadora de um **vazio interior assustador** para o sujeito e, conseqüentemente, a **necessidade de**

encontrar um **continente apaziguador, tranquilizador e suficientemente contentor dos conteúdos angustiantes** (pensados segundo as acepções bionianas).

Por outro lado, envolve Nuno numa redoma de tal forma cimentada num carácter falsificado, numa imagem factual e envernizada de adornos exteriormente apreciáveis, que o faz incorrer no **risco de edificação de uma aparente subjectivação**.

Tanto que se constatou uma **socialização não coesa**, dado o **domínio da socialização** de ordem **superficial** sobre a socialização de ordem profunda, prova da imagem de si mascarada externamente e falseada internamente.

Por sistematização igualitarista, a própria **consideração do objecto** padece do vírus da **exacerbção formal**, e embora se aspire a uma **representação de si** consubstanciada numa imagem corporal inteira, resultante do agrupamento das partes do objecto num todo com sentido – representação definida no protocolo Rorschach de Nuno, dotado de um conjunto alargado de **imagens corporais inteiras** e, assim, garante de um **sentimento de unicidade** e de um conseqüente, e pleno, **vínculo de integração temporal** (Grinberg & Grinberg, 1976/1998) – também se cobiça o desenvolvimento dos processos de diferenciação geracional, de separação e individuação, de identificação sexual, de orientação do masculino e do feminino, culminando num sentimento de identidade fortalecido – aspectos que, ao contrário do anterior, se expressaram de modo instável e pouco discriminado, quando *não se deixaram engolir* pelos desígnios da inibição, do evitamento, da negação e da intelectualização.

Nalguns momentos, contra a sua vontade, mas à *mercê* da angústia perturbadora, o adolescente acabou por ceder ao interno efervescente, que colocou ao desbarato as suas incertezas, as suas dúvidas e as suas inseguranças, internalizadas a esse respeito, das quais sobressairam escassas considerações, mas que separadamente se podem resumir nos seguintes pontos:

- **Dificuldade** ao nível do **processo de diferenciação geracional**, tanto que só se detecta uma leve e inconsistente referência (diga-se, explícita), aos diferentes períodos evolutivos, da infância e da adultícia (na resposta dada ao cartão VII).
- **Dificuldade** ao nível do **processo de separação e de individuação**, pois a representação da autonomização revelou a ambivalência em que o adolescente

se encontra, entre o aceitar sentir a culpa para se autonomizar do parental, e o aceitar a permanência na sufocante dependência da *gruta materna* asfixiante (cartão VIII) – **vínculo de integração espacial e social ameaçados** (Grinberg & Grinberg, 1976/1998).

- **Dificuldade** ao nível do **processo de identificação sexual**, visto que as figuras e/ou objectos identificados, para além de não possuírem uma sexualidade definida, nunca se assumem como figuras humanas sexuadas, comprovando-se uma assexuação dos objectos, com frequência acrescidos de desvitalização (cartão V, cartão VII ou outros).
- **Dificuldade** ao nível do **processo de orientação do masculino e do feminino**, nomeadamente pela reduzida significação produzida, inferindo-se algumas suposições ambíguas, mas de fraca consistência (rever a análise destes elementos no cartão VII e no cartão VIII).

De onde se conclui um **sentimento de identidade profundamente abalado e danificado por falhas importantes**, que esclarecem a existência de **graves problemáticas** unificadas sobre **organizadores específicos**: o **corpo**, o **vazio** e o **alimento**.

E além do mais, integrando-se nos procedimentos da ordem da inibição das dimensões interna, subjectiva e afectiva, equivalentes a *comissárias instaladoras* de um vazio ideativo, apenas preenchido por engramas racionalizados à objectividade do mundo externo, obrigam à proclamação de uma **falsa identidade**, máscara do vazio e dos objectos concretos injectados no sujeito.

Em congruência, percebe-se o esforço de Nuno em se alocar a um **processo de identidade** fundamentalmente **alotriomórfica**, dada a identificação a modelos rigidificados, conduzindo explicitamente à rejeição do processo de desidentificação esperado neste período de desenvolvimento (Coimbra de Matos, 1996).

Assim, obriga-se a uma **identificação originalmente primária** (àrea onde reside, fielmente, o conflito intrapsíquico), pela **projectão massiva de uma colagem abusiva ao objecto** (correlação entre Freud, 1905/1968, Grinberg & Grinberg, 1976/1998 e Segal, 1973/1975).

Desta forma esgotados os princípios universais de passível análise, prestamos a um resumo dos mesmos, no próximo quadro explicativo.

OS PRINCÍPIOS UNIVERSIAS	O ADOLESCENTE: NUNO
<i>Representação de Si (Imagem do Corpo)</i>	Garantida pela identificação de imagens inteiras e íntegras.
<i>Identidade e Identificação</i>	Dificuldades acentuadas, pois os objectos percebidas são assexuados e desvitalizados; Identidade falseada e perturbada.
<i>Representação Masculino/Feminino</i>	Dificuldade devido à ambiguidade calculada nas respostas evasiavas; Representação dominada pelos desígnios da incerteza.
<i>Representação Autonomia/Dependência</i>	Ambivalencia: <i>separo-me e suporto a culpa, ou não me separo e permaneço preso?</i>
<i>Representação dos Limites</i>	Focalização exacerbada nos limites e nos contornos dos objectos externos – envelope perceptivo rigidificado.
<i>Representação da Relação ♀♂</i>	Representação relação ausente: recusa ligação ao outro, em falha, e carência de contentor dos conteúdos angustiantes.
<i>Tipo de Actividade: Perceptiva/Fantasmática</i>	Actividade Perceptiva domina escrupulosamente a Actividade Fantasmática.
<i>Realidade Interna Realidade Externa</i>	Colagem à realidade externa para controlo e inibição da realidade interna, totalmente vedada.
<i>Realidade Objectiva Realidade Subjectiva</i>	Centralização na realidade objectiva para repressão da realidade subjectiva, totalmente barrada.

Quadro 21: O Adolescente Situado nos Princípios Universais – O Nuno

No enalço de conferir uma gradual integração ao funcionamento psicológico de Nuno, prossegue-se em direcção à compreensão discriminada dos Princípios Propostos.

O primeiro princípio proposto, que merece nossa atenção, diz respeito ao *Sentimento de Inquietante Estranheza* (Cahn, 1991), referente ao despertar do sentimento de catástrofe, no caso de Nuno, em situação de submersão dado o exercício coersivo da interioridade, que igualmente motivou um retraimento do romper

catastrófico externalizado, sustentados pelo imenso esforço do adolescente em se adaptar ao real e em se limitar à realidade externa e objectiva.

Perante isto, pressupunha-se a inexistência de uma confusão entre o objectivo e o subjectivo, entre o real e o irreal, entre interior e exterior, entre a identidade pessoal e a identidade funcional, o que não se verifica em Nuno, que na verdade não distingue equilibradamente tais parcelas, o que afinal indicia um estado psicológico confusional, de efeito tão doloroso para o sujeito, que o obriga a defesas de tamanha rigidez, enquanto meio aparador das rupturas em queda – um **equivalente contractor psíquico e muscular**, detentor de **elevadas cargas de tensão**, passíveis de uma **explosão intra e inter psíquica inesperada** – quadro certamente carregado de uma inquietante estranheza (confirmando as conceptualizações baseadas em Cahn, 1991).

Assim, e até por todas as situações em que se constatou um sentimento de inquietação a propósito da confrontação com o caos percebido nas manchas Rorschach, depreende-se um Nuno **em processo de enfrentamento do caos interno pela retracção do mesmo, tentando penalizar e apagar, a todo o custo, o sentimento de inquietante estranheza que o sacode estrondosamente.**

Talvez por este motivo Nuno signifique as manchas Rorschach em função dos organizadores corpo, vazio e alimento – símbolos das problemáticas que dizem respeito ao corpo estrangeiro, imposto pelo surgimento da puberdade (alterações corporais e pulsionais), à problemática do vazio, inerente aos processos de separação e de individuação do sujeito, e ao respectivo preenchimento interno através de objectos dignos de inter e intra subjectivação, sempre na perspectiva de uma suficiente relação continente-conteúdo – organizadores que, quando em situação de descoberta e de reestruturação (como é o caso), impõem uma turbulência, interna e externa, devastadora do ser.

Concomitantemente, e ao nível das **Tríplices Basilares**, Nuno situa-se surpreendentemente no patamar da **relação comensal** (Bion, 1963/1984), devido à acentuação do **impasse intrapsíquico**, entre *o que ele é internamente mas não quer ser externamente*, e *o que ele afirma ser externamente, mas que na verdade não é internamente* – o *homem aranha* sob dopagem de uma *paz podre* petrificante, que provoca uma afectação relacional tão considerável, que no protocolo de Nuno a dimensão relação representa-se pela ausência; conectada com uma **transformação** do tipo **projectiva** (Bion, in Symington, J. & Symington, N., 1997/1999; Zimmerman,

2004), visto Nuno encontrar-se no limiar catastrófico de deformação do facto original, extremado no limite do real objectivo, pela formalização racional obsessiva; numa organização tendente a um *vir a ser sem limites* (conceito original de Cahn, 1991) pois, na verdade, o estabelecimento do limite, entre o interno e o externo, operado por Nuno, apenas cumpre um objectivo defensivo da invasão eminente, porque intra e inter psiquicamente, **os limites não se encontram devidamente estabelecidos**. Pelo contrário, a excedente contração num envelope perceptivo colado ao real e ao objectivo externalizado, descredibiliza o seu processo delimitante **pelo exagero extremado**. No entanto, o movimento de delimitação desses contornos é desejável, mas em doses harmonizadas com os contornos a exercer internamente.

Relativamente às **Reciprocidades Vitalícias Bionianas**, Nuno explana claramente nos seus processos-resposta Rorschach todo um funcionamento psicológico de consolidação extremada na **rigidez** e na **inibição das representações relacional, afectiva, fantasmática, interna e subjectiva** – postura de empobrecimento do mundo interno e do mundo externo do sujeito, num movimento de escasso potencial transformador, de espessura mínima e desprovido de reciprocidade.

Jogam-se os processos de **integração** (pelo evitamento da fragmentação interna) e de **reflexão** (pela repressão da acção), mas de **qualidade ilusória**, porque ancorados a uma **impulsão** depreciada pelo excesso e a uma **invasão maciça do sentimento de solidão e do vazio** (representantes do surgimento da posição depressiva), contaminados pelo **derradeiro princípio da realidade**, influido exacerbadamente os seus fundamentos, ao ponto de **falsear a identidade do sujeito**.

Então, **exulando-se os seus contrários, inibe-se também a expansão e o crescimento mental do sujeito psicológico**, neste caso de Nuno, em apuros de progressão desenvolvimental.

O que significa que o **Processo de Transformação** se encontra em risco de expansão, pois o impasse inibitório atrasa a construção do *Ser* e do *Estar* do sujeito.

Procurando agora encontrar um ponto de correspondência, a despeito deste adolescente, entre tudo o que tem vindo a ser abordado e a hipotética **Experiência de Condução**, palpita-se a possibilidade da condução de um motociclo poder vir a constituir um palco de equivalência aos processos psicológicos detectados no

protocolo Rorschach de Nuno, maioritariamente inibitórios e repressivos, portanto hipersubjugados ao código e às leis da estrada, mas dotados de um **potencial corrosivo preocupante**, pelo que a condução poderá vir a ser o *veículo* de externalização do caos interno inquietante, o que implicaria uma *transgressão incontrolada da legislação regulamentada a este propósito*.

E terminadas as constatações acerca da manifestação dos princípios propostos no adolescente em estudo, expômo-las, como já vem sendo habitual, a um sucinto resumo:

OS PRINCÍPIOS PROPOSTOS	O ADOLESCENTE: NUNO
<i>Sentimento Inquietante</i> <i>Estranheza</i>	Verifica-se no mundo interno, sob o efeito de uma contracção defensiva - estimula a possibilidade de uma explosão global.
<i>Tríplices</i> <i>Basilares</i>	Relação comensal (nem um nem outro), transformação projectiva, sem limites.
<i>Reciprocidades Vitalícias</i> <i>Bionianas</i>	Verificação não recíproca dos extremos: continente/impulsão, posição depressiva/integração, p.realidade/reflexão.
<i>Processo de</i> <i>Transformação</i>	Inibição da catástrofe eminente domina o Ser e o Estar, impedindo a ocorrência do processo transformacional.
<i>Símbolos /</i> <i>/ Condução</i>	O processo de condução pode ser palco do interno reprimido; risco de explosão catastrófica ao volante.

Quadro 22: O Adolescente Situado nos Princípios Propostos – O Nuno

4.3.5. Análise dos Parâmetros de Risco: *Onde Se Situa O Adolescente?*

Neste envolvimento de amorfa conflitualidade, assinalável no seio dos processos psicológicos de Nuno, de adaptação enganosa e de pura inquietação, desencadeia-se uma angústia disfórica à beira do rebentamento do *caos interno*, reprimido até ao momento, o que nos faz ponderar a existência de uma, embora enovada, **posição de risco considerável**.

O caso de Nuno, parece-nos ilustrar uma **situação de internalização do risco**, que não obtém uma expressão externalizada, mas comporta uma marca de rigor interno.

O risco enquanto transgressor de limite interno e externo (como propusemos em abordagem teórica), assume uma invertida posição de risco em Nuno (ausente de transgressão), que na tentativa de contenção do risco dá entrada no **risco de excessiva coersão psíquica, pela excessiva rigidez**, condição para o surgimento abrupto de uma explosão catastrófica, de risco elevadíssimo.

Os próprios processos psicológicos ressaltados no protocolo Rorschach de Nuno indicam a possível **emergência de uma situação de risco, na ocasião da queda dos seus processos defensivos**, da ordem da **inibição** e da **rigidez**, de susceptível **expulsão do interior extraordinariamente contido** e, assim, de uma **actuação no exterior do interior perturbado**.

De certo modo, o primordial dos parâmetros de risco, detectado desde o início da análise do protocolo Rorschach de Nuno, base sustentatória de todos os outros pela sua afirmação contínua, é indubitavelmente a **Ruptura com o Interno, Ruptura com o Externo**, por demais evidente em todos os momentos da sua expressão, nomeadamente pelo inequívoco medo da destruição (claramente expresso na resposta 4 do seu protocolo Rorschach) e pânico face à possibilidade de desligamento exacerbado (Cahn, 1991).

Neste contexto, Nuno exprimiu no Rorschach uma actividade predominantemente perceptiva, fortificada pela ausente representação da relação, desencadeadoras de uma angústia disfórica perturbadora, mas encoberta por processos defensivos especializados, de funcionamento inibitório, repressor e contractor, o que inevitavelmente pressupõe a presença do nada ameaçador, desprovido de vínculos (Cahn e Bion). Contudo, não se atesta uma morte psíquica, pelo contrário, trata-se de uma ocasião adversa em que o sujeito se subjugava ao parâmetro de risco de **Ausência da Relação ♀♂, Presença do Nada, mas parcialmente**.

Em continuidade, denota-se o risco de **Perda de Coesão Interna, Ganho de Vazio Interno**, visto que que a única qualidade objectal garantida passa pela sua composição inteira, até ao momento, de descontinuidades operantes a todos os níveis respeitantes à sua base identitária, deveras fragilizada, tal como a fronteira entre o

dentro e o fora, entre o interno e o externo, tão rigidificada que de fácil estilhaçar e desvio para processos de ordem arcaica.

O que prontifica a confecção do parâmetro de risco relativo à **Ausência de Limites, Presença de Desejos**, porque embora o sujeito insista numa extremada delimitação dos perceptos, trata-se de uma recusa da dimensão interna e subjectiva, ofuscadas pela circunscrita dimensão externa, objectiva e racional – condição facilitadora de uma situação de impasse, entrave ao crescimento mental de Nuno.

Ora, eliminado, à partida, um dos lados a delimitar (o interior), não se pode afirmar um envelope perceptivo bem delimitado, porque se encontra exclusivamente restrito ao lado de incidência exterior – não existe partilha diferenciada.

Mas existe um **Corpo Estrangeiro, Corpo Desconhecido** (Cahn, 1991), que se instala como parâmetro de risco deveras conturbado, estimulado a partir da aportada puberdade que desconecta o sujeito corporal e pulsionalmente, evocando um hidrodinamismo de fluidos internos e externos, psíquicos e biológicos, de tal forma inquietantes pelas adversas emoções suscitadas, que impulsionam o sujeito à sua “falsa eliminação”.

Condicionando um adequado processo de identidade, que se assume em risco - **Identidade Falhada, Dependência Conseguída** – pelas dificuldades de identificação sexual percebidas e pelo processo de separação/individuação lentificado (explanados em momento anterior).

Acamados sobre o risco da **Sexualidade Activa, Integridade Passiva**, dimensão recusada por Nuno, permitem o risco de **Agressividade Actuada, Afectividade Pensada**, que pela total abolição representativa, expressa o quanto o sujeito se sente perturbado face às suas alterações.

Por último, resta-nos considerar o parâmetro de risco consignado à **Incapacidade de Adaptação, Capacidade de Dispersão**. Nuno revelou uma adaptação excessiva, pelo que se torna desadaptada, todavia não admite um funcionamento de aclarada dispersão externa, dada a macividade dos seus processos psicológicos impulsivos do caos, mascarado externamente por uma tranquilidade “fora do prazo”.

Aspectos que se fazem encontrar no seguinte quadro resumo:

PARÂMETROS DE RISCO	SITUAÇÃO DE RISCO DO ADOLESCENTE: NUNO
<i>Ausência da Relação</i> ♀♂, <i>Presença do Nada</i>	Verificação parcial: representação da relação ausente e domínio da activi. perceptiva, mas vida psíquica agitada.
<i>Perda de Coesão Interna,</i> <i>Ganho de Vazio Interno</i>	Verifica-se, pela escassa definição dos componentes essenciais à Identidade.
<i>Ruptura com o Interno,</i> <i>Ruptura com o Externo</i>	Funcionamento psicológico global em ruptura aberta.
<i>Ausência de Limites,</i> <i>Presença de Desejos</i>	Comprova-se pela recusa interna e subjectiva, dominadas pelas dimensões externa, objectiva e racional.
<i>Corpo Estrangeiro,</i> <i>Corpo Desconhecido</i>	Ocorrência disfarsada pela imagem externa falseada – prova a intensidade da acção pulsional.
<i>Identidade Falhada,</i> <i>Dependência Conseguída</i>	Dificuldades de identificação sexual; Processo de separação/individuação lentificado.
<i>Sexualidade Activa,</i> <i>Integridade Passiva</i>	Dimensões recusadas e negadas pelo adolescente, o que aponta para <i>tabus</i> de passível desequilíbrio.
<i>Agressividade Actuada,</i> <i>Afectividade Pensada</i>	Representação inexistentes de ambos os pólos – indica grave risco de apatia entre um lado e o outro.
<i>Incapacidade de Adaptação,</i> <i>Capacidade de Dispersão</i>	Adaptação excessiva – desadaptação; Dispersão interna acompanhada por uma máscara externa.

Quadro 23: O Adolescente Situado nos Parâmetros de Risco – O Nuno

4.3.6. Síntese: Os Processos Psicológicos e o Risco do Adolescente

Os processos psicológicos de Nuno primam pela ocultação dos reais parâmetros perturbadores e oscilantes, dos quais a sua exgerada fuga atesta o **temor sentido em redor deste abafado mundo interno**, mas de **crescentes tensões e riscos**, porque sem expressão e sem possibilidade de experimentação interactiva interna-externa para posterior averiguamento do caminho condutor.

Acima de tudo, preocupa-nos o facto de a contenção exercida sobre o mundo interno desejar eliminar as polaridades conflituais percebidas, mas por se tratar de uma

demanda impossível, procria silenciosamente uma **bomba de maior potência** que a sua **expressão incontida**, dado que, a explodir, soltar-se-á tudo ao mesmo tempo.

Desta sorte, Nuno enquadra-se numa brilhante composição eclipsada, desenhada pelo externo em **cobrimento do interno** – um **eclipse intra e inter psíquico** que dá forma a uma **teia de risco acrescido**, visto que a **ruptura entre o externo e o interno**, permanentemente inibido pelo primeiro, cozinham uma **clivagem excessivamente rigidificada**, barreira de choque contra as **pressões**, as **inquietações** e as **tensões**, de ordem multiplicada (desde as pulsionais às mais agressivas), disparadas pelo interno à **beira do rebentamento contractivo**.

Reflexão que nos levou à construção final de uma imagem sintetizadora do Ser e do Estar de Nuno:

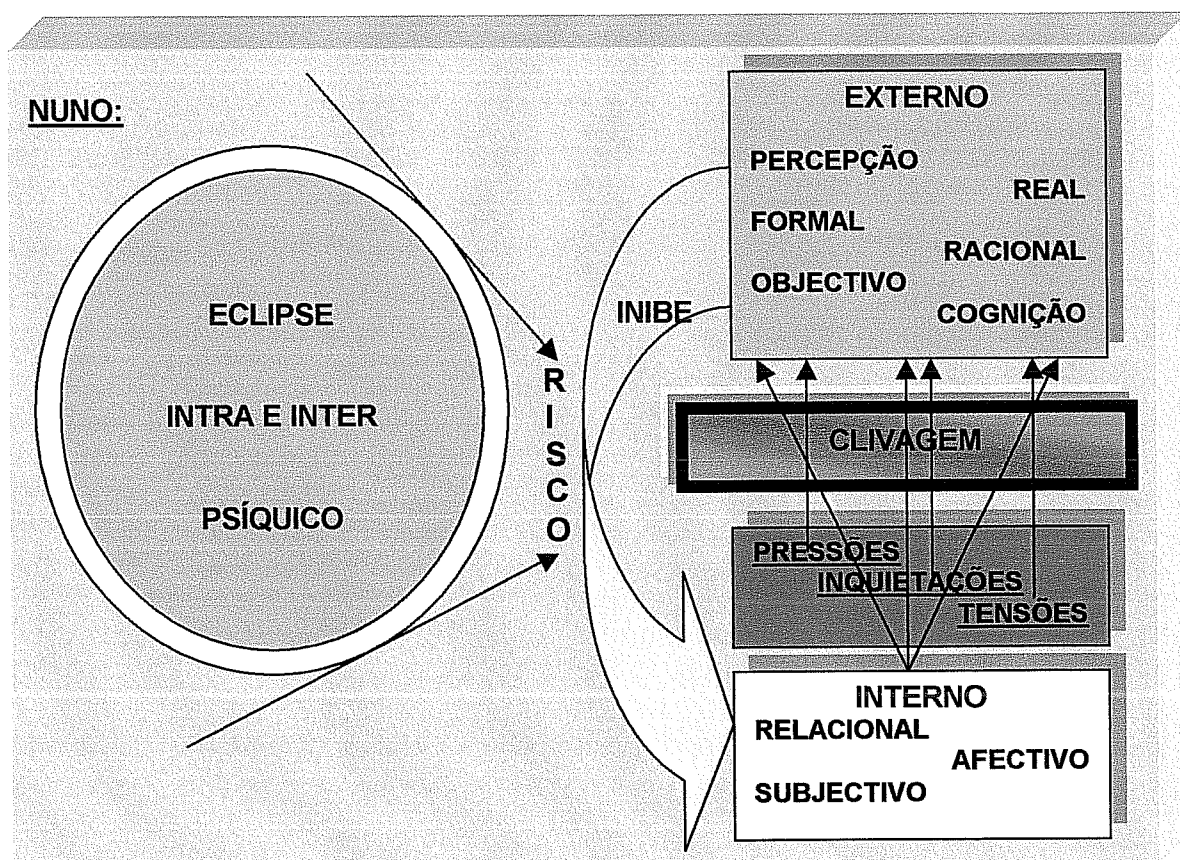


Figura 12: O Eclipse Intra e Inter Psíquico de Nuno

4.4. Análise Comparativa dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes: Que Semelhanças e Que Diferenças?

Concluída a análise intra-individual dos protocolos Rorschach dos dois adolescentes integrantes deste estudo, consagra-se-lhes um momento de análise comparativa, inter-individual, com o intuito de apurar as semelhanças e as diferenças de maior saliência expressiva no Rorschach, em relação aos seus processos psicológicos e ao risco neles inscrito, atentando, de forma especial, à diferença primordial existente entre os adolescentes: um dos adolescentes do **sexo feminino** e o outro do **sexo masculino**.

Importa lembrar, que as considerações a efectuar não se prestam a generalização ou aplicação standardizada à população adolescente, apenas se impõe o seu estudo comparativo pela pertinência adivinhada a respeito da aproximação e/ou do afastamento das suas modalidades de funcionamento psicológico, do risco e da respectiva expressão no Rorschach, garantindo a individualidade de cada um dos adolescentes.

Posto isto, decidiu-se iniciar esta abordagem pela **análise das principais diferenças entre Sofia e Nuno**:

- **Diferença ao Nível da Necessidade de Expressão**: a elevada carga pulsional suscitada pelo contacto intersubjectivo com o Rorschach, deu lugar a uma expressividade divergente nos adolescentes - enquanto que **Sofia** revelou uma grande necessidade expressiva, patente no elevado número de respostas no protocolo Rorschach ($R = 38$), **Nuno** revelou uma diminuta expressividade, tanto que o número de respostas no protocolo Rorschach foi muito inferior ($R = 16$). Diferença também explicitada, em **Sofia**, pela exuberância, em **Nuno**, pela inibição, dos processos de oscilação entre as polaridades contrastantes enunciadas.

- **Diferença na Verbalização:** no processo de interpretação das manchas Rorschach, **Sofia** tomou uma comunicação verbal alargada e excedente, enquanto que **Nuno** recorreu a uma comunicação verbal reduzida e restritiva.

- **Diferença ao Nível da Adaptação ao Real:** é certo que ambos os adolescentes “*pecaram*” ao nível dos processos de adaptação, mas situaram-se em extremos de oposição clarividente – **Sofia** evidenciou uma fraca adaptação ao real, enquanto que **Nuno** pela excessiva colagem ao real, acabou por se deixar apanhar nas *malhas* de uma “*adaptação desadaptada*”.

- **Diferença na Representação de Si:** observou-se, de um lado, uma **Sofia** com uma representação de si insuficiente pelo acento na fragmentação dos objectos, desprovida de um vínculo de integração temporal, e do outro, um **Nuno** com uma representação de si suficiente pela insistência num objecto inteiro, garantia de um vínculo de integração temporal (Grinberg & Grinberg, 1976/1998).

- **Diferença ao Nível dos Limites:** neste contexto, **Sofia**, ao deixar-se dominar pela ruptura entre o interno e o externo, procedeu a uma indiscriminação dos limites, escassamente delimitados; já **Nuno**, sob o efeito da centração no real, obrigou-se à construção de um envelope perceptivo excessivamente endurecido e de exacerbada acetuação dos limites.

- **Diferença na Representação da Relação:** um dos aspectos de maior destaque no protocolo Rorschach de **Nuno** passa exactamente pela ausência do mundo relacional e afectivo, que o adolescente reprimiu e

evitou a todo o custo. Contrariamente, **Sofia** criou algumas situações relacionais, mas de representação qualificativa insuficiente. Dados que apontam para uma dupla carência de um continente seguro e contentor daos conteúdos angustiantes.

- **Diferença ao Nível dos Investimentos Dominantes:** ao longo das análises intra-individuais dos protocolos Rorschach de Sofia e de Nuno, tornou-se clara a discrepância dos seus investimentos dominantes, que em **Sofia** percorreram um caminho estreitado pelo mundo interno (em desligamento e em desequilíbrio), por entre o qual dominam os processos de fantasmática e fragmentação, que em **Nuno** escolheram um caminho contrário, de exclusividade ao mundo externo dominado pela objectividade e pelo racional.

- **Diferença no Funcionamento Intra e Inter Psíquico Extremado:** no mesmo sentido do item anterior, observou-se, por um lado, uma **Sofia** de funcionamento intra e inter psíquico primário, de consolidação no extremo da expressividade expulsiva dos conteúdos (em geral ansiogénicos e inquietantes), da fragmentação emparelhada à posição esquizoparanóide e da acção apoiada no princípio do prazer, e por outro lado, um **Nuno** de funcionamento intra e inter psíquico rígido, de consolidação no extremo da expressividade à *mínima* dos continentes e dos afectos (maioritariamente de insuficiente qualidade contentora), de uma acentuação do vazio e da solidão (apenas representantes da posição depressiva, não totalmente operante) sublinhados por uma integração falseada (porque se trata de uma inibição interna) e da reflexão frisada pelo princípio da razão exacerbado, mas de equilíbrio ilusório, porque sob o efeito da introversão perturbadora.

- **Diferença ao Nível da Socialização Global:** **Nuno** afirmou claramente uma socialização não coesa, pelo desequilíbrio constatado ao nível dos

pratos da balança socializante, segundo o que se filia na socialização superficial em detrimento da socialização profunda, cobrindo-se por um *verniz de intensa duração*, falseador de si próprio, enquanto que **Sofia** afirmou a sua socialização global em concordância com uma “*coesão pela instabilidade*”, produzindo uma oscilação permanente entre os *pratos da balança social*, acentuando-se ora a superficialidade ora a profundidade, ora coesas, ora não coesas e, portanto, movediças e inconstantes.

- **Diferença no TRI:** enquanto o TRI de **Sofia** é do tipo introversivo misto, que atribui privilégio ao mundo interno (atenção colocada sobre o emocional), o TRI de **Nuno** é do tipo coartativo, que atribui privilégio ao mundo externo (fraca expressão emocional), embora ambos revelem dificuldades de adaptação, tal como se tem vindo a referir, sobretudo a propósito da precária adaptação ao real (seja por escassez, seja por excesso).

- **Diferença ao Nível do Tipo Angústia:** enquanto **Sofia** manifestou uma angústia de aniquilamento e fragmentação, baseada num funcionamento primário, **Nuno** manifestou uma angústia disfórica, baseada num funcionamento rígido.

- **Diferença ao Nível dos Processos Defensivos:** enquanto **Sofia** agrupou a projecção, a clivagem, a negação e o deslocamento (processos defensivos mais arcaicos), **Nuno** recorreu à inibição, ao evitamento, ao isolamento, à intelectualização, à negação e ao deslocamento (processos defensivos mistos, mas de tonalidade repressora dominante).

Informações diferenciais que se podem agrupar num quadro-resumo:

CAMPO DIFERENCIAL	ADOLESCENTE: SOFIA	ADOLESCENTE: NUNO
Necessidade de Expressão	Exuberante	Inibida
Verbalização	Excessiva	Restritiva
Adaptação ao Real	Fraca	Excessiva
Representação de Si	Insuficiente	Suficiente
Limites	Escassa discriminação	Elevada discriminação
Representação da Relação	Insuficiente	Ausente
Investimentos Dominantes	No mundo Interno, de domínio do Fantasma	No mundo Externo, de domínio do Racional
Funcionamento Intra e Inter Psíquico Extremado	Extravasão do interno no externo - Primário	Inibição do interno pelo domínio do externo - Rígido
Socialização Global	Instabilidade: ora coesa ora não coesa.	Não coesa: superfície domina o profundo
TRI	Introversivo Misto	Coartativo
Tipo de Angústia	Fragmentação e aniquilamento	Disfórica (tipo rígido)
Processos Defensivos	Projeção, clivagem, negação e deslocamento	Inibição, evitamento, isolamento, intelectualização, negação e deslocamento

Quadro 24: As Diferenças entre Sofia e Nuno

Quanto à análise das principais semelhanças encontradas entre Sofia e Nuno, apesar das diferenças discriminadas, salientam-se os seguintes pontos de conexão:

- **As Precauções Verbais:** se relemos ambos os protocolos Rorschach de Nuno e de Sofia, identificamos sucessivas precauções verbais, de hesitação e/ou de dúvida, sinal de uma acentuada insegurança nas suas produções representativas.
- **O Investimento na Realidade Perceptiva:** tanto num caso como noutro sobressai uma grande necessidade de busca de um sentido para a

realidade externa enquanto espelho da realidade interna, sobretudo de um envelope definido entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, comprovados pelo elevado número de respostas formais nos dois Protocolos Rorschach (importa lembrar que se atesta uma diferença críspante entre Nuno e Sofia quanto à capacidade de atribuição formal aos perceptos eleitos, como se salientou anteriormente).

- **As Dificuldades de Indentificação e de Indentidade:** tanto Sofia como Nuno manifestaram relevantes dificuldades ao nível dos processos de identificação e de identidade – Sofia pela confusão e pelo caos impressos a esse respeito, Nuno pelo evitamento e pela falsidade atribuídas a essas dimensões. Além de que em ambos se despistam, como precários, os vínculos de integração espacial e social, equivalentes de um sentimento de individuação e de um sentimento de pertença, respectivamente enfraquecidos (Grinberg & Grinberg, 1976/1998).

- **As Dificuldades de Autonomia e de Independência:** os dois adolescentes representaram situações específicas nos processos-resposta Rorschach, que indiciam um impasse entre continuar ou descontinuar, ilustrado em Sofia pelo impasse confusional e em Nuno pelo impasse ambivalente (Cahn, 1991).

- **Os Organizadores Corpo e Pulsão:** sem dúvida que, tanto Sofia como Nuno, centraram o seu processo transformacional adolescente nas preocupações de ordem corporal e pulsional, que embora de expressão e de significação discriminadas, encontram-se nos protocolos Rorschach de ambos, enquanto novos e desconhecidos motores de experiências e sentires perturbadores, resultantes ora do corpo novo, pubertário e estrangeiro, ora dos gradientes de elevada carga pulsional alteradora dos respectivos funcionamentos de ordem interna e externa (Cahn, 1991).

- **A Clivagem:** no dois casos abordados, a clivagem constata-se ao nível do funcionamento intra e inter psíquico dos sujeitos, que se vêm emersos numa ruptura conflitual, escalados entre um lado e o outro, entre o interno e o externo, entre o real e o irreal, de incidência exteriorizada em Sofia e escondida inibitoriamente em Nuno (cahn, 1991).

- **As Tríplices Basilares (Cahn e Bion):** curiosamente, ambos se situam no patamar da relação comensal, na transformação projectiva e num *Ser face ao Outro* sem limites, equivalentes de um impasse preocupante, porque funciona como travão do processo de desenvolvimento e de crescimento dos sujeitos.

- **A Vulnerabilidade:** tanto Sofia como Nuno, encontram-se deveras vulneráveis, tanto ao nível da dimensão interna como ao nível da dimensão externa, aspectos que se deixam carregar por uma importante tendência para vivências de inquietação e de dispersão.

- **Os Parâmetros de Risco:** embora se congregue a presença expressiva da totalidade dos parâmetros de risco nos dois adolescentes, a vivência de cada parâmetro é diferenciada e individualizada em cada um. Aspectos que garantem uma individualização, a par da comunhão de parâmetros.

- **A Situação de Condução:** os dois adolescentes podem incorrer numa situação de risco grave, que embora de expressão distinta, pode vir a torna-se num palco de equivalência activa dos processos psicológicos detectados no protocolo Rorschach, como angustiantes (Manuel Matos, 2005).

Informações que podem, igualmente, ser resumidas num quadro de fácil consulta:

CAMPO SEMELHANTE	VERIFICAÇÃO EM SOFIA E NUNO
Precauções Verbais	Hesitações e dúvidas – sinal de insegurança
Investimento na Realidade Perceptiva	Busca dos contornos externos dos objectos (melhor sucedida em Nuno do que em Sofia)
Dificuldades: Identificação e Identidade	Em Sofia pela confusão e pelo caos Em Nuno pelo evitamento e pela <i>falsidade</i>
Autonomia Independência	Impasse entre continuar ou descontinuar: Sofia - impasse confusional / Nuno - impasse ambivalente
Organizadores Corpo e Pulsão	Corpo novo, pubertário e estrangeiro Elevada Carga Pulsional
Clivagem	Ruptura interno-externo
Tríplices Basilares	Relação comensal, transformação projectiva e <i>ser sem limites</i> .
Vulnerabilidade	Acentuada fragilidade interna e externa
Parâmetros de Risco	Verificação completa (expressão individualizada em cada um)
Situação de Condução	Possível palco de actuação dos processos psicológicos perturbados

Quadro 25: As Semelhanças entre Sofia e Nuno

Resta-nos referir que, as semelhanças encontradas entre Sofia e Nuno subjugam-se às **particularidades do funcionamento psicológico individual** de cada um dos adolescentes, que divergem primordialmente no extremo em que navegam, de acordo com o que, Sofia, assume, predominantemente, representações de um carácter de brutal oscilação e de acento expressivo na externalização da dispersão psíquica interna, enquanto que Nuno toma o encaixe de um conjunto representacional rigidificado em função da centralização no exterior para inibição e retraimento do interior inquietante.

Esgotado o tempo e o espaço de apresentação, análise e discussão dos protocolos Rorschach dos adolescentes que fazem parte integrante do corrente estudo, subjugado aos parâmetros e aos princípios segundo os quais se tem vindo a regulamentar esta investigação exploratória e integrativa, impõe-se um momento de sintetização e de reflexão acerca *de tudo quanto se verificou, de tudo quanto não se atentou e de tudo quanto faltou perceber*, por forma a concluir o que de importante se assomou.

5. SÍNTESES E CONCLUSÕES

5.1. Sínteses Integrativas

Após concluído o estudo aprofundado dos processos psicológicos dos dois adolescentes que integraram esta investigação, e do risco neles inscritos, através da sua expressão e significação nos protocolos Rorschach, para o que foi preponderante a convergência da teoria e da técnica por nós defendidas, na perspectiva da clínica, julga-se ter chegado ao momento exacto de elaboração de determinadas considerações integrativas de valor sintetizador.

No imediato, interessa-nos referir que, em todas as considerações apontadas aos adolescentes, se conseguiu garantir a **dimensão individual intrínseca e extrínseca a cada sujeito psicológico**, tendo-se afirmado os seus processos psicológicos individualizados, tanto em Sofia como em Nuno, em relação aos quais se discriminou os seus singulares pormenores intra e inter subjectivos, como sujeitos dotados de subjectividades particulares – sujeitadas às exigências da **Psicologia Clínica**, a respeito do nosso objecto de estudo.

Na realidade, o **Método Rorschach** consentiu-nos o acesso a um conjunto alargado de aspectos que, correlacionados entre si, veicularam a **expressão e a compreensão dos processos psicológicos do adolescente e do risco** neles envolvido.

Foi na **situação Rorschach** que se (re)criou e (re)construiu um conjunto determinado de conflitos internos e externos, específicos a cada sujeito psicológico (em nosso caso, para cada adolescente), a partir dos quais se procedeu a uma lógica de atribuição de sentidos, sentires e significados.

No **processo-resposta Rorschach** (daí resultante) de cada **adolescente**, sobressairam **inferências de elevada pertinência conceptual**, consonantes com os princípios teóricos e metodológicos apurados na revisão da literatura efectuada, pelo que se exige a sua discussão, verificação e/ou reformulação.

Do trabalho de (re)ligação, de (re)transformação e de (re)criação dos sujeitos que integraram esta investigação (a Sofia e o Nuno), face às dez manchas Rorschach, no seio da **relação intersubjectiva estabelecida** (adolescente-

Rorschach-clínico), resultou um **processo de transformação do seu pensamento correlacionado com o seu corpo biológico e com o seu corpo emocional**, que deu forma às **componentes internas e externas desses sujeitos** que, **subordinadas às lógicas de compreensão e de atribuição de sentidos, sentires e significados**, já enunciadas e concretizadas no antecedente capítulo, **permitiram aceder aos processos psicológicos dos adolescentes estudados e, ainda, ao despiste do risco neles implícito e/ou explícito.**

Motivo pelo qual se considera alcançado não só o **primordial dos objectivos desta tese**, de apurar os **processos psicológicos** que insinuam o **funcionamento intra e inter psíquico do sujeito adolescente** por meio do **Método Rorschach**, como também o **objectivo mais específico de condensação e de compreensão dos processos psicológicos implicados nas expressões do Risco no processo de desenvolvimento adolescente**, nos **protocolos Rorschach**, garantindo-se, em qualquer um dos casos, o respectivo objecto de estudo, o **sujeito psicológico**, respeitando os princípios de fundo da **Psicologia Clínica** a esse respeito.

Dos protocolos Rorschach dos adolescentes ressaltaram, então, as **angulares dimensões** que considerámos representarem e explicarem o **processo de desenvolvimento adolescente**, numa **perspectiva normativa**, organizado num **esquema de compreensão dinâmica** suportado nas **concepções Cahninas e Bionianas** (autores extensamente referidos no capítulo sobre a adolescência). Dimensões e concepções essas que, neste momento, se irão subjugar a uma **resenha integrativa** de intercepção com os processos psicológicos expressos por **Sofia e por Nuno no Rorschach.**

Para que se possa *olhar* condignamente a adolescência, tem de se *olhar* primeiramente o **romper pubertário e genital** (sinal da reactivação do conflito edipiano) que marca a esperada **vivência de transformação adolescentil**. O surgimento da puberdade, empurra os adolescentes para o **parir um Eu-Outro**, que os mesmos ainda não conhecem, nem percebem e muito menos dominam, obrigando-os a uma ruptura interna e externa de fundo, indutora de um sentimento de inquietação e desespero (Cahn, 1991).

É neste sentido que Sofia manifesta uma grande dificuldade em se ancorar a objectos inteiros e de qualidade, pois não os consegue integrar como sendo seus, pelo que recorre, predominantemente, à clivagem dos objectos (espelho da clivagem do Ego), a par de uma ruidosa inquietação psíquica. No mesmo sentido, Nuno produz engramas inteiros, mas ainda desprovidos de identidade e de identificações específicas, geradoras de uma tensão e de uma angústia disfórica tão acentuadas, que dão lugar à instalação de um funcionamento psicológico tipicamente inibido e rígido, enquanto processo de protecção e de sustentação da ruptura interna e externa proeminentes.

Nos seus protocolos, ficou claro que a **problemática corporal** abarca a maioria das suas preocupações (aspecto em que a universalidade dos autores é concordante): o investimento na realidade perceptiva e a busca permanente de contornos externos para os objectos são prova disso mesmo.

Em paralelo, sobressai a **problemática pulsional** (prolongamento da anterior), de cargas magnéticas arrojadas pelo despertar da sexualidade genital e do desejo relacional, amoroso e/ou agressivo, pulsões, tensões e ansiedades deveras perturbadoras.

Compare-se a necessidade expressiva dos adolescentes estudados, pela qual ambos espelharam a **pressão** que sentiram face ao contacto intra subjectivo com o material Rorschach e com a tarefa de atribuição de sentido ao caos percebido, de tal forma **exacerbada**, que o susto e a ansiedade sentidos desencadearam um movimento, num caso de expansão (Sofia), noutra caso de inibição (Nuno).

Expressões que atestam, exactamente, a forma como cada um dos adolescentes se situa face ao **caos da experiência emocional da metamorfose aguardada no adolescente**: Sofia movimenta-se dilatadamente, segundo um funcionamento de dispersão, Nuno movimenta-se à *mínima*, em sintonia com um funcionamento rígido à *máxima*.

Mais, dessa explosão pubertária, sem visita marcada, percebe-se o **vértice relacional** e o **vértice transformacional** que compõem o processo de desenvolvimento adolescente (nossa conjugação de Bion e Cahn):

- O vértice relacional prende-se com a expressão da **relação do adolescente com a realidade interna e com a realidade externa**, salientando-se todo um conjunto de polaridades contrastantes e a responsabilidade pela vulnerabilização do adolescente.
- O vértice transformacional prende-se com a expressão da **confrontação do adolescente com as mudanças catastróficas** disparadas interna e externamente, propulsoras de um **sentimento de inquietante estranheza**.

Perante esta dupla atacante, o adolescente colide com uma nascente de indetermináveis **experiências transformacionais** tão diversificadas, misteriosas e oscilantes que, para as experienciar, ele terá de arriscar experimentar o desconhecido, e com isso aprender – a **aprendizagem pela experiência** valorizada por Bion (1962/1984; 1965/1991) – aspecto por nós corroborado.

Nesta acepção, os dois adolescentes estudados lançaram-se igualmente à experiência transformacional que a incógnita situação Rorschach lhes apresentou e, em experimentação da mesma, aprenderam a conhecer o irreconhecível.

Além disso, os seus protocolos esclareceram a **relação que cada um deles estabeleceu com a realidade interna e com a realidade externa**: Sofia exprimiu uma turbulenta ruptura com o real e com o irreal, interno e externo, de desequilíbrio permanente entre sentires extremados entre o dentro e o fora, entre o sujeito e o objecto, entre o antigo infantil e o futuro maduro (espera-se), entre o masculino e o feminino, entre o bom e o mau, num jogo de posições discrepantes em que a catástrofe, a fragmentação e a dispersão superam o seu ser mutante – daí a evasão da vulnerabilidade e do sentimento de inquietante estranheza, de tal forma significados pela adolescente, que transpiram a intensidade persecutória com que são vivenciados; diferentemente, Nuno imprimiu uma colagem à realidade externa, com a qual “se relacionou” pela usurpação dos seus objectos (externos) enquanto capas controladoras e repressoras da realidade interna, por ele bloqueada e enganada – uma posição extremada, de vulnerabilidade à superfície da *pele* (re)criada, que quer impôr aos processos de transformação catastrófica a realidade objectiva do mundo externo, ignorando o mundo interno e a realidade subjectiva – mecanismos de evitamento,

rejeição e controlo do sentimento de inquietante estranheza emanado da interioridade do seu ser.

É na, da e pela **experiência emocional** (Bion, 1965/1991), entendida como um relacionamento interactivo entre duas subjectividades, mobilizador da capacidade de transformar o **sofrimento** e a **dor mental** por ela suscitados, que o adolescente acede aos campos de conhecimento de si, do outro e de ambos em interacção, por entre os quais se procura significar, identificar e diferenciar – abertura à **expansão mental do pensamento do sujeito psicológico** (Bion, 1962/1984).

No caso do protocolo Rorschach de Nuno, foi notória a forma como ele, enquanto adolescente, não conseguiu expressar uma clara capacidade de elaboração da posição depressiva, acabando por, ele próprio, evadir a dor, ao invés de a enfrentar, motivo pelo qual sucumbiu aos processos convergentes à rigidez racional e ao evitamento emocional, entupindo e inibindo o crescimento e a expansão mentais (concordante com a acepção descrita por Bion).

Importa aqui referir o impacto que o estudo das **reciprocidades vitalícias bionianas** e das **tríplices basilares**, em cada um dos adolescentes, obteve no processo de compreensão, de significação e de atribuição de sentido aos seus processos psicológicos.

Cada um deles se situou, distintamente, num extremo contrário, ao nível das reciprocidades vitalícias bionianas (que não se verificaram recíprocas, mas antes extremadas, nos protocolos de Nuno e da Sofia), mas ao nível das tríplices basilares, comungaram a relação comensal, a transformação projectiva e um tipo de *ser face ao outro* sem limites.

Além disso, são essas mesmas circunstâncias que atestam as diferentes modalidades processuais de funcionamento psicológico de cada um dos adolescentes, mas que na sua base formativa garantem uma **qualidade invariante ao adolescente**: uma igual trílice basilar.

O facto de as reciprocidades vitalícias bionianas não se terem comprovado segundo o critério de reciprocidade defendido na revisão literária, suporia uma reformulação desta conceptualização. Contudo, em nada consideramos pertinente a ocorrência de uma tal reformulação, dado que **a não verificação da reciprocidade permitiu acentuar a sua justificação conceptual e a própria necessidade recíproca de todos os seus componentes, porque só em ocasião da sua verificação é que se poderá dar lugar ao crescimento mental, caso contrário, será contraído um impasse psíquico** (como acontece nos dois casos por nós analisados).

Continuando, e para que ocorra uma experiência emocional de qualidade, são necessários um **espaço** e um **tempo** intermediários (dimensões transicionais de movimento pendular entre o interno e o externo – Cahn, 1983/1985; 1991; Winnicott, 1971/1975), específicos e matizáveis às necessidades experiênciais e emocionais do sujeito psicológico – assim sendo, como equivalente à experiência emocional que o Rorschach proporcionou ao adolescente, permitindo-lhe fazer uso do seu espaço e do seu tempo, em equilíbrio com a **intra** e a **inter subjectividade**, nessa ocasião, potenciadas.

Tanto Sofia como Nuno, procuraram significar-se, identificar-se e diferenciar-se na e pela experiência emocional, do e com a situação Rorschach, num tempo e num espaço de dimensão interna em conflitualidade objectal aberta e de dimensão externa muito perturbada.

Conforme o que se assiste ao enquadramento de uma **barreira de contacto** (Bion, in Zimerman, 2004) nessa envolvência experimentada, que coloca ao desbarato o que se liga, o que se desliga e o que se religa, o que se continua, o que se descontinua e o que de novo se inicia sem continuação prévia – funções de ininterruptas mudanças, conflitualidades e simbolizações, que contextualizam uma calibração do que estava descalibrado, entre o dentro e o fora, entre o interno e externo, entre o sujeito e o objecto, que então redefinidos e (re)significados germinam um **Ser Face ao Outro** – a meta final do processo de desenvolvimento adolescente rumo à maturidade – ainda não alcançada por nenhuns dos adolescentes em consideração.

Ao longo deste percurso mutacional, assinalam-se os importantes **processos de Identificação e de Identidade**, quase de exclusividade adolescente, sem a propagação dos quais o sujeito psicológico não poderia, muito menos conseguiria, afirmar a ele próprio e aos outros *Quem eu sou, o que sou e de quem sou*.

Processos que se contextualizaram na literatura salientando a sua complexidade transformacional, dado o conjunto alargado de dimensões processuais em interacção contante, das quais se salientam expressivamente nos processos-resposta Rorschach os **três vínculos integrativos** essenciais à constituição do **sentimento de identidade** (León e Rebeca Grinberg, 1976/1998):

- O **vínculo de integração espacial**, promotor do **sentimento de individuação** – expressa-se no protocolo Rorschach pela diferenciação ou pela indiferenciação corpo-psíqué, sujeito-objecto, interno-externo;
- O **vínculo de integração temporal**, promotor do **sentimento de unicidade** – expressa-se no protocolo Rorschach pelo seu carácter de persistência oscilante ou linear ao longo da situação projectiva e pela manutenção de uma representação de si íntegra;
- O **vínculo de integração social**, promotor do **sentimento de pertença** – expresso no protocolo Rorschach pela análise dos mecanismos de identificação projectiva e introjectiva.

Sofia e Nuno manifestaram, nos seus protocolos Rorschach, uma grave afectação da totalidade destes vínculos, que ainda se encontram em movimento de delapidação interna e externa, exceptuando o caso de Nuno quanto à garantia oferecida ao nível da representação de si, correspondente a parte do vínculo de integração temporal/sentimento de unicidade.

Em paralelo, relevam-se ainda o **vínculo de Amor** (cooperação) – visível nos protocolos Rorschach pela capacidade do sujeito internalizar o objecto interno bom, e o **vínculo de Ódio** (sadismo) – visível nos protocolos Rorschach pela capacidade do sujeito internalizar o objecto interno mau, de respectiva correspondência com os mecanismos de internalização e de externalização, de acento fulcral na constituição do **processo de identificação** do sujeito (León Grinberg, 1976/2001). O protocolo de

Sofia exemplifica claramente a expressão do vínculo de ódio pela conjectura persecutória recriada.

Vínculos dos quais se acercam os **vínculos bionianos** e as **três principais características** inerentes a este **processo** de reclamante **mudança catastrófica**: a **violência** (o protocolo Rorschach de Sofia atesta uma crise transformacional, consubstanciada numa **fase pré-catastrófica**, de expressão aguda exemplificativa destes pontos), a **invariância** (qualidades imutáveis do sujeito psicológico) e a **subversão do sistema** (a verdadeira transformação do Ser, subjugada à **fase de mudança pós-catastrófica**, que ainda não ocorreu nem em Sofia nem em Nuno).

É na e pela **mudança catastrófica** e na e pela **aprendizagem pela experiência**, instrumento de **transformação pela simbolização** e vice-versa, que se pode vir a alcançar **aquela que realmente se é**.

Por conseguinte, e aludindo ao **Modelo das Transformações de Bion**, postula-se a ocorrência do seguinte processo de transformação adolescente no Rorschach:

- **O** – a situação Rorschach intersubjectiva em si mesma (adolescente-Rorschach-clínico);
- **Alfa** – os conteúdos simbólicos suscitados pelo material Rorschach, acompanhado pela tarefa de atribuição de sentido ao caos;
- **Beta** – os processos-resposta Rorschach dos adolescentes, que expressam os seus processos psicológicos e o risco neles inscrito.
- **Invariância** – a distintas individualidades do sujeito psicológico, do método Rorschach e do clínico.

Desta sorte, a **experiência** constitui o núcleo central pelo qual o adolescente vive e se revive, sente e se ressentido, cria e se recria, num processo de prolongado balanceamento entre os extremos corporais, pulsionais, objectais, relacionais e narcísicos que o circundam, até ao momento da escolha final, da decisão fatal de um lado, ou de outro lado ou em nenhum deles, se circuncuncrever à maturidade, ou na imaturidade permanecer.

Ao som do ritmo estremecedor que este **processo transformacional** impõe, pressente-se o piso escorregadio pelo qual o adolescente caminha em direcção a uma

articulação incerta, sem fim determinado, dos querer e não querer, do desejável e do indesejável, do limite e do ilimitado, do cheio e do vazio, do amor e do ódio, do que se ganha e do que se perde, sem que se saiba onde se começou, por onde se vai e onde se termina, mas com a certeza de que se chegará a um momento de expansão mental pelo risco que se tomou e pela aprendizagem que se interiorizou, por intremédio da sua dolorosa experimentação, arduamente combatida e ripostada.

Neste deleite de imprecindíveis contrastes, que gritam, em segredo, o **risco** que trespassa o adolescente, alocando-o numa tridimensionalidade, de tempo e de espaço variáveis, em função da individualidade do sujeito, que parece flutuar por entre as nuvens que trovejam a cada vez que o adolescente passa, desfila, sem ensaio, a ambivalência instalada, à força, sobre a calamidade intra e inter psíquica do adolescente.

Envolto por uma rede em que objecto parcial (Ego parcial), ambivalência conflitual entre eu-outro, masculino-feminino, amor-ódio, infância-adultícia, luto, culpa, ansiedade, sofrimento e dor, corporalizam interna e externamente os sentires e as vivências pulsionais e objectais do sujeito psicológico, o adolescente assoma-se à beira da **ruptura aberta à aporia dispersiva, em risco de desintegração**.

Panorama rigorosamente verificável na totalidade do protocolo Rorschach de Sofia.

Em concomitância com o **conjunto de fenómenos conceptuais e metodológicos**, resultantes da corrente **investigação**, e que até ao momento têm vindo a ser **integrados e concertados numa lógica de compreensão e de significação dos processos psicológicos do adolescente**, no encalce da normatividade dos seus processos, ressalva-se o **Risco** procedente em toda a sua averiguação e confirmação, e que neste momento se sintetizará em sintonia com as proposições explanadas.

Ao longo do trabalho de discriminação do **Risco** expresso pelo adolescente no processo-resposta Rorschach, considerou-se o risco enquanto **transgressor de limite interno e externo** que permitiu ao **Adolescente** experimentar, descobrir, viver, vivenciar e integrar, no e pelo Rorschach, os seus novos sentidos e sentires, originando mudança, transformação, crescimento e (re)criação de si para si e consigo,

de si com e do outro, e o inverso, reflectores dos respectivos processos psicológicos normativos do sujeito.

Na realidade, conseguiu-se demonstrar, ao longo da análise e da discussão dos protocolos de Sofia e de Nuno, que o risco não detém exclusividade externa (como uma grande maioria de autores atesta), o pensamento também se pode constituir enquanto tal, pelo que se deduz a **dupla possibilidade de internalização e de externalização do Risco**.

Por isso, satisfizemos, de igual modo, o **objectivo de afirmar, contextualizar, significar e integrar as implicações internas e externas do Risco no processo de desenvolvimento adolescente**, sem que ele próprio ou alguma das suas expressões, fossem desprezados.

Em confluência, **demonstrou-se a forma como cada um dos parâmetros de risco, rigorosamente dispostos e estudados, se expressou nos protocolos Rorschach dos Adolescentes, comprovando-se que a proposta de convergência teorico-metodológica defendida a seu respeito adquiriu visibilidade e valor acrescidos suficientes, para se submeterem a uma grelha de análise final**.

Pelo que se pensa poder propôr um válido contributo conceptual, consubstanciado nesses nove proveitosos **parâmetros de risco**, que se passam a relembrar:

- **Ausência da Relação ♀♂, Presença do Nada**
- **Perda de Coesão Interna, Ganho de Vazio Interno**
- **Ruptura com o Interno, Ruptura com o Externo**
- **Ausência de Limites, Presença de Desejos**
- **Corpo Estrangeiro, Corpo Desconhecido**
- **Identidade Falhada, Dependência Conseguída**
- **Sexualidade Activa, Integridade Passiva**
- **Agressividade Actuada, Afectividade Pensada**
- **Incapacidade de Adaptação, Capacidade de Dispersão**

Cada um destes parâmetro de risco, expressos nos protocolos dos adolescentes que participaram nesta tese, foi amplamente abordado e discutido, separadamente, no seio da análise intra-individual de cada sujeito.

Ao longo da qual se verificou a **expressão de todos os parâmetros de risco enunciados**, obviamente, sobre expressividades divergentes, pois todo e qualquer adolescente afirmará a sua individual e subjectiva expressão.

Em consequência, apresenta-se, finalmente, a Grelha de Análise dos Parâmetros de Risco Expressos pelo Adolescente no Processo-Resposta Rorschach, que assim satisfaz o último dos objectivos, que suportou esta Tese de Mestrado – a Construção de uma Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes, especializada nos Parâmetros de Risco inerentes ao funcionamento intra- e inter- psíquico do adolescente, facilitadora da compreensão aprofundada do funcionamento psicológico do adolescente:

PARÂMETROS DE RISCO	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	SITUAÇÃO DE RISCO DO ADOLESCENTE
<i>Ausência da Relação $\varphi\delta$, Presença do Nada</i>	Representação da Relação $\varphi\delta$; Actividade Preceptiva e Actividade Fantasmática; Angústia; Processos de Defesa	
<i>Perda de Coesão Interna, Ganho de Vazio Interno</i>	Qualidade dos Objectos; Fronteiras Interno-Externo; Reconhecimento do Outro; Angústia	
<i>Ruptura com o Interno, Ruptura com o Externo</i>	Barreira de Contacto; Realidade interna-externa; Realidade Objectiva – Realidade Subjectiva; Cartões Bilaterais	
<i>Ausência de Limites, Presença de Desejos</i>	Representação dos Limites; Contornos Eu-Outro; Distância ao Objecto; Diferenciação Objectal; Crescimento/Impasse	
<i>Corpo Estrangeiro, Corpo Desconhecido</i>	Representação da Imagem do Corpo (vivência); Pólo Pulsional	
<i>Identidade Falhada, Dependência Conseguída</i>	Representação de Si; Processo Individuação; Identificação Primária ou Secundária; Pólo Narcísico; Cartões Bilaterais	
<i>Sexualidade Activa, Integridade Passiva</i>	Identificações Sexuais; Representação do Masculino e do Feminino; Problemática Edipiana; Integridade Corporal	
<i>Agressividade Actuada, Afectividade Pensada</i>	Relacional Libidinal – Relacional Agressivo; Relações/Cenas Extremadas; Conteúdos	
<i>Incapacidade de Adaptação, Capacidade de Dispersão</i>	Reacção ao Caos; Reacção Cartão a Cartão; Cartão X	

Quadro 26: Grelha de Análise Final dos Parâmetros de Risco Expressos pelo Adolescente no Protocolo Rorschach

Próximo do encerramento das sínteses integrativas deste trabalho de investigação, subsiste, ainda, um último apontamento, relativo ao **contexto** em que os **dois adolescentes** em consideração se inserem – candidatos à carta de **condução de motociclos**.

Tanto no caso de **Sofia**, como no caso de **Nuno**, presentiu-se um **processo de condução de risco** mediado pelo **actuar da inquietante estranheza**, solidificada pela conflitualidade interna e externa decorrente do processos psicológicos e do risco expressos pelos dois adolescentes no Rorschach.

Assim sendo, a **condução** pode ser hipotetizada como um **palco colorido para a explosão corrosiva do “adolescente ao volante”** da ruptura interna e externa detectadas, desta forma, de **pacível actuação dos parâmetros de risco** indicados.

Sendo constatado que *“a condução reflecte o dinamismo intrapsíquico”* (Manuel Matos, 2005, p.135), que o dinamismo intra- e inter- psíquico do adolescente pode tomar as vias por nós explicitadas, e que o adolescente em geral se encontra exposto a um comprovado conjunto alargado de parâmetros de risco assinalavelmente normativos, constitui-se uma **preocupação de fundo com o estabelecimento de procedimentos especializados de avaliação do Risco** (para o que o **Método Rorschach**, como aqui se considerou e abordou, pode funcionar), **inscritos nos processos psicológicos dos adolescentes**, que se candiditem à carta de condução de motociclos.

Preocupação que alude à **prevenção da sinistralidade rodoviária**, no âmbito da **possibilidade** de se encontrarem **novas formas de gerir** a atribuição dessas mesmas cartas.

5.2. Reflexões Conclusivas

Este trabalho centrou-se em determinados objectivos, claramente definidos, desde os mais globais aos mais específicos, que se vêm cumprindo ao longo do desenvolvimento e do crescimento dimensional e emocional desta tese de orientação clínica e dinâmica.

O primeiro paço a que nos propusemos, de valor *interno e externo*, cingiu-se exactamente à aventura de constituir pertinentes objectivos de investigação, que justificassem uma dedicação e uma entrega de labor científico.

Do que resultou a construção de um corpo conceptual e metodológico convergente, uno e íntegro, em redor das lógicas que visam a significação e o (re)conhecimento das dimensões intra e inter psíquicas, relacionais, transformacionais e intersubjectivas do sujeito psicológico – construção essa que envolveu um período de *diversas experiências catástróficas e distintos processos de transformação*, dos quais brotaram recriadas vivências e sentires.

Nesta envolvência, no tempo e no espaço requeridos, principiouse toda uma acção de domínio prático e expressivo, mediante a qual se procurou explorar, discutir, reformular, clarificar e comprovar o que de relevante sobreviesse ao nível da intenção que sempre presequimos: o apuramento dos **processos psicológicos** que insinuassem o **funcionamento intra- e inter- psíquico do adolescente e do Risco** neles inscrito, por meio do **Método Rorschach**, tendo-se cumprido, para o efeito, um conjunto de **procedimentos de investigação**, dotados de **especificidade conceptual e metodológica**, salvaguardando principalmente a **individualidade do sujeito psicológico**, o nosso **objecto de estudo**, específico da **Psicologia Clínica**.

Posto isto, e à beira do término deste estudo, apraz-se salientar quatro dimensões que afirmam as principais valências desta Tese de Mestrado.

1. Adolescência, um Processo de processos – O Nosso Olhar.

Este trabalho determinou um ampliado *olhar*, conceptual e individualizado, mas primordialmente suportado em procedimentos de cruzamento das percorridas concepções de Cahn e de Bion – autores que se assumiram preferencialmente, dada a meritória apreciação das suas abrangentes e renovadoras conceptualizações dos processos psicológicos do adolescente, dos processos de transformação e de crescimento mental do sujeito psicológico e do risco neles incluído. Em detrimento das correntes de acento reduccionista sobre os processos psicológicos do adolescente, das quais a concepção de Laufer é apanágio.

2. Os Contributos para a Grelha de Análise dos Parâmetros de Risco Expressos pelo Adolescente no Processo-Resposta Rorschach.

Em continuidade, contextualizaram-se, significaram-se e integraram-se as implicações internas e externas do Risco no processo de desenvolvimento adolescente, sem que ele próprio, ou alguma das suas expressões, fossem desprezados ou psicopatologizados, constituindo-se, sempre, como partes integrantes de uma neo-estrutura da mente do adolescente.

Neste sentido, propôs-se um conjunto de nove Parâmetros de Risco inerentes aos processos psicológicos do adolescente, devidamente justificados numa lógica de convergência teórica e metodológica.

Em seguida, comprovou-se a sua expressão nos protocolos Rorschach dos adolescentes que integraram este estudo, construiu-se uma Grelha de Análise dos Protocolos Rorschach dos Adolescentes, especializada nos Parâmetros de Risco inerentes ao seu funcionamento intra- e inter- psíquico (apresentada no precedente sub-capítulo) – instrumento de contribuição preciosa à avaliação psicológica do adolescente e do risco nele envolvido.

3. O Método Rorschach – Instrumento de Expressão dos Processos Psicológicos e do Risco no Adolescente.

O Método Rorschach sob ancoragem recíproca com o Método das Transformações de Bion, em alicerçada na convergência da técnica com a teoria, assumiu-se como dimensão primordial e vinculativa, enquanto instrumento de expressão dos processos psicológicos e do risco no adolescente.

4. Adolescência Conduzida, Condução Adolescente.

Um último ponto, de discussão acerca de *quem domina quem? A adolescência ou a condução?* Em nossa acepção, parece-nos que é a *adolescência que conduz*, visto que é por meio dela que a condução pode vir a assumir-se como palco das conflitualizações interna e externas do sujeito psicológico.

No término, salienta-se: **“Ser é Mudar: passado, sonho, pensamento, lembrança e esquecimento”** (Marques, 2005, p. 24).

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amaral Dias, C. (1988). *Para uma Psicanálise da Relação*. Edições Afrontamento.
- Amaral Dias, C. & Fleming, M. (1998). *A Psicanálise em Tempo de Mudança*. Edições Afrontamento.
- Anzieu, D. (1986). *Os Métodos Projectivos* (5ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda. (Tradução do original em Francês *Les Méthodes Projectives*. Presses Universitaires de France, 1961).
- Assoun, P.-L. (2002). *A Metapsicologia* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI Editores. (Tradução do original em Francês *La Métapsychologie*. Presses Universitaires de France, 2000).
- Bénony, H. (2005). *O Exame Psicológico e Clínico do Adolescente* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI Editores. (Tradução do original em Francês *L'Examen Psychologique et Clinique de L'Adolescent*. Editions Nathan-Université, 2002).
- Bion, W. R. (1984). *Attention and interpretation*. London: Maresfield Library – H. Karnac (Books) Ltd.. (Trabalho original publicado em 1970, London: Tavistock Publications Ltd.).
- Bion, W. R. (1984). *Learning From Experience*. London: H. Karnac (Books) Ltd.. (Trabalho original publicado em 1962, London: William Heinemann Medical Books Ltd.).
- Bion, W. R. (1984). *Elements of Psychoanalysis*. London: Maresfield Library – H. Karnac (Books) Ltd.. (Trabalho original publicado em 1963, London: William Heinemann Medical Books Ltd.).
- Bion, W. R. (1991). *As Transformações: A mudança do aprender para o crescer*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Inglês *Transformations: change from learning to growth*. London: William Heinemann Medical Books Ltd., 1965).
- Cahn, R. (1985). Espace Transitionnel et Institution Thérapeutique. In *Adolescence Terminée, Adolescence Interminable*. Colloque national sur la post-adolescence. (pp. 137-141). Paris: Presses Universitaires de France. (conferência original em 1983, apenas editado em 1985).

- Cahn, R. (1991). *Adolescence et Folie. Les déliaisons dangereuses*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Chabert, C., Boizou, M.-F. & Rausch de Traubenberg, N. (1978). *Représentation de Soi. Identité et Identification au Rorschach chez L'Enfant et L'Adulte*. Bulletin de Psychologie, 339 (32), 271-277.
- Chabert, C. (1998). *O Rorschach na Clínica do Adulto*. Interpretação Psicanalítica (1ª ed.). CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Francês *Le Rorschach en Clinique Adulte, Approche Psychanalytique*, Paris, 1997).
- Ciccone, A. (2000). *Observação Clínica* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI Editores. (Tradução do original em Francês *L'Observation Clinique*. Dunod, Paris, 1998).
- Coimbra de Matos, A. (1996). *Percursos da Identidade: Processos Transformadores*. Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria, N.º 11.
- Coimbra de Matos, A. (2002). *Adolescência*. Climepsi Editores.
- Costa, J. A. & Melo, A. S. (1999). *Dicionário da Língua Portuguesa* (8ª ed. revista e actualizada). Porto Editora. (Publicado em 1952).
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia* (1ª ed.). Lisboa: CLIMEPSI Editores. (Tradução do original em Francês *Dictionnaire de Psychologie*, Presses Universitaires de France, 1991).
- Freud, S. (1968). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. VII. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1968). Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XII. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (1968). Luto e Melancolia. In *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XII. (Trabalho original publicado em 1917).
- Grinberg, L. & Grinberg, R. (1998). *Identidade e Mudança*. Climepsi Editores. (Tradução do original em Espanhol *Identidad y Cambio*, Ediciones Paidós, 1976).
- Grinberg, L. (2001). *Teoria da Identificação*. Climepsi Editores. (Tradução do original em Espanhol *Teoría de la Identificación*, Ediciones Paidós, 1976).
- Ladame, F. (1999). *Adolescence et Identité*. Revue Française de Psychanalyse (4). (pp. 1227-1235).

- Laufer, M. & Laufer, M. E. (1984). *Adolescence and developmental breakdown*. New Haven and Londres: Yale University Press.
- Laufer, M. (1986). *Psychopathologie de l'adolescent et objectifs thérapeutiques*. La psychiatrie de l'adolescence aujourd'hui: Quels adolescent soigner et comment? Presses Universitaires de France. (conferência original em 1984, apenas editado em 1986).
- Laufer, M. (2000). *O Adolescente Suicida*. Climepsi Editores. (Tradução do Original em inglês *The Suicidal Adolescent*, *The Brent Adolescent Centre*, Londres, 1995).
- Lerner, H. D. & Lerner, P. M. (1988). *Primitive Mental States and the Rorschach*. International Universities Press, Inc. Madison, Connecticut – EUA.
- Lerner, P. M. (1991). *Psychoanalytic Theory and the Rorschach*. London: The Analytic Press.
- Matos, M. (2005). *Adolescência, Representação e Psicanálise* (1ª ed.). CLIMEPSI Editores.
- Marques, M. E. (1991). As Manifestações dos Mecanismos Adaptativos/Defensivos nos Rorschach de Adolescentes. *Análise Psicológica*, 2 (IX), 203-209.
- Marques, M. E. (1994). *A Metodologia Projectiva e a Avaliação Psicológica na(s) Adolescência(s): O(s) Sentido(s) dos Sentido(s)*. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 473-479.
- Marques, M. E. (1994). *Do Desejo de Saber ao Saber do Desejo: Contributos para a Caracterização da Situação Projectiva*. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 431-439.
- Marques, M. E. (1996). *Comunicação, Interpretação e Simbolização no/para o Rorschach*. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 39-44.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (1ª ed.). CLIMEPSI Editores.
- Marques, M. E. (2005). *Avaliação Psicológica do Adolescente e do Risco*. *Análise Psicológica*, 1 (XXII), 19-26.
- Marques, M. E. & Aleixo, P. (1994). *O Rorschach e a Revelação do Trabalho de ligação e de Transformação do Interno e do Externo*. *Análise Psicológica*, 4 (XII), 459-462.

- Ménéchal, J. (1999). *Introdução à Psicopatologia* (1ª ed.). CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Francês *Introduction à la Psychopathologie*, Paris, 1997).
- Mijolla, A. & Mijolla-Mellor, S. (2002). *Psicanálise* (1ª ed.). CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Francês *Psychoanalyse*, Presses Universitaires de France, 1999).
- Rausch de Traubenberg, N. (1990). *La Pratique du Rorschach* (6ª ed.). Paris: PUF. (Trabalho original publicado em 1970).
- Rausch de Traubenberg, N. & Boizou, M.-F. (1999). *O Rorschach na Clínica Infantil* (1ª ed.). CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Francês *Le Rorschach en Clinique Infantile – L'Imaginaire et le Réel chez L'Enfant*, Paris: Dunod, 1984).
- Segal, H. (1975). *Introdução à Obra de Melanie Klein*. Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Inglês *Introduction to the Work of Melanie Klein*, London: The Hogarth Press Lda., 1973).
- Shentoub, V. (1999). *Manual de Utilização do TAT*. Interpretação Psicanalítica (1ª ed.). CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Francês *Manuel D'Utilisation du T.A.T., Approche Psychanalytique*, Paris, 1990).
- Symington, J. & Symington, N. (1999) *O Pensamento Clínico de Wilfred Bion*. CLIMEPSI Editores. (Tradução do Original em Inglês *The Clinical Thinking of Wilfred Bion*, 1997).
- Winnicott, D. W. (1975). Objectos Transicionais e Fenômenos Transicionais. In *O Brincar e a Realidade*. (pp.13-44). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Tradução do original em Inglês *Playing and Reality*, Tavistock Publications, Lda., 1971).
- Zimerman, D. E. (2004). *Bion da Teoria à Prática*. Uma leitura didática. (2ª ed.). São Paulo: Artmed Editora.
- Zimerman, D. E. (1999). *Fundamentos Psicanalíticos – Teoria, Técnica e Clínica*. Uma abordagem didática. (1ª ed.). São Paulo: Artmed Editora.

7. ANEXOS

7.1. Os Protocolos Rorschach dos Adolescentes

7.1.1. O Protocolo Rorschach de Sofia (14 anos / 9º ano)

<p>I</p> <p>1. <i>Acho que isto podia ser um lobo (G).</i> (A cara toda com as orelhas e os olhos -Dbl Inf- e o pêlo de lado).</p> <p>2. <i>Ou então dois papagaios (G).</i> (Com o bico e a barriga).</p> <p>3. <i>Ao mesmo tempo parecem assim olhos de rato (Dbl Sup), já fiz uns olhos assim. Esta é esquisita, nunca tinha visto.</i></p> <p>4. <i>Esta parte aqui, sem contar com isto, metade da copa de uma árvore, também sem contar com as partes brancas.</i> (Aqui com as folhas a cair. É a única coisa de harmonioso). (Não gostei muito desta imagem, acho que é de ser lobo).</p>	<p>Gbl FE A/Ad</p> <p>G F- A</p> <p>Dbl F- Ad</p> <p>G F- Bot</p>
<p>II</p> <p>5. <i>Aqui uma borboleta, aqui ao fundo (Verm Inf).</i> (corpo, asas).</p> <p>6. <i>Aqui um pássaro, nesta parte branca (Dbl).</i> (um pássaro a voar).</p> <p>7. <i>A parte preta toda, um morcego.</i></p> <p>8. <i>E ao mesmo tempo, um coelho aqui em cima (D Preto Sup). Só a cabeça de um coelho esquisito. Um coelho velho, não sei...</i> (por causa dos olhos, tem um ar agressivo).</p> <p>9. <i>Estas partes aqui (Verm Sup), parecem duas galinhas.</i> (as duas patas, a cabeça, o corpo).</p>	<p>D F+ A</p> <p>Dbl Kan A</p> <p>D F- A</p> <p>Do F+ Ad</p> <p>D F- A</p>

<p>10. <i>Esta parte só aqui parece a cabeça de um pinguim.</i> (Com o bico aqui só, aqui pouco nítido -Verm sobre Preto- parece um olho fechado).</p>	Dd F- Ad
<p>III</p> <p>11. <i>Parecem duas pessoas a dançarem (G).</i></p> <p>12. <i>Isto aqui parece um bocado estranho, mas parece um bebé, um embrião (Verm Sup).</i> (parece um embrião, com o cordão umbilical, pequenino e enrolado, e por causa das duas mulheres).</p> <p>13. <i>Isto aqui parece-me um rim. Estes dois. (Verm Central).</i></p> <p><i>Acho que nesta parte as pessoas seguram dois cestos. Aqui parecem-me sapatos altos bicudos (das pessoas). Acho que são duas mulheres, e daí os bebés, com o cordão umbilical.</i></p>	<p>G K H Ban</p> <p>D Kp H</p> <p>D FC Anat</p>
<p>IV</p> <p>14. <i>Parece-me um gigante, um gigante com umas asas, sentado...</i></p> <p>15. <i>Em cima de uma cadeira (D Central Inf).</i> (ou um tronco de árvore a fazer de cadeira)</p> <p><i>Parece que tem imenso cabelo (ondulado, grande e rebelde) e um nariz comprido. Tem umas botas grandes. Parece-me estar a descansar.</i></p>	<p>G KClob (H)</p> <p>D F+ Obj</p>
<p>V</p> <p>16. <i>Parece-me um morcego visto detrás.</i> (Acho que está a voar. Está detrás porque não vejo a cara dele).</p>	G Kan A Ban

<p>17. <i>Aqui a parte do fim (D Lat), de perfil, faz-me lembrar uma ratazana qualquer que vi num filme.</i></p> <p>18. <i>Esta parte das asas parece-me uma nuvem.</i></p> <p>19. (>) <i>Aqui, parece-me uns pauzinhos de caracol... (D Inf).</i></p> <p>20. <i>E ao mesmo tempo (Λ) as pernas do morcego (D Inf).</i></p>	<p>D F- A</p> <p>D F± Nat</p> <p>Do F+ Ad</p> <p>Do F+ Ad</p>
<p>VI</p> <p>21. <i>A parte de cima parece a cabeça de uma raposa que tem nós no pêlo (D Sup).</i> (o pêlo não está todo no mesmo sítio, está desalinhado).</p> <p>22. <i>Esta parte aqui parece um tapete de pele, acho que ele todo parece um tapete de pele (G).</i> (é todo simétrico, como pele cortada, e a gradação das cores também me faz pensar).</p>	<p>D FE Ad</p> <p>G FE A</p> <p>Comentário Simetria</p>
<p>VII</p> <p>23. <i>Parecem-me dois coelhos. Parece que estão vestidos com duas saias. Parece que são um bocado arrogantes. Parece que se confrontam quase, ou que se invejam. Estão meios virados um para o outro. Talvez sejam coelhas, é um bocado mais típico de mulheres, acho eu.</i> (Aqui a cabeça, com a mão virada para o lado e depois a saia. Arrogantes. Estão viradas de lado, como que a observar a outra, com vontade de magoar, ou de fazer mal à outra).</p>	<p>G Kan A</p>
<p>VIII</p> <p>24. <i>Parecem dois tigres, estas partes (Rosas Lat).</i> (parecem estar a subir qualquer coisa).</p>	<p>D F+ A Ban</p>

<p>25. <i>Aqui uma borboleta</i> (Laranja + Rosa Inf).</p> <p>26. <i>Uma foca a levantar a cauda</i> (D Sup) (aqui o corpo e a cauda).</p> <p>27. <i>Isto parece-me o mar, esta parte mais escura o horizonte...</i> (parece-me um pedaço de mar, aqui a pingar. O horizonte na junção do céu com o mar, mas aqui é na junção de dois mares).</p>	<p>D F+ A</p> <p>D Kan A</p> <p>D KobC Nat</p> <p>Comentário Ligação</p>
<p>IX</p> <p>28. <i>Parece-me um copo de água, na parte mais clara</i> (Dbl).</p> <p>29. <i>Com dois homens a disputarem por ele. Parece que fazem um braço-de-ferro, não sei...</i> (Laranja + Dbl).</p> <p>30. <i>A parte verde parece-me um hipopótamo com asas, parece-me triste.</i> (a cabeça e aqui as asas).</p> <p>31. <i>Isto aqui parece-me uma jarra, ou um copo ao contrário</i> (D Rosa central), <i>e os hipopótamos apoiam-se nele.</i></p> <p>32. <i>Aqui ao lado duas bolas saltitonas</i> (Rosas).</p> <p>33. <i>Mas o desenho todo parece-me um leão, ou um rinoceronte, mais um leão, acho eu...</i> (Aqui o nariz e aqui a parte do bigode do leão -D Verde-, aqui os olhos -D Laranja- e aqui a boca -D Rosa-).</p>	<p>Dbl F+ Obj</p> <p>D K H</p> <p>D Kan (A)</p> <p>D F- Obj</p> <p>D Kob Obj</p> <p>G F- A/Ad</p>

<p>X</p> <p><i>Esta é a mais difícil, não é? As outras imagens são muito pegadas, estas não.</i></p>	<p>Crítica Subjectiva</p>
<p>34. <i>Aqui parecem-me duas pulgas</i> (D Cinza).</p>	<p>D F+ A Ban</p>
<p>35. <i>Aqui dois escaravelhos a levarem...</i> (D Azul + Verde).</p>	<p>D Kan A</p>
<p>36. <i>uma folha</i> (D Azul + Verde).</p>	<p>D CF Bot</p>
<p>37. <i>Aqui parecem dois ratos a saltarem</i> (D Cinza, sem Amarelo).</p>	<p>D Kan A</p>
<p>38. <i>E aqui, o grande, uma pessoa, um homem com bigode, com ar zangado. Daqueles ruivos. Tem uma coroa</i> (D Cinza Sup) <i>e os olhos azuis. Tem as bochechas rosadas</i> (D Amarelo + Rosa) <i>e um enfeite na testa</i> (D Laranja).</p> <p>(Os olhos a azul a juntarem-se... Parece zangado, a juntar as sobrancelhas, o cabelo ruivo -D Rosa- e o bigode -D Verde-).</p>	<p>D_bl Kp Hd</p>

PROVA DAS ESCOLHAS:

<p>++</p>	<p>III, <i>Acho que é harmonioso.</i></p>
<p>+</p>	<p>V, <i>Acho que dá um ar sinistro.</i></p>
<p>--</p>	<p>VI, <i>Não gostei, porque não gosto de tapetes de pele, fazem-me impressão. Faz-me impressão as pessoas andarem com peles.</i></p>
<p>-</p>	<p>VII, <i>Porque é um bocado de confronto. Acho que são duas coelhas que se invejam um bocado por causa das coisas que têm, acho que não se suportam.</i></p>

PSICOGRAMA

R 38	G 7 18%	F 19	A 17	A% 60%
	Gbl 1	+ 9	Ad 6	
	G 1	- 9	(A) 1	H% 10%
	D 21 55%	± 1	H 3	
	Dbl 3 8%		Hd 1	F% 50%
	Dd 1	FE 3	(H) 1	F+% 25%
	D_bl 1	FC 1	Obj 4	
	Do 3	CF 1	Nat 2	Ban 4
			Bot 2	
		K 2	Anat 1	
TRI 3K : 2ΣC	(INTROVERSIVO TIPO MISTO)			
F.C. 11ΣK : 1,5ΣE		Kan 7		
RC% 39%		Kob 1		
I.A. 5%		Kp 2		
		KClob 1		
		KobC 1		

Elementos Qualitativos:

- Choque Clob (IV)
- Comentário Simetria (VI)
- Comentário Ligação (VIII)
- Crítica Subjectiva (X)

7.1.2. O Protocolo Rorschach de Nuno (15 anos / 9º ano)

<p>I</p> <p>1. <i>Um morcego.</i> (Aqui o corpo e aqui as asas).</p> <p>2. <i>Uma tarântula.</i> (Aqui o corpo, e isto a preto dá ideia das patas, menos estes bocados – cria um Dd. Não sei se é uma tarântula).</p>	<p>G F+ A Ban</p> <p>G F- A</p>
<p>II</p> <p>3. <i> Talvez a forma do mundo, de uma parte do mundo.</i> (O mundo visto num mapa, com os seus bocadinhos – D Preto).</p>	<p>D F± Geo</p>
<p>III</p> <p>4. <i>Lembra aquelas flores que comem algo em movimento. Não sei se são carnívoras. São aquelas flores que se fecham sobre algo que está a passar e pum!</i> (como ela abriu a boca, a borboleta vem aqui ver e pronto, ela fecha.)</p> <p>5. <i>Isto é uma borboleta.</i> (D Verm Central).</p> <p>6. <i>Parecem duas estátuas. São parecidas.</i> (Duas estátuas de pessoas. Parecem estátuas de africanos, pela forma delas. Dá ideia que são lisinhas e polidas).</p>	<p>Gbl Kob Nat</p> <p>D F+ A Ban</p> <p>D F+ Estátua</p>
<p>IV</p> <p>7. <i>Dá ideia de ser uma espécie de algo sobrenatural.</i> (Aqui a cabeça. Sobrenatural porque em vez de ter algo com mãos, tem umas pinças. Aí as pernas e os pés).</p>	<p>G FClob (A)</p> <p>Choque Clob</p>

<p>8. <i>Aqui no meio dá a ideia que é um caminho sem fim.</i> (D Central – é muito longo, e pequenino aqui, estreitinho).</p>	D F+ Obj
<p>V</p> <p>9. <i>Parece ser uma ave.</i> (Aqui a cabeça, patas e asas).</p>	G F+ A
<p>VI</p> <p>10. <i>Uma espécie de santuário ao ar livre, com tipo, um cruz.</i> (Aqui é uma cruz – D Sup – tipo Fátima, e aqui um espaço muito aberto. Digo aberto, de não ser fechado).</p> <p><i>Um bocadinho de solidão.</i> (Tudo excepto D Sup – por ser muito pequeno, e não ter algo à volta. Está sozinho).</p>	G F- Obj/Abst Abstracção
<p>VII</p> <p>11. <i>Penso que também seja assim parecido com umas estátuas, são idênticas.</i> (Aqui uma espécie de um limite – D Central Inf – e aqui uma estátua e aqui outra. A forma de uma criança, com a cabeça aqui e a forma de um vestido).</p>	G F+ Estátua Comentário Limite
<p>VIII</p> <p>12. <i>Parecem dois ursos a tentarem chegar a alguma conclusão, atrás de alguma coisa.</i> (Aqui os dois ursos com a cabeça e o focinho e aqui em cima – D Sup – alguma coisa que eles querem. Talvez alimento, pela forma).</p> <p>13. <i>Também parece ser uma gruta.</i> (Aqui em cima – D Sup – parece uma espécie de uma entrada que dá para um subterrâneo que vai dar aqui – D Médio – com uma espécie de um buraco aqui ao meio - Ddbl).</p>	D Kan A Ban D_bl CF Nat

<p>IX</p> <p>14. <i>Um barco.</i> (D Rosa – aqui o barco, com os flutuadores, um de cada lado).</p>	<p>D F- Obj</p>
<p>X</p> <p>15. <i>Lembra o mar com criaturas: peixes, caranguejos.</i> (Peixes aqui – D Amarelo, D Verde – com as barbatanas; e caranguejos, com as patas – D Preto Lat).</p> <p>16. <i>Parece ser uma ilha assim distante.</i> (Uma ilha que não está no mapa, porque parece mesmo que não tem nada à volta, é mesmo só aqui).</p>	<p>G CF Nat</p> <p>G F₊ Nat</p>

PROVA DAS ESCOLHAS:

++ | X, *Este porque me lembra o mar e alegria.*

+ | VIII, *Este porque também é colorido e me lembra dois animais.*

-- | I, *Porque não tem cores alegres e mostra uma tarântula, que é um animal*

- | *agressivo.*

| IV, *Por ser algo sobrenatural, talvez assustador.*

PSICOGRAMA

R	16	G	7	44%	F	11	A	5	A%	31%	
		Gbl	1		+	6	(A)	1			
		G	1		-	3			H%	0%	
		D	6	38%	±	2	Nat	4			
		D_bl	1				Geo	1	F%	69%	
						FClob	1		F+%	64%	
						CF	2				
						Kan	1	Obj	3		
						Kob	1	Estátua	2	Ban	3
								Abstracto	1		
TRI	0ΣK : 1ΣC	(COARTATIVO)									
F.C.	2ΣK : 0ΣE										
RC%	31%										
I.A.	0%										

Elementos Qualitativos:

- Choque Clob (IV)
- Abstracção (VI)
- Comentário Limite (VII)